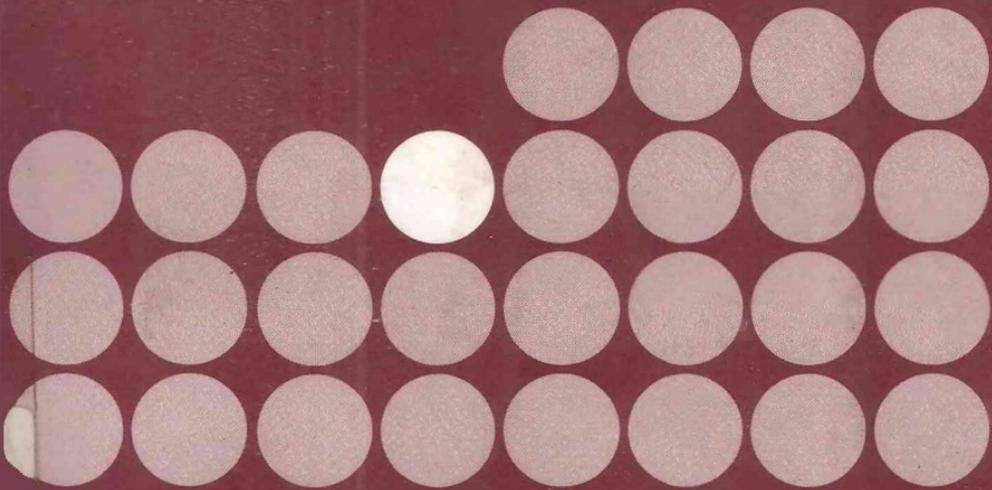


I e II Samuel

introdução
e comentário

Joyce G. Baldwin



SÉRIE CULTURA BÍBLICA

I e II Samuel

Joyce G. Baldwin

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baldwin, Joyce, 1921-

1 e 2 Samuel introdução e comentário /
Joyce Baldwin ; tradução Márcio Loureiro
Redondo. -- São Paulo : Vida Nova
1996. -- (Cultura bíblica ; 8)

ISBN 85-275-0190-2 (obra completa) -
ISBN 85-275-0191-0 (v. 8)

1. Bíblia. A.T. Samuel - Comentários
2. Bíblia. A.T. Samuel - Crítica e interpretação I. Título.

93-3688

CDD-222.407

Índices para catálogo sistemático

1. Samuel : Livros históricos : Bíblia :
Comentários 222.407

I e II Samuel

Introdução e Comentário

Joyce G. Baldwin

B.A., B.D., ex-Diretora do
Trinity College, Bristol

edições



© 1988 de Joyce G. Baldwin
Título do original: *1 and 2 Samuel* -
An introduction and commentary, publicado pela
Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra

1.^a edição: 1997

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21486, São Paulo, SP.
04602-970

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Tradução • MÁRCIO LOUREIRO REDONDO

Revisões • ROBINSON MALKOMES E VALÉRIA FONTANA

Diagramação • JANETE DIAS CELESTINO LEONEL

Coordenação de Produção • ROGER LUIZ MALKOMES

Coordenação Editorial • EBER COCARELI

CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
PREFÁCIO DA AUTORA	11
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	13
INTRODUÇÃO	17
Os livros de Samuel e seu lugar no contexto maior da história	20
Composição e autoria	22
A teologia	37
O texto	43
ANÁLISE	51
COMENTÁRIO	55
NOTAS ADICIONAIS	
O templo do Senhor em Silo	73
Escavações na Jerusalém antiga	225
O incidente com Bate-Seba	273
MAPAS	
Israel na época de Davi	54
Guerras durante o reinado de Davi	252

PREFÁCIO GERAL

O objetivo desta série de comentários sobre o Antigo Testamento, tal como aconteceu nos volumes equivalentes sobre o Novo Testamento, é oferecer ao estudioso da Bíblia um comentário atual e prático de cada livro, cuja ênfase principal esteja na exegese. As questões críticas de maior importância são discutidas nas introduções e nas notas adicionais, ao passo que detalhes excessivamente técnicos são evitados.

Nesta série, cada autor possui, naturalmente, plena liberdade para prestar suas próprias contribuições e para expressar seus próprios pontos de vista em todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários de espaço, eles muitas vezes procuram chamar a atenção para interpretações que eles mesmos não endossam, mas que representam conclusões defendidas por outros cristãos sinceros.

Os livros de Samuel apresentam a história de Israel, o povo de Deus, ao longo do período que vai desde a época dos juízes até suas primeiras experiências na monarquia. A tragédia de Saul (o primeiro na linhagem dos reis) e as vitórias de seu sucessor, Davi (a despeito de sua prolongada contenda com Saul e mais tarde com pessoas de sua própria família), contém muitas lições para o leitor de hoje. Samuel, outro personagem de destaque no livro, também foi um líder influente da nação, agindo como profeta, sacerdote e juiz. Estes livros estão repletos de relatos acerca de indivíduos — bons e maus — e preparam o cenário para a história posterior do reino dividido. Joyce Baldwin trata de tudo isso com uma profunda sensibilidade de seu valor literário e espiritual, demonstrando que os livros de Samuel ainda têm poder para falar conosco neste final do século XX.

Especialmente no Antigo Testamento não há uma única tradução que, sozinha, reflita adequadamente o texto original. Apesar de baseado na versão Revista e Atualizada de Almeida, este comentário cita livremente várias versões, e a autora oferece, de vez em quando, sua

própria tradução. Onde necessárias, palavras do texto hebraico aparecem transliteradas, para ajudar o leitor que não esteja familiarizado com a língua a identificar a palavra sob discussão. Presume-se que o leitor tenha à sua disposição uma ou mais versões fidedignas da Bíblia em português.

O interesse pelo sentido e pela mensagem do Antigo Testamento continua inalterado, e espera-se que esta série venha a estimular o estudo sistemático da revelação de Deus, de Sua vontade e de Seus caminhos registrados nas Escrituras. A oração do editor e da publicadora, bem como dos autores, é que esta série ajude muitos a entender a Palavra de Deus e a lhe prestar obediência nos dias de hoje.

D. J. Wiseman

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultural Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentários e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o Antigo Testamento deverá constar de 24 livros de cerca de 200 páginas cada. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o Antigo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto vete-

rotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito, seremos gratos a Deus e ficaremos contentes, porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DA AUTORA

Em certo sentido, todo aquele que escreve um comentário sobre qualquer livro da Bíblia aproveita-se do conhecimento de comentaristas anteriores. Os livros de Samuel têm sido particularmente bem servidos nas últimas duas ou três décadas não somente por comentários, mas também por pesquisas acadêmicas sobre questões técnicas e particularidades (algumas das quais vieram a lume pela descoberta de manuscritos), bem como sobre técnicas literárias e sobre interpretação teológica. A literatura resultante, em vários idiomas, forma uma pequena biblioteca. Uma bibliografia recente apresentou 259 títulos, *mas, certamente, ela agora deve estar incompleta devido às contribuições publicadas o tempo todo. Por que, então, outro comentário sobre 1 e 2 Samuel?*

Durante muitos anos, estive envolvida no ensino do Antigo Testamento a homens e mulheres que estavam sendo treinados para o ministério cristão em todo o mundo. Esses estudantes assim como os leigos de nossas igrejas raramente têm tempo ou oportunidade para vasculhar literatura técnica e podem ser incisivos ao questionar a relevância dessa literatura! Meu propósito é “armar o cenário” na introdução, indicando a atual situação dos estudos de Samuel, incluindo no comentário o que me parece mais importante para uma compreensão do texto. O tamanho dos livros previstos para a série impôs um elevado grau de seletividade. Aqueles que precisarem de um comentário mais técnico e detalhado acharão grande ajuda, como aconteceu comigo mesma, nas destacadas obras do Dr. R. P. Gordon. Lamento que o seu comentário ainda não tivesse sido publicado quando eu precisei consultá-lo ao escrever meu comentário sobre 1 Samuel. Muitos outros, a quem sou devedora, serão destacados nas notas de rodapé, mas mesmo assim a lista não estará completa, simplesmente porque, ao longo dos anos, os escritos de outros tornaram-se parte de minha própria maneira de pensar.

Existem várias pessoas a quem desejo expressar meus agradecimentos. O Dr. Gordon McConville, do Trinity College, em Bristol, na Inglaterra, foi de imensa ajuda com seus comentários e sugestões, além da bibliotecária da mesma escola, Su Brown, que, com toda a disposição e sem medir esforços, obteve exatamente o que eu precisava consultar. O Prof. D. J. Wiseman e outros leitores do manuscrito também deram estímulo e idéias úteis, pelo que desejo expressar minha gratidão. Acima de tudo, sou grata a Deus pelos livros de Samuel, os quais, embora escritos pelo menos dois milênios e meio atrás, continuam a falar e a produzir fé na Rocha de Israel, que, em Cristo, firmou para sempre o reino de Davi.

Joyce Baldwin

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- Alter R. Alter, *The Art of Biblical Narrative* (Londres: George Allen & Unwin, 1981).
- ANEP *The Ancient Near East in Pictures Relating to the Old Testament*, editado por J. B. Pritchard (New Jersey: Princeton University Press, 1954; ²1969).
- ANET James B. Pritchard (editor), *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (New Jersey: Princeton University Press, ²1955; ³1969).
- AOTS D. Winton Thomas (editor), *Archaeology and Old Testament Study* (Oxford: Oxford University Press, 1967).
- ARA Versão da Bíblia de Almeida Revista e Atualizada.
- ARC Versão da Bíblia de Almeida Revista e Corrigida.
- AV Authorized Version (King James), 1611.
- BA *Biblical Archaeologist*.
- BAR *Biblical Archaeology Review*.
- BASOR *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*.
- BDB F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Oxford University Press, 1906).
- BeO *Bibbia e Oriente*.
- BJ Bíblia de Jerusalém, 1985.
- BJRL *Bulletin of the John Rylands Library*.
- BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, 1988.
- Bright J. Bright, *A History of Israel*, The Old Testament Library (Londres: SCM Press, ²1972).
- BT *The Bible Translator*.
- CBQ *Catholic Biblical Quarterly*.
- DOTT D. W. Thomas (editor), *Documents of Old Testament Times* (Londres: T. Nelson & Sons, 1958).
- Driver 1909 S. R. Driver, *Introduction to the Literature of the Old Testament* (Edimburgo: T & T Clark, ⁸1909).

- Driver 1913 S. R. Driver, *Notes on the Hebrew Text of the Books of Samuel* (Oxford: Oxford University Press, ²1913).
- EOPN A. R. Millard e D. J. Wiseman (editores), *Essays on the Patriarchal Narratives* (Leicester: Inter-Varsity Press, 1980).
- Eslinger L. M. Eslinger, *Kingship of God in Crisis, A Close Reading of 1 Samuel 1-12* (Sheffield: Almond/JSOT Press, 1985).
- ExpT* *The Expository Times*.
- Fokkelman 1981 J. P. Fokkelman, *Narrative Art and Poetry in the Books of Samuel, A full interpretation based on stylistic and structural analyses*, vol. 1 *King David (II Sam. 9-20 & I Kings 1-2)* (Assen: Van Gorcum & Co., 1981).
- Fokkelman 1986 J. P. Fokkelman, *Narrative Art and Poetry in the Books of Samuel, A full interpretation based on stylistic and structural analyses*, vol. 2 *The Crossing Fates (I Sam. 13-31 & II Sam. 1)* (Assen: Van Gorcum & Co., 1986).
- Gordon 1984 R. P. Gordon, *1 & 2 Samuel, Old Testament Guides* (Sheffield: JSOT Press, 1984).
- Gordon 1986 R. P. Gordon, *1 & 2 Samuel, A Commentary* (Exeter: Paternoster Press, 1986).
- Gottwald N. K. Gottwald, *The Tribes of Yahweh, A Sociology of the Religion of Liberated Israel, 1250—1050 B.C.E.* (Londres: SCM Press, 1980).
- Gunn 1980 D. M. Gunn, *The Fate of King Saul, An Interpretation of a Biblical Story* (Sheffield: JSOT Press, 1980).
- Gunn 1982 D. M. Gunn, *The Story of King David, Genre and Interpretation* (Sheffield: JSOT Press, 1982).
- Heb. Hebraico.
- Hertzberg H. W. Hertzberg, , *1 & 2 Samuel, A Commentary*, The Old Testament Library (Londres: SCM Press, 1964).
- HUCA *Hebrew Union College Annual*.
- IBB Versão Revisada de Almeida, publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira, 1980.
- IBD J. D. Douglas et al. (editores), *The Illustrated Bible Dictionary*, 3 vols. (Leicester: Inter-Varsity Press, 1980).

- IDB* G. A. Buttrick *et al.* (editores), *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, 4 vols. (Nashville: Abingdon Press, 1962).
- IDBS* K. Crim *et al.* (editores), *The Interpreter's Dictionary of the Bible Supplementary Volume* (Nashville: Abingdon Press, 1976).
- JB* The Jerusalem Bible, Standard Edition, 1966.
- JBL* *Journal of Biblical Literature*.
- JCS* *Journal of Cuneiform Studies*
- Jobling* D. Jobling, *The Sense of Biblical Narrative: Three Structural Analyses in the Old Testament (1 Samuel 13-31, Numbers 11-12, 1 Kings 17-18)* (Sheffield: JSOT Press, 1978).
- JSOT* *Journal for the Study of the Old Testament*.
- JSS* *Journal of Semitic Studies*
- JTS* *Journal of Theological Studies*.
- JTVI* *Journal of the Transactions of the Victoria Institute*.
- Keil e Delitzsch* C. F. Keil e F. Delitzsch, *Biblical Commentary on the Books of Samuel* (Edimburgo: T & T Clark, 1866).
- Kirkpatrick 1880* A. F. Kirkpatrick, *The First Book of Samuel, with Map, Notes and Introduction*, The Cambridge Bible for Schools and Colleges (Cambridge: Cambridge University Press, 1880).
- Kirkpatrick 1881* A. F. Kirkpatrick, *The Second Book of Samuel, with Maps, Notes and Introduction*, The Cambridge Bible for Schools and Colleges (Cambridge: Cambridge University Press, 1881).
- 1.XX* Septuaginta (Tradução grega pré-cristã do Antigo Testamento).
- Mauchline* J. Mauchline (editor), *1 and 2 Samuel*, New Century Bible (Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1971).
- McCarter 1980* P. Kyle McCarter Jr., *I Samuel, A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*, The Anchor Bible 8 (Nova Iorque: Doubleday & Co., 1980).
- McCarter 1984* P. Kyle McCarter Jr., *II Samuel, A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*, The Anchor Bible 9 (Nova Iorque: Doubleday & Co., 1984).

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

McKane	W. McKane, <i>I & II Samuel, Introduction and Commentary</i> , Torch Bible Commentaries (Londres: SCM Press, 1963).
mg.	margem.
MS(S)	manuscrito(s).
NAB	New American Bible, 1970.
NBA	J. J. Bimson, J. P. Kane, J. H. Paterson e D. J. Wiseman (editores), <i>New Bible Atlas</i> (Leicester: Inter-Varsity Press, 1985).
NBC	D. Guthrie, J. A. Motyer <i>et al.</i> (editores), <i>New Bible Commentary</i> (Leicester: Inter-Varsity Press, ³ 1970).
NDB	<i>O Novo Dicionário da Bíblia</i> , 2 vols. (São Paulo: Vida Nova, 1962).
NDITNT	<i>O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento</i> , 4 vols. (São Paulo: Vida Nova, 1981-1983).
NEB	The New English Bible: Old Testament, 1970.
NICOT	The New International Commentary on the Old Testament.
NIV	New International Version, 1978.
Noth	M. Noth, <i>The Deuteronomistic History</i> (1957; Sheffield: JSOT Press, 1981).
OTA	<i>Old Testament Abstracts</i> .
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i> .
PIB	Versão da Bíblia do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, 1969.
POTT	D. J. Wiseman (editor), <i>Peoples of Old Testament Times</i> (Oxford: Oxford University Press, 1973).
RSV	American Revised Standard Version: Old Testament 1952; New Testament, ² 1971.
RV	English Revised Version, 1881.
TB	Tradução Brasileira da Bíblia, 1934.
TI	Tradução inglesa.
TM	Texto Massorético.
TynB	<i>Tyndale Bulletin</i> .
Watson	W. G. E. Watson, <i>Classical Hebrew Poetry. A Guide to its Techniques</i> (Sheffield: JSOT Press, 1984).
VT	<i>Vetus Testamentum</i> .
ZAW	<i>Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft</i> .

INTRODUÇÃO

Três personagens dominam os livros de Samuel: o profeta Samuel; Saul, que veio a ser o primeiro rei de Israel; e, sobretudo, Davi, o maior e mais querido de todos os que reinaram em Jerusalém. A própria seqüência aponta para um dos temas principais do livro, a saber, a transição da teocracia para a monarquia. Sob a teocracia, Deus, por Seu Espírito, designava líderes humanos conforme a necessidade, enquanto, depois do estabelecimento de uma monarquia dinástica, dentre os filhos do rei já estava designado um sucessor ao trono. Para Israel, esse desdobramento parecia de todo desejável: um rei orientaria a vida de Israel de conformidade com alguma política estabelecida de comum acordo, em lugar da ação dispersa de cada tribo e, organizando a máquina estatal e treinando um exército permanente, capacitaria Israel a derrotar os vizinhos agressivos que roubavam suas plantações e ameaçavam ocupar-lhes a terra. Em face da firme exigência que o povo fazia de um rei, a oposição a essa idéia teve, por fim, de ceder. Dessa maneira, o relato dos acontecimentos em Israel à época, junto com a interação de opiniões conflitantes e os sucessos e fracassos dos três líderes, constituem o tema dos livros de Samuel.

Contudo, um resumo assim tão prosaico deixa de fazer justiça ao fascínio permanente desses livros. Vistos como simples fontes de histórias para despertar e prender o interesse de crianças, eles já seriam incomparáveis. Ademais, fornecem matéria-prima em abundância para se estudar a condição humana, pois apresentam a vida real com todas as suas ambigüidades, mas sem o tipo de análise de caráter ou de motivação, tal como poderíamos esperar de textos modernos. Em vez disso, eles convidam o leitor a refletir sobre a narrativa, a fim de desvendar os enigmas apresentados pelo texto, o qual parece que de modo freqüente e consciencioso, evita reconciliar afirmações aparentemente contraditórias. Naturalmente, é possível que aquilo que para o leitor de hoje aparenta ser contradição seja parte de uma tentativa de trans-

mitir uma exposição bidimensional de uma personagem ou situação da maneira mais concisa e objetiva possível. No entanto, na ausência de outras obras literárias de idade semelhante para compará-las com a narrativa bíblica, é prudente manter reserva em declarar a dívida do texto bíblico para com seus predecessores literários.

O que se pode dizer com certeza é que os livros de Samuel são produto de um trabalho literário e artístico altamente desenvolvido, propositalmente seletivo, freqüentemente contido, às vezes repetitivo, às vezes silencioso, mas que, por todos os meios, procura envolver o leitor numa relação ativa com o texto.

O que precisamos compreender melhor é que a visão religiosa da Bíblia alcançou profundidade e sutileza exatamente por ser transmitida mediante os mais elaborados recursos da ficção em prosa... A narrativa bíblica, por meio da mais vigorosa administração de recursos, leva-nos, repetidas vezes, a considerar a complexidade das causas e as ambigüidades de caráter, pois tais coisas são aspectos essenciais de sua visão acerca do homem, criado por Deus, desfrutando ou sofrendo todas as conseqüências da liberdade humana.¹

Os complexos estados psicológicos de Saul ou Davi, à medida que cada um interage com o outro e reage às circunstâncias, fornecem material para toda uma vida de ponderação. Pretende-se, no transcórre do comentário, fazer menção de pelo menos alguns exemplos do destacado nível artístico desses livros.

O reconhecimento das qualidades literárias da Bíblia de forma alguma conflita com a compreensão teológica de sua mensagem; aliás, os dois aspectos estão inseparavelmente ligados. O próprio fato de a Bíblia possuir uma mensagem a proclamar, de suprema importância porque diz respeito a questões eternas, significa que somente o melhor na arte literária é suficiente. Quando Deus tem uma revelação a fazer à

1. Alter, p. 22, traz para o seu estudo da Bíblia uma vasta experiência de crítica literária, e, para mim, ele consegue alcançar seu objetivo de “esclarecer os princípios distintivos da arte narrativa na Bíblia” (p. ix). Ele se concentra no Pentateuco e nos primeiros profetas, e, assim, extrai exemplos dos livros de Samuel, entre outros.

raça humana, com certeza Ele cuidará para que ela seja expressa de muitas e diferentes maneiras, utilizando cada recurso literário para assegurar que aquilo que Ele está dizendo é ao mesmo tempo cativante e não-ambíguo, alicerçado na experiência humana e, por isso, sempre relevante a cada geração, mas que, ao mesmo tempo, introduz a dimensão externa como o único contexto apropriado, porque esse é o verdadeiro contexto de toda história humana. Os livros de Samuel formam uma parte importante da narrativa do Antigo Testamento. A quantidade incomum de detalhes apresentados acerca dos principais personagens convida o leitor a ir conhecê-los como pessoas e a compreender o tratamento divino dispensado a cada um. Provavelmente, as duas coisas ocorrerão conosco, caso tenhamos o prazer dessa leitura.

“Prazer” não é de modo algum uma palavra forte demais para designar a profunda alegria que se pode ter mediante o empenho de penetrar nas situações humanas aqui descritas: as mágoas, ambições, aspirações espirituais e, sobretudo, os fracassos. Até certo ponto, tanto Samuel quanto Davi falharam, e Saul se convenceu tão obstinadamente da sua própria interpretação pessoal de seu posto real a ponto de perder o favor divino. Aqui, nessas pessoas, está a vida de verdade, tal como a experimentamos. “Os escritores bíblicos modelam suas personagens com uma individualidade complexa, às vezes fascinante, com freqüência profundamente insistente, porque é na rebeldia da individualidade humana que cada homem e mulher se encontra com Deus ou O ignora, reage positivamente ou resiste a Ele.”¹ O que prende a atenção do leitor das histórias destas vidas tão reais é o veredicto divino a respeito de cada vida e a razão da aceitação de Davi em contraste com a rejeição de Saul. A verdade sobre a maneira de Deus lidar com homens e mulheres é descoberta, com ilustrações marcantes, nas páginas dos livros de Samuel. Em outras palavras, nesses livros a teologia se revela em sua forma dinâmica em vidas humanas, não em definições de livros acadêmicos; descobertas decisivas sobre o homem e sobre Deus estão à disposição daqueles que aceitem o convite de ler e ponderar sobre a vida das personagens descritas aqui.

1. Alter, p. 189.

OS LIVROS DE SAMUEL E SEU LUGAR NO CONTEXTO MAIOR DA HISTÓRIA

Sendo originalmente um único livro na Bíblia Hebraica, o texto foi dividido pela primeira vez pelos tradutores que elaboraram a versão grega, onde Samuel/Reis era conhecido como “Basileiōn A, B, C, D” (os quatro livros dos reinos). Essa designação foi modificada por Jerônimo, na Vulgata, para “Os Quatro Livros de Reis”. Algumas traduções, entre elas a do Padre Matos Soares, referem-se aos livros de Samuel como “Primeiro Livro dos Reis” e “Segundo Livro dos Reis”, e aos livros de Reis como “Terceiro Livro dos Reis” e “Quarto Livro dos Reis”. Essa maneira de se referir aos livros que conhecemos como 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis tem o mérito de chamar a atenção para a continuidade existente entre eles, pois os dias finais de Davi e a sua morte não estão registrados em 2 Samuel, mas em 1 Reis 1-2. A história passa a cobrir os quatro séculos que terminam com a queda de Judá e a destruição de Jerusalém, em 587 a.C. Uma vez que depois da morte de Salomão o reino se dividiu em dois, Israel e Judá, um relato paralelo de cada reino requereu um relato bastante abreviado, um notável exercício de seletividade. O pequeno espaço dedicado a Saul e, em comparação, os quarenta capítulos dados a Davi dão uma idéia das diferentes avaliações feitas desses dois reis.

Os livros de Josué e Juízes contam como as tribos israelitas entraram em Canaã, ocuparam a terra e ali se estabeleceram, mas, por sua vez, esses livros se voltam para a figura dominante de Moisés, cuja vida e obra são relatados em Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O livro de Gênesis narra a história da família de Abraão, Isaque e Jacó e como este e seus filhos se estabeleceram no Egito, além de, em seus capítulos iniciais, levar o leitor aos primórdios da raça humana. Semelhantemente, quando o escritor dos livros das Crônicas apresentou sua interpretação da história, ele começou com genealogias que cobriam o período que vai de Adão até o rei Saul.

O relato resultante coloca em perspectiva toda a história subsequente, seja qual for a região do globo terrestre, alargando nossos horizontes, que, de outro modo, estariam limitados, pondo-nos em con-

tato com pessoas que eram bem parecidas conosco e que, todavia, haviam descoberto alguns segredos da vida, tornando-se desse modo, o que C. H. Dodd chamou de “especialistas em vida”. “Aqui [na Bíblia] também acompanhamos a longa história de uma comunidade que, através de experiências felizes e de infortúnios, testou sua crença em Deus.”¹ A característica distintiva das pessoas dessa comunidade era sua firme convicção de que conheciam a Deus. É essa referência a Deus que torna peculiar a história na Bíblia e, portanto, nos livros de Samuel. Esses livros não têm o propósito de ser simples fontes de informação para pessoas com interesse em coisas do passado, mas de ser um comentário divinamente revelado sobre a vida humana, no qual todos os que desejarem encontrarão sábia orientação para a condução de suas próprias vidas.

Não é fácil atribuir datas para os acontecimentos registrados em 1 e 2 Samuel, mas listas epônimas assírias (listas daqueles que deram seus nomes para o ano de seus mandatos), listas reais e textos históricos têm possibilitado aos historiadores chegar a uma data precisa para a batalha de Qarqar, em 853 a.C., da qual o rei Acabe de Israel participou. Pode-se chegar a datas referentes à monarquia unida, trabalhando a partir deste ponto estabelecido para trás (ou para a frente) com base nos dados bíblicos. Desse modo, o período aproximado de 1050-970 a.C. é aceito para os acontecimentos dos livros de Samuel. A ascensão de Davi ao trono pode ser, ainda que não definitivamente, datada entre 1010 e 1000 a.C.

Nesse período, nenhuma grande potência mundial estava procurando dominar o Oriente Próximo. As guerras de Israel foram travadas contra vizinhos, cujos territórios faziam fronteira com as doze tribos e, em particular, contra os filisteus, uma aristocracia militar originária de Creta, da qual um pequeno número havia se estabelecido em Canaã nos tempos patriarcais. Contudo, logo depois da entrada de Israel em Canaã, eles chegaram com bastante força, ocupando a planície litorânea do sudoeste. Ali, estabeleceram cinco cidades-estados, organizadas sob os *s^{er}ānīm*, “senhores”, e demonstraram seu

1. C. H. Dodd, *The Authority of the Bible* (Londres: Nisbet, 1928), p. 298.

domínio da tecnologia do ferro e seu profissionalismo militar nos ataques contra Israel. Inadvertidamente, desempenharam um papel importante nos desdobramentos dentro da história de Israel, pois é quase certo que foi a constante agressão dos filisteus que levou ao insistente pedido de um rei.¹ Ao longo do reinado de Saul e durante o início do reinado de Davi, eles continuaram sendo um espinho na carne de Israel; tanto Saul quanto Jônatas morreram nas mãos deles, e os filisteus penetraram em direção ao leste até Bete-Seã, dominando assim o Vale do Jordão. Por outro lado, os filisteus “participam do movimento que leva à ascensão de Davi ao poder... As vitórias de Davi sobre os filisteus levam-no a progredir à custa de Saul. Fracassa a tentativa de Saul de usar os filisteus para destruir Davi (18.17-29). Os filisteus reconhecem a liderança de Davi no início da história (21.11) e impedem sua participação na desastrosa batalha final (cap. 29)”.² Do ponto de vista do objetivo da narrativa, pode-se demonstrar que os filisteus desempenham um papel constante, coerente, sendo parte indispensável da trama. Do ponto de vista teológico, esses incidentes ilustram o controle que Deus tem da história, embora os filisteus não tivessem consciência de que estavam servindo a outra causa além da sua.

Perto do fim do reinado de Davi, o cenário político estava transformado. A lei e a ordem haviam sido impostas aos vizinhos atacantes, estavam estabelecidas relações cordiais com a Fenícia e reinos ao leste e ao norte tornaram-se parte do império de Davi, do qual Jerusalém era a capital. A “terra” prometida a Abraão estendia-se agora desde a fronteira do Egito até o Eufrates (Gn 15.18-21).

COMPOSIÇÃO E AUTORIA

Bibliotecas antigas, constituídas de coleções de rolos, identificavam esses livros e talvez os classificassem mediante referência às suas palavras iniciais ou à pessoa de destaque de que se ocupavam as

1. Para maiores detalhes sobre os filisteus, veja *AOTS*, p. 404-427; *POTT*, p. 53-78; T. Dothan, *The Philistines and their Material Culture* (Newhaven e Londres: Yale University Press, 1982).
2. Jobling, p. 15.

primeiras colunas do texto. Por essa razão, o nome de Samuel foi empregado para identificar os livros que levam o seu nome. O fato de que ele morreu antes de Davi se tornar rei é prova suficiente para nos impedir de atribuir-lhe a autoria. O mesmo argumento se aplica às “crônicas de Samuel, o vidente” (IBB), mencionadas em 1 Crônicas 29.29, como uma das fontes acerca dos “atos... do rei Davi, assim os primeiros como os últimos”. É claro que não houve o propósito de com o nome indicar a autoria.

Como, então, esses livros notáveis vieram a existir? Essa é a pergunta básica que motivou estudiosos do Antigo Testamento, em grande parte na Alemanha, durante os séculos dezoito e dezenove, embora eles próprios não se ocupassem em particular dos livros de Samuel, mas do Pentateuco. O método deles era submeter o texto bíblico a uma análise feita de acordo com as normas da prática científica, e o movimento ficou associado ao nome de Julius Wellhausen (1844-1918), que deu expressão clássica à teoria das fontes documentárias por trás do Pentateuco.¹ Sua análise do Pentateuco esteve, entretanto, profundamente ligada a uma compreensão de Samuel e da história de Israel em seu escopo mais amplo.

A Hipótese Documentária

De acordo com essa hipótese, quatro estratos (J, E, D e P), cada um representando uma fonte diferente, podem ser discernidos nos primeiros livros da Bíblia: “J”, o mais antigo, preferia o nome Javé (ou Iavé) para designar Deus; “E”, aproximadamente um século depois, preferia o nome Elohim; “D”, o documento deuteronômico, foi identificado com o rolo encontrado no Templo durante o reinado de Josias, em 621 a.C.; “P” consistia de detalhes sobre o culto, listas e genealogias atribuídos a escritores sacerdotais e foi datado como sendo do sexto ou quinto século. De acordo com a teoria de Wellhausen, os livros do Pentateuco eram, portanto, documentos compostos, constituídos de excertos dessas fontes, identificáveis por diferenças de vo-

1. J. Wellhausen, *Die Komposition des Hexateuchs* (1877), onde ele adota a expressão Hexateuco, que é o Pentateuco junto com o livro de Josué.

cabulário, ponto de vista e ênfase teológica. Aparentes discrepâncias, duplicações e repetições nos livros da Bíblia foram explicadas como tendo origem em fontes diferentes, que refletiam o enfoque particular da época em que foram escritos.

Wellhausen também teve uma área de grande interesse. Ele foi um historiador em busca de documentos confiáveis a partir dos quais pudesse reconstruir uma história de Israel e, com esse objetivo, em 1883 publicou seu *Prolegomena zur Geschichte Israels*,¹ obra em que resumiu suas conclusões sobre as fontes documentárias dos livros de Gênesis a Crônicas, especialmente do ponto de vista de sua fidedignidade histórica. Em 1 Samuel 7-12, por exemplo, ele distinguiu uma fonte posterior em que Samuel é “um santo de primeira grandeza”, agindo como líder teocrático, instando arrependimento e experimentando a confirmação divina de sua obra (1 Sm 7.2-17; 8; 10:17-12.25). Mas, para ele, isso contradiz todo o resto da tradição encontrada no livro de 1 Samuel 9.1-10.16.² Quando comparou a descrição de Davi em Crônicas com aquela dos livros de Samuel, encontrou em Crônicas “um fraco retrato sagrado, visto através de uma nuvem de incenso” e assinalou que “é só a tradição da fonte mais antiga que possui valor histórico”.³ O método analítico de Wellhausen ao discernir as fontes subjacentes aos livros históricos estabeleceu um padrão que desde então tem dominado os estudos críticos, a despeito da influência da crítica da forma e, mais recentemente, do reconhecimento do texto como testemunho de uma comunidade de adoração, com uma mensagem importante por si mesma. No entanto, ao longo dos anos têm havido muitas variações em torno do tema documental, de modo a criar uma complexa rede de possibilidades.

Uma teoria antiga dizia que há duas fontes por trás dos livros de Samuel e que a mais antiga era a continuação do documento “J” do Pentateuco, enquanto a mais recente podia ser identificada como o documento “E”.⁴ Embora inicialmente essa teoria tenha tido influên-

1. TH, *Prolegomena to the History of Israel* (Nova Iorque: Meridian Books, 1957).

2. *Ibid.*, p. 248-249.

3. *Ibid.*, p. 182.

4. K. Budde, escrevendo em 1890, pensou que havia identificado o documento “J”;

cia, com o passar do tempo não conquistou amplo apoio. Uma teoria de três fontes, apresentada por Eissfeldt, que acrescentou uma suposta fonte “L” a “J” e “E”, não encontrou muitos seguidores.¹ De qualquer modo, quer se postulem duas ou três vertentes de tradição, a maioria dos estudiosos têm chegado à conclusão de que origens diversas explicam aparentes duplicações e diferenças de pontos de vista supostamente encontrados em 1 Samuel. Em 2 Samuel, o juízo tem sido de que a narrativa é um todo mais contínuo, especialmente os capítulos 9-20 (junto com 1 Rs 1-2), a qual é conhecida como “a História da Corte de Davi, descrita como “o maior tesouro histórico de Samuel”.”² Esses capítulos recebem essa designação porque acredita-se que foram escritos por algum contemporâneo de Davi, que também conhecia em primeira mão a vida na corte.

Uma compilação de relatos mais antigos, os quais podem ter incluído uma biografia de Samuel, uma história acerca da arca e relatos da instalação da monarquia, bem como os anais do reinado de Davi, teriam sido reunidos por um editor, provavelmente durante o exílio. Acreditava-se que tanto Josué quanto Juízes revelavam sinais de um trabalho editorial deuteronômico e, embora em 1 e 2 Samuel a influência deuteronômica fosse menos acentuada, atribuíam-se a um redator deuteronômico também a compilação desses livros. Pensava-se que passagens poéticas, como o cântico de Ana (1 Sm 1.1-10) e os poemas de Davi (2 Sm 22.2-23.7), junto com a informação extra no apêndice (2 Sm 21-24), fossem acréscimos posteriores, ocorridos após o restante do livro ter tomado forma.

C. H. Cornill argumentou em favor de uma fonte “E” nos livros de Samuel (1885, 1887, 1890); T. Klähn afirmou em 1914 que havia demonstrado, em bases lingüísticas, que a fonte “J” avançava até os livros de Samuel, posição assumida por O. Eissfeldt (1925, 1931).

1. O. Eissfeldt, *The Old Testament, An Introduction* (TI, Oxford: Basil Blackwell, 1965), p. 275.
2. G. W. Anderson, *A Critical Introduction to the Old Testament* (Londres: Duckworth, 1959), p. 80.

Antes de considerar desdobramentos mais recentes da erudição crítica, faremos uma pausa para avaliar o método por trás da Hipótese Documentária, o qual tem dominado a cena por mais de um século. O próprio consenso é um indício da intensidade com que esse método se encaixou na tendência intelectual do século dezanove e no racionalismo dominante do século vinte.

1. Era inevitável que perguntas acerca da composição dos livros da Bíblia fossem levantadas; o problema principal foi a falta de dados sólidos para neles basear uma resposta. É verdade que nos livros bíblicos se faz menção de documentos que poderiam ser consultados à época de sua composição (e.g., Js 10.13; 2 Sm 1.18; 1 Rs 11.41), o que prova que houve “livros por trás da Bíblia”, mas estes não mais existem. Com a falta de dados factuais, as fraquezas da teoria documentária tardaram a vir à tona; por fim, a proliferação de possibilidades demonstrou quão pernicioso a qualquer teoria era a total falta de provas.

2. Wellhausen e os outros que deram forma às teorias documentárias eram estudiosos de muitos recursos que trouxeram para sua tarefa conhecimento lingüístico, literário e histórico. Estudaram detalhadamente o texto bíblico e incentivaram o estudo aprofundado e rigoroso desse texto. No lado negativo, “o texto ficou controlado por eruditos, enquanto anteriormente os eruditos haviam se submetido ao texto. O texto estava agora sujeito a ferramentas, métodos e conclusões dos eruditos. O fator controlador já não era mais qualquer reivindicação de autoridade bíblica, mas o método científico, que desfrutava enorme popularidade e respeito nesse período”.¹ O critério dominante era “ser satisfatório à razão”.

3. O resultado da busca de documentos foi um texto bíblico fragmentado. O processo de dissecação “matou” a mensagem vivificante inerente nos livros da Bíblia, contudo eles jamais deixaram de falar com autoridade, e sua criatividade literária, deixando de lado seu poder espiritual, tem sido freqüentemente assinalada; aliás, nos livros de Samuel a “História da Corte de Davi” tem sido reconhecida como uma

1. W. Brueggemann, “Questions addressed in study of the Pentateuch”, em W. Brueggemann e H. W. Wolff, *The Vitality of Old Testament Traditions* (Atlanta: John Knox Press, 1975), p. 13-14.

jóia literária. Assim, a vitalidade desses livros continua a se reafirmar. Enquanto isso, os estudos atuais do Pentateuco assumem uma postura bem crítica frente à Hipótese Documentária clássica.¹

A história deuteronômica

A afirmação de que um editor deuteronômico deixou suas marcas, ainda que superficiais, nos livros de Samuel continua a encontrar apoio, especialmente sob a influência de Martin Noth, cuja importante obra sobre o tema foi traduzida para o inglês uns quarenta anos depois de ser primeiramente publicada na Alemanha, em 1943.² Ela se revelou uma das mais duradouras teorias publicadas durante a primeira metade do século vinte.

Conquanto tenha sido costume atribuir a determinada mão deuteronômica o trabalho de edição de cada um dos livros desde Josué até 2 Reis, Noth avançou um passo ao postular que o trecho de Deuteronômio a 2 Reis era uma narrativa contínua, compilada por um só escritor. Embora esse escritor deuteronômico tivesse feito uso de documentos existentes, ele acrescentou livremente seus próprios comentários e, assim, a partir de material variado, conseguiu compilar uma história que refletia certos pontos de vista e interesses teológicos e que, nesse aspecto, era um todo unificado. Noth negou que J, E e P avançassem além de Números e considerou as fontes literárias empregadas pelo editor/autor de 1 e 2 Samuel unidades ou coleções independentes. O escritor deuteronômico estava procurando um significado para a história de Israel. “O significado que ele descobriu foi que Deus estava perceptivelmente em ação nessa história, enfrentando

1. E.g., R. N. Whybray, *The Making of the Pentateuch* (Sheffield: JSOT Press, 1987), especialmente p. 43-131. Whybray avalia aspectos filosóficos, lingüísticos, literários e culturais da Hipótese Documentária e mostra como o despedaçamento do texto em documentos separados “freqüentemente destrói qualidades literárias e estéticas que são em si mesmas dados importantes que não devem ser ignorados” (p. 130).
2. M. Noth, *The Deuteronomistic History* (Sheffield: JSOT Press, 1981), que consiste das p. 1-110 de *Überlieferungsgeschichtliche Studien* (Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ²1957). O adjetivo “deuteronômico”, em contraste com “deuteronômico”, é empregado para distinguir a hipótese formulada por Noth.

de contínuo o declínio moral cada vez mais acelerado com advertências e castigos...”¹ Desse modo, havia uma retribuição divina operando na história do povo de Deus, e o deuteronomista fez disso o grande fator unificador de sua obra, enquanto comentava sobre o curso dos acontecimentos.

O conceito exposto por Noth de uma História Deuteronomística continua a desempenhar um papel influente em qualquer pesquisa sobre a composição dos livros desde Deuteronomio até 2 Reis. Aliás, conforme comenta E. W. Nicholson em seu prefácio à edição em inglês,

Esta é uma obra “clássica” no sentido de que ela ainda continua sendo o estudo fundamental do *corpus* literário de que ela se ocupa e ainda propicia, no que diz respeito à maioria dos estudiosos, a base e o arcabouço para um aprofundamento da investigação da composição e da natureza desse *corpus*.²

Embora essa afirmativa precise de algum esclarecimento à luz das tendências mais recentes, sua avaliação da importância do livro de Noth não é exagerada.

Contudo, quando o historiador deuteronomístico veio a narrar os acontecimentos dos reinados de Saul, Davi e Salomão, descobriu que estava lidando com relatos tradicionais que o “absolviam da necessidade de ele próprio organizar e elaborar a narrativa”.³ Aqui, as próprias narrativas concordavam com as ênfases que ele mesmo desejava dar, e, portanto, quase nada havia que ele precisasse acrescentar, enquanto, por outro lado, em 1 Reis 12 — 2 Reis 25 ele forneceu a cronologia e relacionou uns com os outros os reinados dos monarcas dos dois reinos, além de dar juízo sobre cada rei e sobre a monarquia como instituição. De acordo com Noth, a contribuição do historiador deuteronomístico limita-se, nos livros de Samuel, às seguintes passagens:

1. Ibid., p. 89.

2. Ibid., p. ix.

3. Ibid., p. 54.

- i. 1 Samuel 7.2b, o comentário cronológico: “e tantos dias se passaram que chegaram a vinte anos”.
- ii. 7.7-14, que Noth relaciona com Juízes 13.1, onde se afirma que os filisteus dominaram Israel durante quarenta anos.
- iii. 13.1, o comentário cronológico sobre o reinado de Saul.
- iv. 2 Samuel 2.10-11, a cronologia do reinado de Is-Bosete e do reinado de Davi em Hebrom.
- v. 1 Samuel 8-12, onde o historiador deuteronômístico revela sua desaprovação do estabelecimento da monarquia.
- vi. 2 Samuel 5.4-5, a cronologia de todo o reinado de Davi, e 5.6-12, a conquista de Jerusalém por Davi, que o capacitou a dar abrigo à arca em sua própria cidade.

Além dessas poucas passagens, Noth atribuiu ao historiador deuteronômístico reorganização só ocasional do material que ele achou em suas fontes, a fim de atender ao seu propósito (e.g., 2 Sm 8, que cronologicamente pertence a um momento anterior), e nega enfaticamente que 2 Samuel 7, em que Natã se pronuncia sobre o futuro da casa de Davi, poderia pertencer a esse historiador, embora ele possa ter feito algumas inserções, especialmente os versículos 13a e 22-24.¹

Noth via o propósito do historiador deuteronômístico como particularmente pessimista, encarando-o como alguém que fala da “rejeição final e, portanto, da queda [de Israel] devido à sua repetida apostasia”.² Muitos estudiosos têm, todavia, interpretado o fato de que 2 Reis termina com o rei Joaquim sendo solto da prisão como uma indicação de otimismo parcial. De forma semelhante, vários estudiosos crêem que o tema *pecado-arrependimento-renovação*, *característico de Deuterônomo* e bem ilustrado em 1 Samuel 7.3-14 e em 2 Samuel 7, aponta para a mesma direção.³

1. Ibid., p. 54-55.

2. Ibid., p. 79.

3. E.g., G. von Rad, *Studies in Deuteronomy* (Londres: SCM Press, 1953), p. 90-91; D. J. McCarthy, “II Samuel 7 and the Structure of the Deuteronomic History”, *JBL* 84 (1965), p. 131-138; Gordon 1984, que comenta: “A omissão de Noth provavelmente tem bastante a ver com a incompatibilidade entre o oráculo dinástico e sua própria concepção do propósito da História!” (p. 20).

Ao longo do desenvolvimento de sua tese de que o trecho de Deuteronômio a Reis era originalmente uma só narrativa, Noth chamou a atenção para a sobreposição existente entre os livros, a qual ele acreditava remontar à época quando o todo foi dividido.¹ As divisões explicavam o fracasso de estudiosos mais antigos em identificar a extensão da obra original, especialmente quando muitos ficaram absorvidos pelos estudos no Pentateuco (ou Hexateuco) e se acostumaram a pensar em Deuteronômio como parte daquela coleção de livros. Ademais, Noth pensava que, depois da época do escritor deuteronômístico, acréscimos a Josué/Juízes (entre Js 23 e Jz 2.6) e no final de Juízes e 2 Samuel obscureceram a questão. Noth conjecturava que, na obra original, discursos onde havia um elemento preditivo ou retrospectivo resumiam os julgamentos exarados pelo escritor deuteronômístico. Assim, 1 Samuel 12 teria sido a conclusão do período dos juízes, enquanto 1 Reis 8.14-53, que apresenta a oração de dedicação do templo feita por Salomão, teria concluído o trecho que trata do período dos primeiros reis de Israel.

A crença de Noth é que a habilidade desse escritor deuteronômístico fica demonstrada na unidade que ele impõe a fontes tão díspares, pois ele é inteiramente responsável pela “coerência desse complexo conjunto de materiais e, conseqüentemente, da unidade da história toda em Josué-Juízes, a qual é claramente *intencional*, conforme se vê na força desses livros, tal como os possuímos”.² Uma vez que não há qualquer vestígio de edição deuteronômística de Gênesis a Números, Deuteronômio deve formar conjunto com os livros que vêm em seguida e, com base nesse argumento, Noth baseou sua rejeição da teoria de que se deve ver Gênesis a Josué como um todo, um “Hexateuco”.³ De um modo ou de outro, a importância fundamental de Deuteronômio era algo de que não se podia fugir; ela determinava a definição sobre os escritores responsáveis pelo texto de Josué a Reis.

1. Cf. Dt 34/Js 1; Js 24.29-31/Jz 2.7-10; Jz 13.1/1 Sm 7.1-14.

2. Noth, p. 10.

3. Wellhausen, *Prolegomena*: “Do ponto de vista literário... é mais exato falar em Hexateuco do que em Pentateuco” (p. 6). A sugestão foi amplamente aceita e continuou a ser empregada por muitos estudiosos, incluindo G. von Rad, até a década de 50.

Fontes nos livros de Samuel

Já ficou claro que, de acordo com Noth, a edição deuteronômística nos livros de Samuel é um tanto quanto limitada. Aqui, o escritor deuteronômístico pôde reunir longas coleções de tradições, compiladas muito antes de sua época. Acredita-se que essas tradições tenham abrangido as seguintes fontes:

- i. A Narrativa da Arca (1 Sm 4.1b-7.1), com a possível adição de 2 Samuel 6.
- ii. As tradições de Silo (1 Sm 1.1-4.1a), às vezes consideradas parte da Narrativa da Arca.
- iii. Tradições sobre Saul (1 Sm 7-15), reunidas muito antes da época do editor deuteronômístico, o qual teria acrescentado passagens em que registra sua desaprovação da monarquia. O reinado de Saul (1 Sm 13-15) é às vezes visto como uma fonte separada; daí a divisão feita de vez em quando em 1 Samuel 12.
- iv. A “História da Ascensão de Davi” (1 Sm 16-2 Sm 5.10 ou 7.29).
- v. A “Narrativa da Sucessão” (2 Sm 9-20 e 1 Rs 1-2).

(O delineamento das fontes iv. e v. deve muito a L. Rost.¹)

Seria enganador dar a impressão de que essa lista de fontes é aceita universalmente, pois existem muitas variações quanto aos detalhes das fontes reconhecidas por diferentes estudiosos, embora i., iv. e v. sejam amplamente aceitas. De modo semelhante, uma variedade de teorias caracteriza o tema da edição deuteronômística dos livros de Samuel.² A inexistência de qualquer meio de verificação tende a incenti-

1. L. Rost, *The Succession to the Throne of David* (Sheffield: JSOT Press, 1982); originalmente publicado em alemão, em 1926.

2. Gordon 1984, p. 14-22, apresenta um relato sucinto de tendências recentes, juntamente com uma bibliografia. Ele assinala “as tendências imperialistas do fenômeno do deuteronomismo no estudo do Antigo Testamento na atualidade” e destaca que, afóra critérios fraseológicos, quase nada que é considerado característico de Deus “é peculiar à História Deuteronômística” (p. 18).

var a proliferação de teorias e leva inevitavelmente a certo ceticismo quanto a alguma possibilidade de “resultados seguros” nesse campo.

A história profética

Enquanto isso, a preocupação com teorias deuteronômicas fez com que a atenção dos estudiosos se desviasse do papel que os profetas podem ter muito bem desempenhado na compilação de coleções de documentos escritos relacionados com suas épocas. No final do século passado, A. F. Kirkpatrick considerou que “histórias proféticas da época” foram provavelmente as principais fontes dos livros de Samuel.¹ Além do mais, ele conseguiu sustentar essa suposição com provas tiradas de 1 Crônicas 29.29, onde se mencionam as crônicas de Samuel, Natã e Gade como fontes de informação sobre o reinado de Davi. Tal declaração tinha o objetivo de garantir ao leitor que o relato resultante repousava em fontes as mais fidedignas. A idéia de uma história profética foi recentemente adotada por P. K. McCarter, que a considera uma etapa intermediária no desenvolvimento dos livros canônicos: “Uma vez que se reconheça o alcance limitado deste último [isto é, dos acréscimos deuteronômicos]... fica claro que foi em alguma etapa pré-deuteronômica que as histórias foram postas em sua seqüência básica, e a etapa intermediária assume considerável importância”.² Nessa etapa pré-deuteronômica, já havia, portanto, uma história profética ininterrupta. McCarter encara isso como consistindo de três segmentos em 1 Samuel — a história de Samuel (1 Sm 1-7); a história de Saul (1 Sm 8-15); a história da ascensão de Davi (1 Sm 16-31) — e considera os três como dominados pela figura do profeta Samuel.

O enfoque profético era negativo em relação à monarquia: esta era uma concessão a uma exigência injustificada da parte do povo; embora o rei fosse o chefe de governo, ele estava sujeito à palavra do profeta como porta-voz de Javé. McCarter admite que existem afinidades entre esse enfoque profético e a tradição deuteronômica, e descreve-o

1. Kirkpatrick 1880, p. 10.

2. McCarter 1980, p. 18.

como “protodeuteronomístico”. Ele vê isso como a razão pela qual o escritor deuteronomístico precisou fazer apenas uma revisão superficial no texto que tinha diante de si e, então, acrescentar à história ininterrupta da ascensão de Davi, em 2 Samuel 1-5, o “clímax deuteronomístico”, que é a maneira de McCarter descrever 2 Samuel 7, o centro teológico dos livros de Samuel.

Observamos rapidamente a postura de alguns estudiosos sobre a questão das fontes subjacentes aos livros de Samuel. Na realidade, o quadro é bem mais complexo. Entretanto, uma tentativa de acompanhar os argumentos de mesmo alguns poucos colaboradores é importante, ainda que seja apenas para mostrar como é inatingível a tarefa de chegar a alguma resposta definitiva às perguntas “como esses livros de Samuel foram escritos?” e “que fontes seus autores empregaram?”. Depois de 200 anos de crítica bíblica no Ocidente, é preciso encarar o fato de que mesmo conceitos estabelecidos, tais como o Pentateuco, têm sido abalados por teorias conflitantes quanto à autoria. Na ausência de critérios objetivos, não há qualquer maneira, fora do consenso entre os estudiosos, que dura algum tempo porém aberto a novas tendências, de avaliar todo o árduo trabalho dispendido na busca de fontes, mas que resultou num número tão variado de possibilidades. De acordo com um autor atual, “não é um exagero dizer que os resultados verdadeiramente seguros do estudo crítico-histórico, no que diz respeito a autoria, data e origem, comporiam apenas um folheto”.¹ O fato é que o interesse entre os estudiosos tem se distanciado do estudo crítico-histórico, em parte por influência dos métodos aplicados no estudo da literatura secular e em parte, suspeita-se, devido à necessidade que se sente de encontrar um enfoque mais produtivo para o estudo dos livros bíblicos.

1. D. M. Gunn, “New Directions in the Study of Hebrew Narrative”, *JSOT* 39 (1987), p. 66.

Resumo diagramático das principais correntes

	Tradição Canônica	Wellhausen	Martin Noth	Análise Literária Moderna
Gênesis				
Êxodo	Pentateuco (um livro)	Hexateuco	Tetrateuco	Tende a considerar Gênesis a Reis como uma unidade padrão
Levítico				
Números				
Deuterônomo				
Josué	Profetas Antigos	Tradições israelitas conhecidas como "coleções"	História Deuteronomística	
Juizes				
{Rute}				
1 e 2 Samuel				
1 e 2 Reis				

Tendências recentes

As gerações ensinadas a buscar fontes não abandonam facilmente o método que dominou sua pesquisa e estruturou toda sua abordagem do texto. Mesmo assim, porém, vem ocorrendo um afastamento da crítica histórica.

A obra de Brevard Childs,¹ por exemplo, assinalou uma significativa mudança de perspectiva. Conquanto durante 200 anos a teologia tenha estado em grande parte subordinada à história — “o bolo tem sido a história; a cobertura, a teologia”² — o alvo de Childs foi estabelecer uma relação apropriada entre as reivindicações tanto da história quanto da teologia. Conforme alega Childs, a mensagem teológica era central para aqueles que elaboravam os livros bíblicos, que devem ser aceitos em sua forma tradicional como o material básico para a construção de uma teologia, mesmo porque a tentativa de identificar as fontes é algo necessariamente hipotético e sujeito a mudanças. Então, a tarefa de interpretar as Escrituras hoje está de acordo com aquele trabalho, conforme vem sendo entendido ao longo dos séculos. O intérprete deve levar em conta não só os livros como unidades independentes, mas também os textos em sua relação uns com os outros, pois o contexto total “é de fé... não a vida piedosa do indivíduo, mas a vida, o testemunho e a busca de entendimento que ocorrem corporativamente na igreja cristã, em cujo âmago encontra-se o uso da Bíblia como escritura canônica”.³

No que diz respeito aos livros de Samuel, passagens que os críticos mais antigos consideravam de alguma forma secundárias, tais como o cântico de Ana (1 Sm 2.1-10), podem, de acordo com Childs, ser vistas como uma chave para a interpretação do livro. Semelhantemente, “os quatro últimos capítulos [2 Sm 21 — 24], longe de ser um apêndice deselegante, oferecem uma interpretação teológica bastante profunda de toda a carreira de Davi, prefigurando a esperança messiânica, o que fornece um claro guia hermenêutico para seu uso como escritura sagrada”.⁴ Para o crítico das fontes históricas, conforme vimos, o ponto de vista teológico era um dos critérios empregados para fazer distinção entre as fontes; servia como indicador das idéias que

1. E.g., B. Childs, *Biblical Theology in Crisis* (Filadélfia: Westminster Press, 1970); *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Filadélfia: Fortress Press, e Londres: SCM Press, 1979).

2. R. W. L. Moberly, “The Church’s Use of the Bible: the Work of Brevard Childs”, *ExpT* 99/4 (1988), p. 106.

3. *Ibid.*, p. 108.

4. Childs, *Introduction to OT as Scripture*, p. 275.

eram importantes no contexto histórico e cultural proposto do escritor. O resultado foi atenuar o impacto teológico do texto, ao fazer com que a mensagem servisse a um propósito secundário e, desse modo, mantendo-a à distância. Childs pretendeu encontrar o significado de um livro em seu contexto escriturístico e colocou o conteúdo de volta à sua posição suprema; assim, demonstrou plenamente a coerência e a unidade internas das Escrituras.

A importância de considerar uma obra de arte, neste caso um livro bíblico, como uma unidade com forma e significado próprios tornou-se algo axiomático para um número cada vez maior de eruditos que se associam com a “nova crítica” ou com a “crítica retórica”. O texto é de suprema importância: é preciso vê-lo em seu todo e, ao mesmo tempo, lê-lo analiticamente, prestando atenção especial à escolha da linguagem, a padrões de imagem poética, de metáfora, de ironia; em suma, aquilo que ficou conhecido como “leitura cuidadosa”. Os críticos pertencentes a essas escolas “enfatizam a maneira como as inter-relações verbais dentro do texto operam juntas, de modo a produzir um todo orgânico que é mais do que o acréscimo das partes”.¹ Aparentemente, esse método é a própria antítese da crítica histórica, e uma dificuldade de ordem bem prática defronta o comentarista que deseja abordar o texto como uma unidade literária sem, ao mesmo tempo, deixar de lado a contribuição de comentaristas que têm trabalhado dentro do arcabouço crítico-histórico. Em grande parte, deve-se permitir que os dois métodos trabalhem separadamente neste momento, e talvez por um bom tempo ainda.² Outra dificuldade prática surge em torno da extensão do(s) livro(s) necessário(s) para fazer justiça a uma “leitura cuidadosa” dos 55 capítulos de 1 e 2 Samuel. Ademais, a análise requer um conhecimento exaustivo do texto hebraico, a única base para um estudo assim. A maioria, que não dispõe de tal equipamento, tem de se contentar com o trabalho de uma tradução e apanhar as migalhas que caem da mesa dos eruditos; mas

1. D. Robertson, “Literature, the Bible as”, *IDBS*, p. 546.

2. Cf. Gunn, “New Directions”, p. 73. Ele também espera ver “a rejeição da História Deuteronomística e a adoção de Gênesis a 2 Reis como uma unidade-padrão” (p. 72).

ainda assim é possível perceber e apreciar a estrutura literária e a habilidade artística expostas nesses livros.

A pergunta com que começou esta seção, a saber, como tais livros vieram a existir, não foi respondida, mas a tentativa de encontrar uma resposta tem sido mais do que válida, porque o resultado é uma demonstração da vitalidade dos livros do Antigo Testamento. Embora não possamos saber o nome do(s) autor(es) nem quais livros-fonte estavam disponíveis, os próprios livros ainda têm a força e a autoridade de falar através dos séculos e de se dirigir à igreja de hoje.

A TEOLOGIA

A crítica das fontes históricas, com sua preocupação com a seqüência cronológica, tem estado interessada, desde longa data, em traçar o desenvolvimento da compreensão teológica no Antigo Testamento, baseando-se num modelo evolucionista aceito. Na prática, porém, teorias conflitantes acerca da idade relativa dos documentos antigos tornaram qualquer consenso bastante difícil, a ponto de alguns terem questionado se a pesquisa é possível. Contudo, a tentativa de formular uma teologia de seções homogêneas do Antigo Testamento (e.g., literatura de sabedoria ou profecia pós-exílica) tem se revelado mais convincente. O próprio conceito de uma história deuteronômica designa Deuterônomo a 2 Reis como uma dessas seções, unidas por um tema teológico. Eruditos que preferem pensar em termos de uma “história profética” declaram de modo igualmente claro que reconhecem haver um propósito teológico comum a esses livros.

Nos livros de Samuel, há três capítulos que se destacam como marcas, caracterizados por sua interpretação das mudanças históricas que estavam ocorrendo na estrutura de liderança de Israel. São eles: 1 Samuel 7, 1 Samuel 12 e 2 Samuel 7. Isso não quer dizer que o restante dos livros seja “não-teológico”, pois pressuposições teológicas permeiam o todo; contudo, nesses capítulos um profeta expõe a palavra divina para cada etapa da crise que o povo de Deus está atravessando.

1 Samuel 7

O profeta Samuel, do alto de seu poder como líder teocrático, é visto aqui em ação. Um compromisso condescendente havia marcado claramente os 20 anos durante os quais os filisteus alegaram ter o direito de dominar Israel. Chegou o dia quando Samuel, em sua posição de porta-voz do Senhor, interveio, conclamando a uma admissão de apostasia. A ordem de prioridades de Samuel era que os israelitas deviam primeiro colocar em ordem as pendências entre eles e o Senhor, servindo apenas ao Deus único, o Deus da aliança. Então, Ele cuidaria das necessidades que tinham de se verem livres da dominação filistéia. Na reunião do povo em Mispá, Samuel “julgou o povo”, conclamando ao arrependimento e ao jejum. Previsivelmente, provocados pelo imenso ajuntamento, os filisteus atacaram. A emergência propiciou a Samuel uma oportunidade para demonstrar a eficácia de uma fé viva. Em sua condição de sacerdote, Samuel ofereceu um sacrifício e lançou-se à intercessão. Por meio de uma tempestade, o inimigo foi derrotado, e Israel só precisou perseguir os filisteus até dentro de seu próprio território; o estilo espiritual de liderança de Samuel havia sido vindicado. A pedra memorial denominada Ebenézer, “Até aqui nos ajudou o Senhor”, anunciava a eficácia da confiança no Senhor e no juiz que Ele designou. Que possível necessidade haveria de buscar inovações, como era o caso de um reinado? O incidente revelou-se um forte argumento pela continuidade da tradição de liderança de juizes, nomeados e espiritualmente dotados pelo Senhor.

1 Samuel 12

Em vista do insistente clamor por uma monarquia em Israel, um rei havia sido nomeado e proclamado (1 Sm 9-11). Por isso, o papel de Samuel teve de mudar, e numa declaração pública ele esclarece a situação. Em primeiro lugar, chama atenção para a integridade com que havia governado, pedindo que se fizessem acusações contra ele. Enquanto reis enriqueciam-se à custa do povo e oprimiam aqueles a quem deviam servir, Samuel estava isento de tais motivos ocultos. Conseqüentemente, o povo havia feito uma escolha no mínimo tola ao exigir um rei. Pior ainda, porém, com isso o povo havia rejeitado seu

verdadeiro rei, o Senhor seu Deus. O que aconteceria agora com seu relacionamento da aliança à luz de uma obstinação tão ostensiva e deliberada?

A breve resposta à pergunta dessa ocasião foi que “o Senhor, por causa do seu grande nome, não desampará o seu povo, porque aprouve ao Senhor fazer-vos o seu povo” (1 Sm 12.22). Ao mesmo tempo, o futuro deles só estava seguro enquanto o rei e o povo tivessem o cuidado de cumprir tudo o que o Senhor lhes havia exigido. De sua parte, Samuel intercederia por eles e os instruiria na aplicação da lei de Deus às circunstâncias de suas vidas. A frase “pois vede quão grandiosas cousas vos fez” (1 Sm 12.24) eleva a obediência para além de qualquer exigência legalista, colocando-a no âmbito da dedicação pessoal e amorosa. Israel estava recebendo uma chance de recomeçar, desta vez com o rei que havia escolhido. Não haveria mudança na decisão que tinham tomado.

Desse modo, a monarquia veio a ser aceita em Israel, e Saul foi reconhecido como o primeiro rei. Embora no passado a liderança tivesse sido concretizada em Moisés ou num juiz/profeta, de agora em diante haveria uma divisão de responsabilidades: a liderança temporal e política seria a função do rei, enquanto o profeta representaria os valores espirituais e assumiria a responsabilidade de insistir na obrigação que Israel tinha de servir a Javé, o supremo líder e governante de Israel. Samuel pôde enxergar muito bem o conflito latente que surgiria entre as duas funções. Em sua mente, não poderia haver dúvidas sobre qual devia ter precedência: a profecia “constantemente exigia da realza que se submetesse em todas as áreas e continuamente reprimia o uso explícito e abusivo da autoridade real”.¹ Portanto, ser rei em Israel era algo bem diferente do que ser rei nos países ao redor. Saul não entendeu essa distinção e ofendeu-se com a “interferência” de Samuel; por outro lado, Davi valorizou o fato de que o Senhor seu Deus era o centro da autoridade e, assim, desejou submeter-se à palavra de Seu profeta, embora, aos olhos do mundo observador, deva ter parecido que com isso a própria autoridade de Davi ficaria enfraquecida.

1. W. J. Dumbrell, *Covenant and Creation* (Exeter: Paternoster Press, 1984), p. 138.

Aqui reside a diferença crucial entre Saul e Davi. O homem segundo o próprio coração de Deus submeteu-se à palavra de Deus, obedeceu a Seus profetas e encontrou aceitação e perdão, a despeito de seus muitos e evidentes erros e fracassos. Saul apeçou-se obstinadamente a seus direitos de rei, mas perdeu o trono.

2 Samuel 7

Este importante capítulo lança os alicerces para a dinastia davídica. Por decreto divino, declara-se que ela existirá “para sempre”; no entanto, em 597 a.C., Joaquim, descendente de Davi, foi deportado, para logo em seguida ser acompanhado por seu único sucessor ao trono, Zedequias. Jerusalém foi deixada em ruínas, o Templo do Senhor foi saqueado e não havia nem alívio para o sofrimento nem motivo para esperança. Se, conforme muitos pensam, os livros históricos de Israel foram compilados nessa época, o contraste entre as promessas de Deus a Davi e a dura realidade de toda uma geração definhando numa terra estrangeira estabeleceu uma tensão desesperada na fé de Israel. Esse capítulo culminante nos livros de Samuel era um texto para ser refletido e usado como ajuda na formulação de um entendimento do propósito de Deus.

A soberania do Senhor é confirmada mediante Sua palavra tanto ao profeta quanto ao rei. O que vale não é a aspiração de Davi de construir uma casa para o Senhor, mas o que o Senhor ordena. Ao longo de todo o discurso de Natã a Davi, insiste-se na autoridade e na iniciativa do Senhor: “... mandei [aos juízes] apascentar o meu povo Israel” (v. 7); “Tomei-te da malhada, de detrás das ovelhas... E fui contigo, por onde quer que andaste, eliminei os teus inimigos diante de ti” (vv. 8, 9). Em sua soberania, o Senhor também anuncia o que fará no futuro: Ele é o Senhor Deus de Israel, enquanto o rei humano depende do Rei supremo a quem serve.

De Sua parte, o Senhor compromete-Se a exaltar Seu servo (2 Sm 7.9). A promessa de “um grande nome” faz lembrar a aliança de Deus com Abraão (Gn 12.2) e indica (embora a palavra “aliança” não apareça nesses versículos) que a realeza davídica está sendo incorporada à aliança abraâmica. Isso é reforçado pela menção de que o povo

de Deus, Israel, habitará em seu próprio lugar, sem ser perturbado por inimigos (v.10), uma referência a Gênesis 15.18-21 e a Deuteronômio 11.24. Ademais, a palavra da aliança *hesed*, o “amor inabalável” de Deus (v. 15), assegura o cumprimento das promessas, incondicionais aqui, embora a necessidade de punição seja prevista. A questão é se os descendentes de Davi “manterão a aliança” e como, na hipótese de não cumprirem suas obrigações, Deus poderá alcançar Seu propósito deabençoar.

Quando os livros de Samuel são vistos no contexto mais amplo da história que começa em Josué e termina em Reis, é marcante o contraste entre promessa e cumprimento. O ciclo de apostasia — arrependimento — restauração, típico do período dos juízes, repetiu-se no período dos reis. Esse foi o tema de Deuteronômio (e.g., Dt 30.1-3), onde a possibilidade de ser desarraigado da terra e lançado em outra região era enfrentada (Dt 29.25-28). O colapso seguiu-se ao reinado de Salomão, a apostasia constante caracterizou o reino do norte de Israel, e o fim veio quando a Assíria levou cativa a maior parte da população. Judá e Jerusalém sofreram um destino semelhante nas mãos dos babilônios, pouco depois de um século. Será que Deus havia Se esquecido de ser gracioso? Será que Suas promessas tinham desaparecido para sempre?

A questão sobre se o Senhor iria restaurar o reino a Israel era, claro, um tema ainda discutido durante o ministério de Jesus; daí a popularidade do tema “reino” no ensino de Jesus e também a pergunta que os discípulos fizeram após a ressurreição (At 1.6). Na época em que os evangelhos foram escritos, havia sido demonstrada a verdade de que as promessas feitas tanto a Abraão quanto a Davi tinham mais do que se cumprido na pessoa e na obra de Jesus. O tema é abordado logo no primeiro versículo do Novo Testamento, “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1), e mencionado em seu último capítulo, “eu sou a raiz e a geração de Davi” (Ap 22.16), como também muitas vezes nesse ínterim (e.g., Lc 1.32; Rm 1.3; 2 Tm 2.8).

O Davi histórico, a despeito dos seus erros, veio a representar o rei idealizado, e o refrão “por amor de Davi, meu servo” (1 Rs 11.13) falava de misericórdia para com Salomão e seus sucessores, com todas suas falhas. A palavra profética na promessa de Natã a Davi havia

gerado “um ciclo totalmente independente de concepções... Do Davi ideal, teocrático, exemplar em sua obediência”.¹ Com o passar dos anos, profetas e salmistas retomaram o tema da esperança e desenvolveram ainda mais os conceitos messiânicos. Essa esperança devia perdurar, apesar do choque do exílio e da ambigüidade dos acontecimentos nos séculos seguintes, até o alvorecer da era do evangelho (Lc 2.25, 38).

O poder criativo da palavra de Deus ficou claramente demonstrado na maneira como a profecia de Natã desenvolveu-se ao longo dos séculos. De acordo com von Rad, que de maneira bastante útil expressa seu entendimento da história de Israel tal como apresentada pelos livros de Reis, “o fator decisivo para Israel não se encontra nas coisas que costumeiramente provocam agitação na história, nem nos imensos problemas inerentes na história, mas repousa na aplicação de alguns simples axiomas teológicos e proféticos acerca da natureza da palavra divina”.² Por mais claros e compreensíveis que fossem esses axiomas, ainda assim havia tensões entre o juízo divino e a salvação prometida. O que a história bíblica propicia é uma visão geral do juízo divino de indivíduos e nações, mas particularmente de Israel; essa, porém, foi a nação que havia recebido as promessas. Como poderia se sustentar a aliança entre Deus e os homens se, do lado humano, ela foi rompida várias vezes? Mesmo ao longo dos livros de Samuel essa tensão já é visível nas falhas humanas dos sucessivos líderes de Israel. Tal conflito também não foi resolvido durante o período do Antigo Testamento; antes, forneceu “o grão de areia que gerou a pérola dentro da ostra”, provocando um desejo construtivo por uma melhor integração da vida cotidiana com o ideal da aliança e, acima de tudo, um anseio por um rei no trono de Davi, o qual governaria com “o juízo e a justiça, desde agora e para sempre” (Is 9.7).

1. Von Rad, *Studies in Deuteronomy*, p. 88.

2. *Ibid.*, p. 91.

O TEXTO

Antes da metade do século XX, os manuscritos hebraicos do Antigo Testamento mais antigos e conhecidos datavam aproximadamente do nono século A.D., enquanto uma parte do Evangelho de João, conhecida como p⁵², remonta à primeira metade do século segundo A.D. À primeira vista, parece estranho que cópias mais antigas dos livros do Antigo Testamento em hebraico não tenham sobrevivido, mas há uma explicação. Em parte, a razão disso foi que, depois da padronização do texto no início da era cristã, textos não-padronizados foram destruídos. Além disso, tal era a veneração que os eruditos judeus dedicavam a suas cópias das escrituras hebraicas que, quando os rolos ficavam gastos e precisavam ser substituídos, eles os colocavam cuidadosamente numa sala especial da sinagoga, conhecida como *genizah*, antes de os enterrarem com todas as honras. Desse modo, as escrituras eram protegidas do uso indevido, mas também era improvável que sobrevivessem para uso posterior de estudiosos interessados.¹

Por isso, foi realmente extraordinária a descoberta de fragmentos de manuscritos hebraicos de todos os livros do Antigo Testamento (exceto Ester) — muitos deles escritos antes da era cristã — em meio aos Manuscritos do Mar Morto, revelada no final da década de 40. Esses manuscritos, incluindo um rolo inteiro de Isaías em hebraico, renovaram a pesquisa e o debate acerca da transmissão do texto do Antigo Testamento.

No que diz respeito aos livros de Samuel, há muito tempo o texto hebraico fora reconhecido como problemático. Já em 1871, Wellhausen havia empregado o grego da LXX para reconstruir o que ele acreditava ser um texto hebraico mais correto, ao passo que Driver pôde escrever: “Os livros de Samuel... embora contenham exemplos clássicos de um belo e recitado estilo de prosa em hebraico... têm

1. Uma exceção é o conteúdo de uma *genizah* numa sinagoga no Cairo, a qual continha muitas porções antigas das escrituras hebraicas. Cf. P. Kahle, *The Cairo Geniza* (Oxford: Basil Blackwell, ²1959).

sofrido, de forma incomum, com a corrupção na transcrição e, por isso, freqüentemente geram questões sobre o texto”.¹

No comentário a seguir, chama-se atenção para vários pontos onde estudiosos argumentam que o texto da LXX é preferível ao TM. Visto que a LXX pode representar um texto hebraico mil anos mais antigo do que o TM tradicional, seus dados são importantes, embora deva-se assinalar que até o momento não existe qualquer edição crítica da LXX de Samuel. A tradução inicial do Pentateuco para o grego (a única parte da LXX a que se aplica a lenda dos “setenta” tradutores) foi feita em Alexandria durante o terceiro século a.C., a fim de atender às necessidades litúrgicas de judeus para quem o grego havia se tornado a língua materna. Posteriormente foram traduzidos os outros livros, embora o local e a data desse trabalho sejam incertos.

Os livros de Samuel foram beneficiados por achados na caverna 4 de Qumran. Existem três textos fragmentados desses livros, sendo todos eles importantes para o estudo textual: 1. um rolo bem preservado contendo os dois livros, conhecido como 4QSam^a; 2. alguns fragmentos muito antigos, que podem ser datados de “pouco depois de 200 a.C.” e designados 4QSam^b; 3. um manuscrito fragmentado de 2 Samuel 14-15, conhecido como 4QSam^c.²

1. À época da redação deste comentário, 4QSam^a ainda não havia sido publicado oficialmente, embora tenha sido tema de estudos aprofundados, especialmente de E. C. Ulrich. No passado, os estudiosos tiveram de depender em parte de suas opiniões e de sua intuição ao

1. Driver 1913, p. i.
 2. F. M. Cross, Jr., *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies*, edição revista (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), p. 40-42. Um trabalho recente acerca dos textos de Qumran de Samuel também pode ser encontrado em E. C. Ulrich, Jr., *The Qumran Text of Samuel and Josephus* (Missoula: Scholars Press, 1978); e *idem*, “4QSam^c: A Fragmentary Manuscript of 2 Samuel 14-15”, *BASOR* 235 (1979), p. 1-25. Para uma avaliação do trabalho de Ulrich, veja E. Tov, “The Textual Affiliations of 4QSam^a”, *JSOT* 14 (1979), p. 37-53; E. Tov (editor), *The Hebrew and Greek Texts of Samuel* (Jerusalém: Academon, 1980); G. Vermes, “Biblical Studies and the Dead Sea Scrolls 1947 — 1987: Retrospects and Prospects”, *JSOT* 39 (1987), p. 113-128.

usar criticamente o texto da Septuaginta; 4QSam^a, ao permitir acesso a um texto hebraico pré-cristão do Antigo Testamento, propicia um “controle” para o uso crítico do texto da Septuaginta.

Até o momento, os estudos confirmaram que existe freqüente concordância entre 4QSam^a e a Septuaginta. Contudo, há também discrepâncias que precisam de explicação, e foi apresentada a sugestão de que cada um deve ser considerado uma fonte independente. É interessante que, onde Samuel e Crônicas se sobrepõem, o texto de Qumran freqüentemente preserva um texto bem mais próximo ao de Samuel utilizado pelo autor de Crônicas do que ao texto tradicional de Samuel sobrevivente da Idade Média (o TM).

2. Acredita-se que 4QSam^b, junto com uma porção em mau estado de Jeremias e um fragmento de Êxodo, seja um rolo de grande importância, uma propriedade da comunidade de Qumran desde o seu início, no terceiro século a.C. Esse manuscrito arcaico “obviamente reflete em muitos pontos um texto anterior tanto à revisão proto-massorética quanto àquela subjacente à Septuaginta, embora tenha claras afinidades com esta última”.¹

Pressupondo-se que o texto de Samuel na Septuaginta foi traduzido no Egito, questiona-se se textos foram levados do Egito para Qumran. Cross não vê nenhum motivo razoável para supor que isso tenha acontecido e conclui, dizendo que esse manuscrito “é uma prova da vertente de tradição paralela que persiste na Palestina desde época anterior à divergência entre o texto palestino de Samuel usado pelo cronista e a tradição hebraica textual sobrevivente no Egito”. Essa divergência teria ocorrido não antes do quarto século a.C. e não depois do início do terceiro século a.C.

Permanece a pergunta sobre onde se originou o TM, que tem servido de base para as traduções no vernáculo. Visto que Cross acredita que isso não ocorreu nem na Palestina nem no Egito, ele levanta a hipótese de que o texto protomassorético desenvolveu-se independentemente na Babilônia, sendo reintroduzido na Palestina no período helenista ou até mais tarde. No momento, porém, não temos à

1. Cross, *Library of Qumran & Modern Biblical Studies*, p. 190.

disposição nenhuma prova quanto ao lugar de origem das várias “famílias” de textos. A analogia com um livro como Isaías (pois o grande rolo de Isaías de Qumran estava nesse texto “padrão” ou proto-massorético) é um argumento de que ele é antigo.

3. O terceiro manuscrito contém partes de 2 Samuel 14 e 15, junto com quatro fragmentos, e foi descrito detalhadamente por E. C. Ulrich. Ele o coloca no primeiro quartel do primeiro século a.C., identifica outro trabalho do mesmo escriba e expõe suas idiossincrasias como copista. Ulrich conclui assim seu estudo: “Apesar de muitos lapsos, ele [o escriba de 4QSam^c] produziu um texto notavelmente superior ao nosso *textus receptus* massorético... pois, tendo enriquecido consideravelmente nosso conhecimento do texto e da história textual de Samuel, [ele] merece nossa gratidão”.¹ Embora o texto fornecido esteja limitado a dois capítulos, esse manuscrito tem influência na definição das primeiras formas do texto de 1 e 2 Samuel.

A tarefa que defronta os tradutores do Antigo Testamento, a saber, decidir por um “texto-fonte” (a versão do hebraico em cima da qual todos os eruditos participantes realizarão seu trabalho), exige um conhecimento bem especializado e um julgamento competente, a fim de que todos os dados relevantes sejam levados em consideração. O texto hebraico padrão (o TM) é básico porque ele próprio foi produto de esforços feitos por estudiosos para garantir que só tradições autorizadas fossem passadas adiante, e fez-se o máximo para preservar intacto o texto estabelecido no início do segundo século A.D. Existem, porém, muitos lugares onde o TM de Samuel está incompreensível, em parte porque a linguagem do Antigo Testamento não é mais perfeitamente conhecida, mas também devido a erros cometidos durante o trabalho de cópia.

Raija Sollamo, membro da Comissão Finlandesa de Tradução da Bíblia, publicou os princípios adotados por essa comissão para o estabelecimento de seu texto.² Sollamo assinala que, em teoria, é conveniente dividir a história do texto hebraico em quatro estágios: i. os tex-

1. Ulrich, “4QSam^c”, p. 25.

2. R. Sollamo, “The Source Text for the Translation of the Old Testament”, *BT* 37/3 (1986), p. 319-322. Não se faz aí qualquer menção às evidências de Qumran.

tos escritos mais antigos, não mais disponíveis; ii. textos finalmente compilados e editados (e.g., os livros de Samuel/Reis); iii. o texto consonantal aprovado por eruditos judeus, depois de 70 A.D.; iv. o TM com vogais e pontuação já inseridas. O objetivo é usar o segundo estágio como texto-fonte para a tradução:

Não há razão para ter como objetivo o primeiro estágio, pois então a crítica literária seria necessária, a Bíblia teria de ser dividida em pedaços e ainda assim só chegaríamos a um texto-fonte hipotético. Mesmo a reconstrução do segundo estágio é repleta de dificuldades, e jamais conseguiremos fazê-la perfeitamente.¹

A referência à “crítica literária”, ou crítica das fontes, está associada àquilo que já escrevemos com relação aos métodos de abordagem. O especialista em estudos textuais é obrigado a trabalhar com os livros tal como nos foram transmitidos, empregando o TM sempre que este for satisfatório e o texto consonantal quando a vocalização parece ser errônea e as consoantes permitem uma tradução com sentido. Quando nada disso é claro, as traduções antigas podem ser consultadas; mas esta comissão em particular tem grande respeito pelo TM e, onde não se pode chegar a uma conclusão confiável, tende a traduzir de acordo com a tradição de versões mais antigas.

Entretanto, nem toda comissão de tradução é tão cuidadosa em conservar a tradição; os tradutores da NAB, por exemplo, ficaram tão impressionados com leituras de textos de Qumran, publicadas por F. M. Cross, que os incorporaram em sua tradução. Nos livros de Samuel, as *Notas Textuais* publicadas registram mais de 400 emendas, das quais a grande maioria baseia-se na LXX; dessas emendas, 73 são sustentadas por um texto de Qumran, e 22 seguem um texto de Qumran sem qualquer outro apoio.² Desse modo, questiona-se se a tradução resultante deve ser considerada superior às versões habituais de 1 e 2 Samuel — um assunto que interessa a todo leitor e não somente àqueles treinados no estudo textual.

1. *Ibid.*, p. 320.

2. *Textual Notes on the New American Bible* (Paterson, N. I.: St Anthony’s Guild, sem indicação de data ou de editor), p. 342-351.

Um desafio bastante significativo à tese de que 4QSam^a e a LXX geralmente são superiores ao TM de Samuel partiu de Stephen Pisano.¹ Após analisar cerca de 70 passagens onde 4QSam^a ou a LXX diferem do TM, devido a um acréscimo ou a uma supressão importante, sua conclusão é de “que na imensa maioria dos casos um acréscimo ou uma supressão importante ocorrendo na LXX ou em 4QSam^a em relação ao TM indica uma atividade literária adicional feita pela LXX ou por 4QSam^a”.² Por isso, ele recomenda cautela ao emendar precipitadamente o TM com base em outro texto, em especial quando grandes inserções e omissões são consideradas, embora reconheça que os textos da LXX e de 4QSam^a são úteis para a restauração dos textos hebraicos onde ocorreram corruções devido a algum erro na transmissão.

Numa resenha sobre o livro de Pisano, H. G. M. Williamson julga convincentes os argumentos a respeito de algumas passagens, mas em geral o considera excessivamente relutante em se afastar do TM. Williamson insiste em que “nem o TM nem (como se tornou comum) a LXX devem receber a preferência da dúvida, mas cada caso deve ser julgado a partir de suas próprias peculiaridades”.³ Isso envolve uma grande dose de trabalho extra, mas avaliar todos os argumentos de cada caso conduzirá, por fim, a juízos mais confiáveis.

Dois considerações podem ser úteis para o leitor não-especialista: 1. A elaboração do texto consonantal hebraico padrão, tarefa feita por volta de 100 A.D., foi considerada necessária porque os manuscritos em circulação apresentavam variantes que os mestres tradicionais julgavam estar menos próximas do original do que os melhores textos disponíveis. 2. Mesmo quando os textos de Qumran parecem fazer mais sentido, é necessário ter cautela, porque alguns dos mais antigos escribas (isto é, aqueles que trabalharam antes de 100 A.D.) não eram contrários à harmonização ou à inovação; daí a necessidade de um texto oficial. Uma vez que os textos de Qumran foram publicados, de

1. S. Pisano, *Additions or Omissions in the Books of Samuel: The Significant Pluses and Minuses in the Massoretic, LXX and Qumran Texts* (Freiburg: Universitätsverlag, e Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1984).

2. *Ibid.*, p. 283.

3. H. G. M. Williamson, em *JTS* 37 (1986), p. 458-461.

modo que o trabalho em cima deles está disponível para exame do público e para juízo dos eruditos, deve-se tornar mais fácil a verificação do papel de tais textos no estabelecimento do texto hebraico. Neste comentário, são assinaladas algumas leituras alternativas, mas nem sempre é possível decidir por uma delas.

Mesmo acadêmicos que têm feito estudos aprofundados dos Manuscritos do Mar Morto (como é o caso de Geza Vermes, que desde o início esteve ligado aos estudos de Qumran) reconhecem sua incapacidade de se manifestar a respeito das afirmações e sugestões de outros estudiosos. Vermes considera especialmente problemática a existência de uma variedade tão grande de textos anteriores ao segundo século a.C., e cogita se a falta de necessidade de unidade textual antes desse período não se deve “à autoridade doutrinária e legal incontestada do sacerdócio, o qual se considerava divinamente nomeado para essa suprema função doutrinária e judicial”.¹ Sem dúvida, circunstâncias sócio-históricas são importantes e, embora o caso não seja exatamente igual, pode-se cogitar quantas recensões da Bíblia deve haver na China, onde os cristãos fazem suas próprias cópias dos livros da Bíblia. O que nos deve impressionar mais do que a diversidade de pequenas diferenças no texto é a surpreendente semelhança entre todos os livros e manuscritos descobertos até o momento. Assim que os manuscritos de Qumran foram descobertos, esperava-se que fossem marcantemente diferentes, “por serem aproximadamente mil anos mais antigos do que os primeiros códices massoréticos”, mas “a expectativa não se concretizou”.² Embora certamente ainda haja muitas questões sem resposta, considerações como essas ajudam a manter o problema dentro de sua devida perspectiva.

1. Vermes, “Biblical Studies and the Dead Sea Scrolls 1947—1987”, p. 125.

2. Ibid., p. 120.

ANÁLISE

1. O FIM DE UMA ERA: SAMUEL, O ÚLTIMO JUIZ DE ISRAEL (1 Samuel 1.1-12.25)
 - a. O nascimento e a infância de Samuel (1.1-4.1a)
 - i. A oração de uma mulher é respondida (1.1-28)
 - ii. Ana exulta no Senhor (2.1-10)
 - iii. Samuel se depara com a corrupção em Siló (2.11-36)
 - iv. O Senhor chama Samuel (3.1-4.1a)
 - b. Calamidade, arrependimento e livramento (4.1b-7.17)
 - i. Derrota e perda da arca da aliança (4.1b-22)
 - ii. Os filisteus têm problemas com a arca (5.1-12)
 - iii. A volta da arca (6.1-7.2)
 - iv. Arrependimento e nova consagração em Mispa (7.3-17)
 - c. A questão da monarquia (8.1-12.25)
 - i. O pedido de um rei (8.1-22)
 - ii. A unção secreta de Saul (9.1-10.16)
 - iii. Saul é escolhido e aclamado rei (10.17-27)
 - iv. Saul é confirmado como rei (11.1-15)
 - v. Samuel transfere o poder a Saul (12.1-25)
- II. SAUL: O PRIMEIRO REI (1 Samuel 13.1-31.13)
 - a. Incidentes básicos no reinado de Saul (13.1-15.35)
 - i. Jônatas ataca a guarnição filistéia (13.1-23)
 - ii. A segunda iniciativa de Jônatas (14.1-23)
 - iii. O voto precipitado de Saul (14.24-46)
 - iv. Um panorama do reinado de Saul (14.47-52)
 - v. O confronto final de Samuel com Saul (15.1-35)
 - b. Davi se destaca (16.1-19.17)
 - i. A unção secreta de Davi (16.1-13)
 - ii. Saul precisa de um músico (16.14-23)
 - iii. Saul precisa de um guerreiro para combater Golias (17.1-18.5)

- iv. O ciúme e o medo que Saul sente de Davi (18.6-30)
- v. Jônatas e Mical salvam a vida de Davi (19.1-17)
- c. Davi, o fora-da-lei (19.18-26.25)
 - i. Davi se refugia junto a Samuel (19.18-24)
 - ii. Davi e Jônatas fazem uma aliança (20.1-43)
 - iii. O sacerdote Aimeleque ajuda Davi (21.1-9)
 - iv. Davi enfrenta o perigo em Gate (21.10-15)
 - v. Davi em Adulão e em Moabe (22.1-5)
 - vi. O preço de proteger Davi (22.6-23)
 - vii. Saul caça a Davi (23.1-29)
 - viii. Davi poupa a vida de Saul (24.1-25.1a)
 - ix. Davi conquista Abigail (25.1b-44)
 - x. Davi poupa a vida de Saul pela segunda vez (26.1-25)
- d. Davi recorre aos filisteus (27.1-31.13)
 - i. Com Aquis, rei de Gate (27.1-28.2)
 - ii. Saul consulta uma médium (28.3-25)
 - iii. A providencial rejeição de Davi por parte do exército filisteu (29.1-11)
 - iv. Davi e os amalequitas (30.1-31)
 - v. A última batalha de Saul (31.1-13)

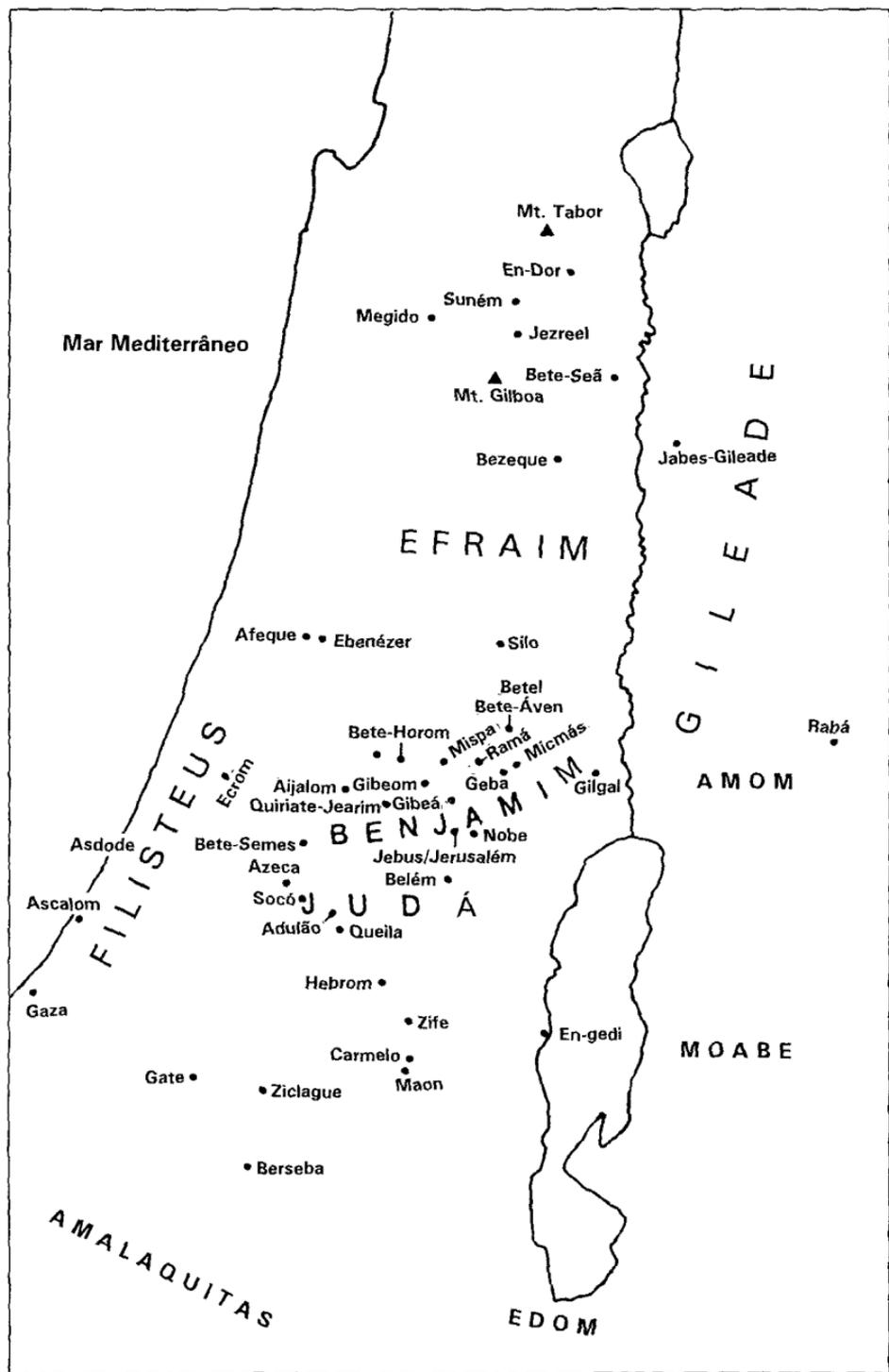
III. O REINADO DE DAVI (2 Samuel 1.1-20.26)

- a. A ascensão de Davi ao poder em Judá (1.1-4.12)
 - i. Davi recebe a notícia da morte de Saul (1.1-16)
 - ii. O lamento de Davi (1.17-27)
 - iii. Davi é rei em Hebrom (2.1-4a)
 - iv. Embaixadores de Davi são enviados a Jabes-Gileade (2.4b-7)
 - v. O reino rival (2.8-3.1)
 - vi. Os filhos e os herdeiros de Davi (3.2-5)
 - vii. Abner deserta para o lado de Davi (3.6-21)
 - viii. A morte de Abner (3.22-39)
 - ix. A queda da casa de Saul (4.1-12)
- b. Davi é rei sobre todo Israel (5.1-9.13)
 - i. A aliança de Davi com Israel (5.1-5)
 - ii. Davi faz de Jerusalém sua cidade (5.6-16)
 - iii. Davi derrota duas vezes os filisteus (5.17-25)

- iv. Davi torna Jerusalém a cidade de Deus (6.1-23)
- v. Uma casa para o Senhor (7.1-29)
- vi. O estabelecimento do império de Davi (8.1-14)
- vii. Davi delega responsabilidades (8.15-18)
- viii. Davi honra um possível rival (9.1-13)
- c. A crise pessoal de Davi (10.1-12.31)
 - i. Guerra com Amom (10.1-19)
 - ii. O adultério de Davi (11.1-27)
 - iii. O profeta confronta o rei (12.1-15a)
 - iv. A morte da criança (12.15b-23)
 - v. O nascimento de Salomão (12.24, 25)
 - vi. O fim da guerra amonita (12.26-31)
- d. Tal pai, tais filhos (13.1-19.40)
 - i. Amom violenta sua meia-irmã Tamar (13.1-22)
 - ii. A vingança de Absalão (13.23-39)
 - iii. A ousada iniciativa de Joabe (14.1-33)
 - iv. A revolta de Absalão (15.1-37)
 - v. Os confrontos de Davi e as tramas de Absalão (16.1-17.29)
 - vi. A derrota e a morte de Absalão (18.1-33)
 - vii. Rompendo o impasse (19.1-40)
- e. O descontentamento em Israel (19.41-20.26)

IV. EPÍLOGO (2 Samuel 21.1-24.25)

- A. Um legado do passado (21.1-14)
 - B. Davi e seus assassinos de gigantes (21.15-22)
 - C. Um dos grandes salmos de Davi (22.1-51)
 - C¹. As últimas palavras de Davi (23.1-7)
 - B¹. Mais menções de bravura (23.8-39)
- A¹. O juízo divino cai novamente sobre Israel (24.1-25)



Mar Mediterrâneo

EFRAIM

G I L E A D E

F I L I S T E U S

BENJAMIM

JUDÁ

AMOM

MOABE

AMALAQUITAS

EDOM

Israel no tempo de Davi

COMENTÁRIO

I. O FIM DE UMA ERA: SAMUEL, O ÚLTIMO JUIZ DE ISRAEL (1 Samuel 1.1-12.25)

a. O nascimento e a infância de Samuel (1.1-4.1a)

No texto hebraico, 1 Samuel 1 vem imediatamente após Juízes 21, enquanto o livro de Rute fica entre os “Escritos”, a terceira divisão das escrituras hebraicas. O cânon cristão, ao inserir o livro de Rute no lugar a que pertence em termos históricos, “nos dias em que julgavam os juízes” (Rt 1:1), chamou atenção para a importância teológica de Davi na qualidade de predecessor daquele que nasceu como “Rei dos judeus”, em Belém. Além do mais, a moabita Rute foi ancestral de Davi por meio de Boaz, o parente-resgatador (*gō'ēl*), e a genealogia (Rt 4.18-22) é outro elo com os evangelhos (Mt 1.5; Lc 3.31, 32).

Os capítulos finais do livro de Juízes, com o refrão “não havia rei em Israel” (Jz 18.1; 19.1; 21.25), preparam o caminho para novos desdobramentos na liderança de Israel. Os “juízes” haviam sido líderes tanto militares quanto judiciais, eficazes numa emergência, (embora Sansão não tenha cumprido a promessa feita inicialmente) mas limitados por suas fronteiras geográficas e pela natureza de seu cargo, pois não nomeavam seus sucessores.¹ Em épocas de incerteza, por causa da pressão de agressores externos, Israel sentia a necessidade de um líder que unisse as tribos, tivesse um exército fixo eficiente e estivesse à al-

1. D. J. Wiseman, *EOPN*, p. 147-149, compara a função do chamado “juiz” (*šōpēl*) com a do “governador” (*Sāpūtum*) em Mari. Esses governadores regionais atuavam em nome dos governadores supremos que os nomeavam, mas eram responsáveis pela lei e pela ordem, pela diplomacia, pela tributação e pelas transações comerciais.

tura daqueles que conduziam seus inimigos à vitória. Não surpreende que em Israel houvesse divergências de opinião quanto à validade de pedir um rei quando o Senhor era seu Rei, e Samuel, seguindo o estilo de Moisés, em sua condição de juiz, sacerdote e profeta, suportou o impacto do conflito.

i. A oração de uma mulher é respondida (1.1-28). Sem qualquer preocupação com a incongruência, o livro principia com a apresentação de uma família em particular. Inicialmente, menciona-se o marido, mas a principal personagem do capítulo será a primeira esposa citada, ousada o suficiente para crer que Deus ouviria e responderia à sua oração por um filho. O capítulo registra a resposta à sua oração e termina com o cumprimento de seu voto. Os motivos dela podem ter sido vários, mas seu pedido estava de acordo com a vontade soberana de Deus, que estava preparando para trazer ao mundo um homem que fosse Seu fiel representante e porta-voz.

1. A frase inicial, *Houve um homem*, é idêntica à de Juizes 13.2 (*cf.* Jz 17.1; 19.1), mantendo assim uma continuidade em relação à era dos juizes, mas introduzindo um novo ponto de partida na série de pessoas e acontecimentos escolhidos para menção especial. A localização de *Ramataim-Zofim* é incerta; em 1 Samuel 2.11, é chamada simplesmente de “*Ramá*”, palavra proveniente do verbo hebraico *rúm*, que tem o sentido de “estar no alto”: em geral, antigas cidades na vizinhança ficavam no alto dos montes. A forma da palavra *Ramataim* indica duas elevações adjacentes sobre as quais a cidade foi construída. O nome mais longo pode estar distinguindo esta cidade, em Efraim, da freqüentemente mencionada *Ramá*, em Benjamim (*cf.*, e.g., Jz 19.13). A proeminência de *Ramá* em 1 Samuel 1-7 levou à sugestão de que *Ramá* tornou-se o próspero centro religioso após a queda de Silo e de que esses capítulos talvez tenham sido compilados e preservados ali.¹ Infelizmente, inexistindo provas, isso deve permanecer como conjectura.

1. J. T. Willis, “An Anti-Elide Narrative Tradition from a Prophetic Circle at the Ramah Sanctuary”, *JBL* 90 (1971), p. 307.

A genealogia de Eleana, mencionada até a quarta geração passada, pode ser uma indicação de sua posição na sociedade, embora nada mais se conheça sobre as pessoas ali citadas. Por outro lado, em Crônicas, Eleana é um nome recorrente na lista dos descendentes de Coate (1 Cr 6.22-30), e 1 Crônicas 6.33, 34 apresenta Samuel como um levita. Mas como um efraimita também pode ser levita? Vale assinalar o seguinte: i. Belém é também chamada Efrata no Antigo Testamento (Gn 35.16, 19; Rt 4.11; Mq 5.2) e “efraimita” (*Eḫrāit*) pode indicar um membro da tribo de Efraim ou um belemita; ii. havia ligações entre os levitas de Belém e os da região montanhosa de Efraim (Jz 17.7-12; 19.1-21). Se Eleana teve algum vínculo de parentesco com pessoas de Belém, seria natural que seu filho Samuel voltasse ali para oferecer sacrifício (1 Sm 16.2, 5),¹ embora a família tivesse se reunido mais freqüentemente em Silo, o santuário de Efraim (v. 3).

2. A maneira hábil como são apresentadas as duas esposas (Ana, Penina, Penina, Ana) prepara o leitor para a expectativa de que a esposa estéril torne-se mãe. *Ana*, cujo nome significava “graça”, estava sendo provada, à semelhança de mulheres famosas que a precederam (Gn 11.30; 25.21; 29.31; Jz 13.2).

3-8. Para a família, o ponto alto em todo o ano era a jornada anual a Silo para adoração comunitária e sacrifício. Quer isso deva ser identificado com a festa do Senhor mencionada em Juizes 21.19, quer fosse apenas uma festa familiar, não é um fato importante para se compreender o relato, embora fosse instrutivo saber se era uma das festas descritas em Êxodo 23.14-17.

A expressão *Senhor dos Exércitos* (*Yahweh š'ēbā'ôṭ*) é usada aqui pela primeira vez no A.T. em ligação com o santuário de Silo, ocorrendo depois freqüentemente nos livros de Samuel (*cf.* 1 Sm 1.11; 4.4; 15.2; 17.45; 2 Sm 5.10; 6.2, 18; 7.8, 26, 27), Reis, Crônicas e nos profetas. Os “exércitos”, forças pertencentes ao grande Deus Criador, consistiam em anjos (Js 5.14), estrelas (Is 40.26) e homens (1 Sm 17.45). O nome exprime os recursos e o poder infinitos à disposição de Deus, à medida que Ele atua em favor de Seu povo.

1. M. Haran, *Temples and Temple Service in Ancient Israel* (Oxford: Clarendon Press, 1978), p. 307-309, uma seção intitulada “The Yearly Family Sacrifice”.

A adoração constante oferecida ano após ano por Elcana e sua família estabeleceu um exemplo positivo de vida fiel e piedosa; em contraste, sabia-se que os líderes sacerdotais levavam vidas escandalosas (1 Sm 2.12-17). No momento, porém, eles são mencionados apenas pelo nome, e o interesse está voltado para o tenso relacionamento entre Ana e Penina, que participavam da festa junto com o marido Elcana. Embora a monogamia ainda não fosse prática comum, suas vantagens devem ter ficado óbvias diante de situações como essas.

A festa de família que ocorria após o sacrifício era o ponto culminante da peregrinação. Conquanto nenhum ofertante comesse a carne oferecida por seu próprio pecado ou culpa, ele recebia de volta uma parte substancial de sua oferta pessoal de gratidão ou “pacífica” (Lv 7.11-18), e essa carne era saboreada na refeição em que se comemorava a comunhão restaurada com Deus. Penina geralmente escolhia esse momento para provocar Ana. O falatório alegre dos filhos de Penina, enquanto saboreavam suas *porções*, já bastaria para lembrar o isolamento de Ana, sem necessidade de outras provocações e insinuações. Invariavelmente, Ana caía em pranto e não experimentava sua comida. Em vão Elcana tentava consolar a esposa. *Não te sou eu melhor do que dez filhos?* (cf. Rt 4.15) era evidentemente uma expressão de uso comum.

9-11. Enquanto todos os demais festejavam, Ana aproveitou a oportunidade para orar no *templo do Senhor* (v. 9). Não existe qualquer registro nas Escrituras da construção desse “templo” e, apesar de escavações realizadas no ponto onde ficava Silo, na atual Seilūn, cerca de 14 quilômetros ao norte de Betel, não se sabe quase nada sobre isso; não foi encontrado nenhum vestígio dele.¹ Se Ana entrou ou não no santuário é algo incerto. Ela estava tão perturbada que parece não ter percebido a presença de Eli, não hesitando em apresentar, em oração ao Senhor, sua situação desesperada. Para ela, o poder do Senhor dos Exércitos não se limitava às conquistas militares; Ana credi-

1. O que se pode dizer é que a ocupação do local ocorreu com a conquista israelita, e existe um intervalo de centenas de anos entre essa ocupação e a anterior. Veja a nota adicional sobre o templo do Senhor em Silo, p. 65-68.

tava que Ele sabia tudo sobre ela e que podia lhe dar um filho. De sua parte, ela reconhecia que qualquer filho que viesse a ter seria uma resposta à oração e, por isso, fez o voto de devolvê-lo a Deus, que o havia dado. O cumprimento do voto mostra que o sentido atribuído a essas palavras era bem literal (v. 24).

E sobre a sua cabeça não passará navalha implica um voto de nazireado, como aquele prescrito pelo anjo do Senhor para Sansão (Jz 13.5; cf. Nm 6). O verbo *nāzar* significa “separar”, “consagrar”. Ana fez voluntariamente o voto em nome de seu filho, o qual, devido ao cabelo sem corte, ficaria conhecido como alguém consagrado ao Senhor. As origens de tal prática parecem remontar à cultura semítica. Para aquela campesina simples, desesperada por ter um filho, era a maneira apropriada de demonstrar sua gratidão.

12-18. Eli rapidamente censurou aquilo que interpretou como embriaguez. Foi um sério engano, mas isso sem dúvida nos ensina algo sobre os problemas que ele muitas vezes tinha de enfrentar. Assim que viu como era genuína a necessidade da mulher e como era sincera sua fé, fez o melhor para confortá-la. A expressão *vai-te em paz* expressiu sua aceitação da explicação dela e, embora a conversa registrada não se refira ao conteúdo da oração, Eli acrescentou sua oração sacerdotal, para o atendimento do pedido. *A petição que lhe fizeste* é literalmente “o pedido que pediste”. O hebraico *šā’al*, “pedir”, será retomado nos versículos 27 e 28.

Há um notável contraste entre a Ana que, perturbada e avessa à comida, foi orar e a Ana que voltou para se juntar à família. Embora exteriormente suas circunstâncias não tivessem mudado, agora ela estava jubilosa e decidida, cheia de confiança de que sua oração seria respondida.

19-20. Embora a família tenha partido bem cedo, eles adoraram antes de viajar para casa. “O Senhor se lembrou” (IBB) de Ana, do mesmo modo como havia Se lembrado de Noé (Gn 8.1) e de Sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó (Êx 2.24), e isso não insinua que Sua memória fosse falha, mas indica que Ele estava na iminência de operar Seu propósito de revelação. Desse modo, Ana deu à luz *Samuel*, que significa “o nome [de Deus] é El”, uma referência ao poder do Deus a quem ela havia orado. Alguns comentaristas assinalaram que a

justificativa de Ana (*Do Senhor o pedi*) sugere que o nome “Saul”, da raiz hebraica *šā'al*, teria sido mais apropriado, enquanto outros levantaram a hipótese de que o incidente ocorreu originalmente com relação ao nascimento de Saul, sendo transferido para o de Samuel. Ana estava dando testemunho de seu Deus, que responde às orações, e não dando a exata etimologia do nome.

21-23. Elcana tem o cuidado de não deixar que nada impeça o cumprimento de seus compromissos em Silo. Ana participa da dedicação do marido. Embora ela tenha permanecido em casa até Samuel ser desmamado, com a idade de dois ou três anos (*cf.* 2 Macabeus 7.27; o desmame ocorre mais tarde onde não há alimentos especialmente preparados para um bebê), ela tinha plena intenção de cumprir seu voto. Assim que ela levasse a criança *perante o Senhor*, isso seria *para sempre*. 4QSam^a acrescenta nesse ponto: “... e o consagrarei como nazireu para sempre, todos os dias de [sua vida]”; esta expansão não ocorre em qualquer outro texto ou versão.

Elcana não hesita em apoiar a decisão de sua esposa: *tão-somente confirme o Senhor a sua palavra*. Assim lê o TM, ao passo que 4QSam^a, a LXX e a versão siríaca trazem “tua palavra”, uma leitura preferível aqui (*cf.* Nm 30.2); isto é, “que o Senhor te capacite a cumprir teu voto”.

24. Ana o cumpriu. Ela levou a criança à casa do Senhor em Silo, *com um novilho de três anos* (“três touros”). Embora a leitura feita pela ARA, que tem o apoio de 4QSam^a bem como da LXX e da Peshita, seja amplamente aceita, havia três ofertas de sacrifício a serem feitas.¹ A escolha de touros, quando animais menores seriam aceitáveis (Lv 12.6), revela a gratidão tanto de Ana quanto de Elcana.

Era o menino ainda muito criança (literalmente “a criança era uma criança”): a LXX e 4QSam^a trazem aqui uma leitura mais longa:

1. *Cf.* G. J. Wenham, *The Book of Leviticus*, NICOT (Londres: Hodder & Stoughton, 1979), p. 79, n. 12. As três eram “oferta queimada... a oferta de purificação que se esperava após o nascimento de uma criança (Lv 12)... e a oferta pacífica” em cumprimento de um voto. Wenham também observa que “um efa de farinha... é aproximadamente três vezes a quantidade normal que se devia oferecer com um touro (Nm 15.9)”, o que estaria de acordo com a idéia de três touros.

“e o menino estava com eles. E eles vieram perante o Senhor, e seu pai matou o sacrificio conforme fazia ano após ano perante o Senhor, e ela trouxe o menino...” A inferência é que, entre as duas ocorrências da palavra “criança”, algumas palavras se perderam do antigo texto hebraico.

25-28. O testemunho sincero de Ana certamente deve ter impressionado Eli, enquanto ele se recordava da ocasião quando ela havia estado perto dele, absorta na oração. A questão de Ana é enfatizada por um jogo de palavras com a raiz *šā'al* (cf. o comentário sobre vv. 12-18); ela ocorre quatro vezes: “o Senhor me concedeu minha *petição* que eu lhe *pedi*. Por isso eu o *pedi* [o verbo também significa “emprestei”] ao Senhor... Ele foi *pedido* ao Senhor”. O contraste entre a devoção altruísta de Ana e a auto-indulgência dos sacerdotes de Silo (1 Sm 2.12) acentua quanto lhe custou deixar Samuel ali, embora isso não seja diretamente mencionado. Pessoas como ela eram sal e luz na comunidade. Ironicamente, há aqui um enfraquecimento sutil da autoridade de Eli: “Será Samuel, não seu senhor Eli, que ouvirá claramente a voz de Deus dirigindo-Se a ele no santuário”.¹

ii. *Ana exulta no Senhor (2.1-10)*. Este poema, expressando uma firme confiança no Deus que controla e julga o mundo todo, geralmente é aceito como um hino já existente que Ana adotou para si ou como uma composição posterior colocada em seus lábios por um compilador, muito tempo depois. Por um lado, W. F. Albright diz: “Um verso bastante arcaico foi preservado no cântico de Ana... É muito provável que ele remonte à época de Samuel”;² por outro lado, Raymond Tournay comenta a notável estrutura do poema e acredita que provavelmente seja datado do período do segundo templo.³ Datações tão divergentes assim, separadas por aproximadamente 500 anos, indicam que os critérios de averiguação são inadequados e que, no momento, é impossível estabelecer a data do poema com algum grau de

1. Alter, p. 86.

2. W. F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (Londres: Athlone Press, 1968), p. 18.

3. R. Tournay em *Orbis Biblicus et Orientalis* 38 (1981), p. 553-573.

certeza. Conseqüentemente, por que Ana não poderia ter manifestado seu júbilo dessa forma, adaptando para seus objetivos a fraseologia poética do Israel antigo? Exemplos bíblicos de poesia antiga são o cântico de Moisés (Êx 15), que Albright aponta como talvez “uma espécie de hino nacional israelita”,¹ o cântico de Débora (Jz 5) e os oráculos de Balaão (Nm 23.7-10, 18-24; 24.3-9, 15-24). Obviamente, ela pode ter escolhido um hino apropriado dentre os existentes na coletânea de Silo.

As palavras que precedem o hino variam nas versões antigas, sendo que o TM traz: “E ele adorou o Senhor ali” (1 Sm 1.28c; *cf.* ARC). É impossível dizer se o sujeito pretendido é Eli ou Samuel; a BLH traz “eles adoraram a Deus ali”, explicando em uma nota de margem que essa é a leitura de algumas versões antigas (daí ARA e IBB) e dizendo que o hebraico traz “ele”. Um manuscrito da LXX omite essa afirmação em 1 Samuel 1.28, mas inclui uma equivalente em 1 Samuel 2.11. Em 4QSam^a se lê “e ela o deixou ali e adorou o Senhor”, o que satisfaz a expectativa de que Ana seria mencionada em 1 Samuel 1.28 ou em 1 Samuel 2.11.²

Entre os detalhes arcaicos do cântico de Ana, Albright inclui a referência a Deus como *Rocha* ou “montanha” (*şûr*), como no cântico de Moisés (Dt 32.31, 37), e a repetição da mesma palavra, em lugar do uso de um sinônimo em linhas paralelas de versos (e.g., *o Senhor* nos versículos 1, 6, em vez de variar o nome). Ele também vê no versículo 10 paralelos com textos ugaríticos; contudo, embora nesses textos a autoridade verdadeira seja de Baal, em Samuel ela pertence a Javé (lendo-se “dando poder ao seu reinado” [*molhô*] onde o texto traz [*ele*] *dá força ao seu rei* [*malkô*]).³ Na última linha do versículo, porém, *seu ungido* continua a apontar para um rei, deixando implícito que Israel tinha um governante humano, a menos que Ana, a mãe do promotor de

1. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan*, p. 11.

2. Podem-se encontrar maiores detalhes em McCarter 1980, p. 57-58. Ele comenta: “As testemunhas divergem aqui devido à confusão causada pela inserção do cântico de Ana”. Talvez isso esclareça tudo, mas pode haver outras explicações. A LXX traz “ela foi para Ramá”, em 1 Samuel 2.11.

3. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan*, p. 18-19.

reis, tivesse uma premonição vinda de Deus acerca do papel de Samuel (*cf.* 1 Sm 10.1; 16.6, “o ungido do Senhor”). É mais comum sugerir que, se o cântico era em sua maior parte bastante antigo, a referência ao rei foi um acréscimo posterior.

Ana certamente tinha algo para celebrar com cântico: i. seu desejo de ter um filho havia sido cumprido; ii. ela havia provado, por experiência própria, que o Senhor, longe de desprezá-la, conheceu tudo sobre ela e responderia à sua oração (isso mesmo, até sua oração!); iii. agora que tinha devolvido seu filho ao Senhor, ela podia cantar com a plena alegria que surge quando se oferece uma dádiva cara; iv. talvez o mais notável de tudo seja que ela tinha uma certeza inabalável de que seu Deus controlava a seqüência providencial dos acontecimentos no mundo e, portanto, ela não precisa ter nenhuma angústia. Tudo estava em Suas boas e competentes mãos. Não surpreende que ela tenha adaptado frases poéticas e formas litúrgicas comuns em seus dias. Maria iria adaptar o cântico de Ana mil anos depois (Lc 1.46-55), e orações feitas em casa ainda refletem uma fraseologia familiar originária da adoração.

1. A ênfase nessas linhas iniciais repousa em *Javé, o Senhor*. Em primeiro lugar, há um testemunho pessoal acerca da experiência íntima de *tua salvação*; em seguida, porém, o salmo se expande para incluir nessa salvação uma solução adequada para problemas em todo o mundo.

Meu coração... minha força (lit. “chifre”) ... *minha boca*: a personalidade toda se une em exultação por causa daquilo que Deus tem feito e devido à Sua santidade e fidedignidade. *Minha boca se ri...* (*rāḥab*, “se escancara”) é usado figuradamente para indicar a derrota de um inimigo que é devorado (SI 33.21, 25).

2. As três linhas deste versículo, cada uma principiando com *não há* (*’ên*), fornecem um claro exemplo de tricólon, com suas linhas enfáticas, curtas, de três palavras cada. O Deus de Israel está além de qualquer comparação. Essa mensagem é transmitida tanto pela forma poética quanto pelas palavras.

3. *Não multipliqueis palavras de orgulho*: na presença desse Deus, a arrogância humana está totalmente deslocada, sendo até perigosa, em vista do modo pelo qual o Senhor “desequilibra” a ex-

periência humana. Esse é o sentido de *pesa*, na última linha. Os versículos seguintes ilustram a idéia com exemplos de inversões providenciais causadas por Deus.

4-5. O Senhor Deus onisciente vê os débeis e os desprivilegiados, e atua em seu favor (cf. “Bem-aventurados os mansos”, Mt 5.5); eis um tema recorrente nesses livros, especialmente na vitória de Davi sobre Golias (1 Sm 17).

Os que andavam famintos não sofrem [mais fome]: a ARA acrescentou as duas últimas palavras, que não têm equivalente no hebraico (cf. “e cessaram os famintos”, ARC). Foi demonstrado que um sentido secundário do verbo *hādāl*, “cessar”, é “ficar gordo”;¹ daí “os famintos ficam novamente fortes” (cf. NEB). *A estéril*, como a própria Ana, não se deve desesperar, pois outras mulheres sem crianças tiveram *sete filhos* (o número ideal; a própria Ana teve mais cinco, v. 21), enquanto uma com filhos “definha e morre” (NIV).

6. Este dístico, o mais surpreendente de todos, descreve o Senhor trazendo pessoas de volta à vida, saindo do domínio da morte. “Seol” (IBB), a morada dos mortos, é descrito como uma imensa caverna subterrânea, onde ocorre o julgamento (Dt 32.22; SI 88.3-6), mas o Senhor pode livrar até mesmo do Sheol (cf. v. 9).

7-8. A posição social das pessoas não deve ser considerada fixa e imutável, pois o Senhor tem pleno poder para invertê-la. Isso era uma boa notícia para aqueles de berço humilde, acostumados à pobreza, porque, caso olhassem para o Senhor, não mais seriam vítimas de sua deprimente situação.

Desde o monturo exalta o necessitado: o monte de lixo fora da cidade era o refúgio daqueles em profunda dificuldade (cf. Jó 2.8, 12). Se o Senhor eleva pessoas assim necessitadas a um lugar de honra, deve ser importante que Seus servos cooperem com Seu propósito e não apenas aceitem o *status quo*.

Porque do Senhor são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo: o sentido geral dessas linhas é claro — o Senhor estabeleceu

1. Resumo em Gottwald, p. 505. M. Dahood, “Are the Ebla Tablets Relevant to Biblical Research?”, *BAR* 6/5 (1980), p. 58, mostra que a raiz verbal tinha esse sentido nos textos de Ebla.

as “colunas” da estrutura social e moral da sociedade. O sentido exato de “colunas” (*m^esugê*) não é tão claro, porque o substantivo ocorre somente aqui e em 1 Samuel 14.5, onde, por transposição, é traduzido na ARA como um verbo: “se erguia”. A raiz verbal tem dois sentidos: i. “apertar”, “oprimir”; ii. “derramar”, “derreter” — daí “coluna fundida”, uma tradução bastante incerta. “Alicerces” (BLH) provavelmente seja nossa palavra mais aproximada.

9-10. Pensar em ordem moral conduz à questão do juízo depois da morte, ao qual *as extremidades da terra* estarão sujeitas. Essa é a recíproca do versículo 1: o Deus incomparável é o único juiz. *Os perversos* (v. 9b), *os que contendem com o Senhor* (v. 10a), são aqueles que Lhe opõem sua força (v. 9c); *seus santos* (v. 9a) e *seu ungido* (v. 10c), em contraste, são aqueles que guardam a aliança, não confiando em sua própria força, mas na de seu Deus.

A referência a *seu rei* antes que houvesse um rei em Israel tem sido a principal razão pela qual alguns negam que a autoria desse cântico seja de Ana. Embora Israel não tenha tido rei até alguns anos depois disso, a necessidade que sentiam disso já havia sido expressa na época dos juízes (Jz 8.22; 9). Contudo, a esperança de um rei era tão antiga quanto a aliança abraâmica (Gn 17.6), e o processo de ungir, adequado para a consagração de reis (Jz 9.15), fazia parte do ritual de Israel. Portanto, não há nada de anacrônico no discernimento de Ana de que estava para raiar uma era de realeza mediante o ministério de seu filho, pois ela desempenha um papel profético aqui.¹

É interessante, especialmente do ponto de vista da estrutura do livro, que o cântico de Davi, no final de 2 Samuel, retome alguns dos temas do cântico de Ana, incluindo as vitórias concedidas pelo Senhor a “seu rei... seu ungido” (2 Sm 22.51). É no cântico de Ana que a palavra “ungido” (*māšîah*, “messias”) é empregada pela primeira vez com referência ao rei.

1. Kirkpatrick 1880, p. 51: “O cântico de Ana é uma profecia verdadeira... Deixar de reconhecer isso levou críticos a negarem a autenticidade do cântico e a levantar a hipótese de que alguma antiga canção militar de vitória tenha sido erroneamente posta nos lábios de Ana pelo compilador do livro”.

Esse cântico, apropriado nos lábios de Ana, mas repleto de observações reveladoras da obra de Deus que dispõe sobre a vida humana, o que lhe deu aplicação abrangente, tornou-se o modelo do cântico de gratidão de Maria (Lc 1.46-55). Uma comparação cuidadosa dos dois poemas revela a mesma sensação de maravilha diante da misericórdia divina para com uma mulher humilde em Israel, de acordo com Seu caráter, ao longo do tempo, como o Deus justo que atinge Seus bons propósitos. Existe semelhança entre os dois cânticos, mas ao mesmo tempo eles são bem distintos.

Em seu contexto, o cântico de Ana incentiva uma interpretação específica: na providência do Senhor, pessoas de origem humilde chegam a ser líderes importantes. Questiona-se então se o cântico tinha alguma nuance política para o povo de Deus. Eles tinham vindo para a terra de Canaã, com poucos bens, a fim de encontrar cidades relativamente ricas que, sob a boa mão de seu Deus, haviam tomado. “Aqueles pessoas anteriormente dominadas por outros, experimentando privações em todos os aspectos básicos de sua existência, agora são donas de sua própria vida, têm abundância de provisões, reproduzem-se com toda fertilidade e estão socialmente satisfeitas”.¹ Desse modo, a palavra divina tinha credibilidade diante de Israel porque o povo de Deus podia ver que ela operava de forma concreta, quer para indivíduos, quer para toda a comunidade. A manifestação do juízo de Deus, era tão imparcial quanto o derramamento de Sua bênção, e logo o juízo cairia sobre aqueles que desprezavam a lei de Deus bem ali no santuário aonde Ana havia levado seu filho.

iii. Samuel enfrenta a corrupção em Silo (2.11-36). 11. O menino ficou servindo o Senhor: o verbo “servir” (*šārat*) ocorre em contextos domésticos e políticos, mas seu uso mais freqüente diz respeito ao serviço no santuário. Samuel servia como sacerdote, até onde sua idade permitia, sob a direção de Eli.

12. Os filhos de Eli, que até este ponto haviam sido apenas citados pelo nome (1 Sm 1.3), agora se tornam o centro da atenção. Em

1. Gottwald, p. 540.

suma, eram uma corja, “homens ímpios” (“homens sem valor”, RSV), que *não se importavam com* (lit. “não conheciam”) o Senhor.

13-17. Esta rara descrição da adoração em Canaã antes da monarquia revela alguma familiaridade com as regras levíticas. Os adoradores sabiam que a gordura do sacrifício devia ser queimada como oferta ao Senhor (v. 16; cf. Lv 17.6; Nm 18.17). Provavelmente, eles também sabiam que certas partes do animal eram designadas para os sacerdotes a fim de lhes servir de alimento (Lv 7.28-36; Dt 18.3). Insatisfeitos com o que devia ser uma provisão adequada, esses homens intimidavam os adoradores a permitir que apanhassem, ao acaso, bons pedaços de carne, tivessem ou não direito a isso. Os protestos eram inúteis, e a falta de cumprimento disso era enfrentada à força (cf. v. 9c). Em religiões étnicas, o ritual tem de ser executado exatamente de acordo com o costume, a fim de ser eficaz; na adoração do Deus vivo, que perdoa o pecado e é misericordioso, as pessoas tomavam certas liberdades e *desprezavam a oferta do Senhor*. Isso era indesculpável.

18-21. Em contraste, Samuel crescia e tornou-se um rapaz totalmente íntegro, sem ser corrompido pela influência deles. As referências feitas a ele, no meio de descrições do comportamento escandaloso dos filhos de Eli, são um testemunho do poder de preservação do Senhor, para cujo serviço Samuel havia sido consagrado (cf. vv. 21, 26). As Escrituras levam a sério a consagração de filhos ao serviço do Senhor, e Jesus iria advertir contra a corrupção de crianças devido a mau comportamento (Mt 18.2-5,10; 19.14). O exemplo de Samuel colocou à mostra, por simples contraste, a perversidade de seus superiores.

Uma estola... de linho era uma veste caracteristicamente sacerdotal (1 Sm 22.18), mas não se sabe como ela era. Uma forma sofisticada de estola era reservada para o sumo sacerdote (Êx 28.6-14; 39.2-7). A *túnica* que Ana dava a Samuel era o *m^e il*, uma capa usada pelo sumo sacerdote sobre a estola (Êx 28.31), mas também por outras pessoas de certa importância (1 Sm 15.27; 18.4; 24.4). A vestimenta exterior comum, chamada *simlâ*, era quadrada e feita de material semelhante ao do cobertor, sendo usada à noite para cobrir (Êx 22.25-27). O cuidado amoroso de Ana garantia que ela providenciasse uma veste suficientemente grande para suportar o crescimento do filho ao longo de um ano. A oração de Eli, pedindo bênção sobre o casal, foi respondida com

abundância, de forma que, em troca do único filho que deram ao Senhor no santuário, eles receberam cinco outros. De fato, Deus não fica devendo nada a ninguém (cf. Mt 5.3-12).

22-25. Presume-se que as *mulheres que serviam à porta da tenda da congregação*, também mencionadas em Êxodo 38.8, serviam de forma semelhante aos levitas, acerca dos quais o mesmo verbo, *šābā'*, é empregado (e.g., Nm 4.23; 8.24). É a palavra também designada para o serviço militar, sugerindo recrutamento, e dá o nome “Senhor dos Exércitos” (*šēbā'ôt*; cf. o comentário sobre 1 Sm 1.3-8). A imoralidade era parte integral da adoração cananéia, mas estava em total desacordo com o culto de Israel ao Senhor; de fato, era um pecado *contra o Senhor*.

Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro: esta última oração poderia ser traduzida assim: “os juízes poderão defendê-lo” (cf. ARC), pois a palavra *‘lohîm* tem esse sentido em determinados contextos (cf. Êx 21.6; 22.8-9) onde os juízes agem como representantes de Deus na administração da justiça (Êx 18.19-22). Em contraste, o pecado deliberado contra o Senhor enquadrava-se numa categoria totalmente diferente. Os filhos de Eli não poderiam alegar ignorância; sua soberba ditatorial clamava por uma queda (cf. vv. 2, 9, 10a).

O Senhor os queria matar: em vista dos acontecimentos de 1 Samuel 4.11, essa afirmação não é uma mera hipótese. À semelhança do Faraó de Êxodo 5.2, o qual disse que não tinha qualquer intenção de dar ouvidos à voz do Senhor, tornando-se assim cada vez mais obstinado, até que o “Senhor endureceu o [seu] coração”, Hofni e Finéias selaram seu próprio destino com sua recusa em aceitar a advertência (cf. Rm 1.18).

26. Essa observação sobre o crescimento de Samuel *no favor do Senhor e dos homens* serviu como descrição do desenvolvimento do menino Jesus (Lc 2.52), que, tal como Samuel, teve de reconhecer o caminho de Deus num mundo ímpio e resistir à tentação.

27-29. O *homem de Deus*, cujo nome não é mencionado, foi o primeiro a anunciar a Eli o destino de toda sua família à luz da depravação de seus filhos. O oráculo profético começa com uma menção ao chamado original do Senhor feito ao ancestral de Eli no Egito. Em-

bora Eli tivesse sido chamado efraimita em 1 Samuel 1.1, por viver no território de Efraim (cf. 1 Cr 6.66), sua ascendência levítica fica agora implícita na afirmação de que seu “pai” fora escolhido para servir como sacerdote. 1 Reis 2.27 sugere que Abiatar, sacerdote nos dias de Davi, era aparentado com Eli (cf. 1 Sm 22.20 e 1 Sm 14.3), e 2 Samuel 8.17 mostra a ligação com Zadoque, que descendia de Arão (1 Cr 24.1-4). À luz das estipulações feitas quanto à remuneração dos sacerdotes, não havia qualquer desculpa para a cobiça que levou à extorsão *das melhores de todas as ofertas*. Eli também está envolvido no pecado: “Por que é que vocês olham com tanta ganância?” (BLH). A BLH segue a LXX (agora apoiada por 4QSam^a), enquanto a ARA, seguindo o TM, traz *pisais aos pés* (cf. ARC; “E, engordando-se Jesurum, deu coices” [ARC], Dt 32.15), uma metáfora notável; contudo, as duas traduções entram em dificuldades no final do período.¹ Eli é acusado de honrar seus filhos antes de Deus, pois permitiu que os abusos continuassem.

30-34. O castigo é agora proclamado num anúncio solene da palavra divina (*diz o Senhor*) ou “oráculo do Senhor” (*ne'um Yahweh*) repetido. A promessa de serviço sacerdotal *perpetuamente* estava condicionada à fidelidade por parte da família, um requisito que se aplica às promessas de Deus mesmo quando não explicitado. O princípio resume-se num provérbio memorável (apenas quatro palavras no original hebraico): *aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam, serão desmerecidos*. A verdade disso pode ser verificada a partir dos acontecimentos do livro. Seu cumprimento na família de Eli acontecerá em 1 Samuel 4 (mas veja também 1 Sm 22.11-23; 1 Rs 2.27), e Eli verá o sinal dado (v. 34) realizado antes de sua própria morte.

35. O Senhor fará para Si *um sacerdote fiel... e edificar-lhe-[á] uma casa estável*. As palavras “fiel” e “estável” representam o mesmo adjetivo hebraico, *ne'mān*, e criam um equilíbrio correspondente ao princípio que acabou de ser estabelecido. O duplo significado dessa palavra, cuja raiz nos dá o conhecido vocábulo “amém”, ressalta a ligação entre fidelidade (à aliança, claro) e segurança (cf. Is 7.9b para uma declaração negativa da mesma questão). Esse sacerdote fiel não

1. Para maiores detalhes, veja Gordon 1986, p. 86.

apenas guardará a lei, mas terá discernimento da mente do Senhor e agirá de conformidade com ela; de igual modo, os cristãos devem ser “filhos do vosso Pai celeste” (Mt 5.45) e também aqueles que têm “a mente de Cristo” (1 Co 2.16). Há uma segunda menção ao unguido, “meu messias” (cf. v. 10), o rei a quem o sacerdote servirá. É indicado um contemporâneo de Samuel; criou-se a palavra “messias”, mas ela ainda não alcançou o *status* de título. Se a referência era a Davi, provavelmente o sacerdote devia ser Zadoque (1 Rs 2.35).

36. A pobreza será o destino dos sobreviventes da família de Eli, pois foram rebaixados de cargo; a fome os levará a implorar até trabalhos servis no santuário. Desse modo, a inversão dos fatos, acerca da qual Ana cantou, veio a ocorrer diante de seus próprios olhos.

iv. O Senhor chama Samuel (3.1-4.1a). Por mais que se escrevam livros sobre o chamado divino, para cada indivíduo que recebe tal chamado permanece um mistério: será que essa mensagem é autêntica da parte de Deus e, em caso afirmativo, como posso sabê-lo? Samuel recebeu esse chamado por meio de uma voz audível, mas a princípio ele não identificou corretamente a fonte da voz. A mensagem recebida tinha toda a força da verdade, mas a comprovação final de que ouviria a voz de Deus só veio mais tarde, quando os acontecimentos confirmaram a palavra de Deus. Foi uma palavra que ele podia muito bem não ter desejado ouvir, a qual testou seu caráter e sua força de vontade.

1. Samuel ainda era um jovem aprendiz, sendo ensinado por Eli e sujeito a ele. Nada indicava que o Senhor estava para dar início a uma nova era; de fato, *a palavra do Senhor era mui rara* (*yāqār*, “tida em alta estima”); evidentemente, sabia-se que houvera tempos de maiores bênçãos, quando o povo recebera com mais presteza a orientação do Senhor. Até aquele momento, Samuel não tivera a oportunidade de experimentar o recebimento de um oráculo ou de uma visão.

2-4. *Certo dia... o Senhor chamou* é a oração principal; a descrição intermediária prepara o cenário, deixando-o mais completo. A vista fraca de Eli significava que Samuel cumpria seu dever dormindo *no templo*; *antes que a lâmpada de Deus se apagasse*, lâmpada esta que era mantida acesa desde o entardecer até de manhã (Êx 27.21), significa que provavelmente a hora do ocorrido foi de madrugada.

5-9. A autodisciplina de Samuel fica bastante clara pelo fato de ele se levantar três vezes de madrugada em resposta ao que pensava ser um chamado de Eli. Sua obediência cheia de disposição era um atributo necessário para receber a palavra de Deus.

Samuel ainda não conhecia o Senhor: ele ainda não tivera uma experiência pessoal mediante a qual poderia reconhecer o chamado do Senhor (cf. v. 1).

10. *Veio o Senhor, e ali esteve,* tornando-se assim visível e audível. Samuel recebia agora uma palavra e também uma visão.

11. A frase *lhe tinirão ambos os ouvidos* é empregada quando se pronuncia um juízo especialmente severo (2 Rs 21.12; Jr 19.3).

12-14. Uma vez mais Eli carrega o peso do castigo, porque, na qualidade de chefe da casa, era responsável por verificar que a blasfêmia fosse contida. A história da insubordinação de seus filhos sem dúvida alguma remontava à juventude deles, quando teria sido possível discipliná-los. Diante dessa situação, a família toda será condenada, e *nunca mais lhe será expiada a iniquidade nem com sacrifício nem com oferta de manjares*. Fizeram-se provisões nos rituais para o sacrifício pelo pecado dos sacerdotes, mas tal sacrifício só cobria o pecado não-intencional (Lv 4.2; cf. Lv 4.13, 22, 27). O pecado cometido com “abuso de poder”, num desrespeito intencional diante da lei de Deus, tal como o que os filhos de Eli cometeram, não podia ser resolvido por sacrifício algum. O próprio Eli havia previsto um juízo calamitoso (1 Sm 2.25), e um profeta já havia anunciado a decadência de sua família (1 Sm 2.31); agora, o próprio Senhor anuncia o destino inescapável da casa de Eli.

15-18. Sob o peso de uma mensagem tão severa, *Samuel ficou... deitado até pela manhã*. Como introduziria tal assunto perante o venerável idoso a quem estava subordinado? Ele não precisava ter receado, pois Eli tomou a iniciativa e solenemente incumbiu Samuel de lhe contar toda a mensagem. Ademais, ele aceitou com humildade tudo o que ouviu, embora o pronunciamento adicional do juízo de Deus só possa ter trazido, em sua velhice, grande tristeza e apreensão quanto ao futuro. No entanto, o que o Senhor faz, *é bem feito*; Eli não resiste à vontade divina.

Tal foi a introdução de Samuel no chamado profético. Embora ele tivesse sido consagrado ao serviço sacerdotal desde seus primeiros dias, existe agora uma nova dimensão em seu ministério, pois recebeu a palavra do Senhor e une à sua função sacerdotal uma tarefa profética. Isso lhe trará destaque na terra, numa época em que as pessoas precisavam conhecer a palavra do Senhor dirigida a elas, pois estavam enfrentando inimigos poderosos. Samuel já está aprendendo que suas palavras nem sempre serão proferidas ou ouvidas sem dificuldades, mas ele continuará a pronunciar a mensagem de Deus sem receio das conseqüências e, desse modo, estabelecerá o domínio de Deus na terra.

19-4.1a. O crescimento de Samuel até sua maturidade caracterizou-se por um contínuo reconhecimento público: *o Senhor era com ele*, confirmando seu ministério pelo fato de que o que Samuel dizia revelava-se correto. Assim, *todo o Israel, desde Dã até Berseba*, isto é, desde a fronteira ao norte até a fronteira ao sul, era unânime em reconhecer a autoridade divina que Samuel recebera. Ele era, de fato, um *profeta do Senhor*, que continuou a receber a revelação de Sua palavra; era um *nābî'*, alguém chamado por Deus para o serviço especial de declarar Sua palavra. A derivação e o significado da palavra hebraica têm sido muito discutidos, mas a origem mais provável de *nābî'* é o verbo acadiano *nabû*, “chamar ao dever”, especialmente o chamado de um homem pelos deuses.¹ A experiência de Samuel neste capítulo e ao longo de toda sua vida certamente confirma essa origem, pois toda a ênfase repousa na iniciativa do Senhor. O Senhor fala, Seu servo ouve e obedece. Samuel não tem escolha; sua vontade própria é submetida à ordem de Deus. De Sua parte, o Senhor honra Sua palavra e Seu servo, que se sente seguro em Deus e, por isso, pode se colocar sem receio diante dos grandes da terra. A função de Samuel é totalmente diferente daquela exercida pelo praticante de alguma religião, que busca adular a divindade a fim de que esta se conforme a seus desejos. A recíproca é

1. Assim pensa W. F. Albright, *From Stone Age to Christianity* (Nova Iorque: Doubleday Anchor, ²1957), p. 303: “O rei é repetidamente chamado de ‘aquele a quem os grandes deuses... chamaram’ ”.

verdadeira: Samuel se coloca inequivocamente ao lado das exigências do Senhor sobre Seu povo. O resultado deverá ser arrependimento e mudanças ou, então, castigo certo.

Samuel, à semelhança de Moisés, será o líder por excelência de Israel, cumprindo em si mesmo os papéis de juiz, sacerdote e profeta. No entanto, vê-se mais claramente sua grandeza ao nomear outros, Saul e Davi, como reis na terra. Assim ele apontou, não para si mesmo, mas para o ungido do Senhor, por meio de quem “o Senhor julgará as extremidades da terra” (1 Sm 2.10, IBB).

Nota adicional: o templo do Senhor em Silo

Como se sabe, o templo do Senhor foi construído por Salomão em Jerusalém, mas o Antigo Testamento não dá qualquer explicação para este templo em Silo, onde a tenda da congregação foi armada depois da conquista de Canaã (Js 18.1). Silo foi o principal santuário dos israelitas em todo o período dos juizes (Jz 21.19), mas não sabemos quando a tenda com armação de madeira foi substituída por uma estrutura permanente. A palavra *hēkāl*, “templo”, “palácio”, pressupõe um edifício. É usada para designar o local santo do templo de Salomão, mas não a área correspondente do tabernáculo. De igual forma, as palavras traduzidas por “pilar” e “portas” (1 Sm 1.9; 3.15) exigem uma estrutura sólida, não só uma tenda com cortinas removíveis.

Silo era o santuário central porque abrigava a arca da aliança, mas talvez não tenha sido o único templo do Senhor em Israel no período dos juizes. Há registros da instalação, pela tribo de Dã, de um centro de adoração (Jz 18.30, 31) na cidade que rebatizaram com o nome de Dã; seria reativado como centro cúlrico por Jeroboão I, que também reformou Betel para a adoração (1 Rs 12.28, 29). O templo em Arade, o único templo israelita escavado, foi construído aproximadamente à mesma época daquele de Salomão. Yahanan Aharoni é inflexível:

Não há dúvida de ser esse templo israelita no pleno sentido da palavra, uma casa de Javé em termos bíblicos, não só um santuário construído no período israelita... Nas várias etapas da escavação, não se achou nada relacionado com a adoração de ídolos... Ademais, nele se encontraram algumas inscrições com os nomes de

famílias sacerdotais conhecidas, como Pasur, Meremote e os filhos de Coré. Assim, não há dúvida de ser esse templo israelita.¹

Sua planta era diferente daquela do templo de Jerusalém em alguns aspectos importantes: ele tinha apenas um ambiente, em vez de dois, sendo uma área larga em contraste com a estrutura alongada do templo de Jerusalém. Na longa parede a oeste, havia um nicho, formado por uma reentrância, enquanto um pátio externo, do lado de fora da longa parede a leste, continha o altar de sacrifício, feito de terra e pedras não-lavradas (Êx 20.24, 25). Pequenos quartos em torno do pátio acomodavam os sacerdotes em serviço. Templos semelhantes do período cananeu, com um ambiente único e largo e um nicho central, também foram encontrados em Hazor, Laquis e Megido; por isso, é bem possível que o santuário de Silo fosse do mesmo estilo, acompanhando o costume do país.

Uma construção desse tipo permite compreender as referências existentes em 1 Samuel 1-3. Samuel dormia dentro do templo, onde “estava a arca [de Deus]”, em seu nicho na parede a oeste, enquanto os aposentos de Eli ficavam em um dos quartos ao redor do pátio externo. Plantas do templo de Arade mostram até um banco em cada lado da porta, do tipo que Eli pode ter usado regularmente (1 Sm 1.9).² Todo o ritual do sacrifício e a preparação da carne para os adoradores aconteciam, é claro, no pátio aberto.

Nas décadas de 20 e 30, escavadores dinamarqueses não conseguiram achar provas do templo de Silo. A escavação em Silo foi reiniciada em 1981 por estudiosos israelenses, como parte de um estudo regional do território de Efraim. Eles abriram nove áreas de escavação, algumas próximas daquelas abertas pelas expedições dinamarquesas no passado. Desde então, foram tiradas algumas conclusões importantes sobre a história de Silo, embora, na verdade, ainda não tenha surgido nenhum vestígio do templo, provavelmente porque o ponto mais elevado do *tell*, onde deve ter sido construído o templo, foi comple-

1. Y. Aharoni, *The Archaeology of the Land of Israel* (Londres: SCM Press, 1982), p. 229.

2. *Ibid.*, fotografia 31, modelo do templo reconstruído em Arade.

tamente destruído pela ação do tempo. No entanto, desde as primeiras camadas de prédios, têm sido encontrados objetos empregados na adoração:

Tem havido um acúmulo de indícios de contínua atividade cültica no local — do período do Bronze Médio II em diante; ou seja, a tradição religiosa em Silo é muito anterior aos israelitas. Provavelmente já havia um santuário ali no período do Bronze Médio [1650-1550 a.C.], e isso pode ter sido de importância fundamental para o desenvolvimento do local. Mesmo após a destruição do local fortificado, no período do Bronze Médio... a atividade religiosa pública prosseguiu no período do Bronze Posterior, a despeito, até onde se pode determinar, de qualquer povoamento real... A história de Silo nos períodos do Bronze Médio e Posterior ajuda-nos a entender por que Silo foi escolhida como o primeiro centro religioso israelita.¹

Alguns levantamentos têm mostrado que, pouco antes da chegada de Israel, o território de Efraim era habitado apenas por uma pequena população sedentária; assim, em vista do fato de que Silo era um antigo ponto tradicional de adoração, essa era uma escolha óbvia para o local do tabernáculo.

Indícios quanto à data do início da organização em torno do santuário de Silo foram obtidos a partir de prédios escavados no lado oeste do *tell*, que Israel Finkelstein acredita terem sido anexos do conjunto de edifícios religiosos que ficavam mais adiante, colina acima. Há uma abundância de vasos para armazenagem; de fato, “a cerâmica do Período do Ferro encontrada em Silo é umas das mais ricas coleções de achados de cerâmica em qualquer antigo sítio arqueológico israelita”.² Esses vasos podem ter sido usados para guardar ofertas trazidas ao santuário por adoradores (1 Sm 1.24). A construção é datada de aproximadamente 1200-1000 a.C.

1. I. Finkelstein, “Shiloh Yields Some, But Not All, of Its Secrets”, *BAR* 12/1 (1986), p. 39.

2. *Ibid.*, p. 38, onde uma fotografia mostra oito diferentes modelos de jarra.

Dentro de um raio de cinco a seis quilômetros e meio de Silo, foram encontradas 22 povoações pertencentes a esse período, até agora a densidade populacional mais alta do que a de qualquer outro lugar de Efraim.

São muitíssimas as provas de uma destruição arrasadora dos prédios de Silo. Todos os vasos de armazenagem mencionados acima apresentam sinais de fogo, o que é visível na fotografia de Finkelstein. Uvas passas parcialmente torradas permaneciam em um dos jarros. O prédio que abrigava as peças de cerâmica desabou devido a um incêndio devastador, datado de meados do século XI a.C., que estaria ligado a um ataque filisteu, depois de sua vitória em Ebenézer. Embora esse acontecimento não esteja registrado em 1 Samuel, ele foi lembrado durante muito tempo, sendo bastante útil para o propósito de Jeremias de advertir sobre a destruição iminente de Jerusalém (Jr 7.12; 26.6; cf. Sl 78.60-64).

b. Calamidade, arrependimento e livramento (4.1b-7.17)

i. Derrota e perda da arca da aliança (4.1b-22). As reiteradas advertências do Senhor a Israel foram ignoradas, e as relações com os vizinhos filisteus, a oeste, tornaram-se tensas. Já à época dos juízes, os filisteus haviam feito incursões no território israelita, obtendo tanto sucesso na ocupação de parte dele que a tribo de Dã tinha migrado para o norte (Jz 18). A agressão desse povo domina o contexto e os acontecimentos militares durante a época de Samuel e Saul.

1b. O hebraico (e, portanto, a maioria de nossas versões do texto) sugere que Israel foi o agressor na batalha; contudo, a Septuaginta preserva um texto mais longo, aparentemente omitido de modo acidental no TM, que está em hebraico, mas impresso na BJ. Parte disso inclui o seguinte texto: “Aconteceu, naquele tempo, que os filisteus se uniram para fazer guerra a Israel. Israel saiu...”¹ De acordo com essa informação extra, Israel foi forçado a combater devido ao ataque filisteu.

1. Esse versículo é um bom exemplo de haplografia, uma omissão causada porque o olho do escriba saltou da primeira ocorrência do verbo “saiu” (no v. 1a) para a segunda (no v. 1b).

Afeque ficava a mais de 30 km ao norte de Ecom, a mais setentrional das cinco cidades dos filisteus (as outras eram Asdode, Ascalom, Gaza e Gate), e nos contrafortes a oeste de Silo. A ameaça era obviamente contra o santuário central dali. *Ebenézer* iria receber esse nome numa vitória que ocorreu pouco depois (1 Sm 7.12); se as duas batalhas transcorreram no mesmo local, este ficava entre duas cidades e, provavelmente, não era habitado à época em que Israel acampou ali.

2. *Cerca de quatro mil homens*: o hebraico *'elep*, “mil”, pode ter sido usado aqui para indicar uma unidade de soldados de determinado tamanho, agora desconhecido, mas somando um número consideravelmente menor do que mil soldados.¹ Em geral, aceita-se que os “trinta mil” do versículo 10 constituem um número grande demais, devido à estratégia militar do período, em que um simples grupo de alguns homens alcançava a vitória em certas ocasiões (por exemplo, as façanhas de Jônatas em 1 Sm 14.6-15). Qualquer que seja o número de baixas, é evidente que a derrota em *Afeque* foi decisiva.

3. Evidentemente, a derrota havia sido impensável, e logo indagações quanto ao motivo disso foram feitas pelos *anciãos* que haviam acompanhado as tropas. Se eles tivessem dado ouvidos às palavras de Samuel, não teriam sido surpreendidos. Estavam certos em presumir que o Senhor era responsável por sua derrota, mas errados em pensar que um desfile com a *arca da aliança* compensaria sua negligência para com os requisitos éticos do Senhor. A “arca” ou “baú” continha a própria lei de Deus, à qual Israel fora consagrado sob a aliança, cuja iniciativa partira do Senhor. Pensar que a presença da arca entre eles iria reverter seu destino, sem haver qualquer mudança interior nos líderes de Israel, era algo que revelava a medida de sua insensibilidade diante das coisas espirituais.

4. *O Senhor dos Exércitos, entronizado entre os querubins*: além de conter o ensinamento do Senhor, a arca era o “estrado de Seu trono” (cf. 1 Cr 28.2). Os querubins de ouro batido em cada extremi-

1. Cf. R. E. D. Clark, “The Large Numbers of the Old Testament”, *JTVI* 87 (1955), p. 82-92; G. E. Mendenhall, “The Census Lists of Numbers 1 and 26”, *JBL* 77 (1958), p. 52-66; J. W. Wenham, “Large Numbers in the Old Testament”, *TynB* 18 (1967), p. 19-53.

dade da caixa revestida de ouro ladeavam Seu estrado (Êx 25.10-22). No entanto, o mais importante de tudo é que esse era o “propiciatório”, onde o Senhor Se encontraria com Seu povo e lhe daria Sua palavra (Êx 25.22); era a presença do Senhor que fazia disso um símbolo poderoso, a ser visto com todo temor. Neste ponto da narrativa, os nomes *Hofni* e *Finéias* têm um caráter sinistro, após o duplo anúncio de condenação contra eles por meio da palavra profética.

5-9. Os *grandes brados* que ressoaram pelos montes eram um grito por vitória no combate que se aproximava, mas os filisteus tiveram a curiosidade de saber o que havia provocado tal confiança. O discurso direto coloca o leitor em contato com os próprios pensamentos dos adversários.

Os deuses vieram ao arraial... São os deuses que feriram aos egípcios: os filisteus presumiam que a religião de Israel fosse igual à deles — politeísta. Contudo, eles sabiam um pouco dos acontecimentos do êxodo, embora tal relato estivesse distorcido, e por bons motivos sentiam certo temor (1 Sm 6.4). Estando em posição de força e tendo escravizado os israelitas, assim como os egípcios haviam feito, eles não estavam preparados para se tornar *escravos dos hebreus*. Outros se referiam aos israelitas como hebreus (*cf.* v. 6), mas os israelitas preferiam o nome que os distinguiu, com sua menção a Jacó/Israel e ao chamado de Deus. “Hebreu” (*‘ibrim*) tinha evidentemente uma conotação mais ampla, talvez racial, indicando a linhagem da qual o povo de Deus saíra, ou talvez social, indicando grupos que viviam de invadir o território de outros ou que serviam como escravos ou mercenários.¹

10-11. Embora o leitor tenha sido preparado para o resultado, essa vitória decisiva dos inimigos do Senhor ainda é um choque para o

1. Gênesis 10.21 traça a genealogia de Héber, ancestral dos *‘ibrim*, indicando assim um grupo racial do qual, por fim, um homem específico, Abraão, foi escolhido para ser o precursor do povo que conhecemos como Israel. Em textos do segundo milênio a.C., pessoas chamadas *ha-BI-ru* destacam-se com frequência, e elas foram popularmente identificadas com os *‘ibrim*; isso os tornaria um grupo social ou profissional, mas, em bases lingüísticas, a identificação é objeto de debate. Ainda assim, o termo tem às vezes certo sentido pejorativo, e nesse contexto os filisteus estão reivindicando superioridade política. Um sentido como o de “servos” (no regime feudal) se encaixaria bem aqui.

exército de Israel, porque reverte suas expectativas. *Cada um fugiu para a sua tenda* significa que o exército entrou em colapso e se desfez. Desapareceu, não devido a uma ordem, mas voluntariamente. E *foi tomada a arca de Deus*, palavras que se tornam um solene refrão nos versículos seguintes e que ressaltam a imensidão da catástrofe. No Antigo Testamento, esse acontecimento é equiparado apenas à queda de Jerusalém em 587 a.C. Os próprios alicerces do mundo foram abalados. Em comparação, a morte de Hofni e Finéias foi justa e esperada, mas não impediu a tragédia que sua impiedade trouxe ao país inteiro.

12. Havia cerca de 34 quilômetros de Afeque até Silo; considerando-se que o trajeto era predominantemente ascendente até a região montanhosa, o corredor precisava estar em boa forma para cobrir a distância *no mesmo dia*. Sua aparência desalinhada indicava que ele estava pranteando; as pessoas o veriam como portador de notícias ruins.

13-15. Eli estava assentado numa cadeira, ao pé do caminho, *olhando como quem espera*: a LXX (e o v. 18) lêem “ao lado da porta”, onde certamente ele não perderia a chegada de qualquer mensageiro.¹ A despeito de sua cegueira, Eli é descrito como *olhando como quem espera*, fazendo um esforço sobre-humano.

Porque o seu coração estava tremendo pela arca de Deus: embora seu coração de pai deva ter estado apreensivo pelos filhos, Eli tinha suas prioridades. Apesar de seu esforço para não perder o mensageiro, a primeira coisa que Eli soube acerca de sua chegada foi o barulho alarmante de vozes vindas da cidade (v. 14).

16. Percebendo que Eli está cego, o mensageiro identifica-se como tendo vindo do campo de batalha.

17-18. Embora Eli estivesse preparado para a notícia catastrófica, considerando-se sua idade, isso bastou para provocar sua morte, talvez

1. McCarter reconstrói o hebraico com base na LXX, e lê: “Ora, Eli estava numa cadeira em cima do portão, vigiando a estrada” e, no versículo 18, “[Eli] caiu para trás, de sua cadeira, sobre a torre do portão” (McCarter 1980, p. 111; uma página inteira é dedicada às variantes textuais). Apenas com base no bom senso, parece improvável que essa leitura esteja certa. O fato de que não podia ver (v. 15) tiraria dele qualquer proveito em subir à torre, enquanto sua idade e obesidade (v. 18) tornariam improvável que ele se lançasse a esse exercício!

devido a um ataque cardíaco, que o fez cair de costas de onde estava sentado junto à porta. A notícia, em quatro itens, foi ficando cada vez mais alarmante, até chegar ao clímax, com a informação sobre a captura da arca de Deus. Foi essa última calamidade que encerrou a longa vida de Eli.

Havia ele julgado a Israel quarenta anos: a LXX, talvez por influência de 1 Samuel 7.2, traz “vinte anos”. À semelhança dos juízes que o antecederam, Eli havia sido o único líder, o governante em Israel nomeado por Deus. Com seus 98 anos de idade, ele podia muito bem ter estado no controle durante 40 anos.¹ Como sacerdote, Eli seria sucedido por seus filhos, mas parece que é a possibilidade de que eles assumiriam seu papel mais abrangente de líder o que se tem em mente. O fracasso de Eli em discipliná-los, portanto, é uma decepção nacional, mesmo antes de isso se tornar uma catástrofe nacional. Tal fato levanta toda a questão da liderança hereditária. Como uma sucessão de homens piedosos pode ser garantida se um líder como Eli é incapaz de criar filhos confiáveis?

19-22. A seqüência de acontecimentos ainda não terminou. Ocorre mais uma morte na família de Eli. A mulher de Finéias, com dores de parto provocadas pelo choque que recebera, morreu depois de dar à luz um menino. Embora esse nascimento fosse uma boa notícia, *ela... não respondeu, nem fez caso*. Ela estava preocupada com o juízo divino que se abatera sobre Israel, expresso no nome *Icabode* (*'i kâbôd*, “ai da Glória [de Israel]”). A glória de Israel era o Senhor, de quem o estrado do trono fora capturado por pessoas que não Lhe davam honra, para quem Ele não era resplandecente em glória. *Foi-se a glória* indica que, embora os filisteus possuíssem o “estrado” de Deus, eles não haviam capturado o Deus de Israel. O Senhor está no controle da situação. Ele Se afastou da arca. Mas o que pode, então, acontecer a Israel?

O fato de que a criança viveu é um lembrete de que a família de Eli não foi totalmente eliminada nessa ocasião (*cf.* 1 Sm 2.31-33, 36).

1. A. E. Cundall, em A. E. Cundall e L. Morris, *Juízes e Rute, Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986), p. 33, sugere que quarenta pode ser um número redondo indicando uma geração.

Há outras referências à família de Eli, em 1 Samuel 14.3 (cf. 1 Sm 22.9; 2 Sm 19.11; 1 Rs 2.27). Conforme essas passagens mostram, a família deixou de prosperar.

Quanto a Silo, a partir daí deixou de ter importância como centro de adoração, embora seja por vezes mencionada, como, por exemplo, em 1 Reis 11.29 e 15.29, em relação ao silonita Aías. Ainda era habitada na época de Jeremias (Jr 41.5), mas para Jeremias a destruição do “lugar” foi uma lição concreta para seus contemporâneos, que consideravam o templo de Jerusalém indestrutível. Eles deviam ir e ver o que o Senhor havia feito “ao lugar, que estava em Silo” (Jr 7.2, 14; 26.6, 9). Em lugar algum encontra-se registrada a destruição implícita do templo em Silo, mas em geral acredita-se que os filisteus arrasaram-no após a captura da arca. Para aqueles que escreveram esses capítulos, a arca de Deus era bem mais importante do que a estrutura de um prédio que ficara de pé depois que a arca fora levada embora. Quando a arca finalmente voltou para Israel, foi posta em Nob, entre as colinas a nordeste de Jerusalém e de onde podia ser avistada (Is 10.32).

ii. Os filisteus têm problemas com a arca (5.1-12). A fim de ter uma correta noção dos acontecimentos que se seguem, é preciso conhecer um pouco mais sobre os filisteus, que nesse período têm uma participação destacada nas guerras de Israel, tendo finalmente dado seu nome à região — Palestina.

Seu nome, *p^elištîm* em hebraico, *prst* em textos egípcios, aparece pela primeira vez em inscrições reais egípcias de 1185 a.C., embora os “povos do mar”, dos quais faziam parte, tivessem sido assim designados dois séculos antes, nas Cartas de Amarna, e pequenos grupos de filisteus tivessem se instalado na região de Gaza em tempos patriarcais.¹ Em sua origem, viviam na Ásia Menor, mas, passando por Caftor (Am 9.7), isto é, Creta, tinham migrado primeiro para o Egito e, posteriormente, entre 1200 e 1050 a.C., haviam se instalado na planície litorânea do sudoeste de Canaã. Em Josué, não se faz menção

1. *EOPN*, p. 147.

alguma aos filisteus, de forma que devem ter chegado a Canaã depois de Israel. Existem indícios de que eles podem ter vindo inicialmente como mercenários dos egípcios, que na época possuíam o controle nominal sobre Canaã.

Os filisteus adaptaram-se facilmente a seu novo ambiente, incorporando a organização das cidades-estados que encontraram e aparentemente absorvendo a língua cananéia, pois parece que não havia barreira lingüística alguma entre eles e os habitantes do local, especialmente Israel. Neste capítulo, eles se revelam igualmente dispostos a adotar qualquer divindade além daquelas que já possuíam, e tal sincretismo era completamente estranho a toda a revelação dada ao Israel de Javé, o Senhor dos Exércitos, visível e invisível. Do ponto de vista militar, os filisteus eram extremamente organizados e bem disciplinados, ao que se deve acrescentar o fato de possuírem armas de ferro, modernas para a época, em contraste com as de bronze (1 Sm 13.19-23). Ser vencido por inimigos como esses era algo que assustava e lembrava a escravidão no Egito, mas sem a vantagem de ter o Senhor Deus “a seu lado”. Ademais, os filisteus estavam decididos a dominar a população e torná-la escrava (1 Sm 4.9).

1-3. A arca de Deus foi levada como troféu de guerra para a cidade de *Asdode*, cerca de 30 quilômetros ao sul, e posta ali no templo consagrado ao deus *Dagom*, cuja imagem dominava o santuário (cf. o templo de Dagom em Gaza, onde Sansão perdeu a vida, Jz 16.23-30). O nome *Dagom* (ou *Dagã*) é de origem cananéia;¹ talvez esse deus fosse o principal do panteão filisteu, que incluía Baal-Zebube, o deus de Ecrom (2 Rs 1.2, 3), e Astarote (1 Sm 31.10), junto com outros ídolos (1 Sm 31.9). Ora, no templo de Dagom,

a disputa não é entre Israel e Filístia, mas entre o Deus de Israel e os deuses dos filisteus. Nesse aspecto, bem como no tema da peste que experimentaram, esses capítulos recordam a história do êxodo... A idéia é a mesma: “... executarei juízo sobre todos os deuses do Egito” (ou “Filístia”; Êx 12.12); e, assim, nas cidades

1. “No Oriente Próximo, Dagom era conhecido desde o terceiro milênio como Dagã, relacionado com aspectos climáticos e de fertilidade.” T. C. Mitchell, *AOTS*, p. 414.

da Filístia, o Deus de Israel Se mostra mais uma vez como “homem de guerra” (cf. Êx 15.3), provocando o caos sempre que a arca “capturada” seja levada, numa autêntica paródia de uma marcha de vitória.¹

Certamente, quando Dagom é encontrado prostrado perante a arca do Senhor, isso é uma paródia.

4-5. Na manhã seguinte, a paródia intensifica-se quando Dagom é encontrado com os membros cortados e de bruços diante da arca, enquanto sua cabeça e mãos jaziam no *limiar*. O relato é bem específico com relação a determinado costume em Asdode, mas evitar pisar a soleira é um tabu bem disseminado entre religiões étnicas.

6. Como se não bastassem a queda e a fragilidade de Dagom para demonstrar tanto sua impotência quanto a superioridade de Javé, um terceiro acontecimento insiste no mesmo ponto. A população de Asdode e dos arredores reconheceu a terrível peste que atingiu sua cidade como *a mão do Senhor* agindo. A LXX acrescenta: “E ratos apareceram na terra, e houve morte e destruição por toda a cidade” (cf. NIV mg.). Sabe-se que os ratos transmitem a peste bubônica, a qual provoca doloroso intumescimento dos gânglios linfáticos, ou ínguas, nas axilas e na virilha. Quando não tratada, a doença é fatal em mais da metade dos casos daqueles que a contraem.² Não surpreende que houvesse pânico, se é essa mesma a enfermidade de que padeceram; contudo, D. J. Wiseman ressalta que a peste bubônica só foi confirmada muitos séculos depois na Síria e na Líbia.³ A interpretação dada por Josefo de que a doença era a disenteria parece menos provável, embora um escritor contemporâneo tenha proposto uma forma tropical de disenteria causada por bacilos.⁴

1. Gordon 1984, p. 35.

2. P. Wingate (ed.), *The Penguin Medical Encyclopaedia* (Harmondsworth: Penguin Books, 1972), p. 333, verbete “Plague”.

3. D. J. Wiseman, “Medicine in the Old Testament World”, em B. Palmer (ed.), *Medicine and the Bible* (Exeter: Paternoster Press, 1986), p. 25.

4. J. F. D. Shrewsbury, *The Plague of the Philistines* (Londres, 1964), p. 33-39, e citado em Wiseman, “Medicine in the OT World”, p. 25, n. 64.

7-8. Houve consenso de que a causa do surto da doença era a presença entre eles da arca do Deus de Israel, e os acontecimentos subsequentes demonstraram que os filisteus não estavam enganados. Segundo a Bíblia, existem dimensões espirituais de causa e efeito, além dos diagnósticos clínicos de doenças e suas causas (veja, e.g., Nm 11.33; 1 Co 11.29, 30). Com a remoção da arca para outro lugar, os filisteus acreditavam que Asdode encontraria cura. *Todos os príncipes (s^erānīm) dos filisteus* conferenciaram e concordaram em enviar a arca a Gate. *Seren* provavelmente é um termo filisteu que designa o governante de uma cidade-estado, sendo uma de suas palavras que sobreviveu. Embora cada cidade tivesse seu *seren* (1 Sm 6.4), esses líderes cooperavam em época de crise. Gate (Tell es-Safi) fica a 19 km de Asdode, no vale de Elá, que abria caminho até os montes da Judéia.

9-12. Quando a doença atingiu Gate, a arca foi enviada para o norte até *Ecrom*, para terror de seus moradores. A população dizimada não queria mais nada com a arca.

O clamor da cidade subiu até ao céu: numa tensão desesperadora, os filisteus oraram a um Deus maior do que suas divindades locais.

iii. *A volta da arca (6.1-7.2).* Todos reconheceram que o Deus de Israel não fora conquistado, embora a arca tivesse sido capturada. Na verdade, a arca tornara-se uma responsabilidade perigosa demais para manter, mas ao mesmo tempo seria um problema devolvê-la sem sofrer maiores perdas.

1-4. Seus *sacerdotes e adivinhadores* usaram os poderes de especialistas para indicar o método “certo” a ser adotado a fim de apaziguar o Deus de Israel. O escritor não demonstra interesse algum no método usado para decidir o que fazer; estava claro que se exigia uma dádiva custosa como *oferta pela culpa (’āšām)*, a fim de compensar o erro cometido e evitar maiores sofrimentos. Esperava-se que a cura viria como consequência. A idéia de compensação também está presente na oferta de Israel pela culpa (cf. Lv 5, especialmente vv. 14-16).

E sabereis por que a sua mão se não tira de vós: existe uma dificuldade no TM aqui, pois seu sentido não é facilmente compreendido. O texto de Qumran 4QSam^a acompanha a LXX na leitura “Quando vocês foram resgatados, por que sua mão não se desviaria...?”, e esse

pode muito bem ter sido o significado original.¹ O resgate, *cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro*, representam as cinco cidades filistéias e seus governantes, todos os quais sofreram.

5-6. Aqui, pela primeira vez no TM, mencionam-se os *ratos, que andam destruindo a terra*. Quer houvesse a suspeita de uma ligação entre os ratos e a doença, quer não, está claro que a perda de colheitas provocou ainda mais angústia. Os filisteus estavam ameaçados de ruína. Ao apresentarem ratos e tumores de ouro (*‘opelîm*, palavra que também significa “cidades fortificadas” e, por isso, tem duplo significado), a valiosa oferta representará suas pragas e ao mesmo tempo solicitará a remoção delas, enquanto derem *glória (kâbôd)* ao Deus de Israel. Os filisteus fazem isso pagando-Lhe tributo e, desse modo, reconhecem Seu senhorio sobre eles.

Por que, pois, endureceríeis o vosso coração?: evidentemente, havia alguma resistência à proposta. A oposição do faraó em liberar os escravos israelitas sem dúvida era bem conhecida além dos limites de Israel, como também sabia-se que ele conseguira apenas pragas sobre seu povo (cf. Êx 9.35-10.2). No fim, o faraó teve de ceder, de modo que os filisteus agiriam com sabedoria se não demorassem mais.

7-9. Prepara-se um teste para verificar se o Senhor tinha ou não sido responsável pelas pragas, já que elas podiam muito bem ter acontecido por acaso. Deviam ser feitos todos os esforços a fim de agir com reverência: a carroça devia ser nova, e as vacas não deviam ter experimentado jugo. Visto que as vacas não estavam acostumadas a puxar uma carroça e tinham bezerros que dependiam delas, todos seus instintos seriam de *retornar*. Se, ao contrário das expectativas, elas avançassem com a carga preciosa, isso seria a prova de que o Senhor havia sido o responsável. Entendia-se que as vacas seriam sacrificadas ao Senhor. *Bete-Semes*, no vale de Soreque, ficava a sudeste de Ecrom, dentro da fronteira de Judá. Em Josué 21.16, é mencionada como cidade levítica.

10-12. Agindo de modo contrário à natureza, as vacas não fizeram qualquer tentativa de voltar para seus bezerros, embora elas

1. Para maiores detalhes, veja McCarter 1980, p. 129, 133.

mugissem chamando-os, cumprindo assim o sinal e confirmando que o Senhor estivera afligindo os filisteus.

13-16. Os detalhes da circunstância tornam bem vívida a narrativa, como se tivesse sido escrita por uma testemunha. A elevação que cobre o antigo local fica numa serra entre dois vales que se encontram a oeste. Uma vez que o trigo era cultivado nos vales, é compreensível que os filisteus atacassem os ceifeiros que estavam trabalhando antes de chegarem à própria Bete-Semes. A época da *sega do trigo* era maio/junho. Nada se sabe acerca desse *Josué* em cujo campo as vacas pararam. O trabalho cessou a fim de que todos pudessem se unir em adoração jubilosa, sendo que a grande pedra possivelmente serviu de altar natural para o sacrifício tanto da carroça quanto das vacas, embora também tenha servido de mesa, sobre a qual colocaram a arca e as ofertas dos filisteus. Uma grande rocha aflorando à terra pode ter atendido aos dois propósitos. Satisfeitos com o fato de que seus objetos sagrados haviam sido recebidos em segurança, os príncipes filisteus puderam voltar para casa.

17-18. São citadas agora as cinco cidades-estados pertencentes aos filisteus; cada uma servia como centro administrativo dos vilarejos ao redor, de modo que o país inteiro foi representado.

19. Ao invés de bênçãos, os problemas atingiram até mesmo Bete-Semes, que pertencia a Israel, porque a arca de Deus não recebeu a devida reverência. *O Senhor ... feriu deles setenta homens* é uma correção feita pela BLH também (cf. IBB e ARC, que traduzem o hebraico assim: "... feriu do povo cinquenta mil e setenta homens"). É mais provável que o número bem menor seja o correto, porque Bete-Semes era somente uma pequena cidade. Ainda não está claro por que a população como um todo deveria ter sido afligida; Josefo, contudo, fornece uma pista ao dizer que aqueles que tocaram na arca, "não sendo sacerdotes", não tinham direito a isso.¹

20-21. Uma vez que Bete-Semes era uma cidade levítica (Js 21.16), é estranho que não houvesse ali nenhum sacerdote para garantir que a arca não fosse profanada. *Quem poderia estar perante o Se-*

1. Josefo, *Antigüidades dos Judeus*, 6.1.4.

nhor, este Deus santo?: a morte pode ter sido provocada pela doença que se espalhou devido ao contágio pelos filisteus, mas serviu para causar o devido temor na mente daqueles que ousaram olhar dentro da arca.

Para quem subirá desde nós?: a presença do Deus santo junto à arca estava repleta de perigo; era arriscado mantê-lo nas proximidades, daí o contato com *Quiriate-Jearim*. São obscuras as razões da escolha desse lugar em vez de um dos antigos locais de santuário. Essa cidade ficava cerca de 24 quilômetros a és-nordeste de Bete-Semes, perto das fronteiras de Judá, Dã e Benjamim (Js 15.9, 10, 60; 18.14, 15); seu outro nome, Baalá (Js 15.9), pode indicar que a cidade havia sido um lugar alto cananeu, à semelhança de Silo e, por isso, estava associada com a adoração, ainda que de outro deus.

7.1-2. A transferência da arca foi completada com segurança; não é dito se *Abinadabe* e seu filho *Eleazar* eram sacerdotes, embora o nome Eleazar estivesse associado a genealogias sacerdotais (Êx 6.23), e a família continuou a servir à arca até Davi levá-la para Jerusalém, cerca de 20 anos depois.

E toda a casa de Israel dirigia lamentações ao Senhor: a construção em hebraico é incomum, daí as traduções experimentais (e.g., IBB: “suspirou pelo Senhor”; BLH: “oravam ao Deus Eterno pedindo ajuda”). Havia um sentimento de que nem tudo ia bem, e Samuel reconheceu isso como o momento em que poderia conclamar ao arrependimento e a uma nova consagração. A ausência de Samuel em cena nos capítulos 4-6, o que freqüentemente é explicado em termos de fontes literárias (sendo a narrativa da arca atribuída a uma fonte diferente daquela da carreira de Samuel), tem a ver com o tratamento dispensado por Deus a Israel. Indubitavelmente, Samuel prosseguiria seu trabalho habitual, mas ele esperava pelo momento certo antes de convocar uma assembléia nacional.

iv. Arrependimento e nova consagração em Mispa (7.3-17). 3-4. Esse foi um acontecimento de destaque na vida dos contemporâneos de Samuel. Seria interessante saber como ele se comunicou com *toda a casa de Israel*; os mensageiros devem ter convocado as tribos para ir a Mispa, tendo também transmitido a lugares longínquos o chamado de

Samuel ao arrependimento. *Os deuses estranhos e os Astarotes* foram adotados por Israel, sendo provenientes da população ao redor. Astorete (plural “Astarotes”) era adorada numa ampla região como a deusa da fertilidade, do amor e da guerra (grego “Astarte”), sendo numerosas na Palestina as placas com desenhos de mulheres nuas, remontando aos períodos do bronze e do ferro. Os *Baalins* eram as divindades masculinas correspondentes. Essa religião depravada havia se difundido amplamente na época, levando Israel a quebrar o primeiro e o segundo mandamentos e resultando numa abominável indulgência sexual. O estilo de vida cananeu era totalmente oposto a tudo o que Israel devia representar na condição de povo de Deus e, por isso, para que tivesse credibilidade, o arrependimento devia implicar na renúncia dessa adoração estrangeira. Samuel retomava agora seu ministério profético a Israel como o porta-voz do Senhor e na qualidade de intercessor em favor do povo. Ele só pôde cumprir as duas tarefas porque o Senhor o havia chamado, nomeado e equipado, e porque o povo reconhecia e aceitava sua autoridade. Fizeram tal como ele disse, e *serviram só ao Senhor*.

5-6. O dia da confissão e do jejum em *Mispa* foi a consumação do programa de reforma de Samuel. Mispa (atual Tell en-Nasbeh) ficava em território benjamita, junto à principal estrada norte-sul que atravessa os montes, e a apenas oito quilômetros ao norte de Jerusalém. A primeira cidade murada nesse local foi fundada em aproximadamente 1100 a.C., durante o período israelita, tendo sido um dos lugares por onde Samuel passava regularmente (v. 15). Ela controlava a observação dos vales a oeste, já havia sido local de reunião (Jz 20.1) e, depois da queda de Jerusalém, chegou até mesmo a ser a capital (2 Rs 25.23).

Eles *tiraram água e a derramaram perante o Senhor*, evidentemente como símbolo da lavagem da culpa comunitária, em favor da qual Samuel orara (cf. Lm 2.19; Mc 1.4) — o sinal visível reforça a resposta positiva de Deus à confissão do pecado.

Samuel julgou os filhos de Israel em Mispa (cf. v. 15): neste caso, seu papel de juiz envolvia uma preocupação pastoral, fazendo-se referência particular ao relacionamento de aliança entre um povo apóstata e seu Deus santo. Até onde sabemos, dentre os juízes “mais

importantes”, só Gideão chegou perto de desempenhar tal papel (Jz 6.25-27), embora Débora tenha sido ao mesmo tempo profetisa e juíza (Jz 4.4). Na pessoa de Samuel, a função de juiz assumiu um significado profético e sacerdotal.

7. O nome *Mispa* significava “torre de sentinela” — era uma posição privilegiada para objetivos militares, sendo ela própria visível à distância. Os filisteus, sabendo do grande ajuntamento de israelitas, supuseram que um ataque era iminente e deslocaram-se para as colinas a fim de tomar a iniciativa do combate (cf. Jz 20.3a, 14). Foi um momento de prova para os israelitas, que haviam sido derrotados de forma tão arrasadora no encontro anterior (1 Sm 4.10-11).

8. As circunstâncias, contudo, não podiam ter sido mais diferentes. Em lugar de uma confiança impetuosa, indevidamente depositada em símbolos exteriores (1 Sm 4.3), havia uma fé genuína, ainda que tímida, no poder de seu Deus para salvá-los dos inimigos. Isso fica expresso no pedido a Samuel: *Não cesses de clamar ao Senhor nosso Deus por nós*. Há uma combinação de dois pensamentos: “não cesses por nós” ou “afaste de nós o silêncio”, expressando a dependência do apoio de Samuel; e “não deixes de orar”, indicando, em última instância, uma dependência do Senhor.

9-11. O *holocausto* foi aqui oferecido em espírito de arrependimento e como dádiva para obter o favor do Senhor, um “aroma agradável ao Senhor” (Lv 1.13). Embora os filisteus que se aproximavam ameaçassem interromper a adoração, parecendo que era urgente tomar providências, a fé prevaleceu, e *trovejou o Senhor... com grande estampido*. As condições climáticas muitas vezes influenciavam o resultado de uma batalha (Js 10.11; Jz 5.4, 20, 21; cf. 1 Sm 2.10; SI 18.13). É surpreendente que, numa terra sujeita a terremotos, não sejam feitas menções mais freqüentes desse fenômeno assustador como instrumento da intervenção divina (embora Amós, cf. Am 1.1; 8.8 etc., e outros profetas o façam). Intimidados com a tempestade de relâmpagos que destroçou seu dispositivo de combate, os filisteus fugiram colina abaixo na direção de seu próprio território, enquanto os israelitas tinham a dupla vantagem de estar numa posição mais elevada, de onde podiam atirar seus projéteis sobre o inimigo que se encontrava embaixo, e de terem uma confiança cada vez maior em sua provável

vitória. *Bete-Car*, mencionada somente aqui, não foi identificada. O inimigo foi decisivamente derrotado.

12. Não se poderia permitir que um livramento tão notável caísse no esquecimento — daí a pedra memorial de Samuel, erigida, tal como nossos monumentos de guerra, em lugar de destaque. No entanto, a pedra de Samuel não recordava os nomes dos mortos, mas o Senhor Deus vivo, o Ajudador de seu povo. *Ebenézer* significa “pedra de ajuda” ou “pedra do Ajudador”, nome freqüentemente aplicado ao Senhor (e.g., o refrão “ele é o seu amparo e o seu escudo”, em SI 115.9-11). A explicação do nome, *Até aqui nos ajudou o Senhor*, pode significar “até este ponto geográfico”, o que se encaixa bem no contexto, ou então “até este momento”; os hebreus gostavam de usar palavras e expressões com duplo sentido e aqui provavelmente mantiveram os dois significados. A lembrança da oração respondida no passado deve incentivar a fé em Deus para termos ainda mais bênçãos.

Sem (*h^ašēn*, “o dente”) provavelmente é uma referência a um penhasco com a forma de um dente. A LXX, a Siríaca e a RSV trazem “Jesana”, e esse local talvez possa ser identificado com a Jesana mencionada em 2 Crônicas 13.19.

Há um problema com a escolha do nome Ebenézer neste capítulo, o que é provocado pela ocorrência anterior em 1 Samuel 4.1b. É possível que dois lugares diferentes tenham sido chamados pelo mesmo nome. Essa simples explicação é adotada, por exemplo, na nota marginal da BJ; nesse caso o nome teria servido para lembrar os primeiros combates contra os filisteus, que terminaram em derrota, junto com este último incidente, que reverteu o fracasso passado. O que se queria é que se vissem os dois encontros com os filisteus em relação um com o outro, e o resultado totalmente diferente ilustrava, de modo bem vívido, a importância do relacionamento de Israel com o Senhor. Mesmo um povo apóstata poderia tornar a achar o Senhor, caso viesse com verdadeiro arrependimento e fé.

13-14. Como resultado da ajuda do Senhor e sob a liderança de Samuel, Israel desfrutou um benefício tríplice: i. os filisteus “foram subjugados” (IBB; depois de seus 40 anos de supremacia, Jz 13.1) por um período, mas não indefinidamente (nos dias de Saul, eles fariam incursões ainda maiores no território de Israel); ii. cidades fronteiriças,

desde Ecrom até Gate, ficaram sob o controle de Israel, e a terra que os filisteus haviam capturado foi devolvida; iii. houve paz, não só entre Israel e os filisteus, porque *foi a mão do Senhor contra eles todos os dias de Samuel* (cf. 1 Sm 5.6, 7, 9), mas também *entre Israel e os amorreus*. A palavra “amorreus” é empregada sem muita precisão para designar toda a população cananéia, que considerava os israelitas uma ameaça menor do que os filisteus, e assim deixou de importunar Israel. “As cidades-estados cananéias teriam sido beneficiárias indiretas do sucesso dos israelitas em resistir aos filisteus ou em fazê-los retroceder, e vice-versa.”¹ Isso era consequência natural.

15-17. Toda a seção termina com um resumo do ministério de Samuel, ao qual se seguirá um exame detalhado de um aspecto de seu trabalho (1 Sm 8-16).

Por toda sua vida, ele *julgou... Israel* — esse fato é afirmado três vezes. No entanto, como já ficou claro, a resolução de questões legais era apenas um dos aspectos de sua liderança. Para todos os efeitos, ele era um governador supremo, do tipo exemplificado por Moisés — designado e equipado pelo Senhor para manter Israel num relacionamento correto com o Senhor seu Deus e na dependência dos recursos divinos, em todos seus esforços por viver e trabalhar para a glória de Deus. Era uma visão esplêndida, que Samuel soube implementar com extrema capacidade.

Samuel não esperava que as pessoas sempre o procurassem em Ramá, mas viajava regularmente a três centros: *Mispa* (cinco quilômetros ao norte), *Betel* (outros seis quilômetros e meio para o norte) e *Gilgal* (muito mais distante, no vale do Jordão, perto dos vãos do Jordão, Js 4.19). Todos esses lugares ficavam na fronteira de Benjamim com Efraim, ao sul de Silo. As tribos que haviam se estabelecido nos extremos norte e sul provavelmente não teriam tido essas visitas regulares. Nesses três casos, *lugares (m^e qômôt)* pode significar “santuários”; a LXX tem esse sentido, e a menção de que Samuel construiu um altar em Ramá pode sustentar tal interpretação. A adoração

1. Gottwald, p. 418. Ele então assinala que se deve enxergar nesse contexto o sucesso de Davi na incorporação em seu reino das antigas cidades-estados cananéias sobreviventes após a derrota dos filisteus.

era algo central em todas as atividades de Samuel, como havia sido com Moisés. Mas o escritor está querendo apontar para o leitor um importante desdobramento que mudaria o caráter da liderança em Israel.

c. A questão da monarquia (8.1-12.25)

Os escritores acostumados a buscar fontes subjacentes ao texto têm encontrado muitos indícios de que o material de 1 Samuel 8-12 é de origem diversa. Isso se vê, por exemplo, em diferentes pontos de vista sobre a monarquia. Wellhausen fez distinção entre a fonte *a* (1 Sm 9.1-10.16; 11.1-11), favorável à monarquia, e a fonte *b* (1 Sm 8.1-22; 10.17-27), que considerava a monarquia como uma rejeição de Javé. (A fonte *b* é com freqüência identificada com o compilador deuteronômico.)

Uma vez que o material foi separado, é possível apontar para incoerências entre os relatos: lugares diferentes para cerimônias de aclamação do rei (Gilgal, 1 Sm 11.15; Mispa, 1 Sm 10.17); e, embora Samuel fosse o líder reconhecido de todo o Israel em 1 Samuel 8.4, Saul e seu servo tinham apenas uma vaga idéia de sua existência (1 Sm 9.6-10).

Deve-se admitir que a história de Saul e seu servo, que haviam saído para procurar as jumentas perdidas de seu pai (1 Samuel 9.1-10.16), está em forte contraste com o discurso de Samuel em Ramá, no qual ele enfatiza as dificuldades financeiras e sociais que um rei provocaria (2 Sm 8.11-18). Então, em Mispa, Saul foi escolhido por sorteio sagrado, e revelou-se um candidato relutante, sobre cuja capacidade para o reinado as opiniões se dividiam (1 Sm 10.26, 27); todavia, depois da batalha de Jabes-Gileade, todos os homens regozijaram-se muito com o fato de Saul ser o rei. Samuel, que domina a cena, parece estar primeiro de um lado e depois do outro.

Apesar da popularidade que a teoria de fontes documentárias experimentou por muitos anos, diferentes maneiras de explicar 1 Samuel 8-12 têm conquistado aceitação. Childs, por exemplo, começa com as fontes *a* e *b* de Wellhausen e assinala que elas se alternam assim: *b* (1 Sm 8), *a* (1 Sm 9.1-10.16), *b* (1 Sm 10.17-27), *a* (1 Sm 11), *b* (1 Sm 12). Depois, tira a seguinte conclusão: “O editor não suprime nenhuma

das tradições. Cada uma mantém sua total integridade”.¹ Cada ponto de vista é considerado importante, mas o tema que prevalece é a advertência de Samuel contra a apostasia. Robert Gordon apresenta os cinco trechos como quadros, cada um desempenhando seu papel de completar o relato desse novo desdobramento importante, mas altamente controverso.² Há muitos indícios de que os escritores bíblicos não estavam tão interessados quanto nós na harmonização. Eles favoreciam “perspectivas múltiplas”, preferindo-as a “uma fusão de pontos de vista num único pronunciamento”, porque desejavam desenvolver “uma forma literária que abrangesse a permanente complexidade de seus temas”.³ Assim, é necessário manter a mente aberta a fim de perceber os padrões literários e sentir as nuances de significado que eles sugerem.

1 Samuel 7 demonstra o melhor da liderança de Samuel. Em Mispa, ele havia levado a nação ao arrependimento, mediante uma reforma religiosa, enquanto a pedra denominada Ebenézer tornou-se um memorial do fato de que o Senhor respondeu às intercessões de Samuel e de que concedeu uma vitória notável sobre os filisteus. “Até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Sm 7.12) trazia o triunfo dos dias passados para a experiência da geração daqueles dias, e proclamava seu favor restaurado. Enquanto Samuel fosse juiz, tudo iria bem.

No entanto, as mudanças eram iminentes. A tentativa de instaurar uma dinastia havia sido feita pela primeira vez depois da vitória de Gideão sobre os midianitas, mas ele manteve a tradição teocrática de Israel: “Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós; o Senhor vos dominará” (Jz 8.23). Desde o momento em que Moisés obedeceu ao chamado do Senhor (Êx 3.1-12), os líderes de Israel haviam sido nomeados por Deus e recebiam suas ordens diretamente dEle. A questão do estabelecimento de uma dinastia não surgiu senão quando Abimeleque, filho de Gideão com uma concubina cananéia (Jz 8.31), quis fazer a experiência, que teve curta duração. Entretanto, o comentário “naqueles dias não havia rei em Israel” (Jz

1. Childs, *Introduction*, p. 277-278.

2. Gordon 1984, p. 40-41, 49-50.

3. Alter, p. 154.

18.1; 19.1) e especialmente o refrão acrescentado em Juízes 17.6 e 21.25, “cada qual fazia o que achava mais reto”, indicam a opinião do escritor de que um rei teria diminuído a anarquia e estabelecido a ordem.

Opiniões conflitantes são refletidas nas narrativas de 1 Samuel 8-12. Samuel, que entendeu o pedido de um rei como um ataque pessoal à sua liderança, nunca esteve totalmente harmonizado com o novo regime, apesar da orientação divina que recebeu para ungir um rei. Ele avaliou o claro testemunho das tradições de Israel quanto à viabilidade de depender da liderança do Deus invisível e não conseguiu ver vantagem alguma na adoção de modelos cananeus de reinado. Deus, porém, instruiu-o a ungir Saul, e Samuel esteve à frente das várias etapas do estabelecimento de Saul no cargo. À luz da pressão da opinião pública, o Senhor deu a Israel o rei que pedira. Samuel fez advertências e exortações oportunas. Apesar da apostasia de Israel ao pedir um rei, o Senhor estava agindo de forma positiva para atingir Seu propósito maior.

i. O pedido de um rei (8.1-22). 1-3. Tendo Samuel envelhecido assinala uma mudança nas circunstâncias, reconhecida pelo próprio Samuel e também pela nação. Ele preparou-se para o futuro, nomeando seus dois filhos, *Joel* e *Abias*, que oficiavam no santuário em *Berseba*, para servir de juízes para Israel. Evidentemente, eles serviam como seus representantes nessa cidade no extremo sul do território de Israel, bem além do circuito regular de Samuel (cf. 1 Sm 7.16, 17). Esses filhos de Samuel revelaram-se antecipadamente desqualificados, porque, à semelhança dos filhos de Eli que vieram antes deles, estavam mais interessados em encher os próprios bolsos do que em manter a justiça.

4-6. *Os anciãos todos de Israel* foram unânimes e estavam suficientemente em contato uns com os outros para se reunir em Ramá com o pedido para que Samuel nomeasse *um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações (gôyîm, no sentido de “gentios”)*. A expressão faz lembrar Deuteronômio 17.14, 15, onde o desejo de imitar outras nações é previsto e permitido, em vez de aprovado. Samuel desaprovou de todo, mas ainda assim consultou o

Senhor. O papel de Samuel como intermediário entre os anciãos e o Senhor e entre este e os anciãos é uma característica deste capítulo.

7-9. *Atende à voz do povo*: a reivindicação unânime de Israel deveria ser atendida, e isso é mencionado duas vezes (cf. v. 9). O Senhor tinha Seu propósito para o povo, mas neste mundo tão distante do ideal Ele adaptou seus planos e cedeu o suficiente, a ponto de conceder um rei a Israel e até incorporar a monarquia em Sua auto-revelação a Israel. A realeza logo se tornaria um tema importante do Antigo Testamento, mas esse era o padrão, iniciado no êxodo, de recusa em obedecer ao governo do Senhor.

Eles rejeitaram... a mim, para eu não reinar sobre eles: Samuel sentia que fora rejeitado, mas isso ocorria principalmente porque ele se identificava com a causa do Senhor. Conforme comenta Hertzberg:

Aqui emerge um dos aspectos básicos da história mundial: a luta do homem contra Deus — tendo começado já em Gênesis 3, uma luta que, de acordo com o esboço geral apresentado na Bíblia, tem raízes na posição especial dada ao homem em Gênesis 1. Samuel experimenta o que Moisés, os profetas e até Jesus experimentaram: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19.14).¹

Ninguém é obrigado a aceitar o governo de Deus, mas, em última instância, não há como escapar disso, pois é Ele quem designa o rei.

10-18. Embora o Senhor tenha sancionado a monarquia, Ele advertiu antecipadamente acerca do preço que Israel iria pagar por essa inovação. É interessante e instrutivo observar os modelos sociais que prevaleciam em Israel até essa época. Cada família havia sido autônoma, sob a liderança de seus anciões. Ela não tivera obrigações para com ninguém, enquanto, sob um rei, o recrutamento para o trabalho militar e agrícola restringiria a liberdade de Israel. Nem mesmo as mulheres da família escapariam, pois, na condição de *perfumistas, cozinheiras e padeiras*, elas serviriam a casa real. Os impostos, que eram desconhecidos, tornar-se-iam cada vez mais opressivos, até que as pessoas fossem praticamente escravas e cla-

1. Hertzberg, p. 72.

massem por liberdade. Contudo, tendo feito uma escolha deliberada dessa forma de governo, Israel teria de conviver com suas imposições restritivas.

O direito do rei (cf. v. 9) poderia ser traduzido por “os caminhos do rei” (*mišpat* tem os dois sentidos). Talvez houvesse um elemento de ironia no jogo de palavras, especialmente diante do que vem a seguir. Contudo, a descrição das exigências feitas pelo rei não é exagerada; na verdade, são modestas em comparação com os requisitos do Estado moderno. Enquanto Israel estava organizado sem muita rigidez sob a liderança de líderes tribais, isso não representava ameaça para ninguém. No entanto, tão logo foi organizado como monarquia, tornou-se parte do mapa político, mais um participante da luta pelo poder, e, a fim de ter um exército eficiente, o recrutamento tornou-se necessário.¹ Todos esses desdobramentos ocorreram já no início do reinado de Davi (2 Sm 6.1; 8.15-18), embora tenha sido sob Salomão que o sistema tornou-se massacrante e opressivo (1 Rs 12.14), conduzindo à rejeição do sucessor de Salomão pelas tribos do norte.

Seus servidores (vv. 14, 15) são “ministros” da corte, a quem o rei, em reconhecimento de serviços prestados, presenteia com a melhor terra confiscada de outros. Monarcas de Ugarite (Ras Shamra), ao norte, recompensavam seus empregados pessoais com bens, por serviços prestados ao rei.² Tais práticas já estavam bem sedimentadas e associadas com a monarquia.

Também tomará... os vossos melhores jovens (v. 16, acompanhando o hebraico) pode ser “os melhores dentre... os vossos bois” (BJ), que é a leitura da LXX, onde a palavra hebraica lida é *bāqār*, em

-
1. I. Mendelsohn, “On Corvée Labor in Ancient Canaan and Israel”, *BASOR* 167 (1962), p. 31-35, mostra que trabalhos forçados temporários prevaleceram no antigo Oriente Próximo do século XVIII ao XIII a.C. Não é necessário afirmar que a descrição dada em 1 Samuel 8 foi escrita à luz da experiência posterior que Israel teve da monarquia, pois já era praticada nas cidades-estados cananéias. Cf. I. Mendelsohn, “Samuel’s denunciation of the kingship in the light of the Akkadian documents from Ugarit”, *BASOR* 143 (1956), p. 17-22.
 2. Cf. P. C. Craigie, *Ugarit and the Old Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1983), p. 33. O período áureo de Ugarite ocorreu durante os séculos XIV e XIII a.C., cerca de 200 anos antes da época de Samuel.

vez de *bāhūr*. Geralmente, prefere-se tal leitura porque o sentido da lista parece exigi-lo.

19-22. Nada do que Samuel pôde dizer teve influência junto aos anciãos de Israel, pois eles já haviam se decidido. Será que esperavam que um deles se tornasse o primeiro rei, ou tinham alguma proposta a fazer? Em caso afirmativo, ficaram decepcionados, porque não foram solicitadas sugestões. A única preocupação de Samuel era consultar o Senhor de Israel para obter orientação, e, uma vez que o Senhor orientou-o a ir em frente e disse-lhe *estabelece-lhes um rei*, isso encerrava a questão. A conferência havia esgotado os temas programados, e os anciãos podiam voltar para casa.

Desde os primeiros dias de Israel, o próprio Deus havia dirigido Seu povo, revelado Seus mandamentos e concedido líderes apropriados. Embora a monarquia viesse a introduzir mudanças sociais indesejáveis, três considerações tinham peso para o povo: i. queriam ser *como todas as nações*, ter influência e posição social destacada; ii. desejavam “que o nosso rei nos julgue”, ou governe, retirando desse modo a responsabilidade dos líderes locais e proporcionando um chefe nominal; e iii. queriam alguém para *sair adiante de nós, e fazer as nossas guerras*, uma pessoa importante, já aceita e, portanto, imediatamente preparada para liderar o exército contra qualquer invasor. Mas que nos diz a nova diretriz divina?

A decisão coletiva da comunidade foi levada a sério. Na sociedade, existem “movimentos” que precisam chegar a um resultado satisfatório; aqui, o povo de Deus viu-se em tensão entre o tradicional e o novo, mas, no caso da monarquia, o novo não seria rejeitado. “Havia chegado o momento de terem um rei, isto é, do desenvolvimento de um estado político, embora se pudesse ver com demasiada clareza os múltiplos perigos que agora poderiam provocar o caos teológico.”¹ Esse é o tipo de dilema em que os cristãos, com muita frequência, também se encontram. O ideal não é ter uma opção, porque isso talvez não tenha o devido apoio, de modo que tem de ser escolhido outro caminho, envolvendo uma solução de concessão. O Se-

1. Hertzberg, p. 73.

nhor, à semelhança de um grande mestre no xadrez, atinge Seu objetivo, apesar de planos e políticas humanas que temporariamente impedem aquilo que Ele quer fazer.

ii. *A unção secreta de Saul (9.1-10.16)*. Samuel havia concordado em nomear um rei, mas não tinha qualquer idéia de quem ele seria. Não sabemos quanto tempo ele teve de esperar, mas nós, leitores, somos apresentados a ele antes de sua identidade se tornar conhecida de Samuel.

1-2. *Quis*, o pai de Saul, era um *homem de bens*. Essa última frase faz pouca justiça ao hebraico, *gibbôr hāyîl*, que implica muito mais: “varão forte e valoroso” (IBB). Sua longa genealogia confirma que ele era de uma família importante em Benjamim, e seu filho Saul tinha ainda a vantagem de possuir uma estatura incomum e uma ótima aparência. Ele tinha dotes notáveis.

3. Um incidente desfavorável, a perda de jumentas valiosas, levou Saul para longe de casa, numa cansativa viagem atrás delas. Os animais podiam facilmente se perder nos áridos montes de calcário, onde não havia cercas e os muros de pedra precisavam constantemente de reparos. A expressão *as jumentas de Quis* deve ser lida “algumas jumentas de Quis”, sendo que o pronome dessa construção indica as jumentas em particular de que trata a narrativa.¹

4. É incerta a localização das regiões mencionadas, mas *a região montanhosa de Efraim*, ou Monte Efraim, indica a direção tomada, ao norte de Gibeá, onde ficava o lar de Saul (1 Sm 10.26; 11.14). Saul e seu servo fizeram uma viagem em círculo, voltando para perto de Ramá, embora nem Samuel nem sua cidade sejam mencionados aqui. O leitor sabe que Samuel veio da terra de Zufe (1 Sm 1.1), de modo que ele, ao contrário de Saul, está consciente de que essa viagem tem uma importância que tomará Saul de surpresa. É quase certo que *terra de Benjamim* (no hebraico falta a sílaba “Ben”) não seja a leitura original. O contexto requer algum lugar de Efraim, e evidentemente um topônimo não tão conhecido foi substituído por um mais familiar.

1. McCarter 1980, p. 173.

5-6. Um aspecto intrigante e frequentemente ressaltado na história é Saul não ter conhecimento de Samuel. Contudo, isso talvez seja uma confusão quanto ao propósito do escritor. Na verdade, o que ele deseja transmitir é a falta de consciência que Saul tem do futuro. Exatamente quando Saul está pronto para suspender a empreitada, tudo passa a depender de seu servo, o qual crê que o *homem de Deus* lhes dará a orientação de que precisam. Esperava-se que, em época de necessidade, uma visita a um homem de Deus alterasse toda a situação, e esse homem destacava-se em dois aspectos específicos: ele era estimado por todos os que o conheciam, e suas palavras se cumpriam (cf. 1 Sm 3.19). Desse modo, ele passava pelo teste do verdadeiro profeta (Dt 18.22).

7-8. Saul quer ir para casa e observa que eles nada têm para dar ao homem de Deus (um interessante dado incidental sobre o sustento dos profetas); no entanto, “por acaso” o servo tem *um quarto de siclo de prata*, o que é considerado suficiente, de sorte que as incertezas de Saul são vencidas.

9. Num livro de hoje, este versículo estaria numa nota de rodapé. Ele explica como o relato do encontro de Saul com Samuel encaixa-se na história de Samuel contada até aqui. Ele fora mencionado como o “profeta” (*nābi*) em 1 Samuel 3.20, e o narrador considerou que essa era a palavra apropriada para descrever Samuel, mas Saul e seu servo queriam que ele lhes fizesse um favor, descobrindo onde estavam as jumentas perdidas; esse era o papel de um adivinhador ou “vidente” (*rō'eh*, “ver”). Mais tarde, as duas palavras passaram a ser empregadas indistintamente, pois, em 1 Crônicas, Samuel é chamado de *rō'eh* sem incoerência alguma (1 Cr 9.22; 26.28; 29.29).

10-14. Atualmente, em alguns lugares seria incomum pensar em subir *pela encosta da cidade*, embora isso fosse natural no passado, onde se dava preferência a locais elevados para a construção de cidades. Em Israel, os topos das antigas colinas estão cobertos de moradias até hoje, impressionando o visitante ocidental como um aspecto distintivo da paisagem. Visto que em geral fontes e poços ficam abaixo do nível da cidade, eram necessários transportadores diários de água, uma tarefa que, de costume, era desempenhada pelas *moças* (cf. Gn 24.11). Embora o vidente estivesse visitando sua cidade, elas não po-

diam deixar de cumprir sua ida regular ao poço. De qualquer forma, elas não haviam sido convidadas para o banquete. O fato de que Saul chegou bem na hora de se encontrar com Samuel é outro sinal do controle providencial de Deus. Essa impressão é fortalecida quando, no exato momento em que Saul e seu servo entram pela porta da cidade, Samuel está saindo. No entanto, o *alto* não ficava dentro dos muros da cidade, mas em outra elevação nas proximidades; de fato, o nome Ramataim (1 Sm 1.1) tem um sufixo dual, implicando a existência de dois cumes. Talvez Samuel tivesse construído esse centro de adoração (1 Sm 7.17). No Antigo Testamento, essa é a única referência à bênção do sacrifício.

15-16. No dia anterior, o Senhor havia “descoberto o ouvido de Samuel” para lhe dizer que esperasse um homem de Benjamim, o qual ele devia ungir como *príncipe* (*nāgid*) sobre Israel. A palavra “rei” é deliberadamente evitada, porque Javé era o rei de Israel. Samuel tem de indicar a escolha do príncipe feita pelo Senhor mediante uma unção privativa. Essa cerimônia simbolizava a outorga de dádivas divinas para o cumprimento da tarefa à qual ele estava sendo chamado e transformava o receptor no *māšīah* ou “ungido”. Ele devia principalmente liderar Israel contra os opressores filisteus.

17. *Quando Samuel viu a Saul*, teve a confirmação divina de que esse era o homem que “governaria” Israel. Uma vez mais, evita-se a palavra óbvia “dominar” (apesar da ARA), e em seu lugar é usado um verbo que geralmente significa “refrear” (*‘āsar*; cf. BJ), indicando uma forma especial de governo, sob a majestade do Senhor.

18-19. Foi deveras extraordinário que Saul, ao precisar de uma informação para chegar até a casa do vidente, sem perceber tivesse abordado Samuel. *Eu sou o vidente* foi uma resposta inesperada, porém mais surpreendente ainda era o fato de que o vidente tinha uma mensagem para Saul. Ele foi convidado para o sacrifício e para o banquete que viria em seguida; todavia, quanto às explicações, ele teria de aguardar até a manhã seguinte.

20-21. Saul podia ficar tranqüilo quanto às *jumentas*; elas haviam sido encontradas. Sua viagem havia assumido uma dimensão nova e misteriosa. Estavam sendo dirigidas honras a ele e à sua família, mas ele não compreendia a razão disso e protestou, dizendo que sua tribo

era pequena (ela fora dizimada numa batalha punitiva, Jz 20.46, e Benjamim era o mais novo dos doze filhos de Jacó) e sua família não era de destaque (mas *cf.* v. 1). À semelhança de Gideão, que o antecedeu (Jz 6.15), ele se sentiu indigno da honraria, qualquer que fosse, e não pouco assustado com esse novo rumo repentino em sua vida. Talvez também fosse de boa etiqueta desmerecer a própria posição social, especialmente na presença de um profeta ou mensageiro de Deus, mas no caso de Saul parece que foi um caso de modéstia combinada com um temperamento tímido (*cf.* 1 Sm 10.22).

22-24. Tímido ou não, Saul e seu servo foram conduzidos ao banquete, e sentaram-se à cabeceira da mesa, onde tinham sido reservados lugares. Eram hóspedes de honra! A coxa de carne que o cozinheiro havia separado era a porção destinada aos sacerdotes: “Consagrarás... a coxa da porção... que é de Arão e de seus filhos” (Êx 29.27). Saul deve ter ficado atônito diante do fato de que não apenas era aguardado, mas de que também foi tratado como um sacerdote. Ele ainda não sabia que era o escolhido do Senhor para ser o primeiro rei de Israel e que, desse modo, na qualidade de ungido do Senhor, tinha direito a privilégios especiais, incluindo aquele pedaço de carne selecionada.

25-27. Tendo retornado à cidade e passado a noite no frescor do terraço, Saul foi acordado bem cedo. A BJ e a BLH seguem aqui a LXX, “prepararam uma cama no terraço para Saul”, enquanto a ARA, a ARC e a IBB seguem o hebraico, *falou Samuel com Saul*, que faz sentido. Fora da cidade, Samuel quis ter uma palavra em particular com Saul, daí o pedido para que o servo fosse na frente.

10.1. Ainda não chegara a hora de um anúncio público do primeiro rei de Israel, e, do ponto de vista de Saul, era muito generoso que ele tivesse tempo para se adaptar à repentina revelação de ser o escolhido de Deus. Saul recebeu a unção que o distinguiu dentre todos seus contemporâneos e que simbolizava a bênção do Senhor sobre ele para cumprir o papel de *príncipe (nāgîd) sobre a sua herança, o povo de Israel*. A LXX traz “príncipe sobre seu povo Israel”; a IBB segue bem de perto o TM: “para ser príncipe sobre a sua herança”. Esta palavra “herança” geralmente se refere à terra de Canaã, mas também é empregada para designar o povo de Deus (e.g., 1 Rs 8.53; 2 Rs 21.14; Is 19.25). A BJ e a BLH trazem um texto tirado da LXX (“Tu és

quem julgará o povo de Javé e o livrarás das mãos dos seus inimigos ao redor. E este é o sinal de que Javé te ungiu como chefe da sua herança”), mas que não aparece no hebraico, daí sua omissão na ARA, ARC e IBB. O acréscimo faz uma transição melhor para o versículo 2 e para os sinais dados a Saul e descritos a seguir.

2. O primeiro sinal será um encontro com dois homens, os quais lhe garantirão que as jumentas de seu pai foram encontradas. Depois, eles, por sua vez, tranquilizarão seu pai quanto à segurança de Saul.

O local *Zelza* é desconhecido, mas o *sepulcro de Raquel*, em algum lugar entre Betel e Belém (Gn 35.16-21), ficava próximo da fronteira de Efraim com Benjamim; Jeremias sugere que situava-se em Ramá (Jr 31.15). O atual “túmulo de Raquel”, logo ao norte de Belém, erigido pelos cruzados, não está de conformidade com os dados bíblicos.

3-4. O segundo sinal, junto *ao carvalho de Tabor*, um marco na estrada de Betel, consiste em três viajantes que se dirigem para o santuário ali. O que eles estão carregando são ofertas de sacrifício, mas Saul deve aceitar os *dois pães* que lhe oferecerem, embora não seja sacerdote. Por ser o ungiu do Senhor, ele é uma pessoa sagrada e qualificada para comer pão “santo”, como o fez Davi (1 Sm 21.6). Além disso, ele e seu servo têm suas necessidades satisfeitas.

5-7. O terceiro sinal ocorre em *Gibeá-Eloim*, onde havia outro “alto” (cf. 1 Sm 9.12, 14). O nome significa “colina de Deus” e pode indicar Gibeá, a própria cidade de Saul. A referência à presença de filisteus ali é um lembrete da ameaça que Saul deverá dissipar, mas ele precisa ser revestido de poder pelo Espírito de Deus. Esse revestimento de poder aconteceu não por intermédio de Samuel, mas por um grupo de profetas que profetizavam ao som de música. O *Espírito do Senhor* levaria Saul a profetizar, e ele seria *mudado em outro homem* (lit., “sofreria uma reviravolta”, “seria transformado”). Esses sinais serão a prova de que o Senhor está com ele, mas, de sua parte, Saul deve cumprir tudo o que o Senhor lhe ordenar. De acordo com o contexto, esse parece ser o significado da expressão idiomática “o que achar a tua mão para fazer” (IBB; *o que a ocasião te pedir*, ARA).

8. *Tu... descerás diante de mim a Gilgal*, o importante santuário perto de Jericó, em território benjamita. Visto que estava situado num vale fendido, 300 metros abaixo do nível do mar, o viajante literalmente “descia”. Uma vez ali, Saul devia esperar por Samuel durante sete dias, para que este oferecesse sacrifícios. Parece que a instrução foi dada mais de uma vez (cf. 1 Sm 13.8).

9-13. Saul estava firmemente decidido a ser obediente e, quando deixou Samuel, *Deus lhe mudou o coração* (lit., “transformou para ele”; cf. v. 6). Ocorreu uma mudança dentro dele porque Deus estava agindo nele. Todos os sinais se cumpriram, mas só um é relatado. Quando esteve com os profetas, Saul também profetizou, e o povo do local, que evidentemente conhecia bem a Saul (um dado que favorece a Gibeá como o local), fez comentários de desaprovação. O *filho de Quis* devia se comportar melhor, em vez de se misturar com essa gente. *Quem é o pai deles?* sugere o escárnio de profetas ilegítimos, que, em termos sociais, não eram ninguém. No entanto, não demoraria muito para que Saul se opusesse ao profeta Samuel; daí a ironia implícita no comentário *também Saul entre os profetas?*, que se tornou um dito proverbial para indicar uma aliança incompatível. De fato, ele não era profeta, embora seu estado de êxtase indicasse que podia ser. As pessoas da época, acostumadas com o êxtase religioso em ritos cananeus (cf. 1 Rs 18.26-29), não aceitaram passivamente as implicações de tal comportamento. A experiência pode ter sido de Deus, sem necessariamente indicar que Saul teve o chamado profético; o tempo diria, e havia testes objetivos (Dt 18.22), da mesma forma como há para a igreja (1 Jo 4.1-3). Para Saul, o importante era que os sinais preditos por Samuel se cumpriram, e, por isso, ele podia ter certeza de que o Senhor estava com ele. Não há qualquer indício de que voltou a profetizar (exceto em sua rejeição e humilhação, 1 Sm 19.23, 24).

Seguiu para o alto: o artigo definido indica o lugar citado no versículo 5, perto de sua casa.

14-16. As perguntas diretas não evocam de Saul nada além do mais simples esboço dos acontecimentos. Aqui, há mais do que uma reticência natural, pois Samuel tivera cuidado de compartilhar secretamente com Saul (1 Sm 9.27), e este sabe que não deve dizer nada sobre a unção. Provavelmente, a notícia de que Samuel tratara Saul com

toda honra havia chegado a Gibeá, onde a curiosidade teria sido despertada. Finalmente o narrador emprega a palavra *reino* (*hamm^elúkâ*). O rei foi de fato escolhido, mas sua identidade ainda será revelada.

iii. Saul é escolhido e aclamado rei (10.17-27). 17. Samuel, que havia mandado as pessoas para casa (1 Sm 8.22), agora as reúne em Mispa, o mesmo lugar onde havia intercedido e perto de onde havia erigido a pedra da vitória (1 Sm 7.5-12). No local em que a liderança profética de Samuel havia se confirmado mais claramente, ele daria início à uma nova era que o povo havia exigido.

18-19. Samuel usa como suas as palavras do Senhor que refletem os primeiros termos do Decálogo (Êx 20.12; Dt 5.6), o alicerce da consagração da aliança de Israel. Os atos salvíficos do Senhor haviam prosseguido até a época deles, mas, apesar dos livramentos que tinham visto, incluindo aquele em Mispa, havia um clamor popular por um rei. Embora Samuel considerasse esse clamor uma rejeição de Javé, ainda assim ele convocou o povo, *pelas vossas tribos e pelos vossos grupos de milhares*, a se apresentar perante o Senhor, que evidentemente não os havia abandonado. Essa interessante referência à organização social de Israel na época mostra que a unidade básica, a tribo, estava subdividida em “milhares” (*‘alāpīm*), o equivalente de “famílias” no versículo 21. A palavra que mais tarde veio a significar “mil” tinha nessa data remota um sentido menos preciso.¹ Por essa razão, os números baseados nesta subunidade da tribo não podem ser utilizados para calcular o tamanho da população nem do exército.

20. *Foi indicada por sorte a (tribo) de Benjamim:* o ato de lançar sortes era uma prática comum em todo o mundo antigo, e foram feitos preparativos em Israel para que a orientação do Senhor fosse recebida assim. A terra de Canaã foi distribuída por sorteio (Js 18.10); o sorteio

1. Gottwald trata minuciosamente de todo esse tema e argumenta que nem a unidade militar do Israel antigo “tinha mil homens, nem mesmo um número fixo; antes, era muito menor e continha uma quantidade variável de homens, convocados por uma *mishpāhah* [família] a fim de haver um fornecimento, por parte da *shevet* [tribo], de um número redondo de tropas para as guerras nacionais dos israelitas” (p. 271). Cf. Clark, “Large Numbers of the OT”, p. 82-92.

também decidiria o destino dos dois bodes no dia da expiação (Lv 16.8-10); e o responsável pela derrota em Ai foi descoberto pelo mesmo método (Js 7.16-18). As decisões tomadas assim eram consideradas definitivas (Pv 18.18), pois o Senhor estava controlando o resultado (Pv 16.33). O último emprego de sorteio registrado na Bíblia está em Atos 1.26.

21. Fez-se depois uma seleção entre as principais subdivisões de Benjamim, entre as grandes famílias que descendiam dos “pais”. A *família de Matri* não é mencionada em nenhum outro lugar do Antigo Testamento, mas não existe justificativa textual para substituir por “bicritas”, palavra oriunda do nome “Bequer”, em 1 Crônicas 7.6, onde são citados os filhos de Benjamim (cf. 2 Sm 20.1, “Seba, filho de Bicri”).¹ Por um processo de eliminação, finalmente Saul foi indicado como a escolha de Deus.

22-23. O fato de Saul não estar presente deixa todos perplexos. Será que o sorteio não indicou a resposta certa? “Não veio o homem ainda para cá?” (IBB, que dá o sentido do hebraico, enquanto a ARA acompanha a LXX, *se aquele homem viera ali*) insinua que Samuel pode ter se esquecido de alguém ao realizar o processo de escolha. Mas a palavra do Senhor conduziu os líderes ao esconderijo de Saul. Por que ele se escondeu? Ele tivera tempo para se preparar para esse momento, mas parece que não conseguia se ver no papel de rei, embora agora tivesse a certeza da unção profética confirmada pelo sorteio. Com relutância, mostrou que era de um físico avantajado e, por isso, aceitável pelo povo para ser seu líder; mas ele não queria ser rei.

24. O segredo é revelado, Saul é aceito como rei e aclamado publicamente, com uma expressão comum no Oriente Próximo e que se tornou tradicional (1 Rs 1.25, 31, 34, 39; 2 Rs 11.12; 2 Cr 23.11) e hoje encontra um paralelo exato, por exemplo, na França: “Vive le roi!”. A questão foi tirada das mãos de Saul; *todo o povo* pensava da mesma maneira, e não havia como escapar da decisão deles; Saul não

1. A genealogia do pai de Saul, Quis (1 Sm 9.1), não faz referência alguma a alguém chamado Matri, enquanto é possível que Becorate esteja ligado a Bicri. O assunto é analisado por Gottwald, p. 259-260.

teve oportunidade alguma de protestar. Além disso, Samuel planejou e organizou, dentro de um contexto de aliança, o acontecimento memorável, levando as pessoas a se conscientizar da acusação de que haviam rejeitado o reinado de Javé (v. 19) e, então, dando-lhes seu novo líder. Assim como a arca fora aclamada com grandes gritos (1 Sm 4.5), agora, de maneira semelhante, Saul é aclamado. Por exigência popular, havia sido nomeado um rei; contudo, se Israel pensava que seu rei solucionaria todos os problemas do povo ao levá-lo a vitórias sem considerar a lei de Deus, estava totalmente errado.

25. A cerimônia possuía mais um aspecto importante: a monarquia que Israel havia adotado não era como a das nações, pois estava circunscrita com “direitos e deveres” (BLH; *mišpat*; são necessárias as duas palavras para transmitir a idéia do hebraico), estabelecidos para evitar o estilo de governo opressivo, descrito em 1 Samuel 8.11-18, e para assegurar uma monarquia constitucional. Ademais, fica claro que essas estipulações que regem a monarquia são estabelecidas pelo profeta do Senhor; se houve alguma esperança de fazer uma separação entre a política de Israel e as determinações da aliança, tal expectativa não se concretizou, pois, à semelhança das leis da aliança do Sinai, os direitos e deveres do governo monárquico estavam escritos *num livro posto perante o Senhor* (i.e., no santuário; cf. Dt 31.26; Js 24.26). A aliança foi simplesmente ampliada a fim de abranger o monarca e evitar que ele tomasse liberdades para com seu povo ou exercesse um poder despótico sobre ele. Samuel então determinou que a assembléia se dissolvesse.

26-27. Saul foi na frente, em obediência a Samuel, e voltou para casa; ao mesmo tempo, descobriu que havia pessoas que o seguiam e que apoiavam seu estilo de governo monárquico, conforme definido por Samuel. Esses eram “homens de valor” (IBB; *haḥayil*, lit., a “força”), pessoas preparadas para lutar sob o comando de Saul e impor sua liderança. Esses eram homens *cujos corações Deus tocara*, como também havia tocado o de Saul, transformando-o (v. 6); outros, porém, não quiseram esse tipo de rei teocrático e não esconderam seu desprezo por Saul, chegando ao ponto de não entregar os presentes de costume. Pode ser um ponto positivo para Saul o fato de ele não ter

dado ouvidos, mas o leitor sente-se inseguro sobre como esse novo rei lidará com a oposição e instaurará um estilo pioneiro de governo monárquico, de conformidade com os estatutos dados por Samuel. Por enquanto, ele ainda tem de demonstrar na prática que possui o que é necessário para comandar Israel na guerra, e rapidamente surge uma oportunidade para tal demonstração.

Neste ponto da Bíblia, na passagem do capítulo 10 para o 11, há uma súbita transição de Saul para uma nova personagem, o amonita Naás, e para uma nova localidade, Jabes-Gileade, situada distante, a leste do Jordão. Entretanto, no manuscrito de Qumran 4QSam^a um parágrafo extra introduz o acontecimento seguinte, e Josefo revela que era parte do texto que ele empregava.¹ Isso parece ter sido acidentalmente omitido na LXX e no TM. Tal texto explica que Naás vinha oprimindo as tribos de Rúben e Gade, arrancando o olho direito de todos os homens que capturava, mas sete mil haviam se refugiado na cidade de Jabes-Gileade. As palavras finais de 1 Samuel 10.27 (ARA) são transformadas por uma ligeira mudança no hebraico para ter o sentido de “cerca de um mês depois”, como se vê na LXX e em Josefo. Desse modo, há uma indicação da passagem do tempo entre os dois incidentes.² Conforme traduzido por McCarter (p. 198), o acréscimo diz:

Ora, Naás, rei dos amonitas, vinha oprimindo intensamente os gaditas e os rubenitas, perfurando o olho direito de cada um deles e não deixando que ninguém livrasse Israel. Nenhum homem dos israelitas que estavam do outro lado do Jordão permaneceu sem que Naás, rei dos amonitas, perfurasse o seu olho direito. Mas sete mil homens escaparam dos amonitas e entraram em Jabes-Gileade.

Talvez algum dia esse material adicional seja incorporado no texto de nossa Bíblia. Caso isso ocorra, embora não acrescente muito ao sen-

1. Josefo, *Antigüidades*, 6.5.1.

2. O texto de 4QSam^a foi aqui reconstruído por F. M. Cross, que defende sua superioridade em “New Directions in Dead Sea Scrolls Research: II. Original Biblical Text Reconstructed from Newly Found Fragments”, *Bible Review* 1/3 (1985), p. 26-35.

tido do texto (*cf.* o comentário sobre 1 Sm 12.12, 13), fornecerá uma introdução útil para o incidente do amonita.

iv. Saul é confirmado como rei (11.1-15). Involuntariamente, os amonitas forneceram a oportunidade que Saul precisava para tomar a iniciativa e provar a si mesmo, assim como a Israel de modo geral, que era capaz de “salvar” seu povo dos opressores. Os amonitas eram aparentados de Israel (Gn 19.38; Dt 2.19), mas caracteristicamente agressivos, e atormentavam de maneira incessante as tribos a leste do Jordão, forçando-as a sair de seu território e a ir mais para o leste (Jz 3.13; 11; *cf.* Dt 23.3-6). Eles reivindicavam a posse da margem oriental do Jordão (Jz 11.12, 13). Está bem claro no episódio de Jefté que, na batalha inicial, este só comandou tropas das tribos da Transjordânia. O ponto de reunião era Mispa, em Gileade (Jz 11.29), lugar de onde vinha Jefté, e não houve nenhuma ajuda da parte dos efraimitas a oeste do Jordão no momento crucial (Jz 12.2). De sua parte, os moradores de Jabes-Gileade não haviam participado da ação de disciplina contra Benjamim (Jz 21.8). Portanto, praticamente inexistiam precedentes para que houvesse esperança de que, naquela ameaça, uma ajuda a Jabes-Gileade estaria a caminho por parte das tribos do oeste.

1. O rei amonita *Naás* é mencionado mais tarde como aliado de Davi (2 Sm 10.1, 2); aqui, porém, sua política de incapacitar israelitas, ao arrancar-lhes o olho direito, deixando-os dessa maneira sem condições de apontar arma em combate, era desumana e cruel.¹

Jabes-Gileade é provavelmente a atual Tell abu Kharaz, junto ao vádi (rio intermitente) Yabis, que mantém o nome antigo (*yābēš* = “Jabes”). Ficava a apenas três quilômetros do Jordão, sendo facilmente acessível pelo oeste. Os casamentos entre benjamitas e moradores de Jabes teriam estabelecido um vínculo entre os dois lados, o que forma parte do cenário do reinado de Saul.

1. Outro exemplo de crueldade desumana por parte de Amom foi citado cerca de 300 anos depois por Amós; tais crimes contra a humanidade inevitavelmente clamavam por juízo (Am 1.13-15).

A situação de Jabes era tão desesperadora que seus moradores julgaram ser a única saída se renderem e aceitarem as condições dos vitoriosos; eles estavam à mercê dos amonitas.

2-4. Naás estava tão confiante em seu controle da situação que fez exigências absurdas, e até permitiu que Jabes buscasse ajuda em outras partes do território de Israel. Em sua opinião, era improvável que pudesse chegar ajuda. *Sete dias* era um período que mal dava para mensageiros cobrirem a terra inteira e voltar. Quando eles chegam a *Gibeá*, há muita preocupação, e até choro, por causa da dura situação de Jabes, mas não se faz qualquer plano de ação.

5-6. Saul, ausente quando os mensageiros chegam, “por acaso” está conduzindo seus bois de volta quando o choro está no auge. Quando ouve o motivo do choro, *o Espírito de Deus* toma posse dele, desperta sua indignação e leva-o a agir, como acontecia na época dos juízes com os dotados para a liderança.

7. A ação de Saul foi cuidadosamente planejada a fim de lembrar o incidente registrado em Juízes 19. O levita de Efraim havia passado a noite em Gibeá, onde sua concubina fora morta. Ele levou o crime perante todo o Israel para uma decisão judicial, e Saul imitou de maneira consciente seu método de ajuntar as tribos quando cortou seus bois em pedaços e ameaçou de semelhante sorte os bois de qualquer um que deixasse de responder positivamente a seu chamado ao combate. A inclusão que Saul faz de Samuel deixa implícito que ele espera que o profeta o acompanhe em combate, visto que Saul está agindo sob o Espírito de Deus. O apoio dos homens de combate de Israel é imediato e unânime: a firme direção de Saul garante a cooperação de todas as tribos (contraste com Jz 5.16, 17).

8. *Bezeque* (atual Khirbet Izbziq) foi um ponto de encontro em Efraim muito bem escolhido, estando situado em frente a Jabes-Gileade, que ficava a cerca de 16 quilômetros do outro lado do Jordão. O número de homens que se reuniram provavelmente deve ser interpretado como unidades militares, em vez de “mil” (*‘alāpīm*), como em 1 Samuel 10.19.

9-10. Desse modo, os mensageiros puderam voltar com notícias positivas de auxílio militar, o que permitiu aos líderes de Jabes, a cidade sitiada, informar aos amonitas que *amanhã* seria o dia decisivo.

Amanhã nos entregaremos a vós outros é o sentido óbvio, mas o verbo *yāšā'* (lit., “sair”) pode ter implicações militares (como em 1 Sm 18.13: “ele fazia saídas... militares diante deles” [na condição de seu comandante]), de forma que a mensagem continha uma ambigüidade perspicaz, dando ao mesmo tempo a impressão de que o sentido era de rendição.

11. Saul adotou táticas já provadas quando dividiu seu exército em três partes, de modo a cercar o inimigo. Gideão e Abimeleque haviam feito o mesmo (Jz 7.16; 9.36, 37). Ele também empregou a surpresa de um ataque ao amanhecer, e até a metade do dia havia dispersado completamente o inimigo.

12-13. Em face da vitória de Saul, há uma exigência pública da morte dos homens que haviam questionado a capacidade de Saul salvar a Israel. Ele havia prometido livramento (v. 9), e agora *o Senhor salvou a Israel*, confirmando assim a posição de Saul perante todo o exército e a população de Jabes. Levado pelo ímpeto de uma nova confiança, Saul não determina a morte de ninguém; neste ponto, ele não dá um passo errado.

14-15. Em Mispa, Saul fora escolhido e aclamado rei, mas não teve o apoio de todos (1 Sm 10.27); tendo agora demonstrado sua capacidade em ação, ele será confirmado por *todo o povo*. Assim, as palavras de Samuel, *renovemos o reino*, implicam um apoio unânime a Saul. A cerimônia em Gilgal “renova” o reino no sentido de que já não há mais oposição; as ofertas pacíficas indicam a reconciliação, e “todo o povo” torna Saul rei.

Gilgal foi o lugar em que os israelitas, sob Josué, pisaram pela primeira vez a terra de Canaã, onde reconheceram o grande poder do Senhor exercido em favor deles, bem como o fato de que Lhe pertenciam (Js 4.23-24; 5.2-7). Nesse santuário antigo, acessível às tribos a leste do Jordão, *proclamaram a Saul seu rei perante o Senhor*. Qualquer idéia de um estilo secular de governo monárquico foi, assim, rejeitada, e reconheceu-se Saul como alguém liderando Israel sob a autoridade monárquica do Senhor. A teocracia não havia, afinal, sido rejeitada, e a festa que se seguiu ao sacrifício de ofertas pacíficas foi marcada por grande alegria. “Os homens de Israel estão contentes por terem tal rei, Saul está contente por ser tal rei, e Javé instalou o tipo de

rei que mantém as posições relativas dEle próprio e de Israel: Ele como seu Deus, e eles como Seu povo.”¹ Dentro desse entendimento da monarquia, os pontos de vista e interesses conflitantes podiam ser resolvidos, mas ainda era preciso esclarecer as implicações da nova situação.

v. *Samuel transfere o poder a Saul (12.1-25)*. Agora que todo o povo havia aceito Saul como rei, Samuel tem de se retirar como o líder teocrático, embora continue a exercer seu ministério profético — embora até certo ponto restrito, no sentido de que o monarca poderá optar por ignorar seus conselhos e instruções. Primeiro, porém, ele deseja apresentar um relato fiel dos acontecimentos e assinalar que, sob sua liderança, Israel tivera uma administração justa e competente, de conformidade com a aliança, e sem que exigências indevidas tivessem sido feitas para restringir a liberdade pessoal.

1-2. De acordo com as instruções do Senhor (1 Sm 8.7), Samuel havia cedido ao pedido do povo por um rei. A partir desse momento, “o rei vai adiante” (IBB) deles, tal como Samuel havia feito. Nesse contexto, a expressão significa “cumpre a função de líder”, vivendo perante o povo, sob constante vigilância. Samuel fez isso durante toda sua vida, e ele menciona seus filhos para reforçar o fato de que seu ministério abrangeu mais de uma geração.

3-5. Samuel está buscando o reconhecimento não só de sua própria integridade, mas também do estilo de governo que representou. De nenhuma maneira ele havia tentado se enriquecer ou ressaltar sua própria importância. (Será que Samuel cogitava que teria sido mais valorizado, caso tivesse sido autoritário e ganancioso?) Em sua condição de juiz, ele tinha sido totalmente justo, jamais favorecendo os ricos e poderosos por aceitar *suborno*. Sua retidão absoluta é atestada perante o Senhor e perante *seu ungido* (*m^ešîhō*, talvez ecoando 1 Sm 2.10). Ao empregar esse título, Samuel estava enfatizando a responsabilidade do rei de representar corretamente o Senhor a quem Samuel tinha servido, sendo ele inocentado de possíveis acusações.

1. Eslinger, p. 381.

6-11. Samuel passa a proclamar o Deus a quem Israel veio a conhecer por experiência, através de sua história como povo. Falando como juiz e profeta, ele apresenta uma visão deuteronomística da história de Israel. Os acontecimentos do êxodo, do Sinai e da entrada em Canaã tornaram-se uma espécie de “credo”, recitado e comentado em ocasiões formais de reunião nacional, tal como essa. Muitos daqueles que ouviam Samuel, se não todos, deviam conhecer em linhas gerais os acontecimentos que ele relatava, mas Samuel está convocando cada pessoa a se identificar pela fé com as gerações passadas que experimentaram o livramento do Senhor; os atos de salvação do Senhor foram primeiro para *vós outros* e, depois, para *vossos pais*. Cada nova geração entrava no compromisso da aliança, com suas obrigações e privilégios, mas todo ato de obediência e todo ato de apostasia tinham repercussões que influenciavam o futuro. A fim de entender sua própria situação em relação a seu Deus da aliança, aqueles da geração de Saul precisavam ver como tinham sido trazidos à sua terra e como haviam experimentado tanto a derrota quanto a vitória, dependendo de sua lealdade para com o Senhor. Mesmo em épocas de apostasia, assim que eles voltavam arrependidos para o Senhor, Ele mandava libertadores.

Samuel resume o pecado básico de Israel com as palavras *esqueceram-se do Senhor seu Deus*. É uma acusação sobre a qual vale a pena ponderar. Tendo-O esquecido, eles O abandonaram e, em Seu lugar, colocaram as sedutoras seitas locais ligadas com *os Baalins e os Astarotes* (veja o comentário sobre 1 Sm 7.3, 4). O sermão está insistindo na importante questão de que, a despeito do repugnante nível a que Israel chegou, o Senhor não os abandonou. Pelo contrário, Ele os colocou sob a pressão de inimigos a fim de levá-los a buscá-IO. Entre os libertadores, Samuel cita *Jerubaal* (Jz 6.32), mais conhecido como Gideão, *Baraque* (o hebraico diz “Bedã”, que não é mencionado em Juízes; a ARA seguiu a LXX), *Jefté* (Jz 11-12.7) e, finalmente, inclui a si próprio, pois estava entre os juízes (1 Sm 7.15, 16) e encerrou a era deles. Graças a esses libertadores, *habitastes em segurança*; Samuel desempenhou um papel crucial, o que todos seus ouvintes reconheceram. O sermão agora atinge pessoalmente cada um.

12-13. Quando a questão de um rei foi levantada junto a Samuel pela primeira vez (1 Sm 8.4-22), não se mencionou a ameaça amonita, que Samuel agora diz ter provocado o pedido. Contudo, os acontecimentos de 1 Samuel 8-12 cobrem um período relativamente curto, e já podia ser de conhecimento público que Naás estava oprimindo as tribos a leste do Jordão. De acordo com o material extra de 4QSam^a, fica claro que fazia meses que os ataques amonitas vinham ocorrendo. O pedido de um rei, feito pela primeira vez depois da vitória de Gideão (Jz 8.22), tornou-se mais insistente quando a sociedade deu mostras de um colapso moral (cf. Jz 18.1; 19.1; 21.25; 1 Sm 8.3). O medo do caos social parece só ter sido menor do que o medo de inimigos externos, que exigiu ação imediata quando os amonitas tornaram-se agressivos. Havia uma expectativa muito alta de que um rei lidaria eficazmente com ambos os perigos; mas Samuel continuou a insistir no ultraje de preferir um governante humano, pedindo ao povo que olhasse para o rei que haviam escolhido.

14-15. Todavia, a prosperidade ainda seria possível, contanto que eles e seu rei fossem inteiramente leais ao Senhor e a Seus mandamentos. O monarca em Israel estava sujeito, como todos os demais, ao Senhor Deus.

16-18. Samuel quer se assegurar de que suas palavras sejam recebidas com toda a reverência que merecem. Ao pedir uma tempestade de relâmpagos no *tempo da sega do trigo* (i.e., em maio e junho, quando as chuvas de primavera já haviam passado), Samuel estava pedindo “um sinal”, uma demonstração do apoio do Senhor a Seu servo, a quem o povo iria ignorar por sua conta e risco. A despeito da instalação da monarquia, o Senhor continuaria a falar por meio de Seus servos, os profetas.

19-25. As palavras de Samuel, reforçadas pela tempestade, levaram a assembléia do povo ao arrependimento. Isso permitiu que o profeta os tranqüilizasse: *Não temais*. O “vós” (IBB; omitido na ARA) que se segue é enfático, como o *eu* do versículo 23. Israel havia agido errado; Samuel tinha seu papel a desempenhar, mas o que mais importava era a afirmação de que *o Senhor, por causa do seu grande nome, não desampará o seu povo*. O que o Senhor tomara a Si para fazer, Ele concluiria, pois Ele é Deus e não deixará que Seus propósitos se-

jam frustrados. Essa verdade permanece, apesar de sua aparente contradição no versículo 25. A longo prazo, a ameaça foi cumprida, mas, como declara Paulo, Deus não rejeitou Seu povo (Rm 9-11; cf. especialmente Rm 11.1).

Samuel tinha a tarefa contínua de intercessão, que ele não tinha intenção alguma de negligenciar, juntamente com a de instrução e aconselhamento. Ele reforçou sua exortação imediata, de temerem e servirem ao Senhor, com o conselho prático de considerarem *quão grandiosas cousas vos fez*. Provavelmente, nenhuma outra coisa se revelará um incentivo mais eficaz ao serviço fiel.

Saul demonstra ter superado sua relutância em aceitar o chamado divino. Agora, ele havia assumido plenamente sua condição de rei das tribos de Israel, que, como consequência, haviam concordado em lhe prestar lealdade. Qualquer ponderação teórica quanto ao papel do rei tinha de ceder espaço a considerações práticas, pois as incursões inimigas continuavam, exigindo ação militar urgente. Nesse aspecto, Saul começara a obter renome; será que conseguiria mantê-lo? As sinistras palavras finais do sermão de Samuel não eram animadoras, pois mencionavam a possibilidade de tanto o rei quanto o povo desaparecerem.

Em relação a Samuel, é óbvio que Saul tinha um problema. Por um lado, ele devia sua nomeação a Samuel, mas, por outro, estava assumindo a posição de Samuel como líder. Samuel muitas vezes falava da impiedade do povo ao pedir um rei, aparentemente sugerindo que ele, Saul, na verdade não devia estar no cargo. Contudo, Saul não buscou ser o rei e teria preferido, pelo menos no início, ter ficado na obscuridade, mas não lhe deram qualquer opção. Foram dados inúmeros sinais, mostrando que ele era a pessoa escolhida por Deus, e as orações para livramento dos amonitas haviam sido maravilhosamente respondidas. Era rei pela unção de Deus, pela direção divina do sorteio sagrado e por exigência unânime do povo. Ele havia atraído a atenção do povo, que desejava um herói, e, apesar de tudo, esperava-se que estivesse à altura.

Caso tivesse percebido isso, Saul poderia ter lucrado muito com a presença a seu lado de um profeta maduro como Samuel, pronto a dar orientação, instrução e, se necessário, repreensão. Acima de tudo, Samuel era um intercessor que conhecia a mente do Senhor e tinha suas

orações respondidas. Samuel indicaria o caminho certo, e tudo o que Saul precisava fazer era segui-lo. Poderia ter se apoiado bastante em Samuel, e teria encontrado firmeza e tranqüilidade. Na verdade, porém, foi exatamente isso que Saul não conseguiu fazer.

II. SAUL: O PRIMEIRO REI (1 Samuel 13.1-31.13)

a. Incidentes básicos no reinado de Saul (13.1-15.35)

i. Jônatas ataca a guarnição filistéia (13.1-23). **1.** Agora que está para começar o relato sobre o reinado de Saul, é inserida a fórmula que acompanha o registro de cada um dos reis nos livros de Samuel e Reis (e.g., 2 Samuel 5.4, 5; 2 Reis 11.21; 12.1), mas sem os números necessários, conforme o indica o texto da BJ. Parece provável que essa informação esteve faltando desde o começo ou que houve algum mal-entendido sobre ela, sendo portanto omitida posteriormente por escribas que achavam que os números apresentados não podiam estar certos.¹

2. A primeira providência de Saul como rei é formar um exército regular constituído de tropas selecionadas, em cuja competência profissional ele espera poder confiar. Ele próprio comanda duas divisões (“mil”), e Jônatas, uma. Jônatas tem liberdade para agir, e Saul aceita a situação.

1. O TM traz “Saul era ‘filho de um ano’”, isto é, tinha um ano de idade; dois manuscritos gregos trazem “tinha 30 anos de idade”, mas, como Jônatas já era combatente, nem mesmo esse número é convincente. Alguns outros manuscritos gregos omitem o versículo. E. Robertson, “Samuel and Saul”, *BJRL* 28/1 (1944), p. 175ss., argumenta em favor de 52 anos, com base no fato de que uma lista tabular havia empregado as letras hebraicas *bēt nûn* como numerais. Quanto à duração de seu reinado, os “dois anos” do TM (*cf.* ARA, IBB, ARC) são considerados pela maioria dos comentaristas um período excessivamente curto. Atos 13.21 traz “40 anos”; o mesmo faz Josefo (*Antigüidades* 6.14.9), embora posteriormente (*Antigüidades* 10.8.4) ele aceite 20 anos. Acredita-se que ambos os períodos sejam longos demais. Talvez tenham sido baseados nos 20 anos mencionados em 1 Samuel 7.2 ou podem ter incorporado o governo conjunto de Samuel e Saul.

3. Jônatas provocou uma crise ao derrotar a “guarnição dos filisteus em Geba” (IBB). A semelhança do nome com Gibeá, onde uma guarnição filistéia já havia se instalado (1 Sm 10.5) e onde Jônatas e suas tropas estavam estacionados, deu origem à sugestão de que Gibeá também devia figurar no texto aqui. As duas cidades ficavam a cerca de apenas seis quilômetros e meio de distância uma da outra, e *Micmás* situava-se a outros três quilômetros além de Geba, ao norte; embora o terreno escarpado exigisse maior esforço físico, também propiciava ótimas condições para a batalha de guerrilhas. Saul quis aproveitar ao máximo a vitória de Jônatas, alertando a todos com o toque de trombeta: *Ouçam isso os hebreus*. Ou talvez fosse um grito filisteu: “Os hebreus se rebelaram!” (cf. a tradução da NEB, baseada na LXX).

O que se quer dizer com “os hebreus” (*‘ibrim*) nesse contexto? Normalmente, os israelitas não empregavam essa expressão para se referir a si mesmos, e as palavras que vêm em seguida, no versículo 4, permitem pressupor a existência de terceiros: “Todo o Israel ouviu dizer...” — o que nos leva imediatamente a perguntar: “Ouviu de quem?”. O fato era que os moradores cananeus permaneciam na terra, alguns dos quais ocupavam cidades estratégicas como Jerusalém, e tanto eles quanto os israelitas eram ameaçados pelas incursões filistéias. Além disso, havia os combatentes das colinas, que não haviam sido escravizados e estavam prontos para servir como mercenários. Do ponto de vista filisteu, todos esses segmentos da população eram vistos como subordinados que deviam fidelidade aos senhores filisteus, cuja organização e tecnologia superiores garantiam-lhe o domínio e a influência. Todos os habitantes da região montanhosa de Canaã eram escravos em potencial, produzindo alimento e atuando como trabalhadores braçais ou mercenários assalariados. Segundo Gottwald, era esse o sentido de “hebreu”, um grupo social que se distinguia mais por fatores sócio-políticos do que por aspectos étnicos ou econômicos.¹ Outros, contudo, argumentam que o nome tem uma conotação étnica; ele indica os descendentes de Héber (Gn 11.16), de-

1. Gottwald, p. 401.

signando assim um grupo mais amplo do que os filhos de Abraão, Isaque e Jacó, mas ao mesmo tempo incluindo-os.¹ Isso faz sentido aqui, porque muitos homens de Saul haviam desertado e agora se tornavam desesperadamente necessários. Ao ouvirem o toque de trombeta, essas tropas voltariam para assumir posição na frente de combate.

4. De modo geral, Saul é reconhecido como herói, recebendo considerável apoio à medida que mobiliza as forças em *Gilgal*, onde fora aclamado rei (1 Sm 11.14). As forças imensamente superiores dos filisteus — tanto em equipamento como em quantidade de homens — assumiram posição na própria área que Saul havia ocupado e controlavam as colinas a leste de Betel (nome alternativo de *Bete-Áven*; cf. Os 4.15). As tropas de Saul ficaram tão intimidadas que bateram em retirada e esconderam-se nas muitas cavernas e outras aberturas nas rochas.

“Ou atravessaram os vaus do Jordão” (RSV) é uma correção. *Também alguns dos hebreus passaram o Jordão* (ARA; veja também ARC, IBB, BLH, BJ) segue o texto hebraico. Se, conforme vimos, esses “hebreus” são os recrutas não comprometidos que Saul havia reunido em torno de si, é compreensível que fossem destacados para uma ação à parte. O texto não precisa de qualquer emenda. Os mercenários fugiram.

8-10. *Esperou Saul sete dias, segundo o prazo determinado por Samuel*: dificilmente a referência seria a 1 Samuel 10.8, mas pressupõe uma instrução parecida feita também para essa ocasião; talvez Samuel se comprometesse a vir, em qualquer época de crise, sempre no prazo de sete dias. Jônatas não estava sujeito a qualquer compromisso assim quando atacou Geba, talvez porque essa fora apenas uma guerra restrita.

Saul sabe que logo deverá tomar alguma providência a fim de que o exército inteiro não deserte, e está bastante ansioso enquanto espera com impaciência que Samuel venha oferecer os sacrifícios que antecediam a batalha e demonstravam a dependência que Israel tinha do Senhor. Era um teste. Samuel não apareceu, e Saul resolveu o assunto

1. Cf. *IBD* 2, “Hebrews”, p. 626, 627; McCarter 1980, p. 240, 241.

de seu jeito, oferecendo o holocausto. Mal ele terminara de fazê-lo, chegou Samuel, sendo saudado por Saul como se nada tivesse acontecido. Ou Saul era insensível quanto a questões espirituais ou então insolente, pois, com sua desobediência, estava desafiando a autoridade espiritual de Samuel e, portanto, a autoridade do Senhor, de quem Samuel era profeta.

11-12. Saul condena a si mesmo com sua resposta à pergunta de Samuel. É verdade que ele estava num dilema para o qual não conseguia enxergar uma saída, de maneira que resolveu o assunto de seu jeito e, ironicamente, diz que ainda não havia obtido *a benevolência do Senhor*; claro, ele poderia tê-lo feito particularmente, como Ana fizera, sem se intrometer nas prerrogativas de Samuel. Sem dúvida, teria encontrado alívio para sua ansiedade e crescimento na fé, mas para ele o ritual correto era importante.

13-15a. *Procedeste nesciamente* é uma condenação mais pesada do que poderíamos supor, pois nas Escrituras o tolo é moral e espiritualmente culpável, não apenas alguém desprovido de inteligência. Saul vira o Senhor sair em sua defesa na guerra amonita; ouvira, por meio de Samuel, a palavra divina de segurança (1 Sm 12.14), mas no primeiro momento de tensão deixou de ser obediente ao Senhor seu Deus. A penalidade é severa: *não subsistirá o teu reino*; ou seja, Saul não dará origem a uma dinastia. Foi um juízo pesado, e poderíamos ser tentados a pensar que Samuel exagerou em sua reação, tendo sujeitado Saul a um período desnecessariamente longo de espera para, finalmente, condená-lo.¹ O que Samuel está lutando para deixar claro de uma vez por todas é a diferença essencial entre a monarquia de Israel e a das nações. Em Israel, o Senhor é rei, e a obediência a Ele deve ser suprema. Conseqüentemente, qualquer sinal de desejo de independência para agir torna-se uma desqualificação: equivale à rebelião contra o Senhor. O Senhor já havia escolhido o sucessor de Saul; seria “um homem segundo o seu coração” (IBB; *um homem que lhe agrada*, ARA), preparado para deixar que a vontade do Senhor, exposta por Seu profeta, dirija sua vida.

1. Assim pensa Gunn 1980, p. 66.

A partida de Samuel simbolizou o rompimento entre o profeta e Saul, que foi abandonado sem qualquer orientação para derrotar os filisteus e que, com as ofertas sacrificiais completadas pela metade, foi deixado na dependência de sua própria capacidade.

15b-18. Quando Saul retomou sua posição na região montanhosa perto de Geba, onde Jônatas e seus homens permaneciam, o total das forças que tinham era de apenas *seiscentos homens*. Um desfiladeiro profundo servia de barreira entre eles e os filisteus, que estavam do outro lado do vale, em *Micmás*, mas de alguns pontos de observação próximos seria possível acompanhar cada movimento do inimigo. Bandos de filisteus saíam para atacar em três direções: para o norte, na direção de *Ofra*; para o leste, na direção de *Bete-Horom* e seu território; e para o sul, na direção de *Zeboim*, perto do mar Morto (Gn 14.2, 3). Este último caminho seguia o desfiladeiro íngreme e profundo que cortava os montes.

19-22. Esses versículos descrevem a superioridade dos filisteus em termos de conhecimento técnico do que havia de mais moderno em armamentos e sua manutenção, conhecimento este que tiveram o cuidado de monopolizar pelo máximo de tempo possível. Os israelitas ainda estavam no período do bronze, enquanto seus inimigos, que vieram da região do mar Egeu, no Mediterrâneo, tinham acesso ao que havia de mais recente na tecnologia hitita do ferro, depois que o monopólio dos hititas foi quebrado no século XII a.C. Está claro que os filisteus mantinham em suas próprias mãos toda a manutenção e conserto de armas e ferramentas, forçando desse modo os israelitas e outros moradores da região montanhosa a depender deles. No versículo 21, a BJ (veja também PIB e BLH) menciona o preço cobrado pelos filisteus para amolar as armas e ferramentas. A palavra hebraica é *pîm*, citada apenas aqui nas Escrituras, e indica uma medida de peso de 7,8 gramas (foram encontrados pesos com seu nome escrito neles), cerca de dois terços de um siclo. Usava-se o siclo para pesar ouro e prata, que eram dados como pagamento antes que o dinheiro começasse a ser usado, no sexto século a.C. Visto que o cliente não tinha outra opção, era possível pedir um preço bem elevado. A consequência foi que só Saul e Jônatas estavam armados de espada e lança, e o inimigo sabia exatamente de quão pouco equipamento o exército israelita dispunha.

23. Os filisteus intensificaram sua ameaça contra Israel instalando uma guarnição no *desfiladeiro de Micmás*, ao lado da ravina que separava os exércitos. Assim, a tensão no relato aumenta.

ii. *A segunda iniciativa de Jônatas (14.1-23).* Essa descrição vívida e atraente do príncipe Jônatas e de sua incursão ousada contra o inimigo propicia um quadro detalhado do rei que seria o sucessor de Saul, caso este tivesse “obedecido ao mandamento do Senhor”. A palavra do Senhor a Samuel quando a identidade do primeiro rei de Israel estava sendo revelada foi que “ele livrará o meu povo da mão dos filisteus” (1 Sm 9.16), e Jônatas levou essa palavra muito a sério.

1. A tensão provocada pela indecisão de Saul era mais do que seu filho poderia suportar, daí sua decisão de examinar mais de perto a guarnição inimiga. O segredo era essencial para o sucesso.

2-3. Seu pai, tendo perdido o apoio de Samuel, tinha se voltado para *Aías*, bisneto de Eli e, por direito hereditário, sumo sacerdote, para lhe dar a orientação que necessitava. O representante das tradições de Silo e da guarda da arca da aliança reapareceu em cena, a despeito do juízo profético pronunciado contra a família de Eli (1 Sm 2.27-36) e endossado mediante o jovem Samuel (1 Sm 3.11-14).

Se Saul estava em *Gibeá*, ele tinha se retirado um pouco de sua posição original; talvez se deva ler Geba (*cf.* 1 Sm 13.16), ou a *romeira* talvez estivesse na região de Geba (embora em Is 10.28 *Migrom* fique ao norte de Micmás; o nome significa “precipício” e pode ter sido usado para designar mais de um lugar). Há uma indicação de certa falta de organização no acampamento de Saul.

4-5. A ravina que Jônatas e seu companheiro tinham de vencer era bem íngreme e requeria grande habilidade para escalar rochas. Esses penhascos destacavam-se tanto que tinham nomes: o penhasco que ficava ao norte, com a face voltada para o sul, chamava-se *Bozez*, “brilhante”, porque sobre ele o sol batia com toda sua força; o penhasco sombreado que dava para o norte e que tinham de descer chamava-se *Sené* (significando “cheio de espinhos” ou “coberto de amoras pretas”). Esse era o último caminho que qualquer pessoa de bom senso pensaria em tomar, daí a maneira surpreendente pela qual Jônatas conseguiu chegar até o inimigo.

6-10. Agora a motivação de Jônatas fica clara. Ele considera os filisteus incompatíveis com Israel porque são *incircuncisos*, ao passo que Israel, pela circuncisão, estava comprometido com o Deus vivo (Gn 17.1-8). Desde a época de Abraão, haviam ocorrido numerosos exemplos do poder salvífico do Senhor, e Jônatas estava convencido de que o fator decisivo sempre tinha sido o poder de Deus e não o tamanho do exército. Portanto, se o Senhor Deus estava com os dois, Ele poderia lhes dar a vitória, *porque para o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos*. Tal ponto de vista sobre o Senhor contrastava com a indecisão de seu pai (v. 2). O fato de que o escudeiro pensava exatamente como Jônatas indica que Israel ainda possuía um pequeno núcleo de verdadeiros crentes. A ARA dá sentido ao texto hebraico aqui no versículo 7, corrigindo com base na LXX: *Faze tudo segundo inclinar o teu coração; eis-me aqui contigo, a tua disposição será a minha* (o texto hebraico traz: “Faze tudo que está em tua mente. Siga. Eis que estou contigo como o teu coração”).

Jônatas, contudo, não foi temerário, mas previu a possibilidade de um erro de sua parte. A maneira como os filisteus responderiam à aproximação deles seria interpretada como um sinal do Senhor: o desafio *subi a nós* indicaria uma vitória em potencial.

11-12. Quando os filisteus os viram, reagiram com desprezo, chamando-os de *ibrîm*, “hebreus”, um termo depreciativo aqui, quase significando “homens da caverna”. Ao provocar os dois homens para que subam, os filisteus insinua que a encosta rochosa é íngreme demais para qualquer pessoa escalar. Se conseguirem, os filisteus lhes darão *uma lição*.

13-15. Evidentemente, essa não foi a primeira vez que Jônatas escalou rochedos. Ele não somente galgou o penhasco, mas também teve forças suficientes para atacar a guarnição e matar 20 homens *em cerca de meia jeira de terra* (“uma parrelha de terra”, isto é, a área trabalhada por uma parrelha de bois num dia), “em uma área de aproximadamente meio acre” (isto é, dois mil metros quadrados, NIV; cf. BLH). O pânico provocado por essa súbita ofensiva aumentou quando a própria terra começou a tremer e até *os saqueadores* [isto é, atacantes] *tremeram*. O próprio Senhor interviu!

16-17. Alguns homens de Saul, encarregados do trabalho de observação, relataram a atividade das tropas à distância. Saul deve ter imaginado que alguém de seu acampamento era o responsável por aquilo, pois determina que se faça uma chamada e descobre quem está faltando.

18-19. Nessa situação crítica, Saul consulta seu novo conselheiro, Aías, que havia trazido a *arca de Deus* para a batalha (cf. 1 Sm 4.3 e as conseqüências desastrosas). Parece que Saul ainda esperava receber ordens divinas explícitas, mas na ocasião ele não esperou por elas, mesmo que estivessem para ser dadas, pois o barulho cada vez maior vindo do acampamento filisteu exigia sua atenção. Saul estivera aguardando orientação quando devia estar atacando, e agora estava atacando quando precisava ouvir o conselho que presumivelmente pedira.

20-23. Nada estava organizado para o combate iminente. Aqui se faz uma clara distinção entre *hebreus* e israelitas, e o autor tem em mente os “fora-da-lei” não-comprometidos, os quais, ao verificar que os israelitas estavam em posição de vantagem, abandonam os filisteus e passam para o lado israelita. De forma semelhante, aqueles que haviam se escondido nos montes de Efraim ouviram rumores sobre a reviravolta dos acontecimentos e acorreram até Saul e Jônatas, a fim de participar da vitória. Pois *livrou o Senhor a Israel naquele dia*; Ele havia operado Sua obra salvadora, e os filisteus fugiram em pânico para o ocidente, sendo assim derrotados.

iii. O voto precipitado de Saul (14.24-46). As operações de limpeza após a derrota do inimigo eram de absoluta importância para que se tirasse o máximo de proveito da vitória, mas a perseguição do inimigo envolvia uma jornada exaustiva e ininterrupta pelas colinas íngremes durante horas a fio.

24. Antes de se engajar em combate, Saul estava tão decidido a vencer os filisteus que impôs uma abstenção de alimento durante o dia, sem dúvida num esforço para conquistar o favor divino depois de se afastar rapidamente de Aías e da arca. Não surpreende que os homens estivessem *angustiados*; eles sofriam de exaustão, agravada pelo jejum. Esse incidente é um dos vários exemplos nas Escrituras de votos e juramentos apressados, que é melhor evitar (cf. Jz 11.31-40; Ec 5.4,

5; Mt 5.33-37). Também ilustra a tendência de Saul de estar do lado errado nas coisas espirituais.

25-30. O texto é obscuro no versículo 25, mas o sentido geral diz respeito à descoberta de mel, que gotejava no chão caindo dos favos de abelhas silvestres, os quais se encontravam nas árvores da floresta onde o exército chegara. Jônatas, desconhecendo o jejum imposto por seu pai, aproveitou o suprimento providencial daquele alimento rico em energia e recobrou o ânimo. Quando soube do juramento de seu pai e viu que o povo estava desmaiando, manifestou abertamente sua crítica: *Meu pai turbou a terra*. A palavra “turbou” (*‘ākar*), em Josué 7.24-26, está ligada a uma tentativa de enganar e, em Juízes 11.35, a um juramento imprudente. Nos dois casos, houve morte, e a morte ameaça também este incidente. Entretanto, havia às mãos alimento que teria recuperado as forças de todos, de modo que poderiam ter sedimentado sua vitória em plena terra dos filisteus.

31-35. Naquela ocasião, os israelitas os perseguiram até *Aijalom*, na fronteira da planície filistéia, a oito quilômetros e meio de Gezer, tomando despojos que passaram a comer *com sangue*. Preocupado em cumprir as exigências rituais, Saul empregou uma rocha, de maneira que, quando os animais eram mortos, seu sangue escorria e se derramava no chão (*cf.* Gn 9.4; Dt 12.23, 24); assim, os israelitas não se profanavam.¹ E Saul *edificou... um altar ao Senhor*, ainda procurando, a seu próprio modo, conquistar uma vez mais o favor do Senhor.

36-37. A noite já havia caído; por isso, o juramento de Saul não tinha mais valor, e todos haviam comido. Agora, Saul tinha como objetivo a retomada da perseguição dos filisteus durante a noite. A sugestão do sacerdote de buscar a orientação do Senhor parecia boa, mas, quando não veio resposta alguma às suas perguntas, Saul concluiu que isso era resultado do pecado de alguém.

1. Curiosamente, esse fato demonstra que, no início da monarquia, praticava-se o abate não-sacrificial de animais. “A implicação disso para Deuteronômio 12.15ss. é que já não se pode ter certeza de que esse texto seja uma tentativa de instituir na monarquia posterior um tipo não-sacrificial de abate de animais”; J. G. McConville, *Law and Theology in Deuteronomy* (Sheffield: JSOT Press, 1984), p. 47.

38-42. Esses versículos nos ensinam quase tudo o que sabemos sobre o modo como funcionava o sorteio sagrado. Duas respostas, “sim” e “não”, podiam ser dadas pelos dois botões, os quais, conforme indica o versículo 37, também poderiam indicar “sem resposta”. Os botões ficavam guardados no peitoral de juízo usado pelo sumo sacerdote, preso ao éfode (Êx 28.30), e eram chamados Urim e Tumim. As iniciais das duas palavras eram a primeira e a última letras do alfabeto hebraico, que talvez estivessem escritas neles para distinguir um do outro. Outra sugestão é que haveria duas cores, representando o “sim” e o “não”; quando deixavam de coincidir nos dois botões, o sorteio não dava resposta. Tais conjecturas são úteis, embora atualmente não seja possível verificá-las.

No início da busca do culpado, Saul e Jônatas foram postos num lado e todo o povo do outro, e Saul orou. O texto da BJ (e também da BLH) reconstruiu o hebraico com a ajuda da LXX: “Ó Javé, Deus de Israel, por que não respondeste hoje ao teu servo? Se o pecado recaí sobre mim ou sobre o meu filho Jônatas, ó Javé, Deus de Israel, dá Urim; se a falta foi cometida pelo teu povo de Israel, dá Tumim”. Mas a ARA segue o hebraico: *Falou, pois, Saul ao Senhor Deus de Israel: Mostra a verdade* (o hebraico traz *tāmîm*, “coisas perfeitas”; “Tumim” é *tum-mîm*). Nesse caso, quase não há motivo para adotar a LXX, que pode muito bem refletir uma prática posterior, e ficamos sem saber como o sorteio funcionava na época de Saul. Contudo, surgiu a resposta certa. Era Jônatas quem havia pecado.

43-46. Saul estava tão ansioso por acertar sua situação com Deus e conquistar o favor divino que decidiu que até mesmo Jônatas iria morrer. A ironia é que, sem a liderança heróica de Jônatas, em primeiro lugar não teria havido vitória alguma, e o povo, que com seu silêncio havia protegido Jônatas (v. 39), agora resolveu o assunto de seu modo e salvou a vida (*yiṣdû*, “resgatou”) de quem naquele dia havia operado salvação (*yṣû’â*). *Foi com Deus que fez isso hoje*, dizem, reconhecendo assim que todo o episódio havia sido um livramento divino e não humano. O desfecho em nada tranqüilizou Saul, que praticamente recebeu um voto de “desconfiança”; quanto aos filisteus, escaparam de ser ainda mais perseguidos naquela noite. Saul ficou agoniado com dúvidas quanto a seu relacionamento com o Se-

nhor, e, por isso, a confiança que tinha em sua capacidade de governar ficou ainda mais abalada. No que diz respeito à observância exterior do ritual religioso, ele fizera a coisa certa; contudo, havia deixado perceber a importância crucial de submeter sua vontade à do Senhor Deus de Israel.

iv. Um panorama do reinado de Saul (14.47-52). Este breve sumário indica que muito mais poderia ter sido escrito sobre o reinado de Saul e que os incidentes relatados em detalhes foram escolhidos com um propósito em mente. Um resumo semelhante do reinado de Davi encontra-se em 2 Samuel 8.

47-48. A expressão *tendo Saul assumido o reinado* apresenta uma significativa mudança de tom, assinalando o fato de que houvera alguma oposição interna a superar (1 Sm 10.27), ao mesmo tempo que estava envolvido na derrota de povos ao redor, apreensivos com a nova situação de Israel como reino. *Moabe* não tinha sido mencionado anteriormente, mas a ameaça dos *filhos de Amom* havia desempenhado um papel importante na aceitação de Saul como rei (1 Sm 11.12-15). *Edom*, ao sul de Moabe, completa a campanha a leste e a sudeste, ao passo que *Zobá* era uma região a nordeste, ao norte de Damasco. Os *filisteus*, a oeste, tiveram um papel central na história. Entretanto, essa relação completa de campanhas militares coloca Saul sob nova perspectiva. O rei de Israel havia conquistado a lealdade de seus homens a ponto de eles o seguirem e repelirem inimigos próximos e distantes. Nunca antes Israel saíra vitorioso em tal seqüência de invasores em potencial, e Saul *houve-se varonilmente*, conquistando uma elevada estima. Ele ainda teria de ir à guerra contra os *amalequitas*, por ordem expressa de Samuel. Ele *libertou a Israel da mão dos que o saqueavam* é uma frase que resume a satisfação sentida por muitos que, sem dúvida alguma, esperaram ter essa segurança quando fizeram campanha pela instauração da monarquia. Saul tornou-se-lhes o “amado capitão”.¹

1. Veja o capítulo sobre Saul em A. Dale, *The Winding Quest* (Oxford: Oxford University Press, 1972).

49-51. Os nomes dos filhos de Saul tornam a aparecer em 1 Samuel 31.2 (e 1 Cr 10.2) como sendo *Jônatas*, “Abinadabe” e *Malquisua* (cf. também 1 Cr 8.33; 9.39, onde a seqüência é alterada e Esbaal é acrescentado). *Isvi* e Esbaal (ou Is-Bosete, 2 Sm 2-4) podem ser formas alternativas do mesmo nome; a primeira seria uma corruptela de Isias, “o homem do Senhor”, evitando a palavra ambígua “baal” (que significava “senhor”, mas que também era um deus cananeu). As filhas de Saul entram na história de Davi (1 Sm 18.17-19), mas apenas aqui são mencionados os nomes de sua mulher e de seu sogro. É interessante descobrir que Abner, o general de Saul, era seu primo. A simplicidade da vida familiar de Saul fica em marcante contraste com a de Davi, e mais ainda com a de Salomão.

52. Os mais insistentes de todos os inimigos de Saul eram os filisteus, contra cujos ataques Saul formou um exército regular de tropas selecionadas. Esse foi o maior desenvolvimento que ele propiciou na organização do reino.

v. *O confronto final de Samuel com Saul (15.1-35).* Saul foi enviado a vingar uma injustiça antiga, não algo recente. Os amalequitas eram invasores nômades que habitavam o deserto entre a fronteira meridional de Judá, ao sul de Berseba, e o Egito, mas que se espalhavam para o sul na península do Sinai. Foi nessa última região que eles tentaram impedir Israel de chegar ao Sinai depois de sua milagrosa travessia do mar Vermelho, e, por causa dessa oposição ao propósito salvador de Deus, os amalequitas foram condenados à destruição (Êx 17.14-16; cf. Nm 24.20; Dt 25.17-19). Cabe a Saul executar a sentença de Deus, e isso torna o acontecimento bem diferente de todas as outras guerras dele. Aqui, ele está engajado numa “guerra santa”, em contraste com uma guerra de agressão ou de autodefesa. É uma guerra por ordem de Deus, executada como juízo de Deus e em nome dEle. A vitória é do Senhor, por isso não existe vantagem material alguma para o exército; todos os despojos de guerra pertencem ao Senhor e, assim, são santos. Por essa razão, tanto as pessoas quanto os bens são interditados. Ninguém pode se apossar deles. É fácil compreender o ponto de vista dos soldados, que seriam tentados a se queixar de que haviam se colocado em perigo e, contudo, não tiveram

benefício algum com a guerra. Contudo, o princípio era bem compreendido, pois havia funcionado nas batalhas contra Jericó e Ai, tendo sido a base da conquista de Canaã. Aqui, havia cidades consagradas a outros deuses. O Senhor as reivindicava para Seu povo, “entregou-as na sua mão”, mas a cidade de Jericó, por exemplo, junto com seus moradores e bens, teve de ser “consagrada como anátema a Javé” (BJ; Js 6.17), isto é, consagrada ao Senhor para destruição. A única exceção foi Raabe, que, por esconder os espiões israelitas, havia demonstrado estar do lado de Israel.

Aconteceu que a nação pecadora de Israel tornou-se agente de Deus na derrota de outra nação pecadora. Foi uma etapa necessária no ininterrupto processo divino de operar a salvação da humanidade, e precisamos enxergar isso por tal prisma, não nos esquecendo de que a infidelidade de Israel encontrou destruição semelhante, embora não total, nas mãos de assírios e babilônios. O incidente constitui um lembrete de que é horrível opor-se ao Deus vivo.

1-3. Quando Samuel de repente apareceu a Saul, foi para lembrá-lo de que ele era rei, basicamente não por aclamação popular, mas pela nomeação do Senhor. Por isso, seu dever era executar as ordens do Senhor e, em especial, o comando *vai... agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver*. O verbo *heh'rim*, “destruir completamente”, é empregado sete vezes neste relato, como que para enfatizar, mediante a repetição, esse ato especial de consagração ao Senhor dos Exércitos, que dirigiu e deu vitória aos exércitos de Israel.

4-7. Saul tomou uma providência imediata, reunindo os homens de combate em *Telaim*. Um lugar denominado Telém está na relação das cidades fronteiriças ao sul de Judá, em Josué 15.24, mas até agora sua localização não foi identificada. No entanto, a geografia da campanha requer algum ponto no Neguebe, e Telém pertencia a Judá. A tribo de Judá foi especialmente mencionada entre as forças que acorreram a Saul: elas constituíam dez contingentes (*mil*) de um total de duzentos contingentes, ou talvez fosse um acréscimo a eles. *Cidade de Amaleque* é uma expressão estranhamente vaga, e não se conhece qualquer cidade com esse nome; contudo, não é impossível que essa tribo de habitantes do deserto tivesse se instalado e construído um centro para seu rei e sua corte.

Os *queneus* estavam intimamente ligados a Israel desde a época de Moisés, tendo se instalado no Neguebe de Judá (Jz 1.16; cf. Êx 2.15b-22; 3.1; 4.18-20; 18.1-5; Nm 10.29-32). Embora fossem independentes, eram aliados de Israel; daí a relutância de Saul em envolvê-los inadvertidamente quando atacasse Amaleque. Parece que eram especialistas em trabalho com metal (o nome significa “artesão em metal”) e que haviam se instalado no meio de outros povos como artesãos; contudo, considerando as advertências de Saul, retiraram-se do meio dos amalequitas e evitaram a derrota na guerra.

A derrota infligida por Saul aos amalequitas foi total desde *Havilá* até *Sur*. *Havilá*, mencionada em Gênesis 25.18, era uma região da África a centenas de quilômetros de distância, ao lado da extremidade sul do mar Vermelho; a menos que houvesse outra *Havilá* no Neguebe, o nome foi mudado no processo de transmissão. Uma palavra original possível é “proveniente do vale” (cf. v. 5; *mnhl*, termo que pode ter sido assimilado ao nome hebraico em Gn 25.18). *Sur* ficava na fronteira oriental do Egito.

8-9. Encerrada a batalha, Saul interpretou à sua própria maneira a instrução de Samuel. Conquanto a população tenha sido destruída em sua totalidade conforme o decreto de consagrá-la ao Senhor, *Saul e o povo pouparam a Agague, e o melhor das ovelhas*; há uma clara insinuação de que Saul desejava ficar ao lado da opinião pública. O povo amalequita era dispensável, mas era uma pena destruir animais tão excelentes!

10-12. Mais tarde (v. 29), parece que Samuel contradiz a palavra do Senhor: *Arrependo-me de haver constituído rei a Saul*. O Senhor não muda de idéia no sentido de que seus propósitos também mudam, mas Ele já não podia usar Saul. O próprio Saul era inteiramente responsável por suas atitudes e ações. O Deus soberano detém de tal forma o controle que não tem a menor dificuldade com as ações dos seres humanos, ajustando Seus planos quando necessário, e assim mesmo atinge seus objetivos finais. O que foi exatamente que levou Samuel a se contristar tanto, a ponto de passar a noite inteira suplicando em oração? Em primeiro lugar, a teologia de Samuel estava sendo questionada. Apesar de sua opinião contrária, ele havia cooperado no processo de estabelecimento da monarquia, anunciando que

Saul era aquele que o Senhor escolhera (1 Sm 10.1, 24; 11.15). Agora, parecia que o Senhor, que “não mente nem se arrepende” (v. 29), tinha mudado de idéia, e Samuel não conseguiu se conformar com esse desafio à soberania divina. Em segundo lugar, que seria da liderança de Israel? O país estava numa situação pior do que nunca. Por último, mas não menos importante, Samuel estava despedaçado interiormente pela palavra divina e precisava resolver sua própria confusão perante o Senhor. O sacrifício pessoal do ministério é percebido na vida de Samuel e nesta passagem em particular.

Esperando que Saul ainda estivesse no Neguebe, Samuel parte em direção ao sul, e então descobre que tinha ido para o lado errado. Saul já havia voltado da luta contra os amalequitas e celebrado a vitória, erigindo um monumento comemorativo no Carmelo (1 Sm 25.2), local a aproximadamente 16 quilômetros ao sul de Hebrom, e que não deve ser confundido com o monte Carmelo. Graças às notícias que “corriam de boca em boca” em Israel, Samuel foi poupado de uma longa e infrutífera jornada, encontrando Saul relativamente próximo, em Gilgal, onde o reinado deste fora confirmado (1 Sm 11.14, 15).

13-16. Esse confronto entre Samuel e Saul devia ser o último, mas Saul, em todo o ardor de sua vitória, saudou Samuel entusiasmado, com a falsa certeza de que havia feito o que se esperava dele. Ao responder à indagação de Samuel sobre o barulho de animais guardados no curral, Saul ainda não estava preocupado. *O povo* havia poupado os melhores animais *para os sacrificar ao Senhor teu Deus*. A pequena palavra “teu” revela muito acerca de Saul, que não fala em “nosso Deus”. Suspeita-se de que, quando se tomou a decisão de não matar o melhor dos rebanhos, havia mais motivações egoístas agindo do que o desejo de sacrificar, mas Saul soube tirar o máximo proveito da situação. *O resto... destruímos totalmente* revela uma visão totalmente imprópria de tudo o que era pretendido pelo *herem*, com seu ato de dedicar tudo ao Senhor, incluindo os despojos de combate e do rei inimigo.

17-21. A tentativa de Saul de pôr a culpa no povo agora recai sobre si mesmo. Por acaso ele não é o rei? Então é o responsável. O Senhor, a cuja escolha ele devia seu reino, havia lhe dado uma missão

para cumprir. Como poderia fazer algo diferente? Mas Saul continuou a defender sua interpretação dos acontecimentos.

22-23. Num pronunciamento profético memorável, Samuel declara de modo definitivo a futilidade de tentar depender do sacrifício ritual, quando o que se requer é a obediência. Nenhum cerimonial poderá compensar uma atitude rebelde contra Deus e Seus mandamentos, porque a resistência obstinada a Deus exalta a vontade própria e coloca-a no lugar de autoridade, que pertence unicamente a Deus. Eis por que ela é tão ruim quanto a “adivinhação” (IBB; através de espíritos maus; ARA, *feiticeira*) e se equipara à *idolatria*, pois outro deus, o eu, usurpou o lugar do Senhor. A afirmação *visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei* (no total cinco palavras em hebraico) põe à mostra a justiça da condenação. Saul desqualificou a si mesmo para reinar em Israel. Ele rejeitou a submissão ao rei divino.

24-26. Por fim, Saul admite que está errado, mas não leva totalmente a sério a condenação pronunciada por Samuel. Em face das circunstâncias, poderá ele com certeza ser perdoado e continuar no cargo? Em seu reconhecimento, *transgredi* (*‘ābarī*) o mandamento, o termo traduzido por “transgredi” é uma palavra comum que significa literalmente “passei por cima” (diríamos “fui negligente”); embora ele se expressasse desse modo, a contradição em suas palavras torna-se óbvia. Saul havia sentido a necessidade de apoio popular e fora incapaz de resistir à tentação de adular, permitindo algum ganho material com a vitória. Samuel repete sua declaração da rejeição de Saul, a qual não pode ser retirada. Saul terá de conviver com os resultados de suas próprias decisões.

27-31. A essa altura, Saul estava plenamente cômico das implicações de sua rejeição e, quando Samuel se virou para deixá-lo, ele agarrou e rasgou o manto do profeta, numa tentativa de salvar algumas migalhas de sua reputação. A veste rasgada de Samuel proporcionou uma ilustração vívida do reino rasgado e arrancado de Saul, o qual seria entregue a outro mais digno do que ele. Embora Saul tenha continuado como rei, esse se tornou o dia decisivo na história de seu reinado, porque, nas palavras de Balaão, que tentou reverter a bênção do Senhor sobre Israel, “Deus não é homem, para que minta; nem

filho do homem, para que se arrependa” (Nm 23.19). Realmente, não é. Contudo, o Senhor também não poderia fazer vistas grossas a uma rejeição persistente e deliberada de Sua vontade, pois isso seria negar Sua soberania. *Honra-me... agora diante dos anciãos do meu povo, e diante de Israel*, implora Saul, que não está disposto a perder o prestígio e deseja a presença de Samuel, a fim de dar a impressão de que nada aconteceu. Samuel concorda com o pedido e acompanha Saul enquanto este adora.

32-33. Samuel ainda não completou suas tarefas proféticas. Embora seja idoso (1 Sm 8.1) e, até onde sabemos, enquanto viveu jamais tenha matado qualquer pessoa, ele precisa terminar o que Saul deixou por fazer, e consagra ao Senhor Agague, o rei amalequita, matando-o. (*Despedaçou* segue a Vulgata; o verbo hebraico ocorre apenas aqui, e seu significado é incerto.) Desse modo, Samuel cumpre as ordens que ele mesmo dera (v. 3), mostra que está disposto e é capaz de realizar o que diz aos outros e, acima de tudo, que obedece aos mandamentos do Senhor.

34-35. Agora ocorre a separação definitiva: *Gibeá* e *Ramá* ficavam a menos de 16 quilômetros de distância uma da outra, mas Samuel nunca mais se encontrou com Saul.

Samuel teve *pena de Saul*: conhecendo Saul desde a juventude, ele havia se afeiçoado a Saul e sofria profundamente com o relacionamento rompido. Até o Senhor “se entristeceu” (NIV) de ter feito Saul rei sobre Israel.

Em geral, concorda-se que a casa de Saul em Gibeá (Tell el-Ful) foi descoberta nas escavações, embora seja assunto controverso se ele a construiu ou se a tomou dos filisteus. Era uma grande estrutura retangular, guardada por uma torre no único canto que restou.¹ Em comparação com o palácio que Davi mandaria construir (2 Sm 5.11), para não falar do palácio de Salomão (1 Rs 7.1-12), a cidadela de Saul era

1. A reconstrução que W. F. Albright faz da planta baixa da cidadela encontra-se reproduzida em seu livro *The Archaeology of Palestine* (Harmondsworth: Penguin Books, 1949), p. 121, e em *IBD 2*, verbete “Gibeah”, p. 390, 391. Para uma avaliação recente da escavação no local, veja *IBD 1*, verbete “Gibeah”, p. 557, 558. Não é possível definir quem construiu a fortaleza.

uma estrutura bem simples, planejada para defesa, e não para ostentação. Talvez a causa de sua moderação seja a influência de Samuel, que, como se sabe, opunha-se ao auto-engrandecimento geralmente associado à monarquia (1 Sm 8.10-18); nenhum dos dois sucessores imediatos de Saul viveu sob a sombra de um profeta tão eminente quanto Samuel, e nenhum deles hesitou em ressaltar sua própria importância por meio de planos de construção sofisticados.

Será que Samuel continuou a ministrar justiça de sua casa em Ramá, enquanto Saul governava como rei em Gibeá (cf. 1 Sm 7.15-17)?¹ É fácil perceber que qualquer um na posição de Saul necessitaria de humildade, graça e sabedoria extraordinárias para conseguir manter a lealdade do povo e reconhecer a autoridade do líder mais velho e profeta do Senhor.

O texto bíblico parece fazer diferentes avaliações de Saul como homem e como rei. Em primeiro lugar, ele é proclamado como o ungi-do do Senhor (1 Sm 10.1), equipado pelo Espírito de Deus (1 Sm 10.9) e aclamado pelo povo como a escolha do Senhor (1 Sm 10.24). Ele logo se revela alguém preparado para ganhar as guerras do povo do Senhor (1 Sm 11.5-11) e é solenemente estabelecido como rei (1 Sm 11.12-15). Nessa ocasião, ele é generoso com seus inimigos, recusando-se a executar aqueles que lhe fizeram oposição, e ao mesmo tempo é modesto, até mesmo tímido, quanto a seu próprio direito à honra (1 Sm 9.21; 10.22). Entretanto, sua aparência é apropriada, pois é alto e tem bom porte (1 Sm 9.2; 10.23), sendo uma escolha popular. Como, então, explicamos o que acontece de errado?

Saul começa em desvantagem, porque as tradições de Israel, que haviam se desenvolvido na sociedade igualitária da época de Moisés e na jornada pelo deserto, haviam se oposto à idéia de um rei humano. O Senhor era rei. Assim, quando Gideão foi convidado a dar origem a

1. Uma das funções básicas da monarquia em Israel era ministrar justiça, e tanto Davi quanto Salomão são descritos como pessoas que cumpriram esse papel (2 Sm 8.15; 1 Rs 3.9, 28). Conforme K. Whitlam mostra no capítulo 1 de seu livro *The Just King* (Sheffield: JSOT Press, 1979), intitulado "The Ideal", a responsabilidade judiciária da monarquia era considerada importantíssima no antigo Oriente Próximo. Saul pode muito bem ter sentido que, destituído de seu papel de juiz, ele era menos do que rei de Israel.

uma monarquia hereditária, ele soube dar a resposta certa (Jz 8.22, 23). Abimeleque, o “espinheiro entre as árvores”, conseguiu se estabelecer como rei, mas logo experimentou a queda (Jz 9.1-57). Samuel defendeu com firmeza as tradições, e é com clara relutância que concordou com a inovação (1 Sm 8.6-9). Samuel, contudo, não tinha dúvidas quanto à escolha de Saul pelo Senhor, e há indícios de que chegou a amá-lo.

Samuel, claro, representava o Senhor Deus soberano, cuja palavra tinha de ser suprema. Ele era o portador das instruções do Senhor, sendo sua tarefa cuidar que fossem realizadas com exatidão. Não havia qualquer outra cultura em que o rei tinha de se curvar desse modo perante o representante humano da divindade, e isso foi um teste para Saul. Não há dúvida de que ele queria fazer o que era certo; ele esperou Samuel durante sete dias (1 Sm 13.8), mas não foi paciente por tanto tempo. Teve o cuidado de buscar a orientação do Senhor para se opor à transgressão dos filisteus (1 Sm 14.2, 3,18), foi meticuloso ao cumprir, mesmo com desvantagem para si, o juramento que fizera (1 Sm 14.24, 38-45), e não aceitou transgressão alguma da lei ritual, embora as circunstâncias fossem excepcionais (1 Sm 14.33-35). No entanto, apesar de sua preocupação em guardar a lei, Saul encontrou Samuel vindo ameaçadoramente sobre ele para condená-lo, dizendo-lhe em duas oportunidades que seu reino não continuaria e que seria substituído por um homem segundo o próprio coração do Senhor (1 Sm 13.14; cf. 15.28).

Há algo de trágico na pessoa de Saul, o rei-herói de Israel. Ele está descobrindo seus poderes reais dentro da teocracia de Israel e imediatamente enfrenta as críticas de Samuel. O conflito entre igreja e Estado, tão familiar em períodos mais recentes da história, já estava em andamento. Conforme comentou um escritor de nossos dias, “a história do rei Saul, creio eu, é um dos relatos ‘desconfortáveis’ da Bíblia”.¹ Ninguém se sente totalmente convencido de que a história foi devidamente compreendida, pois Davi, que desde o início parece contar com apoio, cometeu pecados aterradores, dos quais Saul nunca foi

1. Gunn 1980, p. 9.

culpado. Por que, então, Saul é julgado com tanta severidade? Davi, depois de todos os seus erros, encontrou perdão e manteve Bate-Seba como esposa, ao passo que Saul parecia destinado a fracassar desde o início de seu reinado.

A idéia de um destino sombrio pairando sobre Saul foi tomada e examinada em detalhes por David Gunn. Ele propõe esta pergunta: “Saul fracassa como rei porque, como ser humano, em seu íntimo ele é incompetente para o cargo, ou porque, em essência, é levado a agir de maneira errada por forças ou circunstâncias externas?”¹ Na história vista até agora (pois, embora a rejeição de Saul seja definitiva, seu reinado está longe do fim), o rei teve de enfrentar um grande número de dilemas: Jônatas havia precipitado a batalha de Micmás, e Saul, vendo o exército se desintegrar, sentiu-se forçado a cumprir as exigências rituais para cujo cumprimento Samuel não tinha aparecido; de novo Jônatas tomou a iniciativa e, devido a seu surpreendente sucesso, envolveu seu pai e todo o exército numa perseguição generalizada aos filisteus; Saul impôs um voto a seu exército para deixar claro o compromisso deles com o Senhor, mas o voto apanhou Jônatas numa armadilha e privou os soldados do sustento alimentar tão necessário; finalmente, no incidente amalequita, Saul admitiu sua culpa, dizendo “temi o povo, e dei ouvidos à sua voz”, em oposição à ordem suprema do Senhor dada por meio de Samuel. Será que tudo isso não é um “destino” contrário, o “lado sombrio” do tratamento dispensado por Deus à humanidade?

Sem dúvida, Saul parecia impedido por inibições que não lhe permitiam assumir a liderança, e, em alguns aspectos, ele era inegavelmente culpado; contudo, é difícil saber quem teria tido a maturidade e o discernimento espiritual para se sair bem onde Saul falhou. Parece que esse primeiro rei de Israel, à semelhança de Ananias e Safira nos primeiros dias da igreja, foi julgado pelos mais altos ideais possíveis, e não se lhe permitiu qualquer margem de erro. Ao mesmo tempo, não se pondera sobre os muitos pecados associados com o reino, os quais Samuel havia relacionado (1 Sm 8.10-18), mas que Saul evitara.

1. Ibid., p. 115.

Há um sentido em que Saul poderia ter se saído melhor, caso tivesse sido menos consciencioso em seu desejo de obter a orientação do Senhor (aguardar inerte as instruções, em vez de esperar a orientação enquanto avançava) e menos dependente da certeza de que estava sob a graça, quer de Deus, quer do homem. “Sua preocupação honesta, porém angustiada, de acompanhar os passos do Senhor é um obstáculo prático para sua exploração da vitória ao máximo” — tal é o comentário de um escritor sobre 1 Samuel 14.36,¹ e em várias ocasiões Saul é caracterizado por uma incerteza aflita que o torna incapaz de agir. Em si mesma essa é uma personalidade falha, desqualificada para a liderança, pois espera-se que um rei implemente planos de ação. Samuel não teria visto a indecisão de Saul por esse prisma, mas sim como resultado de uma obstinação lançada contra ele mesmo e, portanto, contra a palavra do Senhor. Um profeta posterior adverte contra o andar pela luz da própria tocha, e aconselha: “Aquele que anda em trevas, e não tem luz, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus” (Is 50.10-11, IBB). Foi isso que Saul achou impossível fazer: daí resulta boa parte da aflição do restante de sua vida, bem como a tragédia de seu reino até o momento. Saul talvez tenha sentido que poderia ter se saído muito melhor como rei não fosse Samuel; nesse caso, teria oportunidade de prová-lo a partir de agora. Ele tinha seguidores fiéis e era um grande guerreiro, mas faltava algo vital em sua vida.

Em retrospecto, então, os “incidentes-chave” escolhidos para inclusão no relato do reinado de Saul ressaltam sua rejeição e mostram Jônatas sob uma luz favorável. Ele liderou Israel em combate e obteve grandes vitórias, as quais o tornaram tão popular que seu pai não lhe pôde fazer mal algum. Jônatas “recebe diversos sinais de aprovação divina e enorme aclamação do povo, como é próprio a um rei, no próprio contexto da rejeição de seu pai”.² Desse modo, o cenário está

1. Hertzberg, p. 116.

2. Jobling, p. 8. Ele passa a frisar que até aqui, na narrativa, existe identificação de papéis entre Saul e Jônatas, mas também separação. O sentido da exaltação de Jônatas, segundo ele, “deve, sem dúvida alguma, ser procurado no papel mediador que Jônatas mais tarde desempenha na transição do reinado de Saul para o de Davi”.

preparado para o surgimento de alguém melhor do que Saul (1 Sm 15.28) e para todas as tensões que esse aparecimento provocará.

b. Davi se destaca (16.1-19.17)

i. A unção secreta de Davi (16.1-13). Samuel não teve permissão para continuar se queixando do fracasso de Saul. O Senhor o havia dirigido até o primeiro rei de Israel e agora, uma vez mais, ele era enviado numa missão secreta até a família escolhida para proporcionar a dinastia duradoura. Apesar do grande significado desse novo desenvolvimento, o incidente é narrado com palavras contidas, numa simplicidade atraente. Samuel, reverenciado e honrado como era, é claramente visto como o mensageiro do Senhor, discernindo o que o Senhor está dizendo e agindo de acordo com isso. Sua grandeza não estava na originalidade de suas idéias ou nas iniciativas que tomou, mas no cumprimento da instrução do Senhor: o que importava era a simples obediência.

1. *Jessé, o belemita*, era neto de Rute e Boaz (Rt 4.17, 22), e tem-se sugerido que esta narração da visita de Samuel a Belém fazia parte de uma coletânea de preciosos registros transmitidos de geração em geração naquele local, possuindo toda a objetividade de um relato de primeira mão. Samuel devia apanhar seu chifre de óleo sagrado para a cerimônia de unção, mas o significado do ritual, que anteriormente só fora realizado uma única vez e de maneira secreta (1 Sm 10.1), teria indicado apenas a Saul que um novo rei havia sido nomeado. A expressão *me provi de um rei* contrasta com “estabelece-lhe [isto é, ao povo] um rei” no caso de Saul (1 Sm 8.22).

2-3. Nessa ocasião, Samuel teme que a obediência lhe custe a vida. Saul já havia dado a Samuel razões para suspeitar que seu ódio poderia explodir num ataque assassino; contudo, sob o disfarce de um sacrifício, Samuel pode executar sua tarefa.

4-5. O receio com que os anciãos encararam Samuel revela a reputação do profeta e como ele estava solitário em sua posição. Visto que tanto os anciãos quanto Jessé e sua família foram convidados para o sacrifício, um número considerável de pessoas testemunhou a unção de Davi, e alguém pode ter passado a informação a Saul.

6-10. O filho mais velho, Eliabe, impressiona Samuel como um possível candidato, mas sua aparência é enganosa, como também tinha sido a de Saul. A frase *o Senhor não vê como vê o homem* torna-se uma máxima importante (cf. 1 Cr 28.9), que iluminou a visão profética do servo do Senhor, “aspecto... desfigurado, mais do que o de outro qualquer”, “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens” (Is 52.14; 53.3). Aqui, há uma correção para aquele juízo meramente superficial. Eliú, que Davi nomeou governador de Judá (1 Cr 27.18), é provavelmente Eliabe. *Samá* é também chamado de Siméia (2 Sm 13.3; 1 Cr 2.13; 20.7). Segundo 1 Crônicas 2.13-15, a expressão *seus sete filhos* incluía Davi, mas é possível que um tenha morrido ainda novo. Quando Samuel não conseguiu descobrir o homem da escolha divina, ele verificou primeiramente um possível erro humano.

11-13. O mais jovem, considerado tão improvável que não acharam necessário chamá-lo do trabalho com as ovelhas, é quem o Senhor escolhe (cf. 1 Cr 1.27). O Senhor tem um método de escolher a pessoa que os outros consideram a menos provável, mas, ainda assim, Davi tinha boa aparência; *ruivo* implicava pele clara em comparação com seus compatriotas e, por isso, seria uma aparência marcante. Sua escolha, porém, foi inteiramente feita pelo Senhor, e, com o passar do tempo, Davi veio a perceber que havia sido guardado desde o nascimento (Sl 22.9, 10), a fim de cumprir um propósito especial. Sua unção não é explicada, mas o fato de o *Espírito do Senhor* se apossar dele garantia que ele também estava sendo equipado por Deus, não importando o que o futuro reservava. Samuel retirou-se para Ramá, com a missão cumprida, e a família de Jessé continuou como antes.

ii. Saul precisa de um músico (16.14-23). Enquanto isso, estavam transcorrendo acontecimentos que trariam mudanças para Davi.

14. O *Espírito do Senhor* se retirou de Saul, como havia feito com Sansão (Jz 16.20), havendo conseqüências igualmente trágicas, pois Saul passou a ser perturbado por *um espírito maligno* da parte do Senhor. Embora aqui se deva ler “maligno” no sentido de “arruinador” (assim o diz a NIV na margem), a frase continua sendo difícil para o leitor moderno, que a considera incompatível com a bondade de Deus. O escritor do livro de Jó abordou o problema: “Se recebemos de Deus

as coisas boas, por que não vamos aceitar também as desgraças?” (Jó 2.10, BLH), ao mesmo tempo em que indica no restante do livro como pode ser alto o preço de uma aceitação assim. Em nível nacional, a invasão e a derrota infligidas por um inimigo cruel também tinham de ser aceitas como vindas da parte do Senhor, cuja direção soberana da história envolvia a disciplina de Seu povo: “Eu sou Javé e não há nenhum outro! Eu formo a luz e crio as trevas, asseguro o bem-estar e crio a desgraça: sim eu, Javé, faço tudo isto” (Is 45.6, 7, BJ). Como problema filosófico, a origem do sofrimento continua a ser frustrante, mas o povo de Deus é estimulado nas Escrituras a considerar todo tipo de adversidade como vindo diretamente da mão do Senhor (*cf.* Jo 9.3; 11.4; 2 Co 12.7-10), e por meio de tal aceitação Deus é glorificado.

No caso do rei Saul, é importante observar que os sinais de doença mental só começaram a aparecer depois do confronto com Samuel sobre a questão da obediência à ordem divina. Isso indica que sua enfermidade devia-se à sua rebelião contra Deus; certamente, ele foi considerado responsável por suas ações e considerava a si mesmo responsável (1 Sm 24.16-21; 26.21).¹

15-18. Profundamente abalado pela perda do apoio de Samuel, Saul precisava de ajuda. A essa altura, ele sofria de crises intermitentes de perturbação mental, para a qual o “tratamento” conhecido era evidentemente a música. É interessante notar que ainda hoje a música é uma forma reconhecida de terapia, freqüentemente prescrita para reverter estados de perturbação mental. Os servos de Saul conheciam um músico hábil, cujas qualidades viriam a enriquecer a corte de Saul. Era um dos filhos de Jessé de Belém. Não é preciso enfatizar a mão de Deus nesse desdobramento da história. A “lira” (BJ; *kinnôr*) de Davi era evidentemente portátil, enquanto ilustrações da antigüidade indicam que a harpa era um instrumento maior, mais difícil de ser carregado de um lado para outro.² É o mais antigo instrumento de cordas mencionado na Bíblia (Gn 4.21) e o único citado no Pentateuco.

1. O texto não insinua que Saul já tivesse uma tendência física a alguma doença depressiva séria, o que poderia ter atenuado sua responsabilidade por seu comportamento.

2. *Cf.* a lira suméria com as harpas (NDB p. 1079). Entretanto, raramente tem-se certeza quanto à identificação exata dos diversos instrumentos.

19-23. A mensagem real constituía uma ordem e exigia obediência imediata (em contraste com a aceitação relutante, por parte de Saul, das ordens que Deus lhe dava). Além disso, ninguém aparecia diante do rei de mãos vazias, de forma que Jessé enviou não somente seu filho, mas também algo dos bens produzidos em seus campos.

Saul *o amou muito*: Davi deve ter sido uma pessoa cativante, e o afeto de Saul por ele teria ajudado em seu restabelecimento, enquanto o efeito terapêutico da música de Davi o tranquilizava e acalmava em períodos de agitação. Inconscientemente, Saul estava começando a depender daquele que fora designado para sucedê-lo.

iii. Saul precisa de um guerreiro para combater Golias (17.1-18.5). Essa fascinante história da fé e da coragem joviais de Davi é uma das narrativas mundiais clássicas e uma das mais conhecidas da Bíblia. Propicia um exemplo destacado do poder que o Senhor tem de conceder a vitória em circunstâncias dramaticamente adversas, em resposta à fé e à coragem. A passagem apresenta dificuldades com relação ao capítulo anterior, do qual parece ser completamente independente. Não precisamos ficar surpresos com o fato de a unção de Davi não ser mencionada, porque, de qualquer forma, ela foi feita em particular e seus propósitos não tinham sido revelados; contudo, se os acontecimentos de 1 Samuel 16 precederam os deste capítulo, a pergunta óbvia é: por que Saul não reconheceu Davi como aquele que o serviu na corte como músico e escudeiro? É possível supor que, nesse ínterim, Davi tinha voltado para a casa de seu pai e amadurecido, tornando-se um homem adulto, de barba, bem diferente do jovem de 1 Samuel 16; provavelmente, o compilador estava utilizando fontes diversas, mas o fato é que não ocorre no texto qualquer tentativa de conciliar os dois relatos.¹ Se 1 Samuel 16 teve origem em Belém, parece que 1 Samuel 17 fazia parte de registros militares, com sua ênfase na derrota dos filisteus e no fim dado à espada de Golias.

1. O MS Vaticano da LXX omite partes extensas do capítulo (1 Sm 17.12-31; 17.55-18.5), incluindo algumas das passagens que acentuam as discrepâncias. No entanto, o texto hebraico é coerente e apresenta todos os indícios de ser uma unidade; é menos provável que tenha sido ampliado do que a versão grega ter sido abreviada, talvez com o objetivo de harmonização.

1-3. A guerra interminável com os filisteus estava para entrar numa nova fase, desta vez com combates a serem travados não nas colinas centrais a partir das quais o inimigo havia sido perseguido na direção oeste, porém mais perto de seu território, nas fronteiras de Judá. A expressão enfática *Socó, que está em Judá*, mostra, contudo, os filisteus indo além dos limites. Os nomes Socó e *Azeca* estão preservados nas denominações de vilarejos dos dias atuais, situados nos contrafortes bem a oeste de Belém, e o *vale de Elá*, onde as duas cidades estavam situadas, durante a estação das chuvas drena a água das colinas para o Mediterrâneo.

4-7. “Um campeão” (*’iš-habbēnayîm*), “cujo nome era Golias” (IBB): a palavra traduzida por “campeão” ocorre apenas aqui no Antigo Testamento, mas é empregada com frequência no “Rolo da Guerra” de Qumran, onde significa simplesmente “combatente”, “soldado de infantaria”. O fato de ele ser escolhido para representar os filisteus num combate solitário implica aqui uma reivindicação do título “campeão”. Golias é um nome que tem afinidades com a Ásia Menor. *Gate*, a cidade filistéia, ficava um pouco mais a oeste no vale de Elá. Esse campeão local foi escolhido devido a sua imensa estatura, (*seis côvados e um palmo*), que era de “mais de nove pés” (2,70 m; NEB; NIV);¹ contudo, uma vez que Saul era, do ombro para cima, mais alto do que qualquer um do povo (1 Sm 10.23), é possível que tenham esperado que ele respondesse ao desafio de Golias.

O combate solitário como meio de definir o resultado de uma guerra entre dois exércitos não está bem confirmado no antigo Oriente Próximo. Segundo Roland de Vaux, os textos históricos mesopotâmicos não fornecem exemplo algum, embora esse tema seja usado em conflitos entre os deuses.² Sob Davi, no entanto, soldados que se destacassem por atos pessoais de bravura eram recompensados com o título *gibbôr* (2 Sm 23.8-39). Toda vez que o relato fornece detalhes, é sem-

1. Dois MSS da LXX têm a variante “quatro côvados e um palmo”, leitura sustentada por 4QSam^a; daí “os seis pés e meio [um metro e noventa e cinco] de altura” da NAB (cf. BLH). Cf. IDBS, verbete “Goliath”, p. 370.

2. R. de Vaux, *The Bible and the Ancient Near East* (Londres: Darton, Longman and Todd, 1972), p. 13.

pre o filisteu quem faz o desafio para a luta. “Portanto, a propósito de 1 Samuel 17, a pergunta óbvia é se o combate individual não foi um costume ocidental importado pelos filisteus”.¹ Isso parece provável.

É revelado um grande interesse pela armadura de Golias: seria de esperar que o *capacete de bronze* protegesse as têmporas, assim como o capacete de ouro, encontrado em Ur, deve ter feito.² Por alguma razão, esse não era o caso. A *couraça de escamas*, com peso de *cinco mil siclos de bronze*, isto é, aproximadamente 57 quilos, era uma armadura que se tornou conhecida a partir de trabalhos arqueológicos na cidade de Nuzi, do século XV a.C.. Centenas de escamas metálicas eram presas com barbante ao pano ou couro. *Caneleiras* para proteger as pernas completavam sua armadura, cujo custo torna provável que, dentre os soldados, somente ele estaria tão bem equipado. Quanto às suas armas, o *dardo (kîdôn)*, que provavelmente deve ser traduzido por “espada”, tinha uma lâmina chata e curva, semelhante a uma foice, mas afiada do lado de fora; a *lança (hanit)* era mais como um dardo, com uma ponta de ferro e uma haste *como o eixo do tecelão*, isto é, equipada para o uso como atiradeira.³ Seu escudo (*šinnâ*), carregado por um escudeiro, era retangular, proporcionando o máximo de proteção.

8-11. Confiando na superioridade de seu equipamento, assim como em sua grande força física, o gigante desafia Israel a encontrar alguém para lutar com ele em combate individual. Ele está tão seguro de ganhar a luta que promete entregar seus compatriotas à escravidão,

1. Ibid., p. 127.

2. Acerca da armadura mencionada aqui, veja *IBD* 1, verbete “armour”. O termo traduzido por “capacete”, *kôba’* (v. 5) e grafado *qôba’* (v. 38), usado pela primeira vez neste capítulo, pode ser cognato de uma palavra hitita, *kupaḫi*, “roupa para a cabeça”, introduzida em Canaã pelos filisteus. Cf. T. C. Mitchell, *AOTS*, p. 415; J. P. Brown, “Peace Symbolism in Ancient Military Vocabulary”, *VT* 21 (1971), p. 3.

3. O desenho de um dardo assim encontra-se num prato de cerâmica da Grécia (Museu Britânico, peça e380) datado do quinto século a.C. Mostra uma corda enrolada em torno da haste para dar uma distância e uma rotação maiores; veja Y. Yadin, *The Art of Warfare in Biblical Lands* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1963), p. 355.

caso perca, embora, quando aconteceu o inesperado e Israel triunfou, os filisteus não tenham servido os israelitas.

12-18. A menção do nome de Davi exige uma explicação de suas circunstâncias à época. Seu pai *efrateu* (cf. 1 Cr 4.4; Efrate foi mãe de Hur, que foi “pai”, talvez o líder civil, de Belém), já era idoso demais para o serviço militar, mas seus três filhos mais velhos estavam na linha de frente do exército de Saul e precisavam de suprimento de comida. Davi, o mais jovem, tinha a responsabilidade de cumprir essa missão, além de cuidar de suas ovelhas.

Enquanto Saul estava inteiramente ocupado com manobras militares, não precisaria de seu menestrel, de modo que Davi voltou para casa por algum tempo. A necessidade de manter o exército alimentado levou Davi à frente e o fez tomar conhecimento do filisteu desafiante.

19-23. Os detalhes — a partida de Davi bem cedo, sua chegada exatamente quando os combatentes se movimentavam para enfrentar o exército inimigo e a maneira como deixou a bagagem no acampamento — tudo isso contribui para dar vida ao clímax que está se desenvolvendo.

24-27. Ver Golias de perto provocou pânico entre as tropas de Israel, o que foi uma surpresa para Davi, que, enquanto se aproximava, tomou conhecimento de apenas metade da história. Davi fica indignado com o fato de que alguém, não importa quão poderoso, tivesse a ousadia de insultar o povo de Israel e, conseqüentemente, o Deus de Israel. *Esse incircunciso filisteu*, que adora deuses feitos pelo homem, nada sabe acerca do Deus vivo, em quem Davi declara sua confiança. Em resposta à sua pergunta, Davi toma conhecimento do prêmio tríplice que receberá aquele que matar Golias: riquezas e uma noiva da família real, além de ficar “livre a casa de seu pai em Israel” (IBB). Este último privilégio, isentando de serviço ao rei na corte a família do vitorioso, era equivalente a um nível de igualdade com o rei.¹

1. A. F. Rainey, em L. R. Fisher (ed.), *Ras Shamra Parallels 2* (1975), p. 104. Em 1 Samuel, “livre” (*ḥōpšī*) geralmente significa “liberdade da escravidão”, mas o Ugarite fornece um paralelo para seu emprego aqui: “...e o rei o isentou [isto é, a um homem que realizou um feito de bravura] do serviço prestado ao palácio” (RS 16.269:14-16).

28-30. É compreensível o ressentimento de Eliabe contra o “garoto lá de casa”, que deixa os irmãos embaraçados. Eliabe fica irritado com seu irmão mais novo, pois este tem a pretensão de entrar no mundo militar dos outros, e isso implica que poderá superá-los.

31-40. Saul é informado do fato de que talvez haja um voluntário para enfrentar o desafiante, e Davi assegura ao rei que é capaz de matar Golias, apesar de ser relativamente jovem e inexperiente em combate. O filisteu selou seu próprio destino ao desafiar *os exércitos do Deus vivo*, que já havia livrado Davi de um leão e de um urso;¹ e, porque Ele é vivo, está sempre pronto para salvar. Por essa razão, Davi pode afirmar: *O Senhor... me livrará da mão deste filisteu.*

Agora ficamos sabendo que o rei Saul tinha uma armadura, pois instou Davi a usá-la; contudo, Davi preferiu combater da maneira como estava acostumado, livre de impedimentos, usando apenas sua atiradeira e pedras escolhidas, do ribeiro de Elá.

41-47. Dificilmente poderia existir um contraste maior do que esse entre o Golias extremamente armado, com toda sua parafernália de proteção, e Davi, que parecia totalmente vulnerável e fácil de derrotar, a tal ponto que Golias recebeu a escolha do jovem como um insulto. Davi não se intimida com o filisteu que, *pelos seus deuses, amaldiçoou ... a Davi*, e ameaçou torná-lo comida para os animais selvagens da região. Davi declara que está do lado do *Senhor dos Exércitos* (“Deus Todo-poderoso”, BLH), e a prova de que sua palavra é honrada será a vitória tanto sobre Golias quanto sobre o exército filisteu. Quando Davi for vitorioso, o resultado será que *toda a terra saberá que há Deus em Israel e que o Senhor salva, não com espada, nem com lança.* Esse combate não foi como qualquer outro, mas uma

1. G. S. CanSDale, *Animals of Bible Lands* (Exeter: Paternoster Press, 1970), p. 105-111, 116-119, confirma que tanto leões quanto ursos eram bem comuns na Palestina e países vizinhos durante todo o período do Antigo Testamento, e os ursos sobreviveram na serra do Hermom até este século. Ambos os animais, mas na prática especialmente o urso, podiam nocautear uma vítima com uma patada, daí a menção à “garra” no versículo 37: “... em geral, um leão é mais previsível e, por isso, mais seguro; um urso esconde suas intenções. Isso também é insinuado em 1 Samuel 17.36, ‘o leão... o urso... este... filisteu’, onde os três são relacionados em ordem crescente de perigo” (p. 118-119).

luta em que a honra de Deus estava em jogo, e, nessas circunstâncias, a exposição de Davi ao perigo permitia que a honra divina fosse mais claramente reconhecida do que se ele tivesse um físico mais à altura do filisteu. Em momento algum Davi reivindicou crédito pelo resultado positivo, que ele esperava com toda confiança. Utilizando sua atiradeira, Davi podia agir e ao mesmo tempo estar fora do alcance das armas de Golias.

48-49. O filisteu mal teve tempo de se mover na direção de Davi quando foi abatido por somente uma pedra, atirada com pontaria mortal, de modo que penetrou pelo único ponto vulnerável da sua primorosa armadura. O combate terminou em segundos.

50-54. Embora a batalha tivesse sido ganha sem ser desferido um único golpe de espada, Davi não se importou em tomar a espada de Golias para concluir seu trabalho. A pedra havia derrubado o gigante, e agora a espada devia matá-lo. Os filisteus retiraram-se a toda velocidade, e o exército israelita os perseguiu, expulsando-os para suas cidades e, depois, saqueando seus campos, usufruindo assim dos despojos.

É surpreendente ler que Davi *tomou... a cabeça do filisteu, e a trouxe a Jerusalém*, em vista do fato de que essa cidade ainda se encontrava em mãos dos jebuseus, até que Davi a capturasse (2 Sm 5.6-10); contudo, não há quase nada registrado para dar informações sobre a situação política da cidade pouco antes desse acontecimento. A cidade fora tomada e destruída por Judá (Jz 1.8), mas ela logo se recuperou (Jz 1.21; cf. Js 15.63), ainda que depois disso não se mencione qualquer rei nela. Relações amistosas entre Israel e Jerusalém, ou pelo menos um estado de neutralidade, prevaleceram durante o período dos juizes (Jz 19.10-12); a cidade estava cercada de povoações israelitas por todos os lados, com exceção do oeste, que era semidesértico, e, junto com o restante da população cananéia, devia a Israel a proteção contra os invasores. Será que Davi já estava se tornando o estrategista, dando a essa importante cidade um motivo para reconhecer o domínio de Israel?

As armas dele pô-las Davi na sua tenda, guardando-as como um troféu de guerra, embora, quando depois mencionadas, elas estejam no tabernáculo, sob o cuidado dos sacerdotes em Nobe (1 Sm 21.9).¹

55-58. Tendo prometido sua filha ao herói de Israel, Saul tem um interesse pessoal em conhecer a família do provável genro. O leitor, privilegiado por ter uma quantidade de informações especialmente selecionadas, fica a imaginar por que nem Saul nem *Abner* se lembram de quem é o vitorioso. Depois daquele acontecimento, a família não seria facilmente esquecida.

18.1-5. Davi obteve *status* imediatamente mediante seu relacionamento com a família real. Jônatas, o príncipe herdeiro, tendo afinidades com Davi, estabeleceu uma profunda amizade com ele, enquanto Saul decidiu que precisava da presença de Davi a seu lado e, por isso, deu-lhe uma morada no palácio.

Jônatas e Davi fizeram aliança, aparentemente sob o impulso das circunstâncias, em face do impacto da vitória de Davi; mas esse compromisso foi duradouro, que os dois homens haveriam de honrar e do qual nunca se arrependeram. O ato praticado por Jônatas de tirar suas insígnias, sua armadura e suas armas reais apenas para dá-las a Davi foi mais do que uma generosidade espontânea destinada a atender às necessidades de seu novo amigo. Era um reconhecimento do valor de Davi, por quem Jônatas estava disposto a dar tudo o que possuía, até mesmo seu direito ao trono, pois *o amava como à sua própria alma* (v. 3). No mundo político da atualidade, onde o poder desempenha um papel tão importante, o que se pensaria de um príncipe que voluntariamente renunciasse a seu trono em favor de um amigo cujo caráter é fé piedosa admirava? É um tema pouco comum, talvez único. Que pensaram os contemporâneos de Jônatas, em particular seu pai?

1. “A passagem de armas do menos importante para o mais importante, fato descrito com tanto cuidado pelo narrador, parece ter tido implicações políticas no antigo Oriente Próximo”; J. A. Thompson, “The Significance of the verb *love* in the David-Jonathan Narratives in 1 Samuel”, *VT* 24 (1974), p. 335. Uma nota de rodapé remete a ²*ANET*, p. 276, 281. Cf. 2 Rs 11.10; 2 Sm 8.7, 11, 12. Davi recebeu sucessivamente as armaduras de Saul, de Golias e de Jônatas.

É evidente que Davi conquistava a simpatia das pessoas onde quer que fosse, e, quando Saul fez dele seu general, enviando-o no lugar de Jônatas para travar suas batalhas, a nomeação teve aprovação unânime. Esse era um lado da história.

iv. O ciúme e o medo que Saul sente de Davi (18.6-30). 6-9. Danças e cânticos alegres, ao som de música instrumental, saudaram o exército que voltava para casa, à medida que as mulheres expressavam seu reconhecimento aos heróis da guerra. Não surpreende que Davi tenha sido exaltado como o maior, enquanto Saul foi colocado em segundo plano, uma apreciação que ele não teve a maturidade e a segurança de aceitar e apoiar, mas que foi envenenando seu espírito até chegar a um ciúme incurável. O refrão não pretendia ser ofensivo a Saul, mas, em vista da rejeição de Saul por Samuel, as palavras pareciam indicar que Davi era seu substituto. A suspeita de que ele havia feito a dedução correta envenenou seu relacionamento com Davi a partir daquele momento.

10-11. A segunda etapa da reação furiosa de Saul ilustra muito bem a íntima relação entre o ciúme e o assassinato (*cf.* Mt 5.21, 22). Havendo uma oportunidade, o ciúme se expressa numa tentativa de matar. A expressão *teve uma crise de raiva em casa* poderia ter sido traduzida por “profetizou dentro de casa”, pois o verbo hebraico (*nābā*) geralmente significa “profetizar” e relaciona esse episódio com a experiência de êxtase que Saul teve no meio dos profetas (*cf.* 1 Sm 10.10). Aparentemente, as duas experiências foram semelhantes, embora, neste caso, o espírito que se apossou dele fosse *maligno*, o que exigiu a ajuda de Davi, a fim de acalmá-lo. Antes de a música fazer efeito, Saul tentou duas vezes tirar a vida de Davi.

12-16. Saul sabia muito bem por que tudo estava indo errado para si e certo para Davi: era algo relacionado com o desfrutar do favor do Senhor da aliança, e ele, Saul, havia se alienado do Senhor; daí seu receio de Davi. Por isso, deu a Davi uma incumbência militar, que o conservava longe de seus olhos, mas ao mesmo tempo o mantinha à vista do povo. O sucesso e a popularidade de Davi iam juntos, *porque o Senhor era com Davi*. O escritor dá grande ênfase (*cf.* v. 12) a este fato; por si sós, a aparência e as habilidades naturais de Davi não ex-

plicavam seu prestígio; *todo o Israel e Judá amava a Davi* (até o próprio filho de Saul). Todas as providências tomadas por Saul para diminuir a influência de Davi falharam, tendo o efeito oposto.

17-19. Continuava pendente a questão do casamento de Davi com a princesa real, *Merabe*, que parece ter sido adiado. *Sê-me... filho valente e guerreira as guerras do Senhor*, diz Saul, deixando implícito que Davi ainda precisa conquistar esse direito e, conforme o compilador, havia a esperança de que ele fosse morto em combate. A maneira cortês com que Davi se recusa a reivindicar qualquer direito à filha do rei é interpretada literalmente, e Saul a entrega a *Adriel, meolatita*, procedente de Abel-Meolá, a leste do Jordão. Seus filhos viriam a ter um fim trágico (2 Sm 21.8, 9).

20-30. Saul vinha evitando deliberadamente tornar Davi seu genro, mas, quando soube que sua filha *Mical* estava apaixonada por Davi, planejou um meio de tirar vantagem desse fato. Os servos de Saul na corte abordaram Davi, salientando o valor que esse casamento acrescentaria à sua já considerável posição social. Desta vez, em sua resposta Davi mencionou especificamente que era *homem pobre*, insinuando que jamais seria capaz de juntar o suficiente para dar como dote por uma esposa assim. Era a resposta que Saul queria, pois o preço que ele apresentou envolveria um elevado grau de risco para a vida de Davi. No entanto, para Davi e seus homens, seria rotina matar não apenas cem, mas duzentos filisteus. Assim, ele se qualificou para o casamento com alguém da família real, e desta vez recebeu sua noiva, *Mical*.

A ascensão de Davi do trabalho pastoril para a família real, embora menos rápida do que a de Saul, caracterizou-se pela aprovação divina (*o Senhor era com Davi* é o comentário que aparece uma vez mais, v. 28). Ela também foi marcada pela aprovação popular, “*todo o Israel o amava*” (TM; a LXX traz *Mical, filha de Saul, o amava*); já aceitando sua posição de comando em momentos de guerra, todas as tribos lhe davam de bom grado total lealdade. Tal solidariedade a Davi aumentou o sentimento de isolamento que Saul tinha e intensificou seu medo e insegurança. Davi devia temer mais a Saul do que aos filisteus, contra quem era muito bem-sucedido; em vez de perder a vida, ele continuou recebendo honras.

v. *Jônatas e Mical salvam a vida de Davi (19.1-17)*. 1-7. A providência seguinte tomada por Saul foi conseguir a ajuda de Jônatas, tentando assim estabelecer um abismo entre ele e Davi. A despeito do forte apelo à lealdade familiar, Jônatas permaneceu fiel à sua amizade de aliança com Davi, aceitando a esta altura agir como intermediário para a reconciliação de seu pai com Davi. Em primeiro lugar, porém, Jônatas aconselha Davi a se esconder, pois Saul pretende matá-lo. De manhã, Jônatas traria seu pai para perto do esconderijo de Davi, fazendo com que este soubesse o resultado de sua conversa com Saul.

O plano foi muito bem preparado, e Jônatas refletiu cuidadosamente sobre o que diria a respeito de Davi, a fim de tocar no ponto certo e evocar a boa vontade de seu pai enquanto caminhassem naquela manhã. Deixando de lado as recentes frustrações que Saul havia experimentado com Davi, Jônatas lembrou que *os seus feitos tinham sido muito importantes* para Saul quando ele matou o filisteu, e *efetuou o Senhor grande livramento*. Essas palavras finais ecoavam a declaração que o próprio Saul fez quando venceu em Jabes-Gileade e foi confirmado como rei (1 Sm 11.12-15). Naquela ocasião, ele havia se recusado a castigar seus detratores, e a lembrança de todas as emoções ligadas a esse acontecimento novamente o colocaram na mesma disposição mental: *Tão certo como vive o Senhor, ele não morrerá*. Era um tempo em que ele mantinha boas relações com o Senhor, e em certo aspecto desejava que aquele relacionamento voltasse a ser o que era. Conseqüentemente, Davi pôde voltar à corte.

8-10. Entretanto, foi uma reconciliação temporária, pois, quando outras vitórias militares tornaram a colocar Davi em destaque, o ciúme de Saul voltou (*cf* 1 Sm 18.8-11). Ele teria atravessado Davi com sua lança, não fosse o rápido movimento com que Davi se desviou. Desta vez, Davi *fugiu*, para nunca mais voltar. Fugas e evasões seriam fatos corriqueiros na vida de Davi enquanto Saul vivesse, e a palavra “fugiu” tornou-se um tema recorrente na narrativa que se segue.

11-17. Embora Mical fosse filha de Saul, também era esposa de Davi, e seu compromisso primeiro era com Davi. Estando sua casa sob vigilância, ainda assim ela conseguiu ajudá-lo a fugir por uma janela e atrasou a descoberta da partida do marido colocando na cama um *ídolo do lar* (*t^rrāpīm*), isto é, uma imagem, e dizendo que ele estava doente.

Saul ficou ressentido com a falta de lealdade da filha ao enganá-lo, e poderia ter transferido para ela suas intenções assassinas, não fosse sua outra mentira, a de que Davi a havia ameaçado de morte. O envolvimento dos filhos de Saul no conflito entre ele e Davi intensifica o relacionamento de amor e ódio, “e a história, na medida em que se pode considerá-la um espelho da condição humana, ganha intensidade e complexidade incalculáveis”.¹ Como estudo das emoções conflitantes que têm a capacidade de transformar uma pessoa num assassino, este trecho dificilmente poderá ser superado. A vítima incita seu rival ao ciúme apenas por ser quem é, e no final o único remédio é a separação total das duas pessoas envolvidas.

c. Davi, o fora-da-lei (19.18-26.25)

i. Davi se refugia junto a Samuel (19.18-24). A primeira pessoa em quem Davi pensou nessa emergência foi o profeta, que desde o início havia sido seu guia de confiança e cujo lar ficava a menos de uma hora a pé de Gibeá. O incidente revela o fato de que, longe de ser uma figura solitária, Samuel presidia um centro onde os profetas dedicavam-se à adoração. Não temos condições de saber se esse ajuntamento de profetas era semelhante a uma breve assembléia ou se era algo mais permanente.

18. Parece que Davi foi primeiro à casa de Samuel, e dali para “Naiote” (IBB; *casa dos profetas*, ARA), palavra que significa “moradas” ou “tendas”, onde Davi poderia se valer da oportunidade de ajuda e comunhão espirituais, assim como aproveitar a segurança do grupo de pessoas ali presentes. Foi em *Ramá* que Saul tivera seu encontro providencial com Samuel e fora ungido secretamente; agora, Samuel estava protegendo Davi naquele mesmo lugar.

19-22. Até a tentativa feita por Saul de prender Davi foi frustrada, pois seus emissários foram pegos pelo fervor da adoração e *profetizaram*. Houve um entusiasmo contagiante, que tomou conta deles de tal forma que esqueceram sua missão; em desespero, por fim Saul teve de ir pessoalmente. Mas ele estava numa missão inglória, e o

1. Gunn 1980, p. 79-80.

espírito de profecia, que primeiramente havia confirmado seu chamado (1 Sm 10.9-13), agora bloqueava seu caminho. De início, Saul não conseguiu encontrar o lugar certo, apesar de conhecer a região; a referência ao *poço grande* e a outros detalhes indica um relato contemporâneo aos acontecimentos.

23-24. *O mesmo Espírito de Deus veio sobre ele*, deixando-o impotente, para que não cometesse um crime terrível contra aquele que era da escolha divina. Foi tão intenso o êxtase experimentado por Saul que permaneceu inconsciente durante 24 horas, deitado totalmente nu, mas assim mesmo ele *profetizou*. Não poderia haver demonstração mais clara da ambigüidade do dom da profecia. Podia resultar em mera “loucura” (cf 1 Sm 18.10 e veja o comentário sobre 18.10, 11) e inutilidade — daí a necessidade de discernimento (1 Jo 4.1). A pergunta *também Saul está entre os profetas?* enfatiza a ligação entre este incidente e a primeira experiência de profecia vivida por Saul (1 Sm 10.12), ao mesmo tempo em que chama a atenção para o mistério relacionado com o fenômeno. Longe de ser uma simples repetição de 1 Samuel 10.12, conforme já se sugeriu, o incidente torna-se um comentário irônico sobre a história da vida de Saul.

ii. Davi e Jônatas fazem uma aliança (20.1-43). O fato de Saul estar fora de ação deu a Davi oportunidade de buscar Jônatas, que já havia sido bem-sucedido como mediador entre Saul e Davi, e poderia fazê-lo novamente.¹

1-4. Ofegante, Davi lança-se de imediato às perguntas urgentes que tem para fazer, declarando assim sua inocência. Jônatas, aparentemente sem saber o motivo da agitação de Davi, recusa-se a acreditar que seu pai quer matar Davi. Este precisa que o assunto seja

1. Alguns crêm que esse incidente não ocorreu imediatamente após o episódio de Ramá. Hertzberg, por exemplo, coloca-o depois de 1 Samuel 19.8-10, pois “aqui há espaço para uma investigação das intenções do rei” (p. 172). Isso também explicaria o fato de Jônatas ignorar o que havia acontecido. McCarter também coloca este acontecimento após a fuga de Davi pela janela (McCarter 1980, p. 343). Mas, conforme assinala Gunn (Gunn 1980, p. 151, n. 15), está de conformidade com a última cena envolvendo os dois (1 Sm 19.6, 7).

resolvido de uma vez por todas. Ele abandonará o serviço de Saul somente se isso for inevitável, e se a família e a corte de Saul reconhecerem que deve ser assim. Acima de tudo, Jônatas deve ser convencido de que tem fundamentos a avaliação que Davi faz das intenções de seu pai.

5-11. Davi idealizou um teste para o dia seguinte, quando seria a *lua nova*, um dia mensal de descanso para o qual estavam prescritos sacrifícios especiais (Nm 28.11-15), e quando Saul promovia um banquete de três dias (v. 12), esperando-se que estivessem presentes seus colaboradores mais íntimos. Sua reação em face da ausência de Davi, sob a alegação de uma celebração em família, mostraria quais eram suas intenções. Davi implora, com base em sua aliança sagrada, que Jônatas use *de misericórdia para com o [seu] servo*. Na qualidade de príncipe herdeiro, Jônatas havia tomado a iniciativa da aliança entre eles (1 Sm 18.1-5), e Davi dependia da boa vontade de Jônatas (*hesed*, “amor de aliança”, v. 8). Além disso, por ser “ministro” de Saul, Davi emprega a palavra “servo”. Se Davi for culpado de alguma deslealdade para com o rei Saul, porém, Jônatas não estará sob obrigação alguma. A inocência de Davi diante de tal acusação tem de ser confirmada.

Jônatas, apegando-se à declaração feita sob juramento por seu pai, de que Davi não morreria (1 Sm 19.6), ainda supõe ingenuamente que Davi não corre perigo algum.

12-17. Fora, no “campo” (v. 11), isto é, nas encostas, fora da cidade, Jônatas jura manter Davi informado sobre a intenção de seu pai e, de sua parte, aproveita a oportunidade para fazer um apelo a Davi, a quem reconhece como o futuro rei. *Se eu então ainda viver, porventura não usarás para comigo da bondade (hesed) do Senhor...?*: quando Davi estivesse no poder, era de esperar que toda a família real e todos aqueles que apoiaram o regime anterior fossem mortos. O filho do rei tem plena consciência de que renunciou ao trono em favor de Davi e de que estava fadado a ocupar uma posição ambígua caso sobrevivesse à ascensão do novo rei. Posteriormente, Davi iria se lembrar do juramento a Jônatas ao honrar o filho deste (2 Sm 9.7) e ao poupá-lo da morte (2 Sm 21.7). Era o mínimo que Davi poderia fazer para cumprir seu compromisso com Jônatas, o qual *o amava com todo*

o amor da sua alma; e tal era a natureza de obrigações contraídas numa aliança que Davi não poderia fazer menos do que isso. O amor autêntico entre duas pessoas, selado com uma aliança, como o que havia entre Davi e Jônatas, propicia um modelo bastante notável de um relacionamento que não pode ser rompido. Essa é a base do relacionamento conjugal; acima de tudo, é a descrição que o próprio Deus escolhe para ressaltar Seu compromisso imutável de amar e resgatar Seu povo (Dt 7.7-9).

Isso, porém, não era tudo, pois Jônatas estava jurando lealdade a Davi a qualquer preço. Ele estava abrindo mão de seu direito ao trono a fim de que Davi pudesse ter a primazia. O contexto em que se esperava que ocorresse tal compromisso era após a sujeição por um grande poder, quando os conquistados tinham de “amar o novo rei como a si mesmos”.¹ O compromisso voluntário de amor sacrificial é raro e profundamente tocante. No caso de Jônatas, ele estava acompanhado de uma ingenuidade acerca de seu próprio pai. “Ele não consegue perceber que Davi representa certa ameaça a seu pai e, conseqüentemente, reluta em admitir que Saul de fato pretende fazer mal a Davi (20.1-7) — daí a facilidade com que ele está preparado para auxiliar seu amigo e, conforme o leitor pode ver, trair seu pai.”² Quando invoca *vingue o Senhor os inimigos de Davi*, Jônatas não tem consciência de que está envolvendo seu pai, o qual dissera a Mical: “Por que... deixaste ir e escapar o meu inimigo?” (1 Sm 19.17; cf. 18.29).

18-23. Perguntar-se-á por ti: “A posição que Saul ocupava por direito na família real... normalmente teria precedência sobre a comemoração pessoal que Davi fazia de sua linhagem familiar todos os anos (vv. 6, 29)”.³ A ausência de Davi era indubitavelmente uma provocação.

1. W. L. Moran, “The Ancient Near Eastern Background of the Love of God in Deuteronomy”, *CBQ* 25 (1963), p. 80.

2. Gunn 1980, p. 84. Ele assinala que aqui a fala de Jônatas está repleta de grande ironia.

3. D. J. Wiseman, *EOPN*, p. 152; ele mostra que, no antigo Oriente Próximo, a ascendência da família estava bastante associada com a legitimidade do governante.

“A sua falta será notada ainda mais” (v. 19, BLH): neste lugar e em vários outros a BLH e a BJ seguem a LXX, conforme mostram as notas marginais da BLH; contudo, aqui e no versículo 16 (“que o nome de Jônatas não seja apagado com a casa de Saul, senão Javé o cobrará de Davi”, BJ) e no final do versículo 19 (“fique atrás do monte de pedras”, BLH) a ARA dá bom sentido ao texto hebraico (a NIV traz no versículo 19: “Depois de amanhã, perto do fim da tarde, vá ao lugar onde você se escondeu quando começou este problema, e espere junto à pedra Ezel”).

A *pedra de Ezel* significa “pedra de partida, despedida”; o Targum explicava que essa era uma “pedra que servia de marco”. Era um local inconfundível, onde a mensagem com as flechas poderia ser dada com segurança. Aqui, não há ligação alguma com a belomancia, isto é, a adivinhação por meio de flechas (cf. Ez 21.21).

O Senhor está entre mim e ti para sempre é uma expressão que faz lembrar o juramento entre Labão e Jacó (Gn 31.48-53) e significa que ninguém menos do que o próprio Senhor vingará qualquer rompimento da aliança da qual Ele é testemunha.

24-29. A *cadeira [de Saul] no lugar junto à parede* devia ser o lugar central, defronte à entrada; os detalhes sugerem um relato feito por uma testemunha ocular.

Não está limpo: a impureza cerimonial desqualificava qualquer pessoa de tomar parte de um banquete religioso (Lv 7.20, 21); é um mérito de Saul o fato de que ele começou procurando uma justificativa para a ausência de Davi. Jônatas, ao dar a Davi permissão para se ausentar, pôs à prova o relacionamento com seu pai.

30-34. Imediatamente, Jônatas experimenta, talvez pela primeira vez, o acesso de raiva de Saul. *Filho de mulher perversa e rebelde* é uma expressão idiomática hebraica que significa “seu rebelde perverso”. É a profunda ligação entre Jônatas e Davi que provoca o ressentimento de Saul, o que é bem compreensível. A esta altura, as perguntas ingênuas que Jônatas fez ao pai podem ter sido premeditadas a fim de instigar Saul ainda mais, porque elas revelariam aquilo que ele consideraria a total insensatez de Jônatas. Num acesso de cólera, Saul atira sua lança contra Jônatas, que havia se identificado com Davi e, desse modo, na mente de Saul, tinha ocupado seu lugar. Ao tentar

matar Davi, Saul agora procura matar seu próprio filho. Depois disso, é a vez de Jônatas ficar *encolerizado*, não porque por pouco escapou de morrer nas mãos do pai, mas porque Saul tratou Davi tão vergonhosamente, a ponto de acusá-lo de alta traição (v. 31). Para Jônatas, a tensão tornara-se insuportável; ele deixou o banquete, bem como todos os convidados que tinham assistido à cena.

35-43. A despedida de Davi e Jônatas é descrita vividamente. Um menino sai com Jônatas para ir apanhar suas flechas, sem saber que elas transmitem uma mensagem. Seu retorno despreocupado a Gibeá contrasta com o de Jônatas (v. 43), com seus insolúveis problemas de relacionamento. Por enquanto, Jônatas julga que é seguro para ele e Davi passarem alguns minutos juntos antes de finalmente se separarem. As emoções reprimidas encontram alívio primeiramente nas lágrimas, e então na lembrança de seu compromisso mútuo perante o Senhor. A dependência do Senhor, que garante a aliança deles, propicia um sólido alicerce para o futuro, embora se sentissem inseguros na ocasião.

iii. O sacerdote Aimeleque ajuda a Davi (21.1-9). Em sua emergência, Davi teve de decidir rapidamente em qual povo podia confiar como aliado. Comida e abrigo eram suas necessidades imediatas, mas ele também não tinha nenhuma arma. Em primeiro lugar, dirigiu-se a *Nobe*, que havia tomado o lugar de Silo como cidade dos sacerdotes (1 Sm 22.19) e ficava bem perto, a cerca de três quilômetros de distância, na direção de Jerusalém (*cf.* Is 10.32).

1-3. *Aimeleque* era irmão de Aias, que havia se juntado a Saul como conselheiro espiritual depois que Samuel deixou de servi-lo (1 Sm 14.3; *cf.* 22.9). Por essa razão, Davi não estava certo se devia ou não confiar em Aimeleque e decidiu inventar uma história plausível que explicasse o fato de vir sozinho. Mesmo assim, Aimeleque deve ter suspeitado, em face da certeza de que um enviado real sempre disporia de provisões reais e de um guarda-costas. Entretanto, Aimeleque não faz objeções, aceitando a necessidade de sigilo, o encontro secreto com companheiros e o pedido de *cinco pães*.

4-6. O *pão sagrado* (ou *pães da proposição*), que era colocado sobre uma mesa no lugar santo do tabernáculo (Lv 24.5-9), era tudo o

que Aimeleque tinha às mãos. Doze pães grandes simbolizavam as doze tribos com as quais o Senhor havia entrado em aliança.¹ Quando fossem substituídos, aqueles pães não deveriam ter um uso qualquer, mas deveriam ser comidos pelos sacerdotes; no entanto, tal foi a súplica de Davi que Aimeleque abriu uma exceção e deu-lhe os cinco pães que queria, após ser assegurado por Davi que ele e seus homens estavam ritualmente “puros”, segundo os critérios estabelecidos em Levítico 15. Mais tarde, Jesus iria endossar a decisão de Aimeleque ao fazer com que a misericórdia tivesse precedência sobre a lei cerimonial (Mt 12.3-7).

A rigidez com que se aceitava, durante uma expedição militar, a disciplina da “guerra santa” é percebida no comportamento do heteu Urias (2 Sm 11.8-13). Tal disciplina não se baseava num ideal ascético de casamento, algo totalmente estranho à Bíblia, mas num compromisso coletivo e absoluto com a causa do Senhor, em cujo nome a batalha estava sendo travada.

7. A informação transmitida por este versículo tem muito significado para desdobramentos posteriores da história (1 Sm 22.9). Saul havia lutado contra Edom (1 Sm 14.47) e trouxera *Doegue, edomita*, para seu serviço, talvez após sua vitória. *O maioral dos pastores de Saul* ainda é a leitura preferida, apesar da sugestão de emenda para “corredores” (“cursosores” na PIB), à luz da menção feita com relativa freqüência de homens que corriam à frente da carruagem do rei (1 Sm 8.11; 2 Sm 15.1) ou que serviam como mensageiros (1 Sm 4.12; 10.23). A palavra traduzida por “maioral” (*'abbîr*) significa “poderoso”, mas também é empregada com o sentido de “violento” e “obstinado”; a presença desse homem era ameaçadora, principalmente porque ele estava *detido perante o Senhor*, talvez contra sua vontade, ou pelo menos como algum tipo de castigo. Mais tarde, Davi revela que não se sentiu à vontade na presença do edomita em Nobe (1 Sm 22.22).

1. Wenham, *Leviticus*, p. 310, n. 6, observa que cada pão tinha “aproximadamente 3 litros, ou 1,5 quilo, de farinha”. Esses não eram os pequenos pães às vezes indicados na Bíblia com a palavra “pão”.

8-9. *A ordem do rei era urgente* foi uma maneira engenhosa de explicar por que Davi estava desarmado e, ao mesmo tempo, indicava que ele estava numa missão real. *A espada de Golias* já fora útil a Davi (1 Sm 17.51); ele presumivelmente sabia que estava bem guardada em Nobe. Em primeiro lugar, Davi havia recebido a assistência do grande profeta Samuel e, agora, havia se saído bem ao pedir comida e uma espada aos sacerdotes estabelecidos no santuário. Contudo, tendo completado sua missão, não ousa permanecer ali.

iv. *Davi enfrenta o perigo em Gate (21.10-15)*. Precisando se livrar de Saul, o próximo destino de Davi ficava em território filisteu, a cerca de 50 quilômetros a sudoeste. Ele teve a ousadia de tentar ser aceito em país inimigo (carregando a espada de Golias!), mas sua situação era tão extrema que ele esperava não ser reconhecido e passar por um dos servos do rei *Aquis*. Tinha sido excessivamente otimista: ele era por demais conhecido para entrar incógnito no palácio; assim, Davi teve a presença de espírito para fingir insanidade a fim de se livrar do perigo.¹ Estava certo ao supor que Aquis não desejaria manter um insano na corte; assim, conseguiu escapar.

Os membros da corte de Aquis chamaram a Davi *rei da sua terra*; com base na aclamação que ele recebeu depois do incidente com Golias, supuseram que tal era sua posição em potencial (se não fosse já verdadeira). Mais tarde, Davi tornaria a percorrer tal caminho, dessa vez em circunstâncias bem diferentes, e seria bem recebido por ter conseguido dar a Aquis a impressão de que era um aliado contra Israel (1 Sm 27.2-12). Contudo, em sua primeira visita, sendo um fugitivo solitário sem ninguém a seu lado em quem pudesse confiar, ele provavelmente estava em seu limite extremo. Contudo, embora estivesse no “vale da sombra da morte”, ele descobriu que o Senhor

1. A raiz hebraica traduzida por “doido” (šg’) é rara (cf. Dt 28.24, 28; 2 Rs 9.20; Zc 12.4). D. J. Wiseman, “‘Is it peace?’ — Covenant and Diplomacy”, *VT* 32 (1982), p. 320, 321, indaga se šg’ “pode descrever alguma atitude desfavorável do coração e da mente que não a ‘loucura’... A palavra acadiana šegû é aplicada a um comportamento... talvez mais bem descrito como ‘fortemente agressivo’ — o oposto de pacífico”. Essa nuance deixaria implícito que Davi era um perigo para a sociedade.

estava com ele, capacitando-o a fazer planos e a sobreviver ao perigo. O título do salmo 34 identifica seu conteúdo com este episódio, e suas palavras iniciais são um convite a “bendizer o Senhor em todo o tempo”, mesmo em profundas dificuldades, como quando Davi teve medo dos geteus, moradores de Gate (veja 2 Sm 15.18). Ele universalizou seu testemunho; um conhecido hino parafraseia assim o salmo: “Livramento ele propicia a quem em seu socorro confia” (cf. Sl 34.17).¹ É ao mesmo tempo uma afirmação da graça de Deus e um incentivo a viver pela fé em Sua palavra.

v. *Davi em Adulão e em Moabe (22.1-5)*. Fugindo de território inimigo, Davi dirigiu-se a uma região que conhecia: *Adulão* (o nome significa “refúgio”), em Judá, a meio caminho entre Gate e Belém. Em tempos patriarcais, havia sido uma cidade cananéia (Gn 38.1), capturada por Josué quando houve a ocupação da terra (Js 12.15). Perto dali havia uma colina fortificada e famosa por suas cavernas, as quais serviram de abrigo natural para o desamparado Davi, muito embora seus movimentos não deixassem de ser notados. *Seus irmãos e toda a casa de seu pai*, ameaçados pelo rei Saul devido à sua relação com Davi, aproveitaram a oportunidade para fugir de Belém, que ficava perto demais de Gibeá, gerando preocupação. Outros que recorreram a ele foram homens *em aperto* (o hebraico *māšôq* indica “oprimido”), quem estava *endividado* e os *amargurados de espírito*, isto é, “descontentes” e, por isso, ansiosos por mudanças. Foi com tal base que Davi treinou um exército leal, com seus “valentes” que fariam qualquer coisa por ele (cf. 2 Sm 23.8-39). Dessa maneira, seus dons de líder foram sendo desenvolvidos, à medida que ele e sua força “subterrânea” de *quatrocentos homens* preparavam-se para a ação. Não muito tempo depois, ele estaria comandando 600 homens (1 Sm 25.13); parece que aceitava todos os que vinham a ele.

Os pais de Davi precisavam de um local seguro para residir; daí a viagem para Moabe, fora do território de Saul; sugeriu-se Moabe devido aos laços familiares por meio de Rute, a avó moabita de Jessé

1. N. Tate e N. Brady, “Through all the changing scenes of life”.

(Rt 4.17). *Mispa*, evidentemente uma cidade real de Moabe, é conhecida apenas por meio desta passagem. Tendo instalado seu pai e sua mãe em Moabe, Davi refugiou-se em sua “fortaleza” (BLH; *m^esûdá*), que aparentemente não ficava em Judá, mas que agora não pode ser identificada. O mesmo se aplica ao *bosque de Herete*. O profeta *Gade* já estava se identificando com a causa de Davi e, no final, se tornaria um dos cronistas do reinado de Davi (1 Cr 29.29). Ele viveu o suficiente para ver o templo em atividade e participou da regulamentação da adoração ali realizada (2 Cr 29.25).

vi. *O preço de proteger Davi (22.6-23)*. 6. O cenário muda para *Gibeá*, onde Saul está com sua corte no topo da colina, debaixo da “tamargueira” (IBB), evidentemente um ponto de referência, que proporcionava sombra.¹ A falta de ação lhe dá condições de ficar remoendo a deslealdade que ele suspeita existir entre seus servos de longa data.

7-10. Evitando cuidadosamente usar o nome Davi, assim mesmo Saul mostra que está obcecado com pensamentos sobre seu rival, desejando ser tranqüilizado com o fato de que ainda dispõe de total apoio de seu exército e de seus oficiais, cujo silêncio o preocupa. Saul honrara a tribo de Benjamim com presentes de terras e posições de liderança. Ele deixa implícito que o filho de Jessé de Judá não terá tal compromisso com Benjamim. É impossível não se compadecer de Saul em seu isolamento, embora ele mesmo seja responsável por isso. Nem seu filho nem Davi, a quem ainda considera seu *servo*, teriam-no abandonado caso o próprio Saul não os tivesse afastado de si ao tentar assassiná-los. Agora, ele imagina que Davi está armando *ciladas* para matá-lo, atribuindo desse modo a Davi a motivação que ele mesmo teria tido em circunstâncias semelhantes.

1. Semelhante cena da corte reunida ao ar livre encontra-se descrita em 1 Reis 22.10 (cf. 1 Sm 14.2), sendo um aspecto conhecido da literatura antiga do Oriente Próximo.

Um dos elementos do grupo irá “falar”; Doegue reflete o tom da fala do rei com toda a arte de um traidor, omitindo toda referência ao tremor e às perguntas cautelosas de Aimeleque (1 Sm 21.1),¹ que é incriminado.

11-15. Parece que Aimeleque não ficou assustado com a convocação do rei para se apresentar com todos os seus colegas sacerdotes na corte em Gibeá. Ele tem a consciência limpa e defende Davi, a quem sempre respeitou, ressaltando sua confiabilidade, sua posição de honra na família real e na corte e o hábito que Davi tinha de consultá-lo a fim de conhecer a orientação do Senhor.

16-19. Para Saul, a declaração direta que Aimeleque fez de seu ponto de vista equivalia a uma confissão de traição. Ele havia ajudado e apoiado Davi, o inimigo de Saul, e deixara de informar o rei sobre os movimentos de Davi; por isso, merecia morrer, junto com seus colegas sacerdotes. *Os servos do rei encararam os sacerdotes do Senhor*; nenhuma pessoa, ainda que fosse o rei, deveria tocar no ungido do Senhor — daí a recusa coletiva dos servos de Saul em obedecer à sua ordem de matar os sacerdotes. Só o edomita executaria um comando desses, e o rei, que tão bem começara, ao reconhecer o livramento feito pelo Senhor (1 Sm 11.13), agora matava os servos do Senhor, entre os quais, presume-se, estava Aías (1 Sm 14.3). A família sacerdotal foi quase toda aniquilada, incluindo mulheres, crianças e até animais. O contraste com a relutância de Saul em executar a destruição completa dos amalequitas é assinalado (1 Sm 15.9). É como se a repreensão que Samuel lhe fez na ocasião ainda o exasperasse, gerando a retaliação.² Saul tem poder, mas ele o emprega para destruir os sacerdotes do Senhor.

1. Afirma-se agora que o edomita Doegue “estava com (*niššāb‘al*) os servos de Saul”. Esse verbo é o mesmo empregado acerca de Samuel em 1 Samuel 19.20, onde a expressão é traduzida por “lhes presidia”. Parece que Doegue já havia caído nas graças do rei, tendo sido preferido diante dos benjamitas.

2. D. M. Gunn chama a atenção para indícios da condenação de Samuel contra ele no comportamento que Saul tem aqui: “Desse modo, o episódio (semelhante ao cap. 14) é uma paródia das cenas da rejeição de Saul, esp. o cap. 15... a questão passa a ser cada vez mais a de quem tem o verdadeiro ‘poder’” (Gunn 1980, p. 87, 88).

20-23. Pela providência de Deus, Abiatar, um dos filhos de Aimeleque, escapou do massacre, salvou o éfode (1 Sm 23.6) e fugiu para se juntar a Davi, que desse modo teve acesso ao oráculo sacerdotal, ao passo que Saul se privava de toda ajuda desse tipo. O único sacerdote sobrevivente e o rei nomeado estão juntos, escondidos, cada um servindo de apoio para o outro, e sua amizade perdurou ao longo do reinado de Davi (mas cf. 1 Rs 2.26, 27). Davi tornou-se o protetor do sacerdócio.

vii. Saul caça a Davi (23.1-29). Enquanto Saul estava ocupado em achar e matar Davi, os filisteus puderam continuar tranqüilamente seus ataques. Davi sabia das incursões deles, a última das quais tinha sido feita em *Queila*, que pertencia a Judá mas ficava bem atrás das linhas inimigas na ocasião desse ataque. O nome atual é Tell Qila, ao sul da antiga Adulão.

1-5. Essa foi uma ocasião em que Davi dependeu da orientação de Abiatar, por meio do éfode, a fim de conhecer a vontade do Senhor. O perigo envolvido atemorizava até mesmo os corações das tropas de Davi: elas poderiam facilmente ser cercadas e ter bloqueada sua retirada; daí Davi verificar duas vezes a orientação recebida. Tranqüilizados, seus homens lutaram contra os filisteus com sucesso, e o exército de Davi *levou todo o gado*; não é claro o que as tropas filistéias estavam fazendo com o gado. Talvez fosse despojo tomado em escaramuças anteriores, ou então “transporte” para suas provisões. A cidade de Queila foi libertada por Davi, que, por sua vez, pode ter esperado um apoio leal.

6-13. Entretanto, o rei Saul ainda estava no poder e conhecia a localização de Davi, da mesma forma como Davi estava consciente de que Saul planejava capturá-lo ali. A convocação geral indica um imenso exército pronto para sitiá-la cidade. Tendo causado anteriormente a morte dos sacerdotes, Davi estava apreensivo a fim de não provocar mais derramamento de sangue. Sua oração revela seus pensamentos: *Saul... procura... destruir a cidade por causa de mim*. O éfode dá respostas afirmativas às duas perguntas de Davi: Saul está vindo, e os moradores de Queila entregarão Davi. Essa seria a maneira óbvia de evitar a destruição da cidade onde moravam.

Davi tinha o sinal de que precisava. Enquanto o caminho estava aberto, ele e seus 600 homens saíram da cidade, e Saul desistiu de *perseguir-lo*. O incidente ilustra a natureza contingente das informações dadas pelo oráculo: elas estão necessariamente limitadas às perguntas feitas, mas permitem ações que podem mudar o resultado dos acontecimentos em favor daquele que solicita ajuda. Saul, por outro lado, privado da orientação sobrenatural pelo sacerdócio, vê frustrados seus planos. Qualquer esperança que Davi pudesse ter de tornar Queila seu quartel-general foi abandonada.

14. Sob constante pressão da parte de Saul, Davi e seus homens foram forçados a se esconder nas regiões inóspitas e semidesérticas das montanhas de Judá, ao sul e a sudeste de Hebrom. *Zife* ficava no alto de colinas a cerca de oito quilômetros a sudeste de Hebrom. Aparentemente, o grupo fugitivo estava à mercê de Saul, *porém Deus não o entregou na sua mão*. A proteção de Deus estava sobre Davi.

15-18. “Davi estava com medo” (BLH). Seus receios levaram-no a exercitar uma fé ainda maior em Deus, o único que poderia protegê-lo, mas a fé não impediu a volta do medo, e a visita corajosa de Jônatas *lhe fortaleceu a confiança em Deus*. Não foi apenas o calor da amizade humana que fortaleceu Davi, porém muito mais a certeza de Jônatas quanto ao propósito de Deus para o futuro. Jônatas viera para confirmar que era vã a esperança que seu pai tinha de se livrar de Davi e de restaurar sua dinastia. A mão de Saul não seria vitoriosa, pois Deus tinha outro plano, que Sua mão realizaria; *o que também Saul... bem sabe*. Mas Saul continuava em sua resistência teimosa. Jônatas, nesse breve é último encontro com Davi, confirmou sua decisão de abrir mão de seu direito ao trono em favor de Davi, enquanto acalentava a esperança de ser seu braço direito. Idealismos à parte, Jônatas agora tem consciência da situação: a intensidade do ciúme de seu pai e até onde ele está pronto a ir. Ao invés de ficar abatido, porém, ele permanece otimista com os resultados, porquanto tem uma grande segurança de que o Senhor está dando início a uma nova era, com Davi à frente.

Zife, assim como Queila, pertencia a Judá, mas seus moradores permaneciam leais a Saul, apesar do fato de que Davi era daquela tribo. Sem dúvida, eles esperavam lucrar de alguma maneira ao trair Davi, indicando sua localização. O conceito que Davi tem deles é de

que são insolentes e cruéis, homens que “não têm Deus diante de si” (Sl 54.3; cf. o título do salmo). De sua parte, ele podia dizer “Deus é o meu ajudador” e, confiando nisso, pediu que Deus Se manifestasse.

19-24. As minúcias geográficas, importantes para os moradores daquelas colinas desoladas, mas não para Saul, puseram os zifeus em posição vantajosa como aqueles que mostrariam o caminho para o rei. Embora hoje seja impossível identificar os lugares, Davi estava gradualmente se retirando para o interior da região de colinas escarpadas e desertas ao sul e a leste de Hebrom. Saul não tem nenhum desejo de “procurar uma agulha no palheiro” num terreno como aquele; daí sua insistência para que a localização de Davi seja bem verificada, a fim de que não se venha a descobrir algum engodo.

25-29. Por fim, Saul estava na pista de Davi numa determinada colina, identificada pelas rochas que a tornavam um marco, e aproximava-se cada vez mais da captura de Davi. No último momento, Davi descobre que sua confiança em Deus não tinha sido em vão. Um ataque filisteu exige a atenção de Saul; sua contenda pessoal não pode se sobrepor à ameaça da segurança nacional, e assim Davi experimenta alívio por alguns momentos.

Por esta razão aquele lugar se chamou Pedra de Escape: o verbo do qual deriva o substantivo (*hālaq*) geralmente significa “dividir”; daí “Rocha da Separação” (BLH). As rochas tornaram-se um memorial permanente do Deus que livrou Davi e, desse modo, confirmou-o. Dirigindo-se à região do mar Morto, Davi estabeleceu-se por algum tempo nos penhascos quentes e isolados das colinas acima do oásis de *En-Gedi*, onde pelo menos havia água.

viii. Davi poupa a vida de Saul (24.1-25.1a). Davi sabia muito bem que podia contar com um descanso apenas momentâneo da perseguição de Saul, que recomeçou assim que foi solucionada a ameaça filistéia.

1-7. Saul, com seus três batalhões especiais, deve ter sido mais do que um simples adversário para o fúgitivo, e o rei estava mais perto de capturá-lo do que imaginava; dessa vez, porém, Davi levou a melhor, e inverteu-se a situação dos dois. O fato de Saul ter escolhido justamente a caverna que Davi e seus homens haviam ocupado era uma coincidên-

cia surpreendente, que tinha seu lado cômico. Mas foi também uma oportunidade inesperada para Davi tomar a iniciativa. No que diz respeito a seus homens, essa foi sua chance de matar o rei, e Davi dirigiu-se silenciosamente na direção de sua vítima como se fosse fazê-lo; contudo, em vez disso, ele *cortou a orla do manto (kānāp) de Saul*, um movimento bastante difícil de realizar sem ser percebido, e que tomaria seus homens de surpresa.¹ Com inteligência, a explicação dada por Davi desviou a pungência da agressão de seus homens; seu arrependimento por ter tirado vantagem do desamparo do rei ali à sua frente tornou impossível qualquer tentativa de lhe tirar a vida.

8-15. Depois de muita espera, Davi teve oportunidade de protestar junto a Saul, que tinha ido embora sem suspeitar de nada. Seguindo na mão um pedaço do manto de Saul, Davi fez ver ao rei quão perto ele havia estado de perder a vida. Caso Davi realmente desejasse matar Saul, sem dúvida ele o teria feito na caverna. Em vez disso, aqui estava Davi inclinando-se diante de Saul, após poupar sua vida e chamá-lo de *meu pai* (v. 11); esse é um bom exemplo do significado flexível da palavra, empregada para implicar um relacionamento de aliança (cf. 1 Sm 26.25).² Davi também usou de tato ao sugerir que outros haviam colocado na cabeça de Saul a idéia de que ele procurava o mal do rei, conquanto soubesse muito bem que os pensamentos assassinos surgiam do próprio ciúme de Saul. Tendo agora demonstrado irrefutavelmente sua inocência, Davi mostra a Saul que, ao procurar matá-lo, é Saul quem está do lado errado. *Julgue o Senhor entre mim e ti*, diz Davi, porque de sua parte ele nada fará para se vingar. O dito, *dos perversos procede a perversidade*, que em sua forma faz lembrar o enigma de Sansão (Jz 14.14), revela um aspecto da motivação de Davi. Ele não agirá errado, não importa o motivo; ele não precisa fazê-lo, porque tem em Deus um defensor.

-
1. A palavra *kānāp* significa literalmente “asa”; “extremidade”; Davi provavelmente cortou apenas uma ponta da barra do manto de Saul. No segundo milênio, esse gesto era interpretado como símbolo de deslealdade e rebelião, ao passo que “agarrar a barra de uma veste” significava fê, lealdade e estabelecimento de aliança (cf. Mt 9.20,21), D. J. Wiseman, “Abba and Alalah”, *JCS* 12 (1958), p. 128, 129.
 2. J. M. Munn-Rankin, “Diplomacy in Western Asia in the Early Second Millenium BC”, *Iraq* 18 (1956), p. 68-110.

A um cão morto? a uma pulga?: o fato é que Saul não tem nada a ganhar com toda sua busca e maquinação. Aliás, se realmente houver nessas expressões pontos de interrogação, “há uma insinuação de ameaça. É como se estivesse dizendo: ‘Você foi mais longe do que imagina!’”.¹ O raciocínio de Davi é que, em última instância, Saul se opôs ao Senhor, que mostrará que Davi está correto.

16-22. Saul, profundamente emocionado, volta por algum tempo à sua primeira atitude perante Davi, a quem chama de *meu filho* (cf. v. 11). Ele reconhece que é verdade o que Davi disse, e que este retribuiu o mal com o bem. Ele chega até a admitir abertamente que Davi se tornará rei e estabelecerá sua dinastia. Uma declaração assim tem quase a natureza de uma confissão, pois foi a rejeição de seu próprio reinado que gerou em Saul um amargo ressentimento e a atitude irracional de planejar a morte de Davi. Enquanto está em contato com Davi, porém, Saul aproveita a oportunidade para exigir dele um juramento de que não eliminará sua *descendência* (lit., “semente”), embora, em sua maneira de ver, Davi já lhe tenha “arrancado” (“eliminado”) Jônatas. Saul já não tem ilusões quanto ao futuro de sua família, mas fará tudo o que puder para protegê-la da matança esperada se houver mudança de dinastia. Nem Saul nem Davi esperam que a reconciliação restabeleça o relacionamento perdido; cada um segue seu próprio caminho.

O verbo “eliminar” constitui uma espécie de tema que se repete, um pensamento periódico em 1 Samuel 20-24. Jônatas o havia reiterado quando ele e Davi juraram lealdade mútua (1 Sm 20.14-17). “Quando o Senhor desarraigar [eliminar] da terra a todos os inimigos de Davi”, Jônatas pede que não esteja no meio deles. No capítulo que estamos analisando, Davi corta, isto é, desarraiga, a ponta do manto de Saul e reivindica simbolicamente sua posição de rei, pois o manto real representava o ofício real. Além disso, anteriormente o rasgar do manto já havia sido interpretado por Samuel como símbolo da erradicação da dinastia de Saul (1 Sm 15.28). Agora, Davi havia “agarrado” o reinado de Israel cortando um pedaço do manto de Saul, e, ao chamá-lo de “pai”, estava preparando o caminho para uma reivindicação legítima do trono após a morte de Saul.

1. Gunn 1980, p. 154, n. 6.

25.1a. É bastante significativa a morte de Samuel, exatamente quando Saul estava disposto a aceitar as implicações do julgamento de Samuel sobre ele e deixar que se tornasse público o fato de que Davi seria seu sucessor. Para Israel, a morte de Samuel marcou o fim de uma era, mas seu sepultamento sob o chão de sua casa em Ramá desincentivaria qualquer inclinação à veneração de seu túmulo.

ix. Davi conquista Abigail (25.1b-44). Este episódio ocorre nos arredores de Maom, lugar mencionado em 1 Samuel 23.24-26 como um “deserto”. Davi e seus homens estão precisando de uma refeição substancial, mas suas esperanças são tênues, a menos que consigam convencer algum fazendeiro próspero a partilhar com eles um pouco do produto de suas terras. Superficialmente, este relato conta como Davi conseguiu não apenas alimento, mas também uma esposa! Seria bastante fácil ignorá-lo nesse nível, pois a intenção do narrador não é declarada. Alguns comentaristas da atualidade indicaram temas que relacionam esta história com outros acontecimentos no deserto. Há, por exemplo, o tema da recompensa do bem ou do mal, que aparece em 1 Samuel 20 e 24; as palavras “bom” e “mau” ocorrem cada uma sete vezes em 1 Samuel 25.¹ Mas existem insinuações sutis na maneira como esses adjetivos são empregados, e será proveitoso explorar essas nuances no decorrer do estudo do capítulo. Outra relação entre este episódio e aqueles que vêm antes e depois dele pode ser resumida na expressão “analogia narrativa”:

... recurso mediante o qual o narrador pode apresentar um comentário interno sobre a ação que está descrevendo, geralmente mediante uma referência a uma ação ou fala anterior. Desse modo, faz-se com que as narrativas interajam por meio de maneiras que talvez não sejam imediatamente óbvias; o paralelismo irônico é comum onde quer que se empregue essa técnica.²

Embora Nabal seja o tema dos primeiros versículos, podem existir aspectos em que ele se assemelhe a Saul, o qual talvez devamos ver refletido em Nabal.

1. Gunn 1980, p. 96, 154, n. 7.

2. R. P. Gordon, “David’s Rise and Saul’s Demise”, *TynB* 31 (1980), p. 42-43.

1b-2. Conquanto a região de Maom seja descrita como “deserto” ou semideserto, a área era, e ainda é, de criação de ovelhas. *O deserto de Parã* ficava na pensínsula do Sinai e não deve ser o local pretendido aqui; alguns manuscritos da LXX trazem “Maom”, e essa leitura mais provável é adotada pela BJ. Uma colina cônica a mais ou menos onze quilômetros ao sul de Hebrom ainda preserva o nome (*Tell Ma'in*). *Carmelo* era uma povoação na mesma área (cf. 1 Sm 15.12 e veja o comentário sobre 1 Sm 15.10-12).

Um homem... homem: a arte do narrador concentra o interesse nesse riquíssimo fazendeiro e em seu trabalho de tosquiar ovelhas, antes mesmo de revelar seu nome ou contar o tipo de pessoa que ele era. A tosquia de ovelhas era tradicionalmente comemorada com um banquete, havendo muita fartura.

3. *Nabal era o nome deste homem.* “Nabal” significa “tolo”, nome que dificilmente uma mãe daria a seu filho, e talvez seja uma distorção popular de seu verdadeiro nome. Nabal cumpre ao pé da letra o significado bíblico da palavra (e.g., Sl 14.1; Pv 18.2, 7); *o homem era duro (qāšeh, cf. Mt 25.24) e maligno em todo seu trato.* O nome e a descrição do homem formam uma espécie de moldura em torno dos detalhes de sua atraente esposa, *Abigail*, cujo nome significa “meu pai é júbilo[so]”, cuja beleza não se restringe à superfície da pele. Enquanto ele é mau (*ra'*), ela é de “bom (*tôb*) entendimento” (ARC). O contraste é tão forte que o casal parece inteiramente desarmônico.

Era ele da casa de Calebe: um descendente do companheiro de Josué e que na época de Moisés havia recomendado a entrada na terra de Canaã (Nm 13.30). Como recompensa, Calebe veio a herdar a região montanhosa ao redor de Hebrom (Js 14.6-15).

4-8. Os *dez moços* de Davi levam as saudações deste, desejando *paz* e prosperidade (*šālôm*) à casa de Nabal e a tudo o que ele possui. Era uma saudação convencional ao longo dos séculos (cf. Mt 10.12, 13), mas freqüentemente significava mais do que isso. Davi havia protegido os homens de Nabal, e os mensageiros solicitam uma recompensa favorável, junto com um pequeno presente para seu “filho” Davi. “Esse momento parece ser de negociação junto com um convite

a Nabal para que entre num pacto regulamentado com Davi.”¹ Afinal, Nabal tem condições de ser generoso, e a hospitalidade oriental, assim como a lei israelita, tradicionalmente não deixavam de lado o pobre, o banido pela sociedade, aqueles “que não têm nada preparado para si” (Ne 8.10; cf. Et 9.19). Davi, porém, não se inclui entre esses; antes, chama atenção para a proteção que ele e seus homens deram aos rebanhos de Nabal, embora pudessem facilmente ter se servido dos animais para comê-los. Tem-se inferido que Davi estava negociando a proteção.² Certamente, a maneira como Davi reage quando seu pedido cortês é recusado sustenta essa idéia; por outro lado, Davi olhava mais à frente, não apenas para o futuro imediato, e um plano assim dificilmente o teria tornado popular para a população de Judá, a menos que se limitasse aos opressores do povo. Nesse caso, ele aumentaria sua base de apoio em Judá, e parece que é isso que ele fez. Nabal constituía um alvo fundamental, porque era virtualmente o “dono” do distrito, tendo abundância de bens materiais e não desfrutando do amor nem mesmo de seus servos.

“Vimos em dia festivo” (BJ; *yôm tôh*, “um dia ‘bom’”) está de conformidade com o tema “bom/mau” desse capítulo. *Davi, teu filho*, expressão que implica que Nabal era o grande homem e Davi, seu humilde servo, talvez fosse ao mesmo tempo exageradamente comum, mas essa era a linguagem de negociação.

9-13. A demorada reação de Nabal à mensagem de Davi faz com que seus servos não tenham dúvida alguma quanto à natureza hostil de sua recepção. Nabal não tem intenção alguma de “adotar” o *filho de Jessé*: ele sabe perfeitamente quem é Davi e que papel ele está desempenhando, mas não tem tempo para servos fugitivos. (Ironicamente, nenhum de seus próprios servos lhe é fiel o bastante, v. 14.) Nabal revela seu próprio egoísmo arrogante ao reiterar o pronome possessivo (*o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses... os meus tosquiadores*), como se tivesse produzido tudo isso com suas próprias forças. Certamente, ele não irá partilhar seus bens obtidos a duras

1. Wiseman, “Is it peace?”, p. 318.

2. J. D. Levenson, “1 Samuel 25 as Literature and as History”, *CBQ* 40 (1978), p. 19.

penas com a gentilha comandada por Davi.¹ Nabal recusa-se obstinadamente a ver aquilo que seus próprios servos haviam aceitado, a saber, que Davi estava prestes a se tornar rei.

Sem um só instante de hesitação, Davi dá suas ordens, e a palavra *espada* ecoa pelo acampamento, enquanto *quatrocentos homens* armados para o combate partem para atacar Nabal.

14-17. Supondo qual seria a reação de Davi diante da recusa de Nabal, os pastores temeram o esperado ataque. Uma vez que de nada adiantaria tentar falar com Nabal, um mensageiro foi até sua esposa com a esperança de que ela intervisse. Abigail ouve um relatório que tendia a favor de Davi.

Davi enviou... a saudar (l̥bārēk) a nosso senhor: no hebraico, a palavra “saudar” não é a mesma que aparece nos versículos 5 ou 6, mas significa “abençoar”. Davi procurou ajudar Nabal, mas recebeu insultos em troca. A ajuda de Davi aos pastores de Nabal é expressa com termos mais positivos do que os de Davi: seus homens *nos têm sido muito bons* (mais uma vez a palavra “bom”) e *de muro (hômah) em redor nos serviram*, isto é, foram uma proteção, assim como o mar havia protegido os israelitas que fugiam do Egito (Êx 14.22, onde também se emprega a palavra *hômah*, “muro”). Agora, graças à má vontade de Nabal, *já o mal está de fato determinado contra ele e contra toda a sua casa.*

Num nível mais íntimo estão as questões sobre motivação. Por acaso Nabal é o único descendente de Calebe a se opor a Davi? Em caso afirmativo, que espera ele obter, sendo assim tão rude? “Será que os servos de Nabal estão de fato recordando um favor genuíno ou apenas disfarçando seu interesse na sobrevivência prática?”² De qualquer forma, o leitor percebe uma luta pelo poder entre os dois homens, da qual os pastores de Nabal esperam que Davi saia vitorioso.

1. Gunn 1980, p. 97, pensa que Nabal em sua sarcástica rejeição de Davi lembra bastante o irônico ataque de Saul contra Davi em I Samuel 22.7, 8. E esse é um dos pontos em que R. P. Gordon, “David’s Rise and Saul’s Demise”, p. 45, assemelha Nabal a “um Saul em miniatura”.

2. Gunn 1980, p. 98.

18-22. A prática Abigail percebe o que está em jogo e não perde tempo, reunindo as provisões que 600 homens precisariam para uma refeição satisfatória. Sem dúvida, já haviam sido feitos os preparativos para o banquete, do qual ela apanha o que precisa, sem privar visivelmente os tosquiadores de sua refeição abundante, pois Nabal nada sabe nem suspeita da iniciativa de sua esposa. Enquanto isso, Davi — refletindo sobre a injustiça, *ele me pagou mal por bem* — está prestes a se vingar do insulto, eliminando Nabal e todos seus homens. Embora tivesse poupado Saul, retribuindo-lhe bem por mal (1 Sm 24.17), nessa ocasião Davi não pensou duas vezes sobre o ato de incorrer em culpa de sangue. Por isso, o encontro de Abigail e Davi é tomado por uma tensão dramática: pelo menos uma mulher da casa de Nabal poderá sobreviver à espada!

23-26. Não era comum ver uma caravana de jumentos com carga nas encostas dessas montanhas, sendo também surpreendente encontrar a senhora do local prostrada sobre seu rosto em sinal de respeito diante de Davi, a ponto de o exército parar no caminho. Ali, de sua posição de humildade aos pés de Davi, Abigail dirigiu-se a ele chamando-o de *senhor meu* (*'adōnī*) e referindo-se a si mesma como *serva* (*'āmāh*) de Davi; as duas palavras tornam a aparecer com um impacto cada vez maior, à medida que ela continua, procurando reverter a má atitude e a reação de seu marido diante de Davi. *Caia a culpa sobre mim*, ela diz, dessa maneira colocando Davi na situação impossível de executar sua vingança sobre uma mulher bela e sensata. Em Abigail é fácil ver como os dotes de uma mulher podem ser usados com eficácia para negociar e neutralizar uma situação perigosa. Ela não hesitou em se dissociar do comportamento tolo de seu marido, chamando-o de “grosseiro” (BJ; literalmente “homem de Belial”, o que significa “perverso”, “ímpio”, “sem Deus”, assim vivendo à altura [ou na baixeza] de seu nome, naquilo que ele faz e em sua motivação, pois na Bíblia o tolo é um homem ateu, SI 14.1; Is 32.6). Para Abigail, Davi é bem diferente: *tão certo como vive o Senhor e a tua alma*, ela diz de uma só vez, sugerindo que Davi e o Senhor estão unidos. Então, passa a supor que, por sua intervenção, o Senhor impediu Davi de se tornar culpado do pecado de sangue, para o qual ele estava se dirigindo. Sua afirmação ousada de que Davi fará conforme ela

pedir é seguida por uma imprecação que prevê a queda de Nabal e de todos os inimigos de Davi, dos quais o maior era Saul.¹

27. Informalmente, em meio à magistral apresentação de sua defesa, Abigail faz uma breve menção do *presente* (*b^erākā*, “bênção”; cf. v. 14), que havia enviado antes para “desarmar” Davi. Embora fale com a atitude de uma “serva” perante seu *senhor*, é Abigail quem domina a situação.

28-31. *Perdoa a transgressão da tua serva*: ela não ousa insinuar que Davi depende de seu presente e teme que ele fique ofendido e se recuse a aceitá-lo, mesmo para seus homens. Uma necessidade como a dele é apenas temporária, pois Abigail está convencida de que o Senhor fará para Davi uma *casa firme*. A palavra “firme” (*ne^emām*) tem uma semelhança inconfundível com o nome de seu marido, e isso deve ter provocado um sorriso, até um assentimento com a cabeça, quando mais tarde a história foi contada.

Não se ache mal em ti por todos os teus dias: apelando agora para a adulação, Abigail passa a contrastar a intenção assassina do *homem* (*’ādām*, “humanidade”) com o cuidado do Senhor (“a vida... estará guardada... [em] Javé teu Deus”; BJ). Enquanto a sorte derradeira dos inimigos de Davi é descrita em termos de uma pedra atirada para longe da presença do Senhor (cf. 1 Sm 17.49), a *vida* (*nepēš*, “o eu”) de Davi *será atada no feixe dos que vivem* e, desse modo, estará protegida do mal, assim como aconteceu com o ensino de Isaías a seus discípulos (Is 8.16).² Evidentemente, Abigail sabe muito bem que o Senhor fez promessas a Davi, embora ela possa ter pensado nessa hipótese sem saber exatamente o que fora dito, exceto que ele será *príncipe* (*nāgîd*) *sobre Israel*, aquele nomeado para a liderança (cf. 1 Sm 9.16). A intenção dela é evitar que Davi se lance a uma ação violenta para se vingar de um insulto, porquanto isso o envolveria em culpa. Em vez disso,

1. Hertzberg vê aqui um papel profético para Abigail: “Nesse trecho, Abigail representa a voz profética” (p. 203). Mas parece que a maioria das pessoas da casa de Nabal partilhava da opinião dela acerca do futuro de Davi.

2. É possível que aqui se deva traduzir “feixe” (*š^erôr*) por “documento”, e neste caso o sentido seria *o livro dos vivos*, como em Sl 69.28. N. H. Tur-Sinai, *The Book of Job: A New Commentary* (Jerusalém: Kiryath Sepher, ²1967), p. 240, 241.

ele deve esperar que o Senhor traga um resultado justo, tal como Davi havia feito diante da agressão de Saul, deixando de fazer quando provocado pela avareza obstinada de Nabal. Sua súplica final, “lembra-te então da tua serva” (ARC, IBB), pede algo que Davi logo iria atender, por causa dos acontecimentos seguintes.

32-35. Graças à intervenção de Abigail, Davi foi lembrado de seu compromisso de viver pela fé no Senhor Deus e não de acordo com seus próprios impulsos; daí seu reconhecimento: *Bendito o Senhor Deus de Israel que hoje te enviou e*, assim, livrou muitos da morte e Davi de *derramar sangue*. Foi uma lição importante no treinamento de Davi para o reinado, algo de que ele precisaria se lembrar em crises futuras. A implicação é que violência gera violência, enquanto o autocontrole abre caminho para uma solução pacífica. Ele sabe disso em teoria, mas talvez não se lembre quando seu sangue ferver. Desta vez, Abigail salvou a situação: *sobe em paz é mais do que uma despedida convencional*, pois Abigail conseguiu o que queria e mudou o rumo dos acontecimentos.

36-38. Abigail voltou em tempo de ver o banquete, *um banquete de rei*. Apesar de mesquinho diante das necessidades alheias, Nabal entregou-se de tal modo à comida e à bebida que naquela noite foi impossível conversar com ele; se ele de fato era o “rei” virtual da região montanhosa de Judá, sua glotonaria logo o desqualificou. De manhã, ao ouvir a notícia dada pela esposa, *se amorteceu nele o coração*: sofreu um ataque do qual não se recuperou, e sua morte foi vista como juízo do Senhor sobre ele.

39-42. Davi reconheceu que dessa maneira o Senhor havia defendido sua causa, colocando assim Seu selo de aprovação sobre a atitude correta de rejeitar a vingança pessoal (Pv 20.22). Embora não seja inesperado o fato de Davi cortejar Abigail, certamente vai longe demais a insinuação de que Davi entrou em disputa com Nabal tendo em mente apenas tal casamento!¹ Sua preocupação básica era a alimentação de suas tropas, e foi por causa disso que o incidente aconteceu. No entanto, o capítulo realmente apresenta, “no relato da ascensão de

1. Assim pensa Levenson, “1 Samuel 25 as Literature”, p. 27.

Davi, um vislumbre proléptico de sua queda da graça” (veja 2 Sm 11).¹ Ele talvez fosse bastante suscetível aos encantos femininos. Sua natureza impetuosa tinha enorme potencial, tanto para o bem quanto para o mal, e esse incidente deve ter sido uma advertência para sua vida como rei.

Parece que as práticas orientais de casamento não mudaram ao longo dos séculos. Davi enviou seus *servos*, os “amigos do noivo”, para buscar sua noiva, e esta levou consigo suas *cinco moças* e foi para a festa de casamento (cf. Mt 25.10). Casamentos tradicionais ainda apresentam uma seqüência de eventos semelhante, em que a noiva vai até seu marido quando ele a busca ou manda alguém buscá-la. Fica claro que Abigail está mais do que contente em se casar com um homem a quem ela pode respeitar, com quem tem muito em comum. Em seu entusiasmo, ela se prostra até diante dos servos de Davi, oferecendo-se para lhes prestar serviço próprio de escravos.

Mediante seu casamento com Abigail, Davi conseguiu mais do que uma boa esposa. Há indícios no texto bíblico de que, nesse período, casar-se com a esposa ou a concubina de um governante simbolizava uma reivindicação da posição social e do poder desse governante (2 Sm 3.6-11; 16.21-23; 1 Rs 2.21, 22). Pelo mesmo princípio, Davi, por seu casamento com Abigail, tinha direito aos bens de Nabal, embora a essa altura dos acontecimentos ele não estivesse em condições de se fixar em lugar algum, por causa de Saul.² Contudo, depois da morte de Saul, ele poderia fazer algumas reivindicações de terras no sul de Judá.

43-44. Faz-se um breve comentário genérico sobre a situação conjugal de Davi, enquanto o assunto ainda está em mente.

Saul havia dado sua filha Mical, mulher de Davi, a Palti: a inimizade com Davi levou Saul a se arrepender de ter tornado Davi um membro da família; assim, ele se aproveitou da ausência de Davi para contrair outro casamento para Mical. *Ainoã* era o nome da esposa de

1. Ibid., p. 23.

2. Cf. M. Tsevat, “Marriage and Monarchical Legitimacy in Ugarit and Israel”, *JSS* 3 (1958), p. 241; R. de Vaux, *Ancient Israel: Its life and institutions* (Londres: Darton, Longman & Todd, ²1965), p. 116.

Saul (1 Sm 14.50); embora esse nome ocorra somente ali e neste versículo, é inconcebível que se refira à mesma pessoa. Uma vez que Ainoã é sempre mencionada antes de Abigail (1 Sm 27.3; 30.5) e deu à luz o primeiro filho de Davi (2 Sm 3.2), é provável que Davi já estivesse casado com ela.¹

É difícil imaginar como essas senhoras, sendo pelo menos uma delas acostumada a certo conforto, suportaram a constante pressão de uma vida em fuga, da qual alguns detalhes são apresentados nos capítulos logo a seguir. Mical também havia passado por momentos difíceis, usada como títere nas maquinações políticas de seu pai, mas o narrador não está interessado nas mulheres reais, exceto na medida em que elas têm um papel a desempenhar no futuro de Davi.

Será que Abigail, com toda sua beleza e inteligência, agiu no sentido de se casar com Davi, e será que este, brilhante estrategista que era, pensou desde o início de sua disputa com Nabal que, no fim, possuiria todos os bens de Nabal, incluindo sua esposa? Certamente não. Conforme Davi testemunhou, a mão do Senhor, o Deus de Israel, estava sobre esses acontecimentos (1 Sm 25.32), incluindo as iniciativas humanas. Um homem inferior a Davi teria feito pouco caso das súplicas de Abigail, levando adiante o plano que havia idealizado. Davi reconheceu nas palavras de Abigail a sabedoria vinda de Deus, e jamais lamentou ter agido de acordo com o conselho dela. Havia aqui mais do que uma luta política, e o texto aponta veementemente para o Senhor vivo que, apesar de todos seus fracassos, havia atado Davi “no feixe dos que vivem” (v. 29), evitara que ele se envolvesse numa vingança assassina e o preparara para o trono de Israel.

x. Davi poupa a vida de Saul pela segunda vez (26.1-25). Os zifeus, que já haviam revelado a Saul a localização de Davi (1 Sm 23.19) e que teriam provocado sua queda, não fosse o ataque filisteu que exi-

1. É difícil aceitar a sugestão de Levenson, em “1 Samuel 25 as Literature”, p. 27, de que Davi se casou com a esposa de Saul enquanto este ainda estava vivo, tentando desse modo chegar ao trono. A prova apresentada em apoio dessa teoria, a palavra de Natã em 2 Samuel 12.8, é por demais superficial para comprovar um gesto tão absurdo.

giu a intervenção de Saul no oeste, tentaram novamente ajudar Saul. Todos os movimentos de Davi eram cuidadosamente acompanhados.

1-5. Saul ainda dispõe de seus três “milhares” de soldados escolhidos, com os quais poderá perseguir Davi (cf. 1 Sm 24.2), ao passo que este possui apenas 600 homens em seu exército. No entanto, Davi não tem receio de ir espionar pessoalmente, a fim de ver com seus próprios olhos o acampamento inimigo. Sua base, quando Saul chega, fica *no deserto*, mas Davi não espera que Saul o encontre; pelo contrário, ele toma a iniciativa e vê, a partir de um ponto de observação distante, como Saul está bem protegido, tendo o primo *Abner* como guarda-costas e estando o exército acampado em todo o redor.

6. Em vez de se sentir barrado pelo impenetrável acampamento de Saul, Davi idealiza um plano intrépido, para o qual precisa de um companheiro. *Aimeleque, o heteu*, não deve ser confundido com os outros dois Aimeleques que aparecem na vida de Davi (1 Sm 21.1; 2 Sm 8.17). *Abisai, filho de Zerua*, era sobrinho de Davi (1 Cr 2.13-16). Sua irmã Zerua teve três filhos (seu marido nunca é mencionado), todos corajosos elementos da comitiva de Davi. Abisai está decididamente ansioso por acompanhar Davi em sua perigosa missão.

7-9. Com muita audácia, os dois andaram cuidadosamente entre as tropas que dormiam, até chegar ao centro, onde Saul dormia. A *lança* real junto à sua cabeça deveria servir para sua proteção, mas por pouco não se transformou na arma de ataque, a qual, nas mãos de Abisai, teria matado o rei. Abisai orgulhava-se de seu profissionalismo como soldado: *Deixa-me... encravá-lo... de um só golpe*. Como sempre aconteceu na presença de Saul, Davi não hesita em sua reação... *quem haverá que estenda a mão contra o ungido do Senhor, e fique inocente?* A pessoa do rei é sacrossanta.

10-12. Encorajado por sua lembrança da morte de Nabal, Davi convenceu-se de que Saul experimentaria um fim prematuro sem qualquer intervenção de sua parte. Ninguém poderia acusar Davi de ter matado Saul a fim de se estabelecer no trono. Abisai tem de se contentar em apanhar a espada e o cantil d'água de Saul como troféus. *Da parte do Senhor* cai sobre Saul e seus homens um *profundo sono* que garante que Abisai e Davi escapem sem ser notados. Davi conta com o controle do Senhor sobre todas as coisas e não se decepciona.

13-16. A uma distância segura, mas numa posição tal que sua voz fosse audível na colina oposta, Davi chamou Abner pelo nome, ridicularizando-o por ter deixado de vigiar, ao lado de seu superior, o *ungido do Senhor* (*m^ešīah*; cf. vv. 9, 11), pelo que merecia morrer. Compreensivelmente, Abner não tem nada a dizer.

17-20. A reação de Saul deu a Davi oportunidade de demonstrar a irracionalidade da perseguição incessante movida por Saul, e ele pergunta qual era sua culpa. Nessa oportunidade, Davi não fez concessões ao fato de Saul ter se dirigido afetuosamente a ele como *meu filho Davi* e de ter continuado a fazê-lo (vv. 21, 25); Davi chamou Saul de *meu senhor e rei*, enquanto em 1 Samuel 24.11 ele havia se dirigido ao rei como “meu pai”. Davi está ficando mais certo quanto a seu futuro papel e ao mesmo tempo mais desesperado para escapar de seu perseguidor.

Se é o Senhor... porém se são os... homens: na verdade, Davi não tem dúvida de que a motivação de Saul procede dele mesmo, mas com tato insinua que a origem pode ser outra. Ao expulsar Davi para além dos limites da terra de Israel, Saul está praticamente forçando-o a servir *a outros deuses* e, assim, a quebrar o primeiro mandamento. (Aqui, ele sugere que irá além do alcance de Saul, assim como esteve quando se refugiou entre os filisteus [cf. 1 Sm 21.10-15; 27.1].) Desse modo, Saul forçaria Davi a ficar longe da adoração, que naquela época ocorria apenas na terra do Senhor, onde a “presença do Senhor” (IBB) era conhecida. Davi apela para a compaixão de Saul: “Não caia o meu sangue em terra fora da presença do Senhor”, deixando implícito que Saul conseguirá tirar-lhe a “vida” (BJ). A BJ segue a LXX ao ler “minha vida”, mas o hebraico *pulga* é um termo mais vivo, como em 1 Samuel 24.14. A expressão menos óbvia é, provavelmente, a original.

Uma perdiz nos montes: Davi retoma a pergunta feita por Abner (v. 14, “Quem és tu, que bradas [*qārā' tā*]?”), colocando-se na condição de uma perdiz (*haqqorē*’, “a ave que chama”) cruelmente perseguida por caçadores. Davi deixa implícito que a perseguição feita por Saul, quer de uma pulga, quer de uma perdiz, não está à altura de sua dignidade.

21-25. A essa altura, Saul já havia aprendido a admitir seus erros (1 Sm 15.24, 25; 24.17), mas nunca havia chegado ao ponto de dizer: *Eis que tenho procedido como louco e errado excessivamente*. Mediante essa atitude contrita, Saul deseja que Davi retorne, mas Davi despreza o pedido. Ele abandonou todas as esperanças de poder confiar nos gestos de Saul pela reconciliação; por isso, submete Saul à humilhação de ter de enviar um soldado para apanhar sua lança, e entrega-se ao Senhor, não a Saul, para ter proteção e livramento. Ao contrário de Nabal, Saul não desfalece ao saber que poderia ter perdido a vida nas mãos de Davi, mas assim mesmo é uma figura pesarosa quando pronuncia sua bênção sobre Davi e antevê seus muitos sucessos, que pressupõem a morte de Saul. Essas últimas palavras dirigidas a Davi foram dignas de Saul, palavras tais que, em dias futuros, Davi guardaria com muito carinho em suas lembranças sobre “o ungido do Senhor”. Fora isso, nada havia mudado. Davi continuou suas andanças, e Saul voltou para sua corte. Ficamos sem saber se ele recuperou a espada, o símbolo de seu reinado.

d. Davi recorre aos filisteus (27.1-31.13)

i. Com Aquis, rei de Gate (27.1-28.2). Por causa de seu desespero, Davi estava pronto a considerar a hipótese de abordar os próprios inimigos que, com sucesso, havia combatido em nome de Israel, oferecendo-lhes agora seus préstimos. Não que ele tivesse qualquer intenção de se tornar um traidor de sua amada Judá, mas precisava dar essa impressão a fim de tranquilizar seus aliados filisteus. Essa tentativa de conseguir proteção filistéia não foi a primeira de Davi (*cf.* 1 Sm 21.10-15, um episódio que não o ajudaria nessa segunda aproximação junto a Aquis), mas agora a situação era bem diferente.

1-4. *Pode ser que algum dia venha eu a perecer nas mãos de Saul:* essa frase expressava o medo humano que Davi sentia, vivendo como um animal caçado. Embora soubesse que fora ungido para ser rei e tivesse visto a direção providencial do Senhor em sua vida, não podia suportar indefinidamente a existência de fuga no deserto estéril de Judá, ainda mais agora que ele tinha esposas para sustentar. A hospitalidade de Aquis em Gate, dando boas-vindas não somente a um exér-

cito de 600 homens, mas também a esposas e filhos, era algo notável, e demonstra a capacidade que Davi tinha de agradar até mesmo um rei inimigo. O estratagema de Davi deu certo, e Saul *desistiu de o perseguir*.

5-8. Em todos os aspectos, para Davi foi bom mudar-se da capital de Aquis, mas especialmente porque precisava de liberdade a fim de realizar seus próprios planos independentes, sem ser observado muito de perto. Aquis, em seu papel de rei de uma cidade-estado com possessões, tinha o direito feudal de outorgar terras, e sua escolha de *Ziclague* para Davi foi particularmente apropriada. Em primeiro lugar, era uma cidade fronteira nos contrafortes entre o território filisteu e o simeonita; embora reservada a Simeão (Js 19.5; 1 Cr 4.30), em Josué 15.31 ela está relacionada entre as cidades de Judá, mas ou nunca foi ocupada, ou então foi reconquistada pelos filisteus. Desde a época do presente dado por Aquis, *Ziclague* passou a pertencer aos reis de Judá (v. 6). Na opinião de Davi, *Ziclague* tinha a vantagem de estar bem afastada do território de Saul e isolada das cinco cidades filistéias. Sua principal desvantagem era que tendia a ser o alvo de bandos saqueadores vindos do deserto, especialmente os *amalequitas*. Os *gesuritas*, mencionados em Josué 13.2, viviam entre o sul da Filístia e o Egito, sendo preciso distingui-los do povo com o mesmo nome que morava no norte da Transjordânia (2 Sm 15.8). Não existe outra informação sobre os *girsitas*.

Aquis estava em posição vantajosa, por ter o exército de Davi para proteger seu território meridional; é possível também que ele esperasse conseguir o apoio de Judá contra Saul, o que lhe permitiria tomar toda a terra, como quase fez na batalha do monte Gilboa (1 Sm 31.7). A expressão *um ano e quatro meses* fornece um dado útil sobre a duração desse período. Davi permaneceu em *Ziclague* o tempo suficiente para estabelecer relações com israelitas que viviam no extremo sul de Judá (*cf.* 1 Sm 30.26-31).

9-12. Davi dirigiu seus ataques contra os saqueadores que despojavam cidades tanto de Judá quanto da Filístia. Sua política de extermínio protegia-o de informantes que poderiam ter dito a Aquis que Davi estava jogando dos dois lados. Davi contava que tinha lutado

contra Judá ou contra os aliados de Judá, os *jerameelitas* (1 Cr 2.9), a quem ele havia protegido juntamente com os *queneus* (1 Sm 30.29). Esta última tribo entrara no deserto de Judá perto de Arade, a leste de Berseba, e havia se estabelecido naquela região. De fato, ele lutou somente contra seus inimigos comuns, mas *Aquis confiava em Davi*, crendo que este estava se afastando de seu próprio povo por lealdade aos filisteus, de quem ele parecia ser vassalo: *Davi me será servo para sempre* (cf. Dt 15.17).

28.1-2. Era essa a situação quando Aquis estava se preparando para ir à guerra e conquistar a supremacia sobre Israel. Davi se viu acuado quando Aquis incumbiu seu exército de lutar contra Saul e encarregou Davi de ser sua principal *guarda pessoal*. A resposta de Davi, visando evitar uma resposta direta, satisfaz Aquis, mas deixou Davi imaginando como sairia desse dilema.

ii. Saul consulta uma médium (28.3-25). Quando esse episódio começa, as linhas de combate já estão se formando, mas Saul não se entusiasma com a batalha. Ele precisa desesperadamente se apoiar em alguém que lhe dê conselhos e ânimo; contudo, vê-se totalmente isolado.

3-7. A repetida menção à morte e ao sepultamento de Samuel (cf. 1 Sm 25.1) mostra Saul privado da orientação do grande profeta, que, de qualquer forma, ele havia anteriormente desconsiderado. Os substitutos ilícitos dos profetas — *médiuns* (*ʿōbōt*), que consultavam os mortos, e *adivinhos* (*yiddʿ onîm*), “que chilreiam e murmuram” (Is 8.19) enquanto falam em nome dos mortos — haviam sido banidos de Israel por Saul. Em obediência à lei (Lv 19.31; 20.6; Dt 18.10, 11), o próprio Saul havia acertadamente rompido os vínculos com aqueles que não conheciam o Senhor. O fato de agora lamentar isso indica quão longe ele estava de seu compromisso inicial (e.g., 1 Sm 11.13). Ele tinha experimentado o que há de pior em ambos os mundos.

Sumém, no vale de Jezreel, ficava cerca de 32 quilômetros ao norte de Afeque, a mais setentrional das cidades filistéias. O fato de que os filisteus haviam ido tão longe dá uma idéia de seu domínio do reino de Saul e da intenção de avançarem ainda mais para leste, na direção do Jordão. Daí a escolha que Saul fez do monte Gilboa, um

ponto privilegiado do qual poderia observar os movimentos do inimigo nas encostas ocidentais do outeiro de Moré, situado no outro lado do vale. Saul sentia aquele tipo de *medo* que domina fisicamente a pessoa e a incapacita de agir. *O Senhor... não lhe respondeu* por nenhum dos meios permitidos que restavam: *sonhos*, que poderiam lhe dar orientação direta; *Urim*, o oráculo sacerdotal, do qual ele havia se privado quando matou os sacerdotes em Nobe (1 Sm 22.17-19); ou *profetas*, treinados na escola de Samuel (1 Sm 19.20). Apesar da legislação de Saul contra os médiuns, os próprios servos do rei sabiam muito bem que ainda havia médiuns realizando suas atividades. *En-Dor* ficava a uma curta distância, ao norte do outeiro de Moré, e era acessível, a despeito das forças filistéias bem ao lado.

8-10. *Saul disfarçou-se... e se foi... de noite*, furtivamente, como um criminoso, com apenas dois acompanhantes, numa tentativa de escapar do terrível destino que se aproximava. Apesar do caráter definitivo do último confronto de Saul com Samuel (1 Sm 15.10-35), Saul ainda ansiava pela palavra do Senhor recebida mediante o profeta que inicialmente o ungiu e proclamou rei. Ele devia ter a esperança de que Samuel de alguma forma reverteria o julgamento que havia pronunciado, à semelhança de nossos contemporâneos, que se recusam a levar a sério o lado sombrio da palavra de Deus. “Consulte para mim os espíritos” (BLH), ele diz, indicando dessa forma a natureza da alegação feita pela “médium” (v. 7), pois ele quer que a mulher invoque alguém dentre os mortos. Ela fica estarecida, pois suspeita de uma armadilha e receia a pena de morte. Incoerentemente, Saul jura (*Tão certo como vive o Senhor*) que ela estará segura, enquanto ele próprio tenta reverter a palavra do mesmo Senhor vivo, pronunciada contra ele.

11-12. O texto indica que a mulher foi pega de surpresa quando Samuel lhe apareceu. Foi um momento de revelação; daí o grito que ela deu *em alta voz*, e sua percepção de que a pessoa que a estava consultando era Saul, o rei.¹ O incidente não nos informa nada sobre a veracidade das alegações feitas por médiuns de que de fato consultam os mortos, porque os dados no texto apontam para o fato de que esse

1. Cf. W. A. M. Beuken, “1 Samuel 28: The Prophet as ‘Hammer of Witches’”, *JOT* 6 (1978), p. 8.

acontecimento foi para ela não só extraordinário, mas também assustador, porque ela não estava no controle da situação.

13-14. *Vejo um deus* [^elōhīm] *que sobe da terra:* ^elōhīm, essa palavra empregada no plural, significa “juízes”, pessoas de autoridade, além de “deuses” (veja o comentário sobre 1 Sm 2.22-25); a aparição de Samuel claramente impressiona a mulher devido à autoridade e dignidade do profeta. Saul não via Samuel, mas dependia da descrição feita pela mulher. Um ancião... envolto numa capa é uma descrição vaga, a partir da qual poderíamos pensar que seria impossível identificar alguém; contudo, a palavra-chave talvez seja *capa*, a capa profética, cujo ato de rasgá-la havia se tornado o símbolo da queda de Saul como rei (1 Sm 15.27, 28). Ademais, Saul sabia intuitivamente que seu pedido fora atendido e prostrou-se perante Samuel como se estivesse diante do Senhor.

15. *Por que me inquietaste?:* essas palavras de Samuel indicam que Saul havia interrompido uma vida de descanso que Samuel vinha desfrutando e que relutara em deixar. A curta resposta a essa pergunta foi que Saul estava completamente desesperado: *Deus se desviou de mim, e já não me responde.* Saul está pedindo orientação, embora o rumo a seguir seja óbvio: ele tem de combater os filisteus. O que ele de fato deseja é ser tranqüilizado de que tudo irá bem e de que vencerá a batalha. Por acaso não é esse o propósito maior de profetas e conselheiros, ou seja, dar uma mensagem tranqüilizadora?

16-19. Samuel, porém, não muda em absoluto a mensagem que havia dado a Saul quando vivia em Ramá. Ele ainda é o profeta do Senhor e fala no nome do Senhor, repetindo esse nome sete vezes ao longo de quatro versículos. Enquanto Saul havia dito “*Deus se desviou de mim*”, Samuel usa o nome da aliança, “*o Senhor te desamparou*”. Em vez de reverter essa sentença, Samuel pode somente reforçá-la, pois a palavra que ele falara (1 Sm 15.28) está para se cumprir, e, agora, o nome do próximo que herdará o reino pode ser apresentado. A mensagem de 1 Samuel 15.18, 19 não foi rejeitada, mas ainda está em vigor *hoje*. Os filisteus, que nos primeiros dias de Saul como rei haviam desafiado os exércitos de Israel e aterrorizado Saul, estão a ponto de derrotar Saul e seus *filhos*, que *amanhã* estarão com Samuel, no misterioso mundo do além-túmulo. *O acampamento de Israel o*

Senhor entregará na mão dos filisteus, porquanto o povo e seu exército estão comprometidos com seu rei, e eles também sofrerão a derrota como resultado da desobediência de Saul.

20. Saul, que não tivera aquela visão, mas que ouvira claramente as palavras do profeta, já estava perto do fim. A verdade fatal deixou-o atordoado, tomado por um profundo medo, de sorte que caiu prostrado porque *faltavam-lhe as forças*. O hebraico é enfático: estava “exaustito”. O texto não explica por que “nada havia comido todo aquele dia” (IBB). Alguns comentaristas sugerem que ele precisava ir em jejum até a médium; outros dizem que as circunstâncias da guerra exigiam isso, pois não se obtinha comida facilmente; mas a maioria das pessoas perde o apetite quando há perigo de vida!

21-22. *Aproximou-se de Saul a mulher*, que, é óbvio, não estivera presente enquanto Saul recebia a mensagem de Samuel. Parece provável que mais no interior da casa ela tinha um aposento sagrado interno, onde praticava seus rituais secretos; talvez fosse uma caverna interior.¹ Bastou-lhe uma olhada em Saul para saber de imediato que estava “apavorado” (BLH; *nibhal*), totalmente exausto e paralisado de medo. “A raiz do verbo *bhl* [apavorado] de fato pode se referir ao terror... em que se tornava visível no homem a tensão da morte (cf. Êx 15.15; Lv 26.16; Is 13.8; 21.3; 65.23; SI 30.7; 78.33; 90.7; 104.29).”² Seu bom senso lhe diz que o rei precisa de uma boa refeição; talvez assim ele se sinta em melhores condições para enfrentar a batalha que se aproxima. Não podemos saber se ela reconheceu a seriedade da situação diante da palavra do profeta; mais provavelmente, ela estava pensando, em termos humanos, sobre algum modo de melhorar o estado de espírito do rei. Embora não pudesse salvar o rei de seu destino, ela podia lhe dar ajuda e apoio temporários, a fim de fortalecer seu ânimo arrasado. Mas ela foi suficientemente astuta para perceber que Saul não desejava comer; daí seu argumento ponderado de que, visto que havia arriscado a vida por ele, o rei devia estar disposto a fazer algo por ela.

1. Essa é a sugestão de R. A. S. Macalister, *Bible Side-Lights from the Mound of Gezer* (Londres: Hodder & Stoughton, 1906), p. 70. Uma caverna dupla semelhante foi encontrada em Gezer (fig. 16).

2. Beuken, “Hammer of Witches”, p. 12.

Inconscientemente, porém, ela própria revelou-lhe o sentido mais profundo de seu convite: “Dá ouvidos a mim assim como dei ouvidos a ti” (vv. 21s.). De modo penoso, ela amplia a acusação de Samuel: “Porquanto não deste ouvidos a YHWH... YHWH fez hoje isto contigo” (v. 18). Saul percebe que acabou numa situação semelhante a uma aliança com a médium, e não com YHWH.¹

Tudo isso foi resultado do desejo de Saul de se comprometer com o mal a fim de escapar da palavra do Senhor. É difícil imaginar para alguém situação mais terrível.

23-25. Em princípio, Saul recusa-se a comer. Sem dúvida, ele não tinha apetite algum. Mais importante do que isso, era impróprio participar de uma refeição alegre, especialmente preparada pela mão de uma necromante, na véspera do que ele sabia ser o dia de sua morte. Mas, no fim, ele foi convencido. No meio da noite, na residência de uma mulher que consultava os mortos, Saul levantou-se do chão de terra, sentou-se na cama e observou todos os conhecidos processos de preparação doméstica de uma refeição, desde o abate do bezerro até o ato de sovar a massa que seria assada (*cf.* Gn 18.6-8). Se a refeição e seu preparo insinuavam um clima de normalidade (pois era um jantar digno de um rei), em si mesmo esse banquete era sinistro, porque logo — em questão de horas — Saul não seria mais rei.² Novamente Saul e seus dois servos desapareceram na noite.

Saul começara bem, mas já no início havia dado mostras de uma resistência obstinada à exigência feita por Samuel de que o rei devia ser o servo obediente do Senhor, pronto a executar literalmente as ordens do profeta do Senhor. Na batalha-chave contra os filisteus, Saul não havia esperado por Samuel para realizar em Gilgal o ritual anterior ao combate. Na condição de rei, ele reservou para si o direito de tomar

1. *Ibid.*, p. 13.

2. Se Saul estivesse jejuando por algum dever religioso antes do combate, tal como fez em 1 Samuel 14, ao aceitar a comida que lhe era oferecida ele estaria deliberadamente quebrando o jejum e o compromisso nele implícito: “Ele demonstra, pela última vez, estar disposto a se ver livre das restrições do mundo sagrado”; Gunn 1980, p. 109.

a iniciativa, sem levar em conta as ordens de Samuel, e já havia recebido a condenação do Senhor e a sentença: “Já agora não subsistirá o teu reino” (1 Sm 13.14).

Na literatura recente, tem-se expressado uma boa dose de compaixão por Saul. No que diz respeito à chegada tardia de Samuel (1 Sm 13.10), “parece aqui que ele é totalmente um brinquedo do destino... A explicação dada por Saul de sua ação é rejeitada sem sequer uma análise superficial... O rei também não tem oportunidade alguma de implorar a misericórdia divina”. Depois da guerra contra os amalequitas, Saul afirmou ter dado ouvidos à voz do povo quando poupou o melhor dos despojos (1 Sm 15.21, 24), ao contrário da ordem do profeta (1 Sm 15.3), e McCarter comenta: “A democracia não é um substituto da teocracia profética mais aceitável do que a monarquia!”¹ Contudo, pelo menos no mundo ocidental, a voz do povo fala bem alto e com persistência; por isso, pode parecer que Saul tenha sido tratado com um pouco de desconsideração, mas o fato é que ele não exerceu uma liderança de verdade.

Em En-Dor, Saul demonstra o mesmo temperamento básico dos episódios anteriores. Por um lado, ele desejava o melhor: havia banido da terra aqueles que praticavam necromancia e buscavam fazer contato com os mortos, porque, para Israel, Deus havia determinado que falaria através de Seus profetas. Se seu jejum (v. 20) fazia parte do ritual determinado para o combate, Saul ainda estava procurando cumprir os detalhes exteriores da religião, como havia feito ao oferecer o sacrifício (1 Sm 13.12). Além do mais, Saul ainda dependia de Samuel no que tangia à sua segurança: “Há algo de patético no fato de que Saul, a esta altura, ainda procurava o conselho de seu opositor de longa data. Acima de tudo, é-nos dado a compreender o poder que Samuel tinha sobre Saul... [Saul] precisa ter certeza e fica paralisado sem ela”.² De fato, Saul havia pedido orientação da parte do Senhor. O que ele não havia assimilado plenamente era o fato de que já havia recebido a orientação apropriada para suas circunstâncias. Por mais que fizesse outros pedidos, isso não poderia mudar a informação que já havia recebido.

1. McCarter 1980, p. 270.

2. Gunn 1980, p. 108.

A seqüência inteira de acontecimentos demonstra vigorosamente que, para Saul, tudo dependia da questão do desejo de mergulhar sua própria vontade na vontade do Senhor seu Deus. Ele desejava desfrutar a autoridade e o poder associados com o reinado, e por isso havia se imposto, em vez de aceitar o domínio absoluto do profeta, sem perceber que, em toda liderança humana válida, existe a necessidade de se sujeitar a uma autoridade superior, em última instância à do próprio Deus, sendo isso um conforto e não humilhação.

Contudo, Saul não percebeu esse fato, sentindo-se humilhado por suas tentativas de assumir o controle dos acontecimentos. O confronto de Samuel com Saul, testemunhado por suas tropas, tanto em Gibeá como em Gilgal, foi profundamente humilhante para o rei. Agora, em En-Dor, quando a sentença está para ser executada sobre ele e sua família mediante a derrota para os filisteus, Saul estava psicologicamente arrasado, sem qualquer condição de comandar o exército. O orgulho de Saul, junto com o ciúme que sentia de Davi, haviam-lhe custado o trono e a dinastia.

Quanto às conseqüências mais amplas do incidente de En-Dor, o leitor fica sabendo quão difundidas e arraigadas eram as práticas cananéias, mesmo entre os israelitas. Embora a violação da lei resultasse na pena de morte e os necromantes tivessem sido oficialmente banidos da terra, eles ainda podiam ser encontrados, prontos para agir caso recebessem garantia de proteção. É evidente que as pessoas desejavam os préstimos deles, estando dispostas a pagar o privilégio. Se eles eram enganados ou se realmente viam e ouviam os espíritos dos mortos, isso os escritores bíblicos não dizem. Estes dão ênfase à profecia, o modo pelo qual Deus fala com Seu povo, em oposição à necromancia. Mesmo depois de sua morte, o profeta Samuel fala. “Nem caverna nem túmulo, nem espaço nem tempo, nada limita o poder efetivo da palavra de Deus...”,¹ mas Saul recebe a mesma mensagem que já havia ouvido. No fim, ele teve de fazer o que de qualquer maneira teria feito — enfrentar o inimigo. A informação adicional de que em 24 horas ele e seus filhos estariam mortos não foi de qualquer ajuda para seu

1. Beuken, “Hammer of Witches”, p. 14.

ânimo. Aliás, ele teria se sentido melhor sem essa informação. Ele não se beneficiou ao fazer o que havia decretado que era ilegal. A palavra de Deus permanecia e não podia ser alterada. Ele devia ter acreditado nela, em vez de pensar que, mediante outras consultas, poderia reverter a sentença dada pela palavra divina. O Senhor não lhe respondeu, porque não havia mais nada a dizer.

iii. A rejeição providencial de Davi por parte do exército filisteu (29.1-11). Enquanto isso, pois a visita de Saul a En-Dor ocorreu pouco depois, embora seja registrada antes, Davi e seus homens vinham se preparando para combater seus próprios compatriotas israelitas, porquanto parecia não existir maneira alguma de evitar o envolvimento com Aquis naquela batalha fatídica.

1. *Ajuntaram os filisteus todos os seus exércitos:* essas palavras retomam o tema de 1 Samuel 28.1, texto em que Aquis encontrava-se presumivelmente em Gate. Aqui, os filisteus estão cerca de 50 quilômetros mais ao norte de Afeque, bem no caminho do vale de Jezreel, mas ainda aproximadamente 65 quilômetros antes de Suném (1 Sm 28.4). Ao mesmo tempo, as forças israelitas estavam em Jezreel, um ponto de encontro de rotas, antes de se posicionar para o combate no monte Gilboa (1 Sm 28.4). A *fonte*, onde nasce o rio Harode, aos pés do monte Gilboa, agora faz parte de um parque público.

2-5. O exército filisteu estava marchando de forma ordenada, e cada segmento encontrava-se sob as ordens do governante da cidade onde havia sido convocado. Aquis vinha no comando da retaguarda, tendo Davi e seus homens a assisti-lo. Os generais do exército ficaram inquietos com a presença do israelita Davi e seus homens, aqui mencionados como *estes hebreus* (cf. o comentário sobre 1 Sm 4.5-9). Aquis deve ter sido tão cativado por Davi que não anteviu objeções das forças que, afinal, iriam travar guerra contra o rei de Israel. Embora Aquis tenha dito que possuía provas da lealdade de Davi, as guerras ocorridas havia *muitos dias ou anos* (evidentemente um período considerável) tinham se dado no extremo sul e não contra o rei, em seu tradicional território no norte. Acima de tudo, suspeitavam que Davi, em vista da opinião pública manifesta depois que ele matou Golias (v. 5), aspirasse ao trono. Davi, eles sustentavam, só poderia se tornar

aceitável diante de Saul e Israel se matasse os filisteus, de modo que exigiram que fosse mandado de volta para seu *lugar*, a saber, Ziclague.

6-8. *Tão certo como vive o Senhor* é uma expressão inesperada num juramento filisteu; será que Aquis havia se consagrado ao Senhor de Davi ou será que está sendo educado com Davi, não jurando no nome dos deuses filisteus? Esta última opção é a mais provável.

Nenhum mal (rā'ā) tenho achado em ti: já ele havia dito *me parece bem (tôh)*, de sorte que o tema “bem” e “mal” prossegue, mas com uma variação, pois Aquis não percebe que Davi está jogando dos dois lados. Tanto para Aquis quanto para Davi, é providencial o fato de os “senhores” filisteus terem discernimento e insistirem para que Davi fique bem distante das operações militares. Contudo, na opinião de Aquis, era embaraçoso ter de mandar embora o homem que ele havia nomeado como seu guarda-costas, e ele tomou todo o cuidado para não ofendê-lo.

Volta em paz, isto é, pacificamente: essa expressão deixa implícito que Davi tinha o direito de protestar contra tal mudança repentina, e de fato ele protestou, como se estivesse sofrendo uma injustiça, ainda que interiormente tenha sentido alívio por ficar fora da guerra. Ou será que Davi era tão hipócrita que, quando objetou *para que [eu] não vá pelejar contra os inimigos do rei meu senhor*, ele tinha em mente os inimigos do rei Saul, e estava “de fato relutando em interromper aquela marcha militar e perder a chance de ser ‘um adversário no acampamento [filisteu]’”?¹ Pode muito bem ter sido esse o sentido dissimulado das palavras de Davi; ele poderia tirar vantagem de qualquer situação, por mais desanimadora que fosse.

9-10. *Aos meus olhos és bom (tôh, “bom”)* como um anjo (ou mensageiro) *de Deus* é um louvor exagerado, a menos que tenha ocorrido de Davi ser literalmente o portador da mensagem de Deus a Aquis, caso em que a falta de sinceridade de Davi seria muito mais compreensível. O que quer que esteja por trás dessas palavras, não há nenhuma ambigüidade quanto às instruções dadas a Davi: ele deve partir com seus homens logo ao alvorecer.

1. McCarter 1980, p. 427.

Em um dos manuscritos da LXX (Vaticano), o versículo 10 é mais longo do que o texto hebraico, acrescentando, depois de *vieram contigo*: “e ide para o lugar que vos indiquei, porque tu me és agradável” (BJ).

11. Davi e seus homens retornaram à *terra dos filisteus*, tendo sido dispensados honrosamente; enquanto as tropas filistéias foram a Jezreel lutar contra o rei Saul, o exército de Davi era o único grupo de combatentes que permanecia na terra.

iv. Davi e os amalequitas (30.1-31). Embora Davi tenha visto o propósito providencial de Deus ao poupá-lo da luta contra Saul, ele se defrontou com uma situação desesperadora quando voltou a Ziclague e poderia ter concluído que o Senhor o abandonara. Esse foi o ápice dos ataques cruéis dos inimigos ao longo de seu período de preparação para o trono.

1-6. *Ao terceiro dia* indica que Davi e seus homens percorreram cerca de 40 quilômetros por dia marchando na direção sul, desde Afeque até Ziclague, onde teriam chegado cansados, famintos e esperando desfrutar o conforto de um lar aconchegante. A visão de uma cidade queimada, totalmente deserta, era mais do que as tropas poderiam suportar. Os amalequitas, a quem Saul deixara de exterminar (1 Sm 15.17-33), haviam se aproveitado da partida dos soldados para criar um caos; contudo, pelo menos suas mulheres e famílias não haviam sido mortas. Em vez disso, os amalequitas haviam levado todos cativos, considerando-os parte dos despojos a ser desfrutados ou vendidos (v. 16); mas havia ao menos alguma esperança de recuperá-los dos inimigos. Davi estava sofrendo exatamente da mesma forma como todos os demais, já que perdera suas duas esposas; porém, foi considerado responsável pela catástrofe, sendo lançadas contra ele toda a raiva e a indignação reprimidas, *pois o povo falava de apedrejá-lo*. Desde sua fuga de Gibeá e de Saul, Davi nunca estivera tão só, embora várias vezes tivesse passado por perigo de vida; *porém Davi se reanimou no Senhor seu Deus*. Em vez de culpar Deus por permitir a destruição da cidade, Davi considerou a retaliação dos amalequitas um fato da vida, em que ele poderia lançar mão dos recursos de um Senhor fiel, do Deus da aliança. Conforme asseveram repetidas vezes os sal-

mos atribuídos a Davi, ele exprimiu seus sentimentos abertamente em oração: “...estou sozinho e aflito. Alivia-me as tribulações do coração; tira-me das minhas angústias” (Sl 25.16, 17) — esse texto pode ter sido composto numa situação como essa.

7-10. Quando precisou de orientação específica, Davi pôde convocar o sacerdote Abiatar (*cf.* 1 Sm 22.20, 23) para trazer o éfode, o qual daria uma resposta afirmativa ou negativa à pergunta: *Perseguirei eu o bando?* (*g^e dūd*, “um grupo atacante”; *cf.* 2 Sm 4.2). Tendo recebido uma resposta positiva e animadora, Davi partiu imediatamente com todos os seus soldados; apesar de estarem exaustos, a ação era o antídoto necessário para seus sentimentos de frustração e agressão. No entanto, uma viagem a mais revelou-se um fardo excessivo para um terço dos soldados de Davi, que só foram até o *ribeiro de Besor*, provavelmente o vádi Ghazze, às margens do qual localizam-se Berseba e Arade. Eles devem ter viajado cerca de 30 quilômetros na direção sudoeste de Ziclague, além do que já haviam percorrido naquele dia para chegar a Ziclague.

11-15. Viajar na região inóspita e desabitada do sul trazia seus próprios riscos; em especial, era raro haver alguém para dar orientação, e não existia maneira alguma de saber onde estavam os atacantes amalequitas. Então, os homens de Davi encontraram por acaso um egípcio semimorto, a quem reanimaram. Depois descobriram que ele havia acompanhado seu senhor amalequita numa série de ataques, até que precisou ser abandonado junto à estrada por ter ficado doente.

“O Negebe dos queretitas”: os queretitas são sempre mencionados junto com os filisteus (*cf.* v. 16; Ez 25.16; Sf 2.5), e os dois grupos vieram de Creta. É compreensível, então, que eles tenham se fixado em regiões vizinhas no litoral de Canaã. Os queretitas demonstraram uma lealdade especial para com Davi, e mais tarde formaram parte de sua guarda pessoal (2 Sm 8.18). Além de Ziclague, os distritos de Berseba, que pertencia a Judá, e de Hebrom, associado com *Calebe*, tinham sofrido esses ataques. Por essa razão, caso pudesse derrotar e castigar os atacantes e recuperar os despojos que eles haviam tomado, Davi provavelmente conquistaria a admiração e o respeito de várias comunidades.

Os temores do escravo egípcio dão alguma idéia da maneira como ele poderia facilmente ter sido tratado; contudo, em troca da ajuda que pode dar, ele negocia sua vida e liberdade.

16-20. Graças a seu guia, Davi e seus homens encontraram o acampamento dos amalequitas e, parados em algum ponto de observação, contemplaram a festa desenfreada, que se estendia até onde seus olhos podiam enxergar.

“Davi os massacrou desde a alvorada até a tarde do dia seguinte” (BJ; veja também a BLH): a palavra hebraica *nešep̄*, traduzida como “alva” em Jó 7.4 e como “alvorecer do dia” no salmo 119.147, tem aqui este sentido. Tendo observado a situação, Davi e seus homens descansaram um pouco e atacaram ao romper do dia, quando os amalequitas estariam sob os efeitos soporíferos do banquete e teriam menos condições de se defender. As ações duraram *até à tarde* (*‘ereḅ*) *do dia seguinte*.

Davi esmaga completamente os amalequitas, matando todos, exceto 400 que escapam em camelos, mas recupera todos os despojos e, o mais importante, as pessoas cativas. Agora a honra pertence a Davi, assim como um pouco antes ele fora obrigado a receber a culpa. Os verbos reiteram sua bravura: *Feriu-os Davi... Davi salvou tudo... também salvou... tudo Davi tornou a trazer. Também Davi tomou todas as ovelhas e o gado*. Embora tudo tivesse estado contra ele, agora que havia vencido a batalha todos compreendem que *este é o despojo de Davi*. É preciso destacar o contraste entre a batalha de Davi contra os amalequitas e a missão punitiva em que Saul foi enviado (1 Sm 15.2, 3). Saul recebera uma tarefa específica para realizar, a qual ele compreendia muito bem, mas que o privava de toda e qualquer participação nos despojos. Davi, contudo, não estava sob tais instruções, e tinha liberdade para guardar o que recuperasse na batalha.

21-25. Entretanto, a questão dos despojos domina o restante do capítulo. Quando aqueles que foram deixados junto ao ribeiro de Besor (v. 9) foram dar as boas-vindas aos vencedores que retornavam, eles se depararam com uma atitude negativa da parte de alguns. Cada um recebeu permissão para ter de volta a esposa e os filhos, mas os *maus e filhos de Belial*, que podem até ter sido a maioria, queriam excluí-los de qualquer participação nos despojos. Davi exerceu sua prerrogativa,

criando o princípio que se tornou a prática comum, estabelecendo um precedente legal. Em primeiro lugar, ele expõe o raciocínio que fundamenta sua decisão. O resultado final do combate foi obra do Senhor; por isso, os despojos vieram do Senhor. Essa interpretação teológica dos acontecimentos, *nos deu o Senhor... nos guardou*, é bem compreendida e amplamente aceita: *Quem vos daria ouvidos nisso?* Ela proporciona uma boa ilustração de como a fé dos israelitas comuns permeava a lei israelita, tornando-a viável. Aqueles que permaneceram no acampamento de base com a bagagem tiveram partes iguais junto com os que combateram. O senso de justiça de Davi foi baseado em sua experiência da misericórdia e generosidade de seu Senhor e, por essa razão, suplantou os padrões humanos costumeiros sobre o que é justo e certo.

26-31. Embora os despojos teoricamente pertencessem a Davi, seus homens haviam reservado o direito de expressar sua opinião quanto à maneira como deviam ser usados tais restos, e Davi não tinha intenção alguma de simplesmente se enriquecer com eles. Por um lado, era justo que aqueles que tinham sido atacados recebessem alguma compensação; por outro lado, sem dúvida alguma Davi pensava no futuro e pretendia tirar alguma vantagem própria dos despojos. Os *anciãos de Judá, seus amigos*, eram líderes das comunidades da região ao sul de Hebrom, e Davi viera a conhecê-los durante seu exílio forçado. Muitos deles haviam sofrido ataques e agora receberiam alguma reparação dos *inimigos do Senhor*: a lealdade ao Senhor criava os vínculos mais fortes.

Muitos dos lugares mencionados ainda são reconhecíveis nos topônimos modernos. *Betel* não deve ser a conhecida cidade ao norte de Jerusalém; talvez existisse outra *Betel* no sul, ou então o nome deve ser lido como *Bete-Zur* (como no MS Vaticano da LXX; cf. Js 15.58). Existe um vilarejo chamado *Beit Sûr* ao norte de Hebrom. *Ramote do Neguebe* não é conhecida, mas *Jatir (yattir)* é *Khirbet Attir*, cerca de 21 quilômetros ao sul de Hebrom e próxima de *Estemoa*; esses dois locais eram cidades levíticas (Js 21.14). *Aroer*, chamada *Adada* em Josué 15.22, é a moderna 'Ar'arah, 16 quilômetros a sudeste de Berseba. *Racal* é "Carmelo" na LXX, lugar onde Nabal tinha sua fazenda (1 Sm 25.2), e em vez de *Corasã*, a LXX traz Berseba. Os topônimos restantes são desconhecidos.

Ao voltar de Afeque, Davi e seus homens haviam se deparado com seus lares arruinados e abandonados; tudo parecia perdido, e Davi corria o perigo de ser morto a pedradas. Sua condição de futuro rei, “o ungido do Senhor”, não lhe garantia uma vida fácil, e a todo instante ele teve de enfrentar as ambigüidades da experiência humana, assim como havia acontecido com Saul. O que havia de especial em Davi era sua resistência espiritual. Ele esperava encontrar no Senhor seu Deus os recursos de que precisava, e não se decepcionou, ao passo que Saul criou o hábito de “agir à sua própria maneira”, recusando-se deliberadamente a executar as instruções recebidas da parte de Samuel. Davi recusou-se a interpretar os obstáculos como sinais da oposição de Deus a ele; pelo contrário, eles criavam oportunidades para ver o que Ele faria em resposta à oração de Seu servo. Encontrar energias e disposição a fim de reunir para outra campanha militar homens que já estavam precisando de comida e descanso foi em si uma grande realização (compare isso com a tendência que Saul tinha de esperar que alguma coisa acontecesse). As fontes de recurso que Davi tinha em seu íntimo resultaram em uma ação que teria sido impossível sem sua fé em Deus. O encontro “casual” com o escravo de um amalequita foi parte da provisão que capacitou as tropas de Davi a sobrepujarem os amalequitas. O fato de eles estarem sem condições de se defender foi resultado de sua própria avaliação errônea. Deve-se ver a mão do Senhor em todos esses aspectos do episódio, diversos, porém inter-relacionados, no qual Davi consegue realizar algo positivo no meio de uma terrível catástrofe.

v. *A última batalha de Saul (31.1-13)*. O acontecimento para o qual os últimos capítulos vinham conduzindo, ou seja, a morte de Saul, agora chega rapidamente. O relato é breve e concreto e, por isso mesmo, extremamente tocante.

1. *Nesses comenos os filisteus pelejaram contra Israel*, tal como haviam feito no início do reinado de Saul (1 Sm 13.5) e mesmo antes (1 Sm 4.1-11). A missão divina entregue a Saul tinha sido a de salvar Israel dos filisteus (1 Sm 9.16), mas ironicamente ele morre pelas mãos deles, tal a medida de seu fracasso. O narrador, omitindo todos os detalhes, registra a retirada de Israel e a matança no monte Gilboa.

2-7. Os filhos de Saul são as primeiras baixas mencionadas (*cf.* as palavras de Samuel em 1 Sm 28.19), mas Saul também é muito procurado, sendo ferido pelos arqueiros, embora não seja morto de imediato. Davi, que já havia sido escudeiro de Saul, teria aprovado o gesto daquele que se recusou a atravessar o rei com sua espada, por respeito à pessoa do ungido do Senhor. Heroicamente, Saul caiu sobre sua própria espada, para não ter os filisteus incircuncisos escarnecendo dele, assim como haviam feito com Sansão (Jz 16.25); era impossível dizer que humilhação eles lhe infligiriam, de modo que a morte era preferível à captura. O escudeiro escolheu morrer com seu senhor e *todos os seus homens*, as tropas especiais que o cercavam.

Podiam ser vistos movimentos de tropas desde o “outro lado do vale” (IBB, BJ), desde o outeiro de Moré e as colinas no lado norte do vale de Jezreel, bem como saindo de pontos de observação a leste do Jordão. A má notícia provocou uma evacuação em massa das cidades israelitas da região, deixando-as assim abertas à ocupação filistéia.

8-10. Embora Saul não tenha vivido para testemunhar a cena, os filisteus de fato se divertiram à sua custa; em especial, procuraram tirar vantagem da vitória obtida, congratulando-se com seus deuses e dedicando as armas de Saul como um troféu *no templo de Astarote*, de modo bem parecido com o cuidado com que a espada de Golias foi guardada no santuário de Israel (1 Sm 21.9). O deus estrangeiro tinha triunfado, e o corpo decapitado do rei ungido de Israel fora pendurado e exposto no muro da cidade de Bete-Seã, a mais oriental na série de antigas cidades fortificadas cananéias que atravessam a região que vai do Mediterrâneo até o Jordão, as quais os israelitas não haviam conquistado (Js 17.11). As escavações têm revelado que, do século XV ao XIII a.C., a cidade esteve sob controle egípcio, e entre os restos do século XII, esquifes antropóides de barro, característicos dos filisteus, indicam que guarnições filistéias foram postas ali pelos egípcios. “No nível V (por volta do século XI a.C.), dois templos foram descobertos, um dedicado ao deus Resefe (o templo S) e o outro, à deusa Antite; Rowe sugere que esses templos são de Dagom e Astarote, onde a cabeça e as armas de Saul foram expostas pelos filisteus.”¹ A cidade per-

1. T. C. Mitchell, verbete “Bethshean, Bethshan”, *IBD* 1, p. 190. A. Rowe foi um dos escavadores do antigo sítio arqueológico, entre 1925 e 1928.

maneceu sob o domínio dos filisteus na época de Saul, e somos lembrados do terrível inimigo que essas tropas bem instaladas e armadas constituíram para ele.

11-13. *Os moradores de Jabes-Gileade*, lembrando-se de sua dívida para com Saul, que havia reunido os homens de Israel e viera em seu auxílio quando foram intimidados pelo amonita Naás (1 Sm 11.5-11), aproveitaram a oportunidade para lhe demonstrar sua permanente lealdade. Eles retiraram os corpos empalados de Saul e de seus filhos, correndo risco de vida nessa empreitada, levaram-nos de volta a Jabes-Gileade e *os queimaram* ali. Além de casos penais e sacrificiais, a cremação de mortos é mencionada só em Amós 6.10, onde a razão é o contágio de uma epidemia. De maneira semelhante, nesta situação pode ter existido um risco de infecção com os corpos que se decompunham rapidamente.¹ A intenção, contudo, foi dar a estes grandes homens de Israel um enterro decente “debaixo da tamargueira”, local importante e considerado sagrado. Posteriormente, os restos de Saul e de seus filhos foram removidos para o túmulo da família (2 Sm 21.12-14).

Houve, portanto, algum consolo para Israel nas circunstâncias da morte de Saul. Embora os filisteus tenham sido vitoriosos, eles foram privados da satisfação de torturar e ridicularizar o rei de Israel. Ele teve uma morte honrosa, e seu sepultamento fez lembrar sua liderança heróica contra a agressão filistéia nos primeiros dias de seu reinado, quando havia resgatado os oprimidos e conquistado a lealdade de todo o povo. Mas não há como negar que, entre a vitória inicial em Jabes-Gileade e seu sepultamento ali, Saul fora um herói trágico, cuja carreira tem sido tema de muitas obras artísticas e literárias, assim como assunto de debates teológicos. Ele teve muito a seu favor: sua altura deu-lhe uma presença marcante; ele havia sido escolhido por sorteio sagrado e nomeado por um profeta do Senhor; além disso, conquistou a aclamação popular devido a seu valor ao vingar os males sofridos. Is-

1. A mudança de palavras sugerida por Driver, com base no fato de que o verbo *sārap*, “queimar”, tinha outro significado também, “ungir com especiarias”, embora preferida por Hertzberg (p. 233), não teve ampla aceitação. Ela aparece na NEB: “... e os ungiram com especiarias” (v. 12).

rael reconhecia o valor moral dos líderes que se importavam com os oprimidos, tal como Saul havia feito de modo tão manifesto, e o povo valoriza esses homens. A maioria ficou a seu lado em toda e qualquer circunstância, continuando a lutar junto de Saul, mas consciente da corajosa ação defensiva de Davi.

Ao avaliar a tragédia do rei Saul, os escritores cristãos geralmente pensam nele como um realce para Davi. Enquanto a vida de Saul foi um fracasso em termos de seu chamado para ser rei, Davi teve sucesso na derrota dos inimigos de Israel, na organização do reino e no estabelecimento de uma dinastia; em suma, ele se tornou um modelo para as gerações futuras, ensinadas a esperar uma sociedade ideal liderada por outro Davi. Em contraste, Saul é um exemplo de fracasso. Mas será que a culpa foi toda dele? Alguns escritores têm sustentado que Saul foi perseguido por um destino fora de seu controle, sendo essa uma opinião explorada por David M. Gunn: “Saul fracassa como rei por causa de sua própria inabilidade íntima como ser humano ou porque é arrasado essencialmente por forças ou circunstâncias externas?”¹ Gunn concorda que Saul contribuiu para sua própria queda, obviamente devido a seu ciúme e à sua recusa em aceitar a rejeição de si mesmo e de sua dinastia, mas mostra que o anúncio da rejeição de Saul influenciou sua atitude para com Davi: ele não iria entregar ninguém sem luta. Dessa maneira, o oráculo divino recebido por meio de Samuel acentuou a cautela e a suspeita de Saul, tornando-o cada vez mais hostil não apenas com Davi, mas também com seu próprio filho Jônatas, o qual apoiava a Davi. Levando-se em consideração o comentário explicativo — “Tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte deste um espírito maligno o atormentava” (1 Sm 16.14) — não devem ser desconsideradas as implicações teológicas e morais.

1. Gunn 1980, p. 115. O próprio título do livro de Gunn, *The Fate of King Saul* [A Sina do Rei Saul], é significativo; cf o subtítulo que Fokkelman dá a seu segundo volume sobre os livros de Samuel, *The Crossing Fates* [Os Destinos que se Cruzam].

Gunn é da opinião de que Saul viu aquilo que ele chama de “o lado sombrio de Deus”, de modo bem parecido com o que aconteceu com Jó:

A história deixa absolutamente claro que a depressão, o rancor, o ciúme e a violência de Saul são todos deliberadamente provocados por Javé mediante um “espírito maligno”... Se a história for avaliada em termos morais ou teológicos, então é irrelevante descartar a questão do espírito maligno com a explicação de que é uma maneira primitiva de falar sobre uma doença mental (*cf.*, por exemplo, Mauchline, p. 130). O espírito maligno aponta sem qualquer ambigüidade para Javé em Sua manipulação de Saul.¹

Essa clara afirmação requer consideração e verificação cuidadosas. Além do mais, Gunn prossegue: “Deus é capaz de derramar Seu favor sobre Israel, sobre Davi e até sobre Saul; mas Ele também pode ser imprevisivelmente assustador, zeloso de Sua própria condição, rápido em Se irar e impaciente com as complexidades da ação e da motivação humanas”.²

Provavelmente, não está longe da realidade dizer que é essa a concepção de Deus que muitas pessoas em nossas igrejas associam com o Antigo Testamento. Por acaso o segundo mandamento não endossa isso: “Eu, Javé teu Deus, sou um Deus ciumento...” (BJ; Êx 20.5)? Esse aspecto do caráter de Deus não está totalmente ausente nem mesmo no Novo Testamento, onde Ananias e Safira depararam-se com a morte repentina e inescapável por causa do engano (At 5.1-11), e o pecado recebeu uma condenação imediata de modo assustador. A condenação do mágico Elimas, atingido por cegueira (At 13.8-11), e a morte de Herodes Agripa I, que matou Tiago e aprisionou Pedro, foram demonstrações do juízo divino: “... um anjo do Senhor o feriu” (At 12.23). A possibilidade de rejeição faz parte do ensino de Jesus (Mt 7.19, 23); o homem insensato que construiu sua casa sobre a areia da desobediência (Mt 7.24-27) poderia até ter sido insinuado pelo exemplo de Saul. É arriscado eliminar da mensagem da Bíblia o tema

1. Gunn 1980, p. 129

2. *Ibid.*, p. 131.

do julgamento inescapável. Além disso, há também o mistério de que não sabemos por que algumas pessoas recebem aquilo que para nós, humanos, parece ser um tratamento ditatorial, enquanto outros levam uma vida mais fácil.

Apesar de todos os dados contrários que ele encontrou, Gunn conclui com esta observação mais tranqüilizadora:

‘Talvez, em última análise, mesmo nesta história se possa ver o “lado claro” dominando a cena — Javé é logo apresentado como o Deus que, com lealdade paciente, fica do lado de Seu povo e o livra de seus inimigos; o Deus que é pastor, fortaleza e refúgio para Seu servo Davi, o Deus cujo distintivo é o bem, *não* o mal.’¹

O lado sombrio diz respeito à maneira pela qual Deus lida tanto com Davi quanto com Saul, bem como com toda a humanidade. O desdobramento surpreendente foi que as trevas, em toda sua intensidade, foram suportadas por Jesus na cruz, e elas não O derrotaram. Saul não teve esse conhecimento para capacitá-lo a aceitar seu “destino” e manter-se fiel ao profeta Samuel. Caso tivesse sido capaz de aceitar uma repreensão, arrepender-se e exercer seu reinado junto ao jovem que posteriormente se tornaria rei em seu lugar, Saul poderia ter vencido os filisteus e estabelecido o reino israelita, conforme o propósito do Senhor que o havia chamado.

Os dados indicam que Saul tinha um temperamento taciturno, tendendo à melancolia; para ele, era fácil retirar-se do centro das atenções e ter ciúme intenso de um rival. Mas será que seu temperamento inato era parte de seu “destino”? Foi um fator significativo na vida de Saul, mas o texto indica que ele foi responsável por sua recusa deliberada e obstinada em admitir quando tinha agido errado e, arrependido, se humilhar. Essa obstinação característica de Saul provocou uma ruptura no relacionamento com Samuel, que deixou o rei sem o apoio espiritual que necessitava, aumentando assim seu isolamento, sua depressão e seus ataques obsessivos. Saul desperta nossa compaixão porque sua fragilidade humana nos lembra de nossa própria fraqueza, mas seu fracasso não era inevitável: ele foi responsável pela

1. Ibid., p. 131.

rejeição das instruções daquele que o havia nomeado rei, e pagou o preço.

Outro aspecto da experiência de Saul é “a deterioração de dons carismáticos em loucura”, na qual “penetramos nas profundezas da psique de um homem”.¹ Sabemos que “o Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou” (1 Sm 10.10), cumprindo assim a profecia de Samuel de que ele seria “mudado em outro homem” (1 Sm 10.6). Esse sinal de preparação divina para sua futura tarefa de governar a herança do Senhor simbolizava o poder do qual ele deveria depender quando estivesse no cargo, uma força muitíssimo superior à sua. Mais tarde, porém, depois de romper com Davi, quando o Espírito de Deus veio sobre Saul, ele foi, desse modo, impedido de fazer mal a Davi. Não havia permissão para usar os dons do Espírito a fim de se opor à obra de Deus. Talvez aqui se encontre a chave para entender a desintegração dos poderes de Saul, um fato tão marcante em seus últimos anos. Embora aos olhos de muitos escritores atuais pareça que Saul tem sido pintado com cores mais escuras do que deveria,² dificilmente pode haver situação mais difil e perigosa do que se achar em oposição a Deus. Foi aonde a desobediência de Saul o levou. Quanto a padrões humanos de comportamento social, ele pode ter sido mais correto do que Davi, mas os escritores bíblicos julgam antes de mais nada em termos do primeiro mandamento: o fato de estar na presença de seu Deus revela o que o homem é. Por esse teste, Saul estava condenado.

Enquanto isso, Deus, que não julga pela aparência exterior, mas olha para o coração, vinha fazendo Davi revelar todo seu potencial.

1. Uma questão levantada, mas não desenvolvida, por W. Lee Humphreys, “The Tragedy of King Saul: A Study of the Structure of 1 Samuel 9 — 31”, *JSOT* 6 (1978), p. 25.

2. Já fizemos referência a Gunn, que considera que Saul era, “em essência, uma vítima inocente de Deus” (Gunn 1980, p. 123). Cf. também J. A. Soggin, *Introduction to the Old Testament* (Londres: SCM Press, 1976): “Para o leitor de hoje, Saul dificilmente parece ser um ‘pecador’, e pode-se duvidar se seu ‘pecado’ causou muito impacto no leitor ou ouvinte daquela época” (p. 195).

2 Samuel

III. O REINADO DE DAVI (1.1-20.26)

a. A ascensão de Davi ao poder em Judá (1.1-4.12)

i. Davi recebe a notícia da morte de Saul (1.1-16). A sorte de Davi, numa fase ruim desde que havia sido forçado a se refugiar junto aos filisteus alguns anos antes (1 Sm 29.3), havia melhorado apenas um pouco devido à investida vitoriosa contra os amalequitas. Ele e seus homens ainda estavam se recuperando do combate e precisavam restaurar seus lares incendiados quando, no terceiro dia após a volta, receberam a notícia do combate contra os filisteus.

1-3. Sem dizer nada, o mensageiro já anunciava, mediante sua aparência desalinhada, que era portador de notícias ruins, pois roupas rasgadas e cabelo endurecido pelo barro já eram sinais de pesar. Ao lançar-se ao chão diante de Davi, ele deixa implícito que reconhece o novo rei e espera uma recompensa por ter ido correndo até Ziclague com as últimas notícias do acampamento de Israel.

4-5. Uma debandada geral e a morte de muitos homens, incluindo de Saul e de Jônatas, resumia a situação, mas Davi quis se assegurar de que o rei e seu filho realmente haviam morrido.

6-10. Diante desse pedido, o mensageiro acredita que, entrando em minúcias sobre o relato, conquistará as graças de Davi, mas calcula erroneamente a reação daquele a quem quer impressionar. O leitor sabe que a narrativa não está de acordo com os acontecimentos já registrados: Saul não necessitou de ajuda e morreu por sua própria espada. Ironicamente, Davi havia acabado de voltar da luta contra os amalequitas, e aqui estava um amalequita com coragem de admitir que matara o rei. Como prova do que dizia, ele apresentou as insígnias reais distintivas: sua *coroa*, que o identificava até mesmo em combate, e seu *bracelete* real, usado acima do cotovelo.

11-12. Ao invés de se regozijar, Davi e seu exército caíram em pranto diante da notícia recebida, expressando publicamente sua tristeza em face da calamidade que havia desabado sobre o povo do Senhor. Embora forçado a sair de Israel, Davi e seus homens ainda se consideravam parte da *casa de Israel*, e já não havia necessidade alguma de fingir que haviam desertado para o lado dos filisteus.

13-16. O mensageiro repetiu que era amalequita, mas que residia em Israel; seu pai talvez tenha se juntado aos serviçais de um cidadão de Israel, trabalhando para ele no campo. Não está claro se o mensageiro lutou ao lado de Israel. Esperando agora receber uma generosa recompensa por ter servido aos interesses de Davi, o mensageiro, em vez disso, é chamado a explicar por que ousou matar *o ungido do Senhor*. Sendo morador em Israel, ele dificilmente poderia alegar ignorância do respeito que cercava a pessoa do rei em Israel, e Davi o considerou merecedor de morte. Com certeza, ele devia saber que Davi teve todo cuidado para não matar Saul, pois ele era o ungido do Senhor e, portanto, sacrossanto. A morte do amalequita seria aceita como justa pelos israelitas em geral; mesmo tendo inventado a história que havia matado Saul, o homem foi condenado por sua própria boca. Assim, Davi ficou isento de qualquer possível suspeita de ter se alegrado com a morte de Saul.¹ Uma atitude tão nobre da parte daquele que tanto havia sofrido nas mãos de Saul é incompreensível caso não haja uma profunda dedicação ao Senhor, cuja aliança fazia exigências difíceis, mas que assumiu a tarefa de salvar aqueles que nEle confiavam. Davi já havia aprendido a viver pela fé nesse Deus antes mesmo de ser ungido por Samuel (1 Sm 17.36, 46, 47) e não iria retroceder agora.

O teu sangue seja sobre a tua cabeça significa “o sangue que derramaste é a causa de tua própria morte”. Os temas do versículo 1 reaparecem em ordem inversa no versículo 16, e a matança dos

1. Um ponto de vista diferente é apresentado, por exemplo, por Mauchline, que acha que a história contada pelo amalequita parece verdadeira, e considera Davi culpado por não levar em conta “a motivação elogiável e as considerações humanitárias daquele homem” (p. 197). Hertzberg, ao contrário, crê que “ele [o amalequita] recebe a merecida recompensa de um saqueador de campo de batalha” (p. 237). Interpretações diferentes requerem discernimento da parte do leitor.

amalequitas feita por Davi foi completada com a morte judicial deste único amalequita.¹ Enquanto Saul havia provocado sua própria rejeição por meio de Amaleque, Davi agora triunfa sobre esse inimigo persistente e confirma o que é justo e correto ao castigar o sacrilégio, pois matar o ungido do Senhor significava voltar-se contra o próprio Senhor. Tal era a convicção íntima de Davi, e isso não deve ser considerado uma dissimulação de suas intenções políticas. Mesmo assim, a ação de Davi foi observada, lembrada e registrada, e isso foi importante tanto para sua reputação quanto para sua aceitação como rei de Israel; contudo, tal acontecimento foi incidental. A razão pela qual Davi poupou a vida de Saul tinha sido a reverência para com aquele a quem o Senhor escolhera e ungira; nem ele nem qualquer outro ser humano tinha o direito de pôr fim à vida do ungido do Senhor e, desse modo, provocar a ação do Senhor.

ii. *O lamento de Davi (1.17-27)*. Com esta manifestação poética de sua angústia, chega ao fim o período filisteu de Davi, estando preparado o caminho para uma nova partida (2 Sm 2.1) e uma nova fase na vida de Davi. Há dois versículos introdutórios antes do início do poema.

17-18. *Pranteou Davi*: enquanto nos versículos 11 e 12 a multidão inteira pranteou, agora Davi emprega toda sua capacidade criativa para expressar o sofrimento avassalador do luto.

A Saul e a Jônatas, seu filho: por que o escritor repete essa expressão aparentemente redundante (cf. vv. 4, 12)? Será que é para ressaltar a modéstia demonstrada por Jônatas até o fim? Ele havia exibido grande potencial ao combater os filisteus (1 Sm 13.3; 14.1-15); havia reconhecido uma alma gêmea em Davi e tinha se submetido voluntariamente a este seu herói, dando-lhe todo o apoio de que era capaz; ao mesmo tempo, porém, permaneceu fiel a seu pai até a última batalha. Era um filho de quem Saul deve ter se orgulhado.

Determinando que fosse ensinado aos filhos de Judá o Hino ao Arco. O texto hebraico traz literalmente: “E ele disse que se ensinasse

1. Assim pensa Fokkelman 1986, p. 645: “... que não é tanto uma figura individual, mas serve de exemplo da tribo odiada”.

aos filhos de Judá o arco” (*qāšet*), que faz sentido, caso “o arco” seja usado como título (*cf.* o uso que Jesus faz de “a sarça” para se referir a Êx 3, em Lc 20.37). A IBB adota a leitura da LXX e omite o substantivo. Davi já tem em vista sua autoridade sobre Judá e prepara um texto que garanta que todo seu povo aprenda e lembre o significado da história ocorrida no monte Gilboa. Embora o texto hebraico traga “filhos de Judá”, o lamento também é dirigido às “filhas de Israel” (v. 24).

O “Livro de Jasar” (IBB), palavra esta que significa “o justo”, também é mencionado em Josué 10.13; evidentemente, esse livro continha uma coleção de poesias antigas que celebravam acontecimentos de destaque e serviam de fonte de informação para aqueles que mais tarde escreveram nossos livros da Bíblia. Com certeza, era conhecido pelos contemporâneos do escritor.

Toda poesia é mais apreciada em sua língua original, e as sutilezas do hebraico tornam essa afirmação especialmente válida quanto aos poemas do Antigo Testamento, cujo efeito depende muito de assonância, brevidade e jogo de palavras; esse lamento não é exceção. Visto que é impossível reproduzir tais aspectos em outro idioma, é inevitável oferecer alguma explicação técnica a fim de que a força do texto hebraico seja apreciada.

19. *A tua glória, ó Israel* é uma expressão que representa as primeiras duas palavras de um total de oito que, no hebraico, formam a introdução ao lamento. Não são mencionados quaisquer nomes, e a “glória” (*hasš^ebî*) tem o segundo sentido de “gazela” (empregado em 2 Sm 2.18). A ambigüidade aqui e a tensão criada por palavras tais como *morta* e *altos*, que normalmente seriam os últimos lugares atingidos, constituem a abertura pouco convencional de um lamento bastante original: “A gazela, ó Israel — sobre teus altos ela jaz morta”.¹ Em contraste, *como caíram os teus valentes!* é uma frase simples e compreensível, contendo o tipo de linguagem esperada; todavia, as oito palavras vistas em conjunto fogem do óbvio e evocam os horrores da derrota na guerra. O versículo 19b, repetido em diferentes combi-

1. A tradução é de Fokkelman 1986, p. 653. Meu trabalho deve muito a esse estudo detalhado do lamento de Davi.

nações nos versículos 25 e 27, é um refrão que expressa a dor periódica que não se consegue manifestar de forma adequada. Num nível técnico, o refrão fornece uma indicação da estrutura do poema.

20-21. Embora tivesse vivido entre os filisteus, toda a compaixão de Davi estava com Israel, e ele não conseguia suportar a idéia de que a notícia que estava sendo transmitida às cidades filistéias seria recebida com enorme alegria. *Não o noticieis em Gate* é uma frase marcada por aliteração e, por isso, é fácil de decorar em hebraico (cf Mq 1.10, que sugere que o dito tornou-se proverbial). O nome mais longo, *Ascalom*, insinua idéias mais desenvolvidas, conquanto paralelas. As duas cidades representam aqui toda a Filístia.

Davi podia vislumbrar as boas-vindas da volta ao lar, com as mulheres cantando e dançando em homenagem aos vitoriosos, da mesma maneira calorosa como as mulheres israelitas haviam-no recebido após a derrota de Golias (1 Sm 18.7). O fato de os *incircuncisos* expressarem *contentamento* por causa do rei de Israel era doloroso demais para ser contemplado, e Davi clama por uma dupla catástrofe sobre *Gilboa*, de forma que suas terras pranteiem em solidariedade, tornando-se secas e estéreis.

Nem haja aí campos que produzam ofertas é, no hebraico, uma expressão enigmática que significa literalmente “nem campos de ofertas”, onde está implícito “para Dagom”. Uma tradução possível, que mantém o sentido paralelo com a linha anterior, é adotada pela NEB: “nem aguaceiro nas partes altas”.¹ Juízes 5.18 traz uma expressão semelhante, “nas alturas do campo”.

Tendo clamado por seca nas colinas de Gilboa, Davi chega finalmente ao nome do rei que perdeu a vida ali. Contudo, o tema é tão doloroso que ele o apresenta indiretamente: *o escudo dos valentes, o escudo de Saul*. Aquilo que ele não conseguiu dizer sobre o rei, ele pode dizer sobre o escudo: *foi profanado* com o sangue e a baixeza da guerra, e não foi *ungido com óleo*. Pareceria um tanto quanto prosaico que Davi se referisse à prática de untar o escudo (tanto para mantê-lo brilhante como para desviar as armas que lhe fossem atiradas), não

1. Para um histórico dessa interpretação do hebraico, veja Fokkelman 1986, p. 740.

fosse pela referência a “ungido” (*māšīah*), que se aplica mais especificamente a Saul e que, pelo som, até mesmo sugere seu nome. “Ali, foi profanado o escudo de valentes heróis — isso mesmo, até o escudo de Saul, cuja pessoa consagrada partilhou do destino de todos como se ele nunca tivesse sido separado como o Ungido de Jeová”.¹ Assim, pelo emprego de metonímia, Davi chega ao âmago de seu lamento.

22-23. Lembranças de Jônatas e de Saul no auge de seu vigor tomam conta de Davi. Eles tinham sido corajosos nas guerras: Jônatas, de forma característica, com seu *arco* (que sugeriu, talvez, o título do lamento), e Saul com sua *espada*, de maneira que não voltavam vazios da batalha, mas traziam consigo ricos despojos. Estavam acostumados à vitória.

Na verdade, Davi quase transformou seu poema numa canção de vitória, tão empolgado que estava ao observar como tinham sido profundamente amados e amáveis esses dois grandes homens. Ao empregar o termo *vida*, porém, a dor gerada pela palavra *morte* força-o a enfrentar a realidade. Ele encontra motivo de louvor na comunhão e na união de pai e filho, que o inimigo foi incapaz de destruir, e dessa maneira introduz um pequeno clímax no meio do lamento. As duas comparações, *mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões*, evocam espaços amplos e abertos, movimentos vigorosos e uma força formidável. Saul e Jônatas tinham pertencido a uma classe à parte.

24-25a. Pensando agora de forma específica em Saul, Davi é capaz somente de prantejar, e ele conclama as *filhas de Israel*, ao contrário das mulheres filistéias (v. 20), a chorar por Saul, que *vestia* todas elas como filhas do rei. *Como caíram os valentes*, repetindo o versículo 19b, leva-nos de volta ao início e mostra como o poeta fez dessa frase um refrão, completando ao mesmo tempo seu sentido: “os valentes” (*gibbôrîm*), embora plural, é uma expressão que se refere ao rei Saul. Desse modo, as mulheres devem participar do lamento por aquele que caiu *no meio da peleja*, num ato de entrega que lhe custou a própria vida.

1. Kirkpatrick 1881, p. 55.

25b-27. Agora, no início desta última parte, a identidade de “tua glória”, no versículo 19, é sutilmente revelada. A “gazela” ou, conforme poderíamos dizer, a “jóia” de Israel, era Jônatas, cujo nome é acrescentado nesta repetição da primeira linha do lamento. Agora Davi fala diretamente a Jônatas, aquele a quem desejava homenagear desde o início, e pela primeira vez emprega-se um verbo na primeira pessoa do singular: *Angustiado estou por ti*. “O poeta finalmente expressa seus próprios sentimentos e, assim, coloca o ‘eu’ perante o ‘você’”, repetindo as palavras do versículo 19a. “A morte de Jônatas tornou-se o primeiro e o último assunto de todo o poema — uma disposição de muita clareza.”¹ Enquanto Davi havia convocado outros a chorar por Saul, ele se consumia de tristeza por *meu irmão Jônatas*, a quem se dirige como se ainda estivesse vivendo, uma ilusão comum em momentos de luto. *Amabilíssimo* capta a emoção com a qual Davi se lembra de Jônatas. De fato, Davi nunca havia experimentado um amor como o que Jônatas demonstrara para com ele. Ele não precisava entrar em detalhes a esse respeito, pois todos sabiam que Jônatas, o herdeiro do trono, não havia se apegado a seus direitos, mas voluntariamente renunciara a eles em favor de Davi, a quem havia protegido e encorajado ao longo dos anos. E essa renúncia não fora um ato impulsivo, mas sim uma atitude contínua de generosidade de corpo e alma: Jônatas havia permitido que seus próprios interesses fossem colocados de lado, a fim de que os de Davi pudessem prosperar. É verdade que Davi havia encontrado esse tipo de amor nas mulheres de sua vida — sua mãe e suas esposas — mas nem mesmo o amor delas podia se comparar com o sentimento que havia motivado Jônatas. Enquanto Saul havia distribuído presentes que *tendiam a conquistar apoio para si* (v. 24), a bondade generosa e transparente de Jônatas não havia nem mesmo buscado uma recompensa — daí o elogio superlativo feito por Davi: “Maravilhoso me era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres” (IBB).

Davi falou com Jônatas, mas agora tem de enfrentar a realidade: Jônatas está entre os *valentes* caídos. O combate terminou, e *pere-*

1. Fokkelman 1986, p. 670, 671.

ceram as armas de guerra. Pelo que Davi sabe, esses dois grandes homens ainda jazem insepultos nas encostas do monte Gilboa destroçadas pela guerra, e têm a seu lado armas agora inúteis, impotentes apesar de seu poder de destruição. A cena descrita é uma declaração eloqüente e tocante da grandeza humana e conclui de forma adequada o pungente lamento de Davi.

Esse é, então, o poema que Davi desejava que todo Judá memorizasse, tendo sido registrado na antologia dos grandes acontecimentos da nação. De fato, todas as grandes famílias tiveram lugar nesse lamento, pois deram seus próprios “valentes” para lutar ao lado de Saul e Jônatas; portanto, ele também se tornou o lamento delas. Assim como as mulheres de luto choravam por seus próprios filhos e maridos, de igual modo chorariam pelo rei e por seu filho. Tal é o poder da poesia: as montanhas de Gilboa são conhecidas pelo nome até no ocidente materialista do século XX, embora esse topônimo ocorra somente em conexão com a última batalha de Saul.¹ Nós também nos vemos pegos num mundo de destruição e morte, no qual o lamento de Davi ainda desempenha seu papel de verbalizar a tristeza que jamais consegue encontrar expressão adequada.

Curiosamente, Davi havia assumido, diante de seu povo, o papel de intérprete dos acontecimentos. Seus dotes eram tais que ele não pôde reprimir o impulso de escrever, e sem dúvida em seu íntimo ele sabia que moldaria o pensamento de Israel, tanto por meio de sua poesia quanto mediante sua habilidade política como rei. Acima de tudo, é sua percepção espiritual que dará autoridade à sua liderança, ainda que em momento algum isso fique expresso no lamento. Ele nem sequer menciona o nome de Deus, nem insinua que a providência divina teve algum papel nos acontecimentos celebrados. Em tais circunstâncias, isso seria inconveniente, mas seu silêncio é tão eloqüente quanto suas palavras; haverá o momento apropriado para expressar com plena convicção sua certeza da fidelidade de Deus em dirigi-lo ao longo de sua vida (e.g., 2 Sm 22.31, 32; 23.5).

1. Fokkelman 1986, p. 740, expressa surpresa pelo fato de, nas Escrituras, o nome ocorrer só ligado a este fato (1 Sm 28.4; 31.1, 8; 2 Sm 1.6, 21; 21.12; 1 Cr 10.1, 8).

O lamento encerra o relato do reinado de Saul, mas ao mesmo tempo marca o início do reinado de Davi.

iii. Davi é rei em Hebrom (2.1-4a). A morte de Saul foi o sinal para que Davi deixasse Ziclague e a vassalagem perante os filisteus, mas o caminho a seguir não era nada óbvio. Saul deixara filhos e pessoas de poder a comandar seu exército, os quais eram capazes de afirmar sua autoridade e tinham o apoio daqueles que haviam defendido Saul. Em especial, podiam contar com a lealdade da tribo de Saul, Benjamim. Os filisteus tinham avançado seus postos para o norte e o leste, até Bete-Seã e imposto seu poder militar sobre Israel, estabelecendo uma cunha entre as tribos mais ao norte e a região central de Efraim e Benjamim. O território de Israel a leste do Jordão estava mais ou menos intato, mas o quadro geral era de fragmentação e incerteza, em face da ausência de uma voz de comando para assumir a liderança e unir o país.

1-3. Consultou Davi ao Senhor: não há dúvida de que ele tinha em mente um possível plano de ação, mas, ao contrário de Saul, não confiava exclusivamente em seu próprio julgamento. Ele tinha boas razões para se mudar para o território de *Judá*: ficava geograficamente perto, era a tribo a que pertencia e ele tivera contatos recentes com os “anciãos de Judá, seus amigos” (1 Sm 30.26), e supunha-se que eles recebessem bem sua aproximação. Quando consultou o sacerdote Abiatar, que estava com o éfode (1 Sm 23.9), a resposta do Senhor, por meio do sorteio sagrado, confirmou que Davi devia se dirigir para Judá, e, quando citaram-se as cidades de Judá, foi Hebrom que recebeu a resposta afirmativa. Dessa maneira, Ziclague foi abandonada. As esposas e famílias de Davi e de seus homens são mencionadas para reforçar o fato de ser definitiva essa mudança do território filisteu em favor das *aldeias de Hebrom*, os vilarejos nas imediações da cidade, a qual era maior e cercada de muros.

4a. Hebrom, com sua importância nas narrativas acerca de Abraão e associada ao local do sepultamento dos patriarcas, era a mais renomada das cidades de Judá. A chegada de Davi foi o sinal para que os homens de Judá o ungissem *rei sobre a casa de Judá*. Alguns anos antes, Samuel havia ungido Davi sem revelar o significado de sua

ação; agora, numa cerimônia pública, começava a ser cumprido o propósito divino, mas o acontecimento é citado quase de passagem. Ainda há muito a se realizar.

iv. Embaixadores de Davi são enviados a Jabes-Gileade (2.4b-7). Davi, preocupado em saber se Saul e seus filhos haviam tido um sepultamento decente, recebeu a informação de que o povo de Jabes-Gileade recuperara os corpos e dera-lhes um enterro digno. Davi tomou para si a tarefa de expressar o apreço pela lealdade deles, assegurando-lhes que isso não ficaria sem recompensa, fosse pelo Senhor ou por ele mesmo. *Eu vos recompensarei este bem* deixa implícito que, em breve, ele assumirá o controle e, na prática, convida essa cidade, estrategicamente situada a leste do Jordão, cerca de 130 quilômetros ao norte de Hebrom, a lhe ser leal, assim como o povo de Hebrom havia feito. Embora não haja registro de resposta alguma, sua abordagem diplomática seria apreciada e lembrada.

v. O reino rival (2.8-3.1). A razão pela qual a cidade de Jabes-Gileade não estava em condições de dar apoio efetivo a Davi fica agora visível: ela já tinha um rei.

8-9. *Abner*, primo de Saul e comandante de seu exército (1 Sm 14.50), tomou a iniciativa de estabelecer como sucessor ao trono *Is-Bosete*, filho de Saul, que havia sobrevivido ao combate em que seus três irmãos mais velhos perderam a vida. O relato apresenta claramente Abner como o poder por trás do rei; em lugar algum se faz menção alguma à reação do povo diante desse governante imposto. Seu nome, geralmente interpretado com o sentido de “homem de vergonha”, aparece em 1 Crônicas 8.33 e 9.39 como “Esbaal”, que sempre foi considerado seu nome original. A palavra *ba'al*, que significa “amo”, “senhor”, também era o nome da divindade masculina cananéia e, por esse motivo, foi evitada pelo escritor de nosso texto. Esbaal teria o sentido de “o homem do Senhor”. *Is-Bosete*, contudo, pode significar “homem de força”.¹

1. M. Tsevat, “Ishbosheth and Congeners: The Names and Their Study”, *HUCA* 46 (1975), p. 71-87.

Maanaim, nome associado a Jacó (Gn 32.1), ficava a leste do Jordão, provavelmente perto de Jaboque. Em face da ocupação filistéia da serra de Gilboa e devido à retirada israelita para leste do Jordão, a ascensão de Is-Bosete ao trono devia ocorrer a uma distância segura das linhas inimigas. O território sobre o qual era considerado rei incluía, além de Gileade, Assur ao norte (provavelmente Aser), e *Jezreel*, *Efraim* e *Benjamim*, no centro do território de Israel, grande parte do qual se encontrava nas mãos dos filisteus; de fato, *todo o Israel* ainda estava por ser recuperado. A declaração era mais um ideal do que uma realidade.

10-11. Is-Bosete, mais novo do que Jônatas, tinha *quarenta anos* de idade quando começou a reinar, enquanto Davi tinha trinta (2 Sm 5.4). Uma vez que parece que Davi e Jônatas tinham aproximadamente a mesma idade, essa diferença é surpreendente, e em geral não se pensa no reinado de Saul, que começou quando ele era bem novo, como de longa duração. Além disso, o tempo do reinado de Is-Bosete, *dois anos*, é difícil de ser conciliado com os sete anos e meio em que Davi reinou em Hebrom. Pode ser que tenha havido um erro na transmissão do texto, como ocorreu em 1 Samuel 13.1. Os nomes Israel e Judá são empregados para se referir aos territórios segundo conhecidos depois da divisão do reino (1 Rs 12.16, 17).

12-13. O impasse entre os dois homens que reivindicavam o trono foi rompido por Abner, que *saiu* (em expedição militar) até a antiga cidade de *Gibeom*, perto de Geba, de onde viera Saul. Ela tivera um papel de destaque na conquista de Canaã por Josué, tendo sido descrita como “cidade grande como uma das cidades reais” (Js 10.2). Atualmente, é conhecida como el-Jib, nove quilômetros ao norte de Jerusalém e, portanto, perto da fronteira do território tradicional de Judá;¹ daí o envolvimento efetivo dos homens de Davi, sob a liderança de *Joabe*. O *açude de Gibeom* era tão famoso que nenhuma explicação

1. A descoberta de 31 alças de jarras com a inscrição *gb'n*, durante escavações feitas em el-Jib entre 1956 e 1959, deixou claro que esse local era o da antiga Gibeom. Cf. J. B. Pritchard, em M. Avi-Yonah (ed.), *Encyclopaedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* (Londres: Oxford University Press, 1975), vol. II, verbete “Gibeon”, p. 446-450.

se fazia necessária. Ainda hoje podem ser vistos dois sistemas de água, os quais, desde a idade do ferro, forneciam água de mananciais durante épocas de cerco. Um deles, um buraco cilíndrico na rocha, com mais de 11 metros de diâmetro e mais que o dobro disso de profundidade, permitia chegar a uma fonte, através de uma escada talhada em volta da parede do buraco, que descia até a rocha embaixo. De tempos em tempos, essa fonte evidentemente enchia o buraco cavernoso quase até a borda. Tal buraco, ou a fonte embaixo, pode ter sido o açude mencionado aqui.

14-17. O que iniciou como uma escaramuça entre rivais terminou numa batalha mortal. *Levantem-se os moços e batam-se diante de nós* não é uma frase fácil de interpretar. “Moços” (*n^e‘ârîm*), em contextos militares, refere-se a soldados profissionais (1 Sm 21.2-5; 25.5; 26.22; 2 Sm 16.2).¹ O verbo *šāḥaq*, de onde se origina o nome Isaque, significa “divertir-se” e, nesse contexto, “tomar parte de uma disputa ou duelo” (cf. NIV, “lutem, segurando as mãos um do outro, defronte de nós”, embora em nenhum outro local o verbo tenha esse sentido). Com 12 homens de cada lado, combinou-se algum tipo de disputa; contudo, as espadas foram desembainhadas, e infligiram-se feridas mortais. Não era o tipo de luta que teria recebido a aprovação de Davi, mas ela foi lembrada no nome dado ao local em Gibeom, Campo de *Haššurîm*, isto é, “rochas”, talvez se referindo tanto ao terreno quanto à obstinação, semelhante a uma rocha, dos indivíduos que combateram ali. Entretanto, no salmo 89.43 a mesma palavra é utilizada com o sentido de “fio da espada”; daí a leitura *Campo das Espadas* e “campo das facas aguçadas” (IBB, mg.); as outras duas sugestões vêm da LXX. A morte dos jovens combatentes provocou um desenvolvimento da luta até que se tornasse um combate desenfreado, que terminou favoravelmente aos homens de Davi.

18-23. Os três filhos de Zeruia, irmã de Davi, estabeleceram como objetivo seguinte à vitória a eliminação de *Abner*, criando desse modo condições para Davi se tornar rei de todo o território de Saul.

1. De Vaux, *Bible and ANE*, p. 130; Yadin, *Art of Warfare*, p. 267.

Asael, o mais novo, era famoso por sua velocidade na corrida: *ligeiro... como gazela selvagem* (cf. o comentário sobre 2 Sm 1.19, onde a palavra “glória” significa “gazela”). Abner, o soldado experiente, conhecia bem seus adversários e não tinha desejo algum de matar o irmão de Joabe; contudo, foi obrigado a isso, agindo em defesa própria, devido à insistência do jovem. Abner parou de repente e apontou a lança para trás; Asael não conseguiu parar e continuou correndo na direção da espada, que o atravessou. Ele morreu instantaneamente. Seu feito heróico, realizado em nome de Davi, teve um reconhecimento tão grande que os viajantes que passavam pelo local *paravam* em sinal de respeito.

24-28. Entretanto, no ardor da batalha, *Joabe* e *Abisai* continuaram a perseguir Abner, cuja rota para o leste obrigava que, para chegar ao Jordão, ele passasse por um vale. O *outeiro de Amá* e *Gias* são locais não-identificados; provavelmente deve-se ler *o deserto de Gibeom* como “o deserto de Geba”, pois Geba, mais a leste, fica próxima de uma ravina que desce até o vale do Jordão (cf. 1 Sm 14.5). Numa elevação daquela região inóspita, Abner podia ajuntar seus homens atrás de si e enfrentar seus perseguidores. Seu objetivo era conseguir uma pequena tregua; daí seu apelo a Joabe para encerrar a perseguição. A resposta de Joabe, *amanhã cedo o povo cessaria de perseguir*, exige, para fazer sentido, a inclusão da palavra *só*, a qual não se encontra no original; isto é, os homens não deixariam de perseguir Abner até a manhã seguinte. Joabe tenta mostrar que seus homens ainda tinham bastante energia, mas, com relutância, em resposta a um pedido especial, *tocou a trombeta*, um sinal que marcava o fim do episódio, pelo menos por enquanto.

29-3.1. Os homens de Abner levaram o resto da noite e mais metade do dia seguinte para chegar a *Maanaim*; eles tiveram a jornada mais longa e difícil. O resultado do combate é registrado por aqueles que apoiavam Davi, os quais registraram suas baixas de 20 homens ao todo, em contraste com um número muito maior nas fileiras de Abner. *Trezentos e sessenta* mortos deixa implícito um exército de várias centenas, bem maior do que havíamos imaginado pelo relato. Levando o corpo de Asael na viagem de volta, eles o sepultaram no túmulo da

família em *Belém*, de acordo com o costume. O relato é bem atestado por esta e por outras tradições e nomes locais, e pela lembrança de que *amanheceu-lhes o dia em Hebrom*. De fato, o vívido detalhe indica que a descrição é obra de testemunha ocular, que enxerga as futuras implicações da superioridade das tropas de Davi. Essa tendência continuou (3.1), sendo um sinal para aqueles que acreditavam na atuação invisível da mão de Deus na história.

vi. *Os filhos e os herdeiros de Davi (3.2-5)*. Já durante o reinado de Davi em Hebrom, os arquivos oficiais continham o registro daqueles que podiam se qualificar como herdeiros de seu trono. Filhos nascidos posteriormente em Jerusalém são mencionados em 2 Samuel 5.13-16 (cf. 1 Cr 3.1-9). Mical não aparece, porque ela não teve filhos. O primogênito de Davi é *Amnom*, cuja morte é registrada (2 Sm 13.28, 29) como obra das mãos do terceiro na linha sucessória, *Absalão*, filho de Davi com a filha de um rei do norte. Entre os dois estava *Quileabe*, que em 1 Crônicas 3.1 é chamado Daniel; nada mais se diz a seu respeito, e ele desaparece de cena. *Adonias* iria postular o trono quando seu pai estivesse morrendo (1 Rs 1.5-53); apenas por ser o mais velho, ele fazia essa reivindicação. Davi estava garantindo que, mesmo logo no início, ele teria um filho para suceder-lhe como rei; além disso, sua família de seis esposas era sinal de prestígio. Não está claro o motivo pelo qual a última mulher citada, *Eglá*, é a única indicada como *mulher de Davi*, como se as outras cinco não fossem esposas; provavelmente, é apenas para evitar a repetição da palavra “esposa”.

vii. *Abner deserta para o lado de Davi (3.6-21)*. Um dos elementos no enfraquecimento da posição dos sucessores de Saul foi uma desavença entre Abner e Is-Bosete, e isso trouxe vantagem para Davi.

6-7. Is-Bosete sabia que Abner estava ganhando poder à sua custa; assim, teve oportunidade de questioná-lo quando Abner envolveu-se com *Rispa*, a concubina de Saul, cujos filhos eram Mefibosete e Armoni (2 Sm 21.8). Tomar para si a mulher ou concubina do monarca falecido significava apropriar-se de seus bens e postular o trono, a julgar pela conduta de Absalão (2 Sm 16.22) e de Adonias (1 Rs 2.22). Abner rejeita a sugestão de que seu objetivo é chegar ao trono,

mas, embora considere irrelevante seu caso com a mulher, dificilmente ele deve ter se surpreendido com a interpretação dada à sua atitude.

8-11. A indignação de Abner diante da acusação indica sua posição de poder. *Cabeça de cão para Judá* significa um cachorro desprezível de Judá; a NEB traz: “Por acaso sou um babuíno a serviço de Judá?”, acompanhando Símaco, tradutor grego do terceiro século a.C., que procurava expressar-se com naturalidade, utilizando até expressões idiomáticas; contudo, o hebraico *keleb* significa “cão”. Depois de tudo o que fez por Is-Bosete, Abner se ofende com o questionamento de sua conduta; ele insinua que Is-Bosete deve tudo à lealdade de Abner (*hesed*, “fidelidade a uma aliança”, “bondade”), o que provavelmente era verdade. Como represália, Abner transferirá sua lealdade da casa de Saul para a de Davi, cumprindo assim o que *jurou o Senhor a Davi*. A palavra de Samuel a Davi, embora dita na reunião familiar privada (1 Sm 16.5) não havia sido registrada, exceto como a instrução de Samuel vinda da parte do Senhor, havia se tornado amplamente conhecida. Agora, até Abner, que tinha desprezado intencionalmente o que sabia ser o propósito revelado de Deus, vê-se ajudando a atingi-lo. Ele sabe que num futuro próximo Davi unirá os reinos de Israel e de Judá *desde Dã até Berseba*, as extremidades ao norte e ao sul da “terra prometida”. Sem o apoio de Abner, Is-Bosete torna-se um mero fantoche, incapaz de se opor ao seu general.

12-16. Os mensageiros enviados por Abner não pegaram Davi desprevenido. Ele estava sendo convidado a estabelecer uma aliança com um homem que traía seu senhor e afirmava ter o poder de *fazer passar... todo o Israel* para o lado de Davi. Um líder tão implacável ameaçava ser no futuro um rival de Davi. Por essa razão, Davi tinha pronta sua condição: *primeiro me tragas a Mical, filha de Saul*. Ele havia lutado por ela (1 Sm 18.27), que lhe fora dada em casamento, e, embora tivesse sido entregue a outro homem, ele tinha o direito de exigir que voltasse. Foi uma manobra política sagaz, pois a presença da filha de Saul como sua esposa colocaria Davi numa posição bastante forte para postular o trono de Saul, enquanto um filho uniria as duas casas, mas foi também uma manobra corajosa dirigir-se diretamente ao rei em exercício com um pedido desses. Davi tinha percebido muito bem a situação: seu pedido não foi ignorado. Is-Bosete,

talvez lisonjeado por ver sua posição real reconhecida, em vez de ter a intervenção costumeira de Abner, concordou com o pedido e tomou providências para que Mical fosse escoltada até Davi. *Paltiel*, chamado Palti em 1 Samuel 25.44, seu marido, acompanhou-a até *Baurim*, um vilarejo no lado nordeste de Jerusalém (cf. 2 Sm 16.5; 19.16), onde Abner lhe ordenou que voltasse para casa. Não se concede a Mical nem a seu marido aflito nenhum gesto de apoio moral; negócios de estado tinham precedência sobre sentimentos pessoais.

17-19. Abner cumpriu a condição estabelecida por Davi ao cuidar para que Mical fosse se encontrar com Davi; contudo, ele mesmo realizou uma conferência de anciãos que representavam as tribos do norte. Benjamim, espremida entre o norte e o sul, foi consultada em separado, quando Abner viajou rumo ao sul até Hebrom (v. 19), pois a tribo do próprio Saul precisava de uma abordagem especialmente cuidadosa. A afirmação feita por Abner de que houvera uma reivindicação generalizada para que Davi fosse rei pode ter sido apenas um exemplo de sua estratégia em relações públicas. Sua sugestão tornou a anuência o passo seguinte óbvio, enquanto sua citação da promessa divina, feita primeiramente acerca de Saul (1 Sm 9.16), deu autoridade religiosa à sua proposta. Esse anúncio divino acerca de Davi não é mencionado por nenhuma outra pessoa, mas apenas por Abner. Tendo obtido um acordo unânime, ele estava pronto para retornar a Davi.

20-21. Davi recebeu com hospitalidade régia a delegação dirigida por Abner; ele estava totalmente preparado para se tornar rei das tribos do norte quando Abner voltou a Hebrom acompanhado de seus homens. A confiança e o respeito mútuos entre Davi e Abner estavam crescendo, de modo que *ele se foi em paz e segurança* (com “salvo-conduto”, NEB).

viii. A morte de Abner (3.22-39). **22-25.** A chegada dos *servos de Davi* junto com Joabe, quando a visita de Abner ainda era a última novidade, fez surgir um grupo de oposição, como se podia esperar. Os membros da corte insatisfeitos com a nova aliança de Davi sabiam que Joabe seria um líder. Havia duas boas razões: Abner havia matado o irmão de Joabe, Asael, ainda que involuntariamente, em legítima defesa (2 Sm 2.22, 23), e, além disso, Joabe teria reconhecido em Abner um

rival para o alto cargo que ocupava na corte de Davi. Tomado de indignação, apressou-se a ir até a presença do rei e criticou a política que Davi tinha adotado, acusando-o de ingenuidade por confiar nos motivos alegados por um inimigo de outrora. O fato de que não há resposta alguma registrada pode indicar que Davi estava repensando a decisão tomada, a qual fora influenciada pelas afirmações enérgicas de Joabe; contudo, Joabe estava extrapolando suas funções ao decidir ir contra as decisões do rei e frustrar suas intenções. Proceder assim era virtualmente assumir o poder real, e um homem inferior a Davi teria tratado Joabe com severidade.¹ Mais tarde, talvez ele tenha se arrependido por não ter castigado Joabe (cf. 1 Rs 2.5, 32).

26-30. O texto diz especificamente que, *sem que Davi o soubesse*, os mensageiros de Joabe, enviados para trazer Abner de volta, trouxeram-no *desde o poço de Sirá*, que provavelmente é a atual Ain Sarah, situada dois quilômetros e meio a noroeste de Hebrom. Joabe agiu com toda rapidez; encontrou Abner na porta de Hebrom e traiçoeiramente o matou a sangue frio *em vingança do sangue de seu irmão Asael*. Joabe provavelmente teria justificado sua ação com base no antigo sistema de obrigações familiares (*gō`el*; cf. Nm 35.16-21). O “vingador de sangue” tinha de cuidar para que o próprio assassino fosse morto, e Abner estava consciente das possíveis implicações de seu ato (2 Sm 2.22); contudo, Asael tinha sido morto como consequência de uma guerra, e é questionável se num caso desses o vingador de sangue tinha alguma obrigação assim. De fato, Davi afirma que Joabe e seu irmão Abisai, mais tarde envolvido (v. 30), eram ambos culpados de derramar sem motivo o sangue de Abner, e ele ao mesmo tempo se declarou *inocente... para com o Senhor*, expressão que não seria suavemente empregada. A maldição que ele invoca sobre a casa de Joabe, bem como sobre o próprio Joabe, é assustadora: *quem tenha*

1. Hertzberg questiona “se Joabe desde o início não teve um entendimento secreto com Davi, ou se pelo menos Abner não ‘morreu numa hora bem oportuna’ para Davi” (p. 261). Não há dúvida de que Davi ficou sob suspeita e de que ele percebeu que poderia ser acusado de cumplicidade, mas o relato deixa implícito que o entendimento entre Davi e Abner foi realizado de boa fé. Foi a chegada de Joabe que mudou todo o quadro, de modo que ele recebe a culpa.

fluxo estaria perpetuamente impuro e, portanto, proibido de adorar (Lv 15.2), como também aconteceria com o *leproso*. “Homens que trabalhem na roca” (BJ) implica uma deficiência física que exigia uma ocupação sedentária (veja BLH; cf. *quem se apóie em muleta*, ARA). Essas cinco aflições seriam sinais do justo juízo do Senhor sobre o ato de Joabe, e as gerações futuras observariam como a maldição se cumpriu.

31-39. Davi colocou Joabe em seu devido lugar ao lhe dar ordens para que participasse do luto oficial por Abner. Uma vez que foi o causador da morte, era um paradoxo que ele vestisse pano de saco, como se lamentasse a perda. A anomalia não passaria despercebida pela multidão, que veria que Davi não havia concordado com a ação de seu general. O desejo que Davi tinha de honrar a memória de Abner foi percebido pelo lugar que ele ocupou na procissão fúnebre como primeiro pranteador, pelo fato de que dirigiu as manifestações de tristeza e pelo poema que compôs para a ocasião.

Nesse lamento, Davi demonstra mais uma vez sua originalidade como poeta. No curto espaço de quatro linhas, ele capta o aspecto comovente dessa morte prematura, comparando-a com a execução de um criminoso. Existe uma correspondência de forma e conteúdo entre as linhas 1 e 4, e 2 e 3, criando um padrão de pensamento esteticamente satisfatório (a, b, b, a), que transmite tudo o que é preciso dizer. “Precisava Abner morrer como morre um insensato?” (BJ). O grande homem, que possuía tanto potencial, morrera como um “insensato” no sentido em que a Bíblia utiliza a palavra: como um rebelde contra Deus e contra Sua lei; daí *perverso*. Ele fora morto como um criminoso, embora não fosse nada disso. Dirigindo-se diretamente a ele, Davi declarou que Abner estava livre de algemas e cadeias: homem livre, ele caiu *como os que caem diante dos filhos da maldade*, uma referência direta a Joabe, embora abstendo-se de chamá-lo de assassino. Joabe tinha justificativas suficientes, pelas leis sociais, para se livrar daquela acusação, ao passo que Abner devia ter sido suficientemente astuto para se precaver em face da morte de Asael. Davi disse apenas o suficiente a fim de expressar seu próprio lamento diante do que havia acontecido e manifestar o pesar público, sem acusar qualquer outra pessoa de crime de morte.

Davi teve o cuidado de fazer com que suas palavras fossem acompanhadas por ações à altura. Não aceitou participar do banquete fúnebre enquanto esteve de luto, e a abstinência do rei *pareceu bem* ao povo, que reconheceu nisso um sinal do sentimento autêntico experimentado por seu líder. De fato, *todo o Israel* captou a mensagem de que a morte de Abner *não procedera do rei*. Se houvesse qualquer insinuação de que Joabe agira com a conivência de Davi, nem mesmo este teria escapado à condenação de uma multidão perspicaz. De qualquer modo, Davi não deixou nada ao acaso, e, sem dúvida, as palavras do rei a seus servos tinham o objetivo de chegar até o povo e de ser citadas: *Não sabeis que hoje caiu em Israel um príncipe (sar) e um grande homem?* Ademais, o próprio Davi se via *fraco*, no sentido de que não conseguiu realizar o que desejava, porque seus planos foram frustrados por Joabe e seu irmão. A tarefa de manter sob controle esses soldados obstinados era uma das constantes dificuldades enfrentadas por Davi, e sua queixa, *estes homens, filhos de Zeruia, são mais fortes do que eu*, torna-se quase um refrão (cf. 2 Sm 16.10; 19.22). Esses seus parentes exageravam em seus encargos, agindo sem a autorização do rei e contrariamente ao que ele desejava. Assim como havia feito em relação a Saul, Davi procurou o Senhor para operar sua justiça no assunto. Ele se sentia suficientemente seguro em seu trono para não punir por conta própria.

ix. A queda da casa de Saul (4.1-12). Assim que Abner morreu, acabou rapidamente o fim da resistência ao domínio de Davi, e nesse aspecto a iniciativa de Joabe beneficiou Davi. Ainda que involuntariamente, Is-Bosete tinha dependido da habilidade de Abner, e sem sua presença ele não conseguiu se manter como rei.

1-3. A morte de Abner foi o momento decisivo não só para Is-Bosete, mas também para Israel como um todo. Nada poderia impedir que homens perversos tirassem vantagem do vácuo no poder e impusessem sua autoridade autoproclamada. Nessa questão, somos apresentados a dois soldados a serviço do rei israelita: *Baaná e Recabe*, líderes experientes de grupos guerrilheiros e, na qualidade de benjamitas, confiáveis defensores do rei. Os detalhes acerca de *Rimom*, pai deles, procedente da cidade de *Beerote*, na fronteira do norte, entre

Benjamim e Efraim, realmente dão a impressão de ser um comentário feito na época, provocado pela necessidade de explicar que os antigos moradores cananeus fugiram de Beerote para *Gitaim* (local desconhecido, mas que, em vista do fato de que *Gitaim* é o plural de *Gate*, podia ficar na Filístia) para evitar aborrecimentos. Na época de Josué, Beerote tinha sido aliada de Gibeom; por isso, Josué permitiu que os moradores cananeus permanecessem ilesos (Js 9.16-21). Não seria de surpreender se habitantes não-israelitas tivessem assassinado Is-Bosete, mas o escritor inclui um lembrete de que não era esse o caso. A tribo de Benjamim tinha se apossado do local, e, na época desse acontecimento, foram dois benjamitas que se levantaram contra seu próprio líder.

4. Aqui é introduzida uma observação sobre o neto de Saul. Embora ela interrompa a narrativa, não está totalmente deslocada num capítulo que trata dos sucessores de Saul, apresentando o filho de Jônatas, *Mefibosete*, a quem Davi honraria (2 Sm 9.1-13). O fato de que era deficiente físico, incapaz de ir à guerra, fazia dele um pretendente improvável ao trono.

5-8. Parece que Is-Bosete não tinha suspeita alguma de que poderia ter traidores entre suas tropas. É surpreendente o fácil acesso que esses dois homens tinham à pessoa do rei; seria natural que mesmo uma casa comum tivesse mais cuidados com a segurança, especialmente durante a hora da sesta. Há diferenças textuais quanto aos detalhes. No versículo 6, a BJ e a BLH seguem a LXX (“A porteira, que limpava o trigo, cochilara e dormira”, BJ), enquanto a ARA, a ARC e a IBB, seguindo o texto hebraico, não fazem menção alguma da porteira que dormiu: *Ali entraram para o interior da casa, como que vindo buscar trigo, e o feriram*. A NIV faz uma boa tradução do versículo seguinte ao torná-lo explicativo: “Eles tinham entrado na casa enquanto ele estava deitado na cama em seu quarto. Depois de o ferir e o matar, cortaram fora sua cabeça”. Mesmo assim, o texto parece repetitivo, embora o estilo hebraico favoreça tais acréscimos expansivos. O motivo do assassinato é obscuro, a menos que fosse para obsequiar Davi, que claramente estava em vias de se tornar rei sobre todo Israel. Os dois homens apressaram-se a levar para Davi, em Hebrom, a cabeça de Is-Bosete como troféu, viajando pela *planície* (Arabá), o vale árido na

tenda do Jordão e do mar Morto, para evitar o encontro com outros viajantes. A declaração deles, *o Senhor vingou hoje ao rei meu senhor*, supunha a aprovação divina para seu feito, como se tivessem agido por ordem expressa do Senhor.

9-12. Eles haviam compreendido totalmente errado a política de Davi, que os repudiou de imediato. Suas primeiras palavras, *tão certo como vive o Senhor*, afirmam não apenas sua dedicação ao Senhor, mas também sua confiança na participação direta do Senhor no resultado de acontecimentos diários. Davi rejeita implicitamente a hipocrisia de Recabe e Baaná, que afirmam ser os executores divinos; ele declara que o Senhor o “salvou de todos os perigos” (BLH), pois Davi não havia tomado a iniciativa de se livrar de Saul e não permitira que outros o fizessem. Caso esses dois estivessem atrás de uma recompensa, deviam saber que Davi recompensou com a morte a notícia de que Saul tinha morrido, e o assassinato a sangue frio cometido por eles merecia, no mínimo, a mesma sentença. Ele descreve Is-Bosete como *um homem justo*, pois, embora fosse filho de Saul, não estava pessoalmente envolvido na culpa do pai, nada tendo feito para merecer a morte. Os dois homens são punidos com morte, mutilação e exposição pública dos cadáveres, como advertência a outros. A cabeça de Is-Bosete recebe um sepultamento adequado no túmulo de seu general Abner.

O assassinato de Is-Bosete é mais um exemplo da interferência de oportunistas, que impediram Davi de levar até o fim a política que havia designado em seu coração. No entanto, o resultado foi que se tornou possível a ampliação do reinado de Davi a todo o Israel. Evidentemente, Davi se viu livre de qualquer suspeita de envolvimento com a morte de Is-Bosete e, não havendo na casa de Saul nenhum sobrevivente adequado, Davi era a escolha óbvia para ser rei.

b. Davi é rei sobre todo Israel (5.1-9.13)

i. A aliança de Davi com Israel (5.1-5). Abner já havia preparado o caminho para que os anciãos das tribos do norte, incluindo Benjamim, fizessem de Davi seu rei (2 Sm 3.17-19). Embora Abner não tenha vivido para ver a cerimônia, parece que os representantes das tri-

bos de Israel não perderam tempo, e reuniram-se em Hebrom para jurar lealdade a Davi (v. 3). Eles explicam sua decisão com base em três motivos: i. os laços de parentesco são fortes (cf. Dt 17.15); ii. Davi já havia se revelado um líder militar sob as ordens de Saul (1 Sm 18.30) e também sozinho, quando Saul queria matá-lo; iii. acima de tudo, ele contava com a aprovação de Deus. Agora, ele havia conquistado a confiança do povo, e a seqüência providencial de acontecimentos que culminaram nesta ocasião confirmou o oráculo profético que, embora não tenha sido registrado anteriormente no livro, parecia ser muito conhecido (cf. 2 Sm 3.9, 10).

Tu apascentarás o meu povo: a figura do pastor foi amplamente utilizada no antigo Oriente Próximo para representar os deveres do governante.¹ No Antigo Testamento, a palavra “pastor” (*rō'eh*) descreve o cuidado do Senhor para com Seu povo na antiga linguagem poética de Gênesis 49.24 (cf. Gn 48.15), bem como nos salmos. A consciência de que o Senhor era o pastor de Israel (SI 23; 74.1; 77.20; 78.52; 80.1; 95.7) significava que os pastores humanos existentes em Israel tinham diante de si o mais sublime modelo possível de fidelidade, justiça e bondade amorosa. Eles eram julgados segundo o exercício dessas qualidades.

O rei Davi fez com eles aliança... perante o Senhor. O acordo foi estabelecido com base no modelo do “pastor”, que resguardava contra a opressão comumente associada com a monarquia (1 Sm 8.10-18), mas da parte do povo assegurava seu apoio leal. As palavras exatas dessa aliança não foram preservadas.

Ungiram a Davi rei sobre Israel: o acontecimento logo terá ficado para trás, e ainda mais rapidamente estará na lembrança do povo como história passada, mas isso marcou o fim de uma longa e paciente espera do tempo do Senhor, bem como o início do trabalho que absorveria a vida de Davi e para o qual ele fora ungido em especial mui-

1. “No Oriente antigo, numa data bem remota, ‘pastor’ tornou-se um título de honra aplicado igualmente a deuses e a governantes. Esse emprego é encontrado em forma estereotipada nas listas de reis sumérios, na maneira de babilônios educados se expressarem e nos textos das pirâmides (os livros dos mortos). O costume foi seguido durante toda a antigüidade”; E. Beyreuther, “Pastor”, *NDITNT* 3, p. 469.

tos anos antes (1 Sm 16.6-13). Agora, a unção pública distingue-o como “o ungido do Senhor”, escolhido e preparado pelo chamado e pelos dons do próprio Senhor Deus para ser rei sobre todo o povo de Israel.

Uma nota cronológica oferece uma visão panorâmica do reinado de Davi. *Trenta anos* era a idade considerada ideal para se assumir uma responsabilidade (cf. Nm 4.3; Lc 3.23), e parece que se esperava normalmente um reinado de *quarenta anos* (Jz 3.11; 5.31; 8.28; 1 Sm 4.18; 1 Rs 11.42), mas mesmo assim o número pode ser uma descrição exata do reinado de Davi. A distribuição dos anos entre as duas partes de seu reinado mostra que o escritor pretendia que o total fosse interpretado literalmente. Ele ainda não tinha mencionado Jerusalém, mas aproveita a oportunidade para registrar outra ação de grande alcance de Davi: a captura dessa cidade estratégica, que até então havia permanecido independente.

ii. Davi faz de Jerusalém sua cidade (5.6-16). Este acontecimento pode ter ocorrido após a derrota dos filisteus, descrita nos versículos 17-25; assim que Davi foi proclamado rei sobre todo Israel, os filisteus deixaram de tolerar suas façanhas e passaram a vê-lo como uma séria ameaça a seu poder. É compreensível que eles atacassem sem demora (v. 17), e, portanto, Davi não teria tido primeiro a oportunidade de tomar a cidadela dos jebuseus.¹ Entretanto, a captura de Jerusalém era tão importante e constituía um acontecimento de tão grande alcance que, na mente do escritor, recebeu lugar de honra, também porque a inversão de fracassos passados (Js 15.63; Jz 1.8, 21) foi como um selo do favor divino sobre Davi.

A descrição do método bastante original que Davi utilizou para tomar a cidade é enigmática e difícil de interpretar, embora as escavações no local da cidade dos jebuseus tenham ajudado um pouco (veja a nota adicional: “Escavações na Jerusalém antiga”, p. 225-229).

1. Bright, p. 194, registra as guerras filistéias antes da captura de Jerusalém por Davi. Por outro lado, Y. Aharoni, *The Land of the Bible* (Londres: Burns and Oates, 1967), p. 260, mantém a ordem dos acontecimentos em 2 Samuel 5.

6. *O rei com seus homens* indica que Davi levou o exército relativamente pequeno que o havia apoiado em seus dias de fuga; leais e cheios de expedientes, eles constituíam um grupo de confiança e competiam entre si para atingir o impossível.

Os *jebuseus* eram um dos povos minoritários de Canaã, frequentemente mencionados em relação a Jerusalém, também conhecida como Jebus (Jz 19.10). “Que habitavam a terra” (BJ) seria mais bem traduzido por “que habitavam a região”; daí *que habitavam naquela terra* (o hebraico *hā'āreṣ*, “a terra”, pode ter qualquer sentido “o local” e “o planeta Terra”, dependendo do contexto). Os jebuseus defensores da cidade consideravam-se invencíveis: *Não entrarás aqui*. O local em forma de cunha consistia em um penhasco que se dirigia para o norte, com uma encosta a oeste, na direção do vale do Tiropeom, e uma encosta ainda mais íngreme e longa que descia, no lado leste, até o Cedrom. Um muro de pedras pesadas protegia a cidadela, e de cima facilmente podiam ser atiradas pedras sobre invasores; até mesmo *os cegos e os coxos* poderiam fazê-lo. Como diríamos, era como tirar doce de criança.

7. *Davi tomou a fortaleza de Sião*, apesar de todas as circunstâncias desfavoráveis, e, em vista do fato de ter planejado aquela operação, era natural que Jerusalém se tornasse sua propriedade, *a cidade de Davi*. O nome é hoje empregado em relação às escavações arqueológicas na colina sudeste de Jerusalém, ao sul do monte do Templo. Essa região era anteriormente conhecida como a fortaleza de *Sião* (significado incerto, talvez “eminência”), que não se deve confundir com o atual monte Sião, situado mais a oeste. A cidade jebuséia era uma área fortificada em torno de uma cidadela, cujo fornecimento de água provinha da fonte de Giom, perto da base da encosta oriental.¹

1. A área habitada da colina era “de aproximadamente 60 *dunās*” [o *dunā* é uma medida de área usada no Israel moderno e equivale a mil metros quadrados; nota do tradutor]; Y. Shiloh, *Excavations at the City of David 1978-1982*, Monografia Qedem (Jerusalém: Hebrew University, 1984), 1, p. 3. Contudo, visto que em tempos de paz as habitações espalhavam-se para fora dos muros da cidade, provavelmente a própria cidadela era menor do que isso, tendo não mais do que oito mil metros quadrados.

8. Tendo apresentado o importantíssimo fato de que Davi tornou sua aquela cidade, o escritor permite-se um breve relato de como a fortaleza foi capturada. Infelizmente, há dúvidas quanto ao sentido exato do texto aqui. A ARA interpreta o desafio como *suba pelo canal subterrâneo* [de água] (*šinnôr*), uma tradução antiga e atraente, fazendo sentido porque havia canais naturais na rocha de calcário pelos quais teria sido possível entrar na cidade; contudo, a palavra é rara e ocorre nas Escrituras só aqui e em Salmos 42.7, onde é traduzida por “catadupas”. A tradução da PIB, “todo aquele que ferir um jebuseu e tocar com sua arma os coxos...” (cf. NIV, mg., “usar grampos de alpinismo”) baseia-se na “adaga” da LXX. Um estudioso da atualidade afirmou que “o *šinnôr*... deve ser entendido como a fortaleza”.¹ A versão tradicional, “canal de água”, continua possível e talvez seja a mais provável. O verbo traduzido por “suba” (*nāga* *b*) geralmente significa “tocar”; esta interpretação exige, portanto, o que S. R. Driver chamou de “paráfrase questionável”.² Todavia, o verbo tem o sentido de “tomar de assalto” em 2 Samuel 14.10. A situação requeria uma atividade incomum, de modo que não nos devemos surpreender com um uso incomum de palavras; o fato é que, no momento, esse verbo não habilita os estudiosos a chegar a alguma convicção quanto à natureza de tal atividade.

Após entrarem na cidade sorrateiramente, os homens de Davi tinham de enfrentar seus inimigos, descritos nos termos empregados pelos jebuseus acerca dos defensores de sua cidade. A frase *a quem a alma de Davi aborrece* precisa ser entendida dentro do contexto, sendo mais bem traduzida por “fira aqueles ‘coxos e cegos’ inimigos de Davi” (NIV). O restante do versículo é um comentário adicional, que poderia muito bem estar entre parênteses, explicando a origem de um ditado comumente aceito. A *casa* podia ser tanto o templo quanto o

1. Para esta informação, dependo inteiramente de um resumo publicado em *OTA* 9.1, fev. de 1986, do artigo de V. Scippa, “Davide Conquista Gerusalemme”, *BeO* 27 (1985), p. 65-76. Evidentemente, ele encontra apoio para isso na palavra aramaica *šinnār*, “fortaleza”, e em *Tg. Ps-J. kērakkā*: “Todo aquele que ferir o jebusita e tocar (*i. e.*, tomar de assalto) a fortaleza...”.

2. Driver 1913, p. 199.

palácio, nenhum dos quais existia na época; entretanto, a associação de idéias relacionou o ditado com este incidente. Não se menciona o que aconteceu com os habitantes da cidade.

9-10. Por fim, Davi estava em condições de se instalar definitivamente numa cidade que havia conquistado e que não tinha vínculos estabelecidos com nenhuma das tribos. Na qualidade de *cidade de Davi*, ela transcendia as rivalidades tribais e, portanto, tornou possível um novo conceito de unidade quando se tornou a capital, servindo de centro para onde convergiam as atenções. Isso continua até hoje, dominando os pensamentos dos descendentes de Abraão. Antes, porém, era preciso firmar os alicerces. *Milo* é uma transliteração da palavra hebraica, cujo significado provavelmente é “terraços para arrimo” (NIV). Os muros da cidade dos jebuseus foram construídos nas encostas do monte, particularmente íngreme no lado oeste; daí a necessidade de escoras firmes apoiadas em terraços, os quais não deslizariam (até imperceptivelmente) na direção do vale. Mesmo dentro da cidade, houve outras obras de terraplanagem a fim de tornar possível a construção de prédios. Evidentemente, Davi voltou sua atenção para esse aspecto da infra-estrutura logo no início de sua ocupação de Jerusalém.

Em última análise, o contínuo progresso de Davi devia ser atribuído não a seus inquestionáveis dons, mas a seus recursos espirituais: *o Senhor Deus dos Exércitos era com ele*. O nome divino, Javé *ʾēlōhē ʾš̄bāʾôt*, é uma variação de Javé *ʾš̄bāʾôt* (cf. o comentário sobre 1 Sm 1.3-8). Davi, sob a influência do Deus de toda autoridade e poder, não podia deixar de crescer em importância, como também aconteceu com sua cidade: “Deus está no meio dela: jamais será abalada... O Senhor dos Exércitos está conosco...” (SI 46.5, 7, 11). Embora, às vezes, Israel tenha aplicado de forma errada essa verdade e contado excessivamente com ela, a ponto de os profetas ameaçarem com destruição (e.g., Jr 7.1-4, 13-15), ainda assim a verdade permaneceu. “Deus está conosco”, Emanuel, não era vão triunfalismo (Is 7.14; Mt 1.23; 28.20).

Incluem-se no texto dois indicadores das maneiras como Davi, na nova capital, consolidaria sua posição de domínio. Um dizia respeito às relações internacionais, e o outro, a seus filhos e herdeiros.

11-12. Hirão, rei de Tiro: Tiro, importante porto que, à época de Davi, já vinha negociando no Mediterrâneo oriental havia séculos, abriu-se amistosamente para Davi, que começava a conquistar respeito além das fronteiras de Israel. O interior do território chamado Tiro era renomado por seus cedros, e o porto ostentava operários hábeis em trabalhos com madeira e pedra, alguns dos quais foram emprestados a Davi. Eles levaram cedro como presente e construíram o palácio em Jerusalém.

De fato, o reconhecimento internacional foi uma nova conquista. Davi tinha consciência do incentivo que isso proporcionava, mas o escritor assinala que o rei atribuiu-o à ação do Senhor *por amor do seu povo*, não por causa da pessoa de Davi. Essa consciência do interesse do Senhor por todo o Seu povo evitou que Davi intensificasse sua própria importância (Dt 17.20) e programas absurdos envolvendo impostos opressivos.

13-16. Se Davi conhecia Deuteronômio 17.17, ele interpretou esse texto de um modo que lhe permitiu manter um harém, ao estilo de monarcas orientais.

Mais concubinas e mulheres... mais filhos e filhas: na passagem paralela (1 Cr 14.3), não se mencionam concubinas, porque seus filhos não seriam incluídos na sucessão ao trono, e talvez essa seja a razão pela qual as concubinas são mencionadas antes que as esposas em nosso texto. Aqui, as primeiras são incluídas para indicar o relacionamento total, mas são rejeitadas porque o assunto em questão é a ordem de herança. Os primeiros seis dessa ordem foram alistados em 2 Samuel 3.2-5; dos 11 mencionados aqui, só dois voltam a aparecer. Surpreendentemente, o décimo filho, Salomão, sucedeu-lhe como rei, enquanto seu irmão, Natã, é citado na genealogia de José (Lc 3.31). Os dois eram filhos de Bate-Seba (1 Cr 3.5).

Nota adicional: Escavações na Jerusalém antiga

A fonte de Gion, no vale de Cedrom, é a pista para a identificação da parte mais antiga da cidade, construída sobre o penhasco acima de sua fonte de fornecimento de água. Foi num esforço de mapear os túneis e passagens ligadas a essa fonte que, no início do

século XX, foram feitas escavações, por M. Parker (1909, 1911) e R. Weil (1913-1914), e, entre 1923 e 1925, o Fundo de Exploração da Palestina patrocinou amplas escavações primeiramente sob a direção de R. A. S. Macalister e J. G. Duncan, e então de J. W. Crowfoot. Embora pequenas áreas tenham sido abertas no topo do monte e em sua encosta ocidental, numa tentativa de localizar os antigos muros, à época os resultados não foram conclusivos. Todas essas escavações foram feitas no lado de fora dos muros da cidade atual, no contraforte do monte que, partindo do extremo leste do muro meridional, vai mais ou menos para o sul até o leste da Porta do Esterco; acertadamente, suspeitou-se de que essa área era o local da cidadela conquistada por Davi.

O suprimento de água

O mais antigo suprimento de água foi identificado por L. H. Vincent durante a expedição Parker. Um conduto vertical através da rocha, já descoberto pelo Capitão Charles Warren em 1867, dava acesso à água num túnel que vinha da fonte, e, de cima, chegava-se ao conduto por meio de degraus. Em épocas normais, sem dúvida as mulheres caminhavam para fora da cidade para buscar água; contudo, sempre que o perigo a ameaçava, era um consolo saber que havia um suprimento de água acessível, sem qualquer risco de vida, especialmente em caso de cerco. Outras cidades, tais como Megido, Hazor, Gibeom e Gezer, possuíam sistemas semelhantes. Devido à natureza do caso, é difícil fixar a data da construção desses sistemas, mas em geral acredita-se que foram escavados pela primeira vez na Idade do Bronze Recente.¹

1. Em Hazor, Y. Yadin escavou cem metros de túneis, que formavam uma rede sob a cidade baixa. Esses túneis datavam da Idade do Bronze Médio. Evidentemente, a tecnologia de construção de túneis tinha sido desenvolvida bem antes da Idade do Ferro (Y. Yadin, *Hazor* [Oxford: Oxford University Press, 1972], p. 43). Na cidade alta, um grande reservatório subterrâneo, com pontos de captação que drenavam a água da superfície, foi construído na Idade do Bronze Recente I ou na Idade do Bronze Médio II (p. 127), mas não estava ligado a uma fonte, como era o caso do sistema em Jerusalém. O complicado sistema de água de Megido, com

Em Jerusalém, duas passagens ou condutos subterrâneos começavam na mesma abertura e iam até o monte, mas um deles foi repentinamente interrompido por uma camada de rocha muito dura. O outro era:

uma escadaria que descia até uma plataforma, que por sua vez conduzia a um túnel semicircular numa altura a aproximadamente meio caminho da descida até a fonte. No fim do túnel fica outra passagem vertical, que desce ainda mais pela montanha. O fundo desse conduto vertical termina naquilo que seria um canal cheio de água que leva até a fonte de Giom... Descendo um balde pela última passagem, os jebuseus conseguiam obter água.¹

Se essa obra foi feita pelos jebuseus, conforme sugere Shanks, deve ter havido alguma ameaça militar à cidade que justificasse a realização de um trabalho tão complicado de engenharia; talvez a entrada dos israelitas em Canaã tenha constituído tal ameaça. Atingindo seu objetivo de ter suprimento de água durante um ataque e cerco, os jebuseus sentiram-se seguros contra as investidas de Davi, cerca de 200 anos depois. Passar-se-iam mais 200 anos antes que a ameaça assíria levasse o rei Ezequias a cavar outro túnel a fim de trazer água de Giom até Siloé, onde poderia ser recolhida e armazenada.

A partir da fonte de Giom, os primeiros 20 metros de túnel, reutilizados por Ezequias, são obra dos jebuseus, e ainda hoje podem ser visitados. A partir desse ponto, o túnel de Ezequias desvia para a esquerda, enquanto o túnel jebuseu segue em linha reta até um ponto onde a passagem começa a descer, embora atualmente esteja bloqueada. Essa passagem, com cerca de 15 metros de profundidade, é a

seus túneis e passagens, “deve ter sido cavado na primeira metade do nono século... muito provavelmente por Acabe” (p. 164). O completo sistema de água de Hazor data da primeira metade do nono século a. C. (p. 178), quando era necessário preparar-se para suportar um cerco prolongado. No entanto, Y. Shiloh data o primeiro sistema de água em Jerusalém, bem como em outros centros reais, como pertencente ao período do reinado de Davi (Shiloh, *Excavations at the City of David*, p. 24, 27).

1. H. Shanks, *The City of David, A Guide to Biblical Jerusalem* (Tel Aviv: Bazak, 1973), p. 29.

subida na rocha que os homens de Davi teriam precisado escalar a fim de entrar na cidade através do túnel e dos degraus acima. Embora extremamente difícil, esse tipo de proeza era o que atrairia os valentes de Davi, e, como acontece hoje com as tropas de operações especiais, eles precisavam ter a oportunidade de realizar o “impossível”. A opinião ponderada de Kathleen Kenyon foi:

Há inúmeras razões para supor que esse foi o método pelo qual os jebuseus tinham acesso à fonte em tempos de guerra e também o meio pelo qual se deu a captura da cidade por Davi. A posição da boca da passagem seria dentro da cidade, enquanto a fonte ficava do lado de fora dos muros.¹

Assim que o primeiro homem atravessasse, o restante das tropas iria atrás, até que um número suficiente pudesse atacar de surpresa dentro da cidade.

Os muros da cidade

Durante as primeiras escavações nessa área de Jerusalém, um muro foi localizado no cume do espinhaço. Isso levantou um problema com relação aos canais e à passagem de água, porque a entrada do túnel ficava quase 27 metros fora desse muro. Foi essa anomalia, entre outras, que Kathleen Kenyon tinha em mente quando, em 1961, iniciou ali suas escavações, que chegaram ao ponto máximo em 1967. Num local situado 48 metros mais a leste e encosta abaixo, ela localizou esse muro mais antigo. “As provas sobre a datação eram claras. Ele foi primeiramente construído por volta de 1800 a.C. Ainda estava em uso no oitavo século a.C. e, portanto, devia ser o muro da cidade jebuséia capturada por Davi. Posteriormente, ele o consertou para servir de muro de sua própria cidade”.² Ela supôs que provavelmente existia uma porta que dava para a fonte, mais ou menos no ponto onde ela estava escavando, perto do atual caminho que, do alto do monte, desce

-
1. K. Kenyon, *Royal Cities of the Old Testament* (Londres: Barrie & Jenkins, 1971), p. 26.
 2. *Ibid.*, p. 26-27.

até a fonte; contudo, ela não conseguiu confirmar essa possibilidade.

As escavações na Cidade de Davi foram reiniciadas em 1978, sob a direção de Yigal Shiloh, do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém. Cerca de 12 áreas foram abertas, incluindo uma que continuava a escavação do muro da cidade jebuséia:

Pelo trabalho da atual expedição, cerca de 90 metros do muro foram descobertos, e aproximadamente outros 20 metros foram revelados por Kenyon... Essa localização era apropriada especialmente do ponto de vista topográfico da rocha que serve de alicerce, a qual forma aqui uma escarpa, no meio da encosta — e o muro foi construído sobre ela.¹

Parece que até o momento não se encontrou nenhum outro indício de uma porta que levasse para dentro da cidade.

À medida que prosseguem as escavações, pode-se esperar o esclarecimento de algumas questões controversas. Enquanto isso, não resta dúvida quanto ao local da cidade jebuséia, ao seu suprimento de água na fonte e ao seu muro fortificado, a meio caminho da encosta do monte. Visto que a fonte jorrava água numa caverna, em tempos de guerra seria razoavelmente simples protegê-la do inimigo; uma vez que era possível buscar a água dentro da cidade, a boca da caverna podia ser tapada. Desde a conquista da cidade por parte de Davi, ela foi a capital dos reis judeus até que os exércitos dos babilônios revelaram-se-lhe fortes demais em 587 a.C.

iii. Davi derrota duas vezes os filisteus (5.17-25). Enquanto Davi era rei apenas de Judá, os filisteus se contentavam em tolerar seu poder; quando porém foi proclamado rei de todo Israel, ele se tornou poderoso demais para ser confiável; daí esses dois esforços conjuntos a fim de dividir seu território e, assim, enfraquecer sua ameaça. *O vale de Refaim* pode ser visto de Jerusalém, entre os montes escarpados a sudoeste da cidade (veja mapa na p. 252). Quer a captura da cidade jebuséia já tivesse acontecido, quer não, os filisteus estavam atacando no ponto onde era plausível que o reino de Davi estivesse mais fraco, pois

1. Shiloh, *Excavations at the City of David*, p. 28.

era uma área que os israelitas não tinham conseguido manter, onde Davi ainda não tivera tempo para construir suas defesas. Além disso, essa fronteira ao norte de Judá ficava junto a Benjamim, a tribo de Saul, e, do ponto de vista inimigo, fazia sentido explorar quaisquer elementos contrários no reino recém-ampliado de Davi.

A importância dessas duas batalhas era óbvia não apenas para aqueles que sobreviveram a elas, mas também para as futuras gerações em Israel. Se os filisteus obtivessem êxito em derrotar Davi no início de seu reinado sobre as tribos unidas, é questionável se ele teria sido capaz de conquistar a lealdade que o colocou em destaque entre os povos da região. Mais de dois séculos depois, Isaías pôde referir-se de passagem ao acontecimento, esperando que o significado fosse imediatamente compreendido (Is 28.21). Para Israel, esse fato deve ter tido todas as nuances emocionais que Trafalgar tem para os britânicos, juntamente com a impressionante sensação do controle divino associado à evacuação de Dunquerque, à Batalha da Grã-Bretanha e aos desembarques do dia D durante a Segunda Guerra Mundial. Esse foi um dos notáveis livramentos de Israel.

17-18. *Os filisteus... todos* uniram-se contra Davi, como também parece que fizeram contra Saul; mas desta vez é enfatizada sua total mobilização. Davi era um inimigo ainda mais difícil do que Saul. *Subiram... para prender a Davi* soa como se ainda estivessem pensando em Davi como um lutador solitário, com um pequeno grupo de guardacostas, a quem poderiam localizar e matar. De fato, a retirada de Davi para a *fortaleza* indica que sua tática foi de recorrer às guerrilhas, às quais estava acostumado. É impossível saber a quais das muitas fortalezas (*m^ešādōt*) mencionadas em 1 Samuel 23.14 o escritor está se referindo aqui (cf. 1 Sm 24.22).¹

19-20. *Davi consultou o Senhor*: ele vivia por sua fé e esperava orientação em assuntos relativos ao reino que acreditava que o Senhor lhe dera. O oráculo deu uma resposta afirmativa às suas duas pergun-

1. A palavra traduzida por “fortaleza” é conhecida hoje como o nome da montanha próxima ao mar Morto, que se tornou famosa com Herodes e com o massacre ocorrido em Massada, em 73 A.D.

tas. Ele pôde ter a certeza da vitória. O nome do local, *Baal-Perazim*, “Senhor da invasão”, celebra o fato de que Davi conseguiu invadir as linhas inimigas de forma tão decisiva que, para ele, era como se o Senhor tivesse irrompido por aquelas linhas à sua frente, *como quem rompe águas*. O poder de seu Deus fora demonstrado, controlando decisivamente os acontecimentos e dirigindo a história, assim como Isaías previu no ataque assírio a Jerusalém (Is 18.21).

21. *Os filisteus deixaram lá os seus ídolos*: longe de ter poder, essas divindades eram incapazes de se salvar. Davi e seus homens apanharam os ídolos como troféus de guerra, mais tarde queimados (1 Cr 14.12). Assim, demonstrou-se que não eram “deuses”, ao contrário do Deus de Israel, cujo símbolo da aliança sobreviveu à captura e foi devolvido (1 Sm 7.1).

22-25. Numa segunda tentativa de obter o controle sobre Davi, os filisteus voltaram a atacar no mesmo vale. Davi não confiou que a estratégia que Deus lhe dera na vez anterior daria certo numa segunda oportunidade e nem confiou em sua própria capacidade, mas voltou a pedir orientação. Desta vez, *ele não deveria lutar com o inimigo de frente*. Ao invés disso, deveria fazer um ataque de surpresa pela retaguarda, o que teria a vantagem de bloquear o caminho de retirada dos filisteus.

“Por defronte dos balsameiros” (IBB): a palavra hebraica *bākā'* aparece só aqui (cf. 1 Cr 14.14; onde temos o relato paralelo), além do salmo 84.6, “vale de Baca” (IBB, ARC; *vale árido*; “vale das Balsameiras”, BJ). “Balsameiros” (IBB), *amoreiras* (ARA, ARC, BJ, BLH) ou “pereiras” (PIB) são traduções incertas, embora “balsameiros” seja a interpretação judaica tradicional da palavra *bākā'*. O nome se parece com a palavra hebraica que significa “chorar”, talvez uma referência à seiva que verte do bálsamo quando ele é quebrado ou cortado. Mais importante do que a identificação da espécie vegetal é o sinal que o Senhor dará, *um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras*. O vento que provocaria um som semelhante ao tropel era, nesse caso, o vento do Espírito de Deus: *é o Senhor que saiu adiante de ti, a ferir o arraial dos filisteus*. Assim que o sinal for dado, não deve ocorrer qualquer demora: *então te apressarás*, ou “aja rapidamente” (NIV).

Davi deve agir junto com o Espírito de Deus a fim de cumprir o propósito divino de derrotar o inimigo. Havia o momento de espera, mas também o momento de ação. Davi executou aquilo que Saul tinha deixado de realizar, porque *fez Davi como o Senhor lhe ordenara*, triunfando mais uma vez. O segredo do sucesso, a obediência, foi uma opção oferecida a Saul, mas ele não a escolhera. Na verdade, Davi pertencia a um raro grupo de pessoas, raro até mesmo na Bíblia, sobre quem se pode dizer que agiu conforme o Senhor ordenou.

Ele *feriu os filisteus desde Geba até chegar a Gezer*, ou “desde Gibeom até chegar a Gezer” (LXX e 1 Cr 14.16; cf Is 28.21). É mais provável que Gibeom seja a palavra correta, e geograficamente o certo é Gibeom. Os filisteus derrotados, sabendo que seu caminho direto de retirada para o oeste estava bloqueado pelo exército de Davi, tiveram de se desviar para o norte até Gibeom, antes que pudessem rumar colina abaixo na direção de Gezer, nos limites da planície costeira. Gezer continuou como cidade cananéia até a época de Salomão, que a recebeu das mãos de seu sogro, provavelmente o faraó Siamūn,¹ como parte do dote da princesa egípcia que se tornou sua esposa (1 Rs 9.16). Os filisteus não fizeram nenhuma outra tentativa de atrapalhar a ascensão de Davi. Essa batalha foi tão decisiva que, a partir de então, os filisteus deixaram de constituir uma séria ameaça a Israel, embora tenham continuado a causar problemas durante o período da monarquia.

iv. Davi torna Jerusalém a cidade de Deus (6.1-23). Um dos temas dos livros de Samuel é a história da arca da aliança, levada cativa pelos filisteus, mas devolvida ao território israelita quando demonstrou ter um poder constrangedor, capaz de humilhar a eles e ao deus deles (1 Sm 5). Não que a caixa de ouro ornamentada fosse em si mesma poderosa, mas todos sabiam que ela era o símbolo da presença do Senhor Deus de toda a terra, que havia Se dado a conhecer de modo especial a Israel, de forma que este se tornou Seu povo e Ele Se comprometeu a ser seu Deus. Era impensável que a arca permanecesse na

1. K. A. Kitchen, *Third Intermediate Period in Egypt* (Warminster: Aris and Phillips, 1972), p. 273ss., 280ss.

obscuridade, numa casa particular na fronteira do país; assim, logo que Jerusalém tornou-se a cidade de Davi, o rei decidiu que ela deveria ser a cidade onde o Senhor seria honrado e adorado. Ao cultuar ali a arca, o símbolo da presença de Deus, Davi transformou a velha fortaleza jebuséia no local onde o Deus único Se agradou em Se fazer conhecer, o centro da terra, o lugar de Seu trono, o elo de ligação entre a terra e o céu. A intenção de Davi era boa, mas surgiram problemas em sua execução. O relato é realista e descreve um vibrante entusiasmo juntamente com uma perigosa desconsideração pela santidade de Deus.

1-2. Frequentemente acredita-se que *trinta mil* homens escolhidos seria um número alto demais.¹ O problema é saber como a palavra *'elep* está sendo empregada nesse contexto, que já não é estritamente militar, embora os soldados possam desempenhar um papel cerimonial na adoração e uma vitória estratégica tenha acabado de acontecer. *Todo o povo que tinha consigo* sugere os líderes civis e religiosos de Davi, mencionados separadamente dos comandantes militares. O relato paralelo refere-se explicitamente a comandantes e líderes, incluindo no grupo que foi buscar a arca “sacerdotes e... levitas”, que com toda certeza devem ter estado presentes (1 Cr 13.1, 2). Mesmo que “toda a congregação de Israel” (1 Cr 13.2) signifique somente representantes de todas as tribos, a ocasião ainda envolvia um grande número de pessoas e um considerável aparato que, junto com a música orquestral e coral, unia a imensa multidão participando do acontecimento histórico.

Da última vez, a arca fora mencionada em associação com a família de Abinadabe, cujo filho Eleazar a tinha sob seus cuidados em Quiriate-Jearim. Desde então, porém, 20 anos tinham se passado (1 Sm 7.1, 2). Por isso é surpreendente encontrar em seu lugar o nome *Baalim de Judá*, a não ser que seja uma forma alternativa aos nomes encontrados em Josué 15.9, onde é chamado Baalá (*cf.* Js 15.60, onde o nome é Quiriate-Baal). Os nomes compostos em que aparece a palavra Baal indicam que esse pode ter sido um alto cananeu. Quiriate-

1. Veja o comentário sobre 1 Samuel 4.2, que explica que a palavra hebraica *'elep*, geralmente traduzida por “mil” ou “milhares”, pode ter tido outros sentidos, como “capitão”.

Jearim significa “cidade de florestas”, nome que novamente seria apropriado hoje, em vista do reflorestamento que está transformando a paisagem a oeste de Jerusalém. Atualmente, é conhecida como Kuriet el-‘Enab, ou Abu Ghosh, a cerca de 14 quilômetros de Jerusalém, na estrada para Jafa.

A frase *a arca de Deus, sobre a qual se invoca o Nome*, evita a noção de que de algum modo Deus está localizado na arca e, ao mesmo tempo, mantém a função distintiva que o Senhor idealizou para ela como o local onde Ele Se encontraria com Seu povo e falaria com Ele (Êx 25.22). O nome específico (a palavra aparece duas vezes no hebraico) ligado à arca, *o nome do Senhor dos Exércitos, que se assenta acima dos querubins*, leva a imaginar os querubins de ouro como estrado de um trono invisível “alto e sublime” (Is 6.1) e o Deus dos exércitos de Israel (1 Sm 17.45) como supremamente digno de adoração. Mas é em relação com a adoração em Silo que o nome ocorre pela primeira vez na Bíblia (1 Sm 1.3, 11; 4.4), de forma que os “exércitos” eram primordialmente os anjos que cercavam o trono e não os soldados e armas de Israel. O fato de que esses anjos obedeciam a Deus significa que eles realizavam Sua vontade; daí a tradução mais significativa “o nome do Deus Todo-poderoso” (BLH), em vez de “Senhor dos Exércitos”.

3-4. *Puseram a arca de Deus num carro novo*, sem dúvida com as melhores intenções, mas sem a devida consideração pela santidade da arca, que dispunha de anéis e varas para indicar que devia ser transportada pelas varas (Êx 25.12-14). Levada desse modo, não precisaria ser apoiada ou tocada. A BLH e a BJ abreviaram o texto hebraico, sendo que a BJ relega à margem uma explicação sobre as palavras omitidas, que parecem ter sido repetidas por engano. Eleazar, aos cuidados de quem a arca foi deixada (1 Sm 7.1), não é mencionado aqui. No lugar dele, seus irmãos *Uzá e Aiô* são responsáveis pelos bois e pelo carro, com sua carga especial.

5. A lenta velocidade do carro permitia que a procissão participasse em dança e canto “diante do Senhor com todas as forças” (PIB). O verbo *alegravam-se*, no hebraico um participio (*m^esalh^aqîm*, do verbo ao qual a palavra “Isaque” está ligada e que significa “rir”), tem o valor de celebração incontida na adoração.

Com “cânticos” (PIB; *b^ešîrîm*) é uma correção que vem do hebraico (de 1 Cr 13.8), que lê *b^erôšim*, “abetos” (espécie de pinheiro). Compreensivelmente, os nomes dos instrumentos musicais são de difícil tradução; os dois primeiros são instrumentos de cordas, sendo o segundo deles mencionado pela primeira vez na Bíblia em 1 Samuel 10.5. Portanto, pode ter sido de origem fenícia. Todos os demais são instrumentos de percussão. É interessante observar que o último, *cím-balos*, sempre ocorre num contexto religioso.¹ Para Israel, todas as grandes ocasiões da vida tinham Deus como centro e estavam relacionadas com a adoração, o mesmo sendo verdade para a música de Israel.

6-7. De repente, a comemoração jubilosa chegou a um fim trágico na *eira de Nacom* (cf. a tradução da NEB, “certa eira”, que implicitamente chama atenção para o fato de que o nome “Nacom” é problemático, pois não aparece em nenhum outro lugar; em 1 Cr 13.9, o nome é “Quidom”). Dois verbos com os quais *Nacom* pode ser ligada são *kûn*, “estar firme ou preparado”, e *nākāh*, “ferir”; aliás, este último ocorre no versículo 7: *Deus o feriu*. Talvez o nome tenha sido criado para registrar a lembrança da catástrofe testemunhada pelo grande grupo de adoradores. Uzá, ao segurar a arca, ainda que num gesto instintivo para evitar que ela caísse, cometeu um sacrilégio e foi morto pelo contato com a santidade de Deus. Pelo fato de Davi ter determinado como a arca seria transportada, ele era responsável pela morte de Uzá, mas um pouco da culpa deve ser atribuída a Uzá e Aiô, cuja família tivera a arca sob sua guarda durante anos. Do ponto de vista de Davi, a morte de Uzá nessas circunstâncias não foi apenas uma tragédia para a família de Abinadabe, mas também uma enorme perda de prestígio para o rei.

8-11. Davi, para quem tudo estava correndo tão bem, reagiu com veemente indignação: *desgostou-se* (“ficou furioso”, BLH) diante da intervenção do Senhor, o que foi lembrado com o novo nome dado à eira: *Perez-Uzá*, “assolação [do Senhor] sobre Uzá”. Humilhado, Davi culpou a Deus pelo incidente e optou por ficar livre da tarefa de levar a

1. Para maiores detalhes, cf. *IBD*, vol. 2, verbete “Music”, p. 1031ss.

arca para Jerusalém, em parte porque ele também *temeu... ao Senhor*. Ele, que, ao longo dos anos, havia experimentado maravilhosa proteção da parte do Senhor seu Deus e tivera uma rara intimidade com Ele, devia aceitar o fato de que havia ultrapassado os limites e abusado do relacionamento, quando deixou de observar as regras estabelecidas para salvaguardar o respeito pela santidade de Deus. Embora Jesus tenha nos ensinado a chamar Deus de nosso Pai, Ele também nos ensinou a orar “santificado seja o teu nome”, deixando implícita a necessidade de muito cuidado para que o privilégio não se transforme em presunção. Conforme observa A. F. Kirkpatrick, “se tal reverência ao símbolo era devida, então com muito maior reverência devem ser consideradas as realidades da aliança cristã”.¹

Obede-Edom, o geteu: geteu significa “oriundo de Gate”, mas é improvável que Obede-Edom tenha sido filisteu daquela cidade; provavelmente, era um levita, pelo fato de lhe ter sido confiada a arca. Pelo menos três cidades israelitas tinham nomes compostos com Gate, de uma das quais esse homem tinha sua origem. Possivelmente, ele deve ser identificado como o descendente de Coré mencionado em 1 Crônicas 26.4, 8. Por um período de três meses, as pessoas observaram que esse homem e sua família recebiam sinais do favor divino: *o Senhor o abençoou*.

12-15. A notícia de que Obede-Edom havia experimentado a bênção do Senhor levou Davi a cumprir seu propósito de transportar a arca para Jerusalém. A frase *os que levavam a arca* deixa implícito que dessa vez os homens carregaram a arca da maneira prescrita, pelas varas; assim mesmo, porém, depois de apenas seis passos, Davi ofereceu sacrifícios. Em 1 Crônicas 15 acrescenta-se um número considerável de detalhes, explicando-se que, dessa vez, “levitas trouxeram a arca de Deus aos ombros pelas varas” (1 Cr 15.15; cf. Êx 25.14), indicando que os levitas sacrificaram sete touros e sete carneiros, porque Deus os ajudara (1 Cr 15.26). Os sacrifícios de Davi também devem ter sido em parte em gratidão por um bom início de jornada e em parte uma oração pela conclusão segura.

1. Kirkpatrick 1881, p. 92.

Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor: o verbo (*m^ekarkēr*) é um particípio que tem o sentido de “rodopiar” e ocorre somente nesta passagem (vv. 14, 16). Aparentemente, Davi executou uma antiga dança ritual desconhecida quando o relato de Crônicas foi feito, tendo o autor substituído os verbos por outros de uso comum. Davi manifestou um entusiasmo tão grande quanto na vez anterior (v. 5), mas agora ele tinha aprendido que sinceridade e animação não bastavam. Ele também prestara atenção às exigências rituais que a lei de Deus havia estabelecido. Ele até substituíra seus mantos reais por uma *estola... de linho*, a vestimenta dos sacerdotes, que ele, como rei de um reino de sacerdotes, estava habilitado a vestir, sendo particularmente apropriada para a cerimônia comemorativa. Semelhantemente, os “gritos” (BLH) faziam parte do ritual (*cf* 1 Sm 4.5), associados tanto com o fervor religioso quanto com os brados de guerra. O mesmo valia para as *trombetas* (*šōpār*, isto é, “chifre”, no singular), como o ilustra Salmos 47.5 (um salmo que provavelmente recorda esta procissão com a arca): “Subiu Deus por entre aclamações, o Senhor, ao som de trombeta (*šōpār*)”.

16. No momento do triunfo de Davi, quando a arca tinha entrado com sucesso em Jerusalém, sua esposa Mical aborreceu-se com toda essa alegria e essa manifestação religiosas. Parece que ela achava que o rei devia evitar se misturar com o povo, permanecendo distante e inacessível. Naquelas circunstâncias, ela *o desprezou* justamente por causa das qualidades que o tornavam grande, a saber, devoção ao Senhor e espontaneidade na adoração.

17-19. Uma vez na cidade, a procissão dirigiu-se à tenda que Davi cuidadosamente preparara para receber a arca; o tabernáculo ficou em Gibeom (1 Cr 16.39). Só depois de Salomão ter construído o templo é que a tenda do encontro foi levada para Jerusalém (1 Rs 8.4); contudo, a partir deste ponto do reinado de Davi, a presença da arca da aliança em Jerusalém garantia que aquele era o local por excelência onde se devia oferecer adoração, pois era onde o Senhor Se agradava em Se fazer conhecido. Davi correspondeu com *holocaustos e ofertas pacíficas*, que expressavam dedicação e gratidão totais. Ao contrário dos holocaustos, ofertas completamente queimadas, as ofertas pacíficas ou “de comunhão” (NIV) não eram consumidas no altar nem usa-

das como alimento para os sacerdotes; antes, a maior parte era devolvida ao ofertante (Lv 7.11, 12), que aproveitava a carne para um banquete público como parte do regozijo. Antes de distribuir comida a todos, Davi também *abençoou o povo em nome do Senhor dos Exércitos*, suplicando em favor dele as bênçãos que o Senhor havia pronunciado sobre o povo de Sua aliança (e.g., Êx 19.5-6; Dt 7.6-11).

Existem algumas palavras pouco comuns no versículo 19. *Um bolo de pão* (*hallat lehem*) aparece em outros lugares somente em contextos sacrificiais do Pentateuco (e.g., Êx 29.2; Lv 2.4; Nm 6.15), e significa um pão chato. *Um bom pedaço de carne* (*'ešpār*) ocorre só em 1 Crônicas 16.3, sendo o significado da palavra totalmente desconhecido;¹ daí as traduções variantes, e.g., “uma massa de tâmaras” (BJ), “um bolo de tâmaras” (NIV), baseadas na comida que o viajante oriental geralmente levava. “Um bolo de passas” (IBB), mencionado dois séculos depois em relação à adoração cananéia (Os 3.1), era, no entanto, um alimento básico; “frasco de vinho” (ARC) já não é considerado o sentido da palavra.

20. Davi voltou para casa, muito satisfeito com o que realizara e contagiado pela alegria generalizada diante das perspectivas da bênção futura de Deus sobre sua família e sobre sua cidade, mas foi recebido com censuras pela esposa. O sarcasmo dela, *que bela figura fez o rei de Israel... hoje*, foi o prelúdio de uma censura contundente. O que ela esperava quando, no início, apaixonou-se por Davi, o qual havia matado 200 filisteus pelo privilégio de se casar com ela (1 Sm 18.20-27)? Ela preferia a imagem do “soldado-herói” à do rei humilde e adorador, despedido de todas as suas insígnias reais e, aos olhos dela, *descobrimo-se* ou, talvez, “exibindo-se”.² Mical interpreta a situação para justificar seu distanciamento do marido; embora não seja apresentada como uma pessoa cativante, ainda assim ela tivera uma vida conjugal confusa e trágica depois que Davi deixou a corte (1 Sm 19.11-17; 25.44; 2 Sm 3.13-16), e as mudanças não foram de sua

1. A conclusão de Driver 1913, p. 207-209.

2. Assim interpreta Gunn 1982, p. 74, “não necessariamente ‘descobrimo-se’ de forma literal”.

escolha. Agora, sua explosão de ira acabou com essa reconciliação, que teria sido viável.

21-23. Em sua resposta, Davi não mediu as palavras. A referência pouco elogiosa ao pai e à família dela, embora verdadeira, certamente iria magoar, com sua insistência no contraste entre Saul e ele próprio em relação ao *Senhor, que me escolheu a mim antes do que a teu pai... sobre o povo do Senhor, sobre Israel*. A promessa da eleição, de 2 Samuel 5.2, tão preciosa para Davi e para o povo de Israel e uma fonte de conflito para Mical, reflete-se aqui. Ela não podia “vencer” a discussão, porque era incapaz de aceitar o propósito divino, que as *servas* jubilosamente comemoravam. À semelhança de seu pai em dias passados, ela se viu trabalhando contra Deus. Em momento algum Davi lamenta o que fez: “Aos teus olhos serei desprezível” (BJ; veja também PIB e BLH), embora faça sentido, não é o que o hebraico diz. O original traz *aos meus olhos*, indicando que Davi está mais interessado em honrar o Senhor do que em favorecer sua própria reputação, pois não precisa estimular seu ego, nem lhe falta o apoio popular.

No contexto, a ausência de filhos para Mical deixa implícito que, desse ponto em diante, cessaram as relações maritais entre ela e Davi. O relacionamento entre eles foi irrevogavelmente rompido.¹ Há, contudo, uma diferença de opinião entre os comentaristas quanto ao sentido deste versículo; e.g., John Mauchline afirma que ele deve ser interpretado “em termos da indicação de ausência de filhos como penalidade por desprezar Davi, o rei ungido, e como privação de uma linha sucessória para a casa de Saul, principalmente da mãe do sucessor ao trono”.² Os dois pontos de vista, claro, não se excluem mutuamente.

A instalação da arca em Jerusalém foi a primeira realização de impacto do reinado de Davi após a captura da cidade. Assinalou-se que não ocorreu nenhuma cerimônia pública para proclamar Davi como rei ou para instalá-lo no trono em Jerusalém; essa grande festividade associada à chegada da arca foi extremamente impressionante como pro-

1. A referência a filhos de Mical em 2 Sm 21.8 (ARC) provavelmente deve ser lida como filhos de Merabe (*cf.* 1 Sm 18.19), acompanhando dois MSS hebraicos e a LXX.

2. Mauchline, p. 226.

clamação do Senhor como Rei em Jerusalém, tendo Davi como Seu príncipe nomeado (*nāgîd*, v. 21; cf. 2 Sm 7.8). Jerusalém era agora a cidade do Senhor dos Exércitos, santificada por Sua presença e protegida por Seu poder, embora não incondicionalmente, o que as gerações posteriores haveriam de descobrir.

Muito tem sido discutido sobre a astúcia política mostrada por Davi ao instalar em sua capital a arca e tudo o que ela representava. O fato é que a devoção a Deus não é algo essencialmente contrário à prosperidade em termos de negócios nacionais e internacionais; o livro de Provérbios muitas vezes insiste em que a primeira e mais importante exigência, tanto para o rei quanto para qualquer outra pessoa, é o temor do Senhor. Saul fracassou neste ponto tanto quanto Davi acertou, dando prioridade ao Senhor. Não deve causar surpresa o fato de sua devoção lhe propiciar vantagens; do mesmo modo, também não é apropriada uma interpretação cínica e egoísta da ação de Davi.

v. *Uma casa para o Senhor (7.1-29)*. A construção do palácio de Davi foi relegada a só um versículo (2 Sm 5.11), por ser de importância bem menor para o escritor dos livros de Samuel. Além disso, fica implícito um espaço de tempo entre os capítulos 6 e 7 de 2 Samuel, em especial devido ao comentário de que suas batalhas contra os vizinhos agressores já tinham sido travadas (cf. 2 Sm 8.1-14). A importância do conteúdo deste capítulo é tal que ele tem prioridade sobre os relatos formais das guerras de Davi. Ele também desenvolve os temas do capítulo anterior, em que o templo teria servido de santuário para a arca, e a questão de um herdeiro, abordada indiretamente com relação a Mical, tornou-se o tema do propósito especial de Deus.

Entretanto, o contexto deste capítulo é mais amplo do que a vida de Davi, remontando à consagração de Israel como o povo da aliança com Javé, adotado por Ele como Seu. O livro de Deuteronômio venera os fundamentos dessa consagração, incluindo instruções acerca da monarquia em Israel (Dt 17.14-20), embora, surpreendentemente, não sejam mencionados de forma direta aqui. Também fornece orientação para um ato marcante de adoração, assim que Israel obtivesse descanso

na terra (Dt 12.10, 11). Mas a aliança não se originou em Deuteronômio. A ocupação da terra de Canaã por Israel era uma prova de que a aliança com Abraão ainda valia (Gn 15.18), e, na palavra divina mediante Natã, há reminiscências verbais (e.g., “descanso” e “grande... nome”) que fazem lembrar aquela antiga aliança. Embora a palavra “aliança” não ocorra no pronunciamento de Natã, ela é utilizada em referências posteriores à dinastia davídica (2 Sm 23.5; Sl 89.3, 28, 34; 132.12) e confirma que foi considerada uma promessa duradoura e incondicional, feita em juramento pelo próprio Deus. Desse modo, ela pôs Davi em destaque dentro da aliança histórica, acrescentando assim uma nova dimensão à aliança abraâmica original.

Dois temas distintos, embora relacionados, em textos subsequentes da Bíblia têm neste capítulo seu ponto de partida. Primeiro, a linhagem davídica recebe o direito de governar *para sempre*, e o Senhor dá Sua palavra de que não irá retirar do filho de Davi Sua *misericórdia* (*hesed*, a palavra da aliança), ao contrário do que fizera com Saul (v. 15). Assim, o Senhor há de edificar a casa de Davi, isto é, Davi encontrará uma dinastia:

2 Samuel 7 é corretamente visto como o “ápice ideológico”, não somente na “História Deuteronomística”, mas também no Antigo Testamento como um todo. O oráculo de Natã constitui a escritura para a casa de Davi governar Israel e Judá, governo este que ela de fato exerceu sobre Judá durante quatro séculos inteiros.¹

O fato de esse domínio ter acabado e de os profetas terem previsto seu fracasso deu ocasião ao segundo tema, que se desenvolveu como uma reinterpretação das promessas a Davi: seu tabernáculo seria restaurado (Am 9.11); um filho da casa de Davi estabeleceria seu trono com justiça e retidão (Is 9.6, 7); um ramo do tronco de Jessé ainda criaria um reino ideal (Is 11.1-9, cf. Jr 23.5; Zc 3.8).² Em outras palavras, este capítulo se tornaria a fonte da esperança messiânica desenvolvida na mensagem de profetas e salmistas.

1. Gordon 1986, p. 235.

2. Cf. J. G. Baldwin, “*SEMAH* as a technical term in the Prophets”, *VT* 14/1 (1964), p. 93-98.

1-3. *Tendo-lhe o Senhor dado descanso de todos os seus inimigos em redor* (cf. v. 11) é uma citação literal de Deuteronômio 12.10, onde se promete que a terra pertencerá às doze tribos, que vencerão seus inimigos e às quais será mostrado o único local em que se deverá adorar. Tendo visto a promessa cumprida pelo menos em parte, Davi queria glorificar ainda mais a Deus, abrigando a arca de modo mais adequado ao estilo e ao caráter permanente de sua própria habitação. Os cananeus consideravam que esse era o dever do rei; algo menos do que isso seria um insulto deliberado contra o Deus que lhe havia concedido suas vitórias.¹

O *profeta Natã*, mencionado aqui pela primeira vez, é o conselheiro e confidente do rei; sua reação imediata é incentivar o rei a ir em frente e construir. Não havia nenhuma razão óbvia contra o plano, e a intenção do rei era boa, embora houvesse a sutil inferência de que Davi estava se impondo, ao mudar a longa tradição de um santuário em forma de tenda.

4-7. Agora o Senhor toma a iniciativa, enviando uma mensagem a Davi por meio de Natã. Em primeiro lugar, Ele questiona se uma *casa para minha habitação* é necessária ou apropriada para o Senhor que estivera dirigindo Seu povo e, desse modo, manifestando Sua presença no Egito e em todas as fases da peregrinação. Por essa razão, uma tenda desmontável era um símbolo mais significativo de Sua morada entre eles do que um prédio fixo. Além disso, jamais fora dado um mandamento divino para que uma *casa de cedro* fosse construída. Todo o material para “uma residência agradável” era, afinal, parte da criação do Senhor, e há uma ironia sutil nas duas perguntas existentes nesses versículos.

“Porventura disse [eu] a um só dos juízes de Israel...?”; BJ, BLH e PIB trazem “juízes” ou “líderes” (*šōp̄tê*), tendo extraído a palavra de 1 Crônicas 17.6; o texto hebraico traz *šib̄tê*, *tribos*. Keil e Delitzsch raciocinam que, se “juízes” fosse a expressão original usada no texto,

1. F. M. Cross, *Canaanite Myth and the Hebrew Bible* (Cambridge, Mass., e Londres: Harvard University Press, 1973), p. 243. O fato de que Davi não construiu um templo confirma a aceitação, por parte de Davi, de uma monarquia limitada, ao contrário dos conceitos cananeus de monarquia.

seria impossível explicar a origem e a aceitação generalizada da palavra “tribos”. Os líderes eram identificados com as tribos a que pertenciam.¹

8-9a. *Meu servo Davi* (cf. v. 5) é um título de honra, mas ao mesmo tempo um lembrete para Davi de que, embora sendo rei, cercado por aqueles que o servem, ele também tem seu papel de servo em relação a seu Deus. Vale considerar que foi empregando a imagem de “servo” que se anteviu mais profundamente o papel de Jesus no Antigo Testamento: “Eis aqui o meu servo... em quem a minha alma se compraz” (Is 42.1) ou “com quem a minha alma está bem satisfeita” (LXX; veja Mt 12.18; cf. Mt 3.17). Se Davi visava a grandeza, ela deveria começar com submissão e serviço ao Senhor Deus.

Em segundo lugar, o Senhor orienta Davi a se lembrar daquela época quando estivera cuidando de *ovelhas* e *tomei-te*. Não se menciona a atuação de Samuel, por mais importante que tenha sido na ocasião; o Senhor interveio diretamente na vida de Davi para que ele fosse *príncipe... sobre Israel*. Essa frase foi a mesma empregada com relação a Saul (1 Sm 9.16; 10.1). O Senhor falou acerca de *meu povo... Israel*, todas as tribos que descendiam de Jacó/Israel, sobre as quais Ele era rei (Dt 17.19; Jz 8.23); os governantes humanos eram chamados “príncipes” (*nāgīd*) para ressaltar que eram subservientes ao verdadeiro rei de Israel.

Fui contigo... eliminei os teus inimigos: Davi havia sido “o brilhante general” aos olhos de seus contemporâneos, mas ele devia seu sucesso Àquele que, invisível, o acompanhara por toda sua vida.

9b-11. Por essa razão, Davi também tem um futuro. Um *grande... nome* é uma promessa que vislumbra bem além de sua própria existência, quando alguém maior do que Davi iria coroar com novo significado tudo aquilo que Davi representava como rei, fazendo o nome “Davi” ser conhecido no mundo inteiro. Um *lugar para o meu povo... Israel* já havia sido colocado no mapa, mas há também um vislumbre do futuro distante, que propiciaria esperança e consolo em tempos atribulados (e.g., Jr 32.37) e uma visão de segurança (*descanso*; cf. v. 1)

1. Keil e Delitzsch, p. 342.

ainda futura (Sl 89.22-24). Finalmente, num trocadilho com a palavra “casa”, a situação é completamente invertida, e o Senhor compromete-Se a construir para Davi uma *casa* com o sentido de “dinastia”.

12. A questão de um sucessor para Davi é agora abordada, pois, embora sua morte não fosse de forma alguma iminente, assim mesmo era inevitável que ele fosse “dormir com [seus] pais” (IBB, ARC), expressão que insinua comunhão no além-túmulo.

Farei levantar... o teu descendente (zar^akā, “tua semente”): o original deixa implícita não apenas uma, mas muitas gerações. Na perspectiva de Deus, a história é vista como um todo, e seu propósito é claro e certo de ser alcançado. Entretanto, a referência imediata é ao herdeiro e sucessor de Davi, alguém cujo reino o Senhor estabelecerá, da mesma maneira como estabelecera o de Davi.

13. *Este edificará uma casa ao meu nome* retorna à primeira pergunta sobre a construção do templo. A idéia do Senhor de fazer seu nome habitar no local que Ele escolherá aparece várias vezes em Deuteronômio (Dt 12.11, 12, 21; 14.23, 24; 16.2, 6, 11; 26.2). Uma interpretação do sentido desta frase é que “Deuteronômio está substituindo aquela antiga idéia imperfeita da presença e habitação de Javé no santuário por uma concepção teologicamente sublimada”.¹ O “nome” substituía a presença real de Javé. Em oposição a esse ponto de vista há evidências, provenientes de antigos textos e inscrições, de que “a expressão é uma afirmação de propriedade, o equivalente de tomar posse”.² A ampla ocorrência da idéia de “o nome” indica uma expressão idiomática bem comum e compreendida no antigo Oriente Próximo; até mesmo Deuteronômio “considera Deus presente no céu e em seu santuário”.³ Embora o sentido exato de “o nome” seja de difícil compreensão, o contexto de 2 Samuel 7 requer que Javé, o

1. Von Rad, *Studies in Deuteronomy*, p. 39.

2. R. de Vaux, *Revue Biblique* 73 (1966), p. 449, citado por G. J. Wenham em “Deuteronomy and the Central Sanctuary”, *TynB* 22 (1971), p. 113, junto com outras evidências.

3. Wenham, *ibid.*, baseado em um trabalho de Vaux. Veja, e.g., Dt 26.2, 3, onde “uma habitação para o seu nome” permite ao adorador dirigir-se ao “Senhor teu Deus”.

único que poderia mostrar a Seu servo as gerações futuras (v. 19) e que, portanto, dirigia o curso da história, também seja acessível a Seus servos na terra. O templo, à semelhança do tabernáculo, propiciaria o meio de acesso ao grande Deus que condescendera em dar Seu próprio nome a esse único ponto sobre a terra. Uma pedra de dedicação pode ter levado o nome Javé, marcando assim um sentido literal, o nome escrito que indicava propriedade (cf. Is 43.1). Mas uma teologia da transcendência podia manter seu lugar ao lado daquela da imanência divina (1 Rs 8.27). A tensão entre os dois conceitos aparentemente irreconciliáveis era, e ainda é, um elemento necessário na adoração do Deus vivo, que livra Seus servos das garras do urso e, assim, demonstra que está com eles (1 Sm 17.36; 20.13), permanecendo ao mesmo tempo o Senhor Soberano (2 Sm 7.18-22, NIV).

14-16. *Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho* revela um relacionamento privilegiado que não acontecera no caso de Saul, mas que implica disciplina: *castigá-lo-ei com varas de homens*, isto é, como um pai humano; a geração que sofreu a destruição de Jerusalém viu esse acontecimento como disciplina divina, “pela vara do furor de Deus” (Lm 3.1). Mas essa promessa possibilitou que até mesmo a mais terrível calamidade fosse aceita, porquanto indicava um propósito amoroso, *a minha misericórdia se não apartará dele* ou, conforme o poema de Lamentações, refletindo a aliança davídica, “as misericórdias do Senhor... não têm fim” (Lm 3.22). O oráculo entregue a Davi por meio de Natã termina com uma reafirmação enfática da principal tônica da promessa da aliança: *a tua casa e o teu reino... firmados para sempre;... teu trono... para sempre*, e tudo isso porque Davi expressou um desejo de honrar o Senhor. Ele recebeu muito, muito mais do que jamais poderia ter esperado dar, e qualquer decepção por ter de conceder que outra pessoa tivesse o privilégio de construir o templo foi amplamente compensada pela certeza da bênção que se estendia até a eternidade.

17. A tarefa do profeta, transmitir a mensagem do Senhor com fidelidade e exatidão, é executada por Natã, embora isso implicasse contradizer o que ele já havia dito a Davi em sua opinião pessoal. Naquela ocasião, ele não havia falado em nome do Senhor.

À luz de toda essa maravilhosa revelação sobre qual seria sua parte nos propósitos divinos, Davi só pode reagir com adoração. Sua oração é, em resumo, que tudo o que o Senhor falou se cumpra e que, por meio disso, toda a grandeza do Senhor torne-se óbvia para todos.

18. “Então entrou o rei Davi, e sentou-se perante o Senhor” (IBB), sem dúvida na tenda que ele havia armado para abrigar a arca e simbolizar a presença divina. Embora, como cristãos, não mais precisemos de uma arca, pois o Senhor é acessível em todo lugar, ainda assim a oração é apropriada e, portanto, torna-se mais fácil num local onde o povo de Deus regularmente adora. Nada poderia ser mais humilhante do que ouvir a palavra do Senhor dirigida diretamente à sua própria situação; daí a pergunta de Davi: “Quem sou eu, Senhor Jeová, e que é a minha casa...?” (IBB). “Casa”, em seus dois sentidos, é o tema recorrente na oração, e Davi começa usando a palavra com referência aos antecedentes de sua família, simples e sem renome.

19-21. No entanto, ele não apenas havia sido estabelecido como rei, mas também recebera a promessa de uma dinastia duradoura que se estenderia pelo futuro. A última frase do versículo 19 foi emendada pela IBB (“E me tens mostrado gerações futuras, ó Senhor Jeová”; cf. também BLH), mas o sentido do hebraico foi mantido pela PIB: “É esta, acaso, a norma ordinária, Senhor Deus?”, uma tradução um tanto quanto livre. Mesmo assim, tal versão encaixa-se no contexto, pois Davi, a partir de tudo o que aprendeu com a profecia de Natã, passa a concluir que a revelação é *segundo o teu coração*, isto é, de conformidade com o caráter de Deus e, desse modo, típica de Sua maneira de lidar com a humanidade. Deus não apenas faz grandes planos para Seus servos, mas graciosamente também torna conhecidos Seus propósitos.

22-24. *Portanto, grandíssimo és*, e aqui a medida da grandeza de Deus é Sua capacidade de Se referir facilmente tanto ao futuro quanto ao passado, demonstrando assim que controla a humanidade e a história humana. Ele é incomparável, estando numa categoria totalmente diferente daquela de todos os chamados deuses. Isso já ficara visível nos acontecimentos do êxodo, quando Deus foi *resgatar [Israel] para ser [seu] povo, e fazer... um nome para si*. O Egito em particular e as nações em geral tiveram diante de seus olhos uma demonstração da grandeza do Deus de Israel quando Ele removeu à

força os povos de Canaã e seus deuses para dar a terra a Israel. Nenhuma outra nação jamais experimentara algo comparável, especialmente o cenário da aliança em que tudo isso veio a acontecer. Em virtude da aliança, Davi e toda a família de Israel eram *povo* de Deus, de modo que Davi pôde orar: *Estabeleceste a teu povo Israel por teu povo para sempre, e tu, ó Senhor, te fizeste o seu Deus*. Ao recordar os acontecimentos do êxodo e o estabelecimento das tribos de Israel na terra de Canaã, Davi está declarando sua fé no Deus de seus pais e identificando seu papel dentro do propósito divino, que está em desenvolvimento como decorrência de tudo o que já acontecera. O Deus vivo unifica a história, dando sentido tanto ao passado quanto ao presente.

25-29. A expressão *agora, pois* indica um novo desdobramento, à medida que Davi faz pedidos específicos (cf. 28, 29). Até este ponto ele mencionou tudo o que o Senhor fez no passado; só depois disso sua mente volta-se para os interesses de seu próprio reino, visto em relação ao reino de Deus e, por isso, a partir de uma verdadeira perspectiva, mas ainda importante por si só. Tendo em mente o conhecimento das promessas cumpridas, é fácil ler este trecho e esquecer que, para Davi, o estabelecimento de sua dinastia continuava oculto no futuro incerto; além disso, cada aspecto, bem como o elemento “eterno” da promessa, deviam ser aceitos pela fé. Dessa maneira, Davi raciocina consigo mesmo (v. 28): i. *tu mesmo és Deus*; ii. *tuas palavras são verdade*; iii. *tens prometido*. A conclusão lógica de tudo isso é que a palavra de Deus deverá se cumprir. Como nós, porém, Davi precisava acompanhar os passos do raciocínio a fim de ter certeza de que pisava em terreno seguro; ao transformar a promessa em oração, ele tanto endossou sua aceitação da palavra de Deus quanto, mediante repetição, destacou-a para gerações futuras. Ele termina sua oração não com petição, mas com uma afirmação de que sua casa será *para sempre bendita*.

Foi assim que Davi desistiu de sua intenção de construir o templo. Embora fosse rei de Israel, ele aceitou que tinha de anuir diante de uma autoridade superior, a do Deus de Israel, a quem devia o seu chamado pelo profeta Samuel, a sua preservação em perigo mortal nas mãos de Saul e a sua ascensão ao trono por meio do consentimento

geral do povo. O fato de o rei reconhecer que devia o trono de seu reino ao Senhor Deus soberano envolvia a aceitação humilde do papel de servo, *teu servo*, conforme Davi se intitula dez vezes ao longo desta oração. Ele estava longe de ser perfeito, como se vê nas narrativas subsequentes, mas havia entendido esta verdade de suma importância sobre si mesmo; foi por atribuir um valor tão grande à sua chamada para servir o Senhor Deus que ele se mostrou sensível à repreensão e arrependeu-se quando se desviou. Por essa razão, conheceu o perdão e a restauração da comunhão, dois aspectos que fugiram a Saul porque ele jamais conseguiu tirar as mãos das rédeas do governo ou admitir prontamente que estava errado. Saul, apegando-se obstinadamente ao que considerava serem prerrogativas reais, perdeu o reino; Davi, mais interessado em honrar o Senhor do que em proteger sua própria reputação, obteve a firmeza de seu reino para sempre. Foi a essa promessa que se apegaram gerações futuras, especialmente em épocas de dificuldades, e ela fez com que a linhagem davídica fosse registrada com um cuidado bem maior do que o comum por diferentes ramificações da família. Assim, quando os evangelhos foram escritos, os evangelistas Mateus e Lucas utilizaram genealogias de Jesus que incluíam Davi, mas diferiam em objetivo e detalhes (Mt 1.5, 6, 20; Lc 3.31).

vi. O estabelecimento do império de Davi (8.1-14). Um aspecto do sucesso de Davi como governante foi nas áreas diplomática e militar, pois, quando subiu ao poder, seu reino estava ameaçado pelos povos vizinhos, que haviam se acostumado a tirar vantagem de qualquer fraqueza e invadir quando bem quisessem. Embora Saul tivesse derrotado os filisteus e os amonitas no início de seu reinado, sua caça desvairada atrás de Davi desviou o exército da tarefa de defender o reino, e sua morte nas mãos dos filisteus no monte Gilboa, bem para o norte e o leste do território deles, indica a supremacia que tinham na época. A vitória decisiva de Davi sobre esse inimigo persistente já foi registrada (2 Sm 5.17-25), e 2 Samuel 8 retoma a história no ponto onde o capítulo 5 a interrompeu.

1. *Depois disto* pode estabelecer aqui um elo apenas genérico com os relatos precedentes, em vez de ser um indicador estritamente cronológico (*cf.* 2 Sm 10.1; 15.1), mas na fonte original do autor talvez

tenha tido esta última função. Não se conhece nenhum lugar denominado “Metegue-Ama” (IBB, ARC). A palavra “metegue”, que significa “rédea”, podia indicar que Davi assumiu o controle (*cf. Davi... tomou... as rédeas da metrópole*, interpretando a frase como uma referência a Gate, como em 1 Cr 18.1); podia também ser um topônimo (*cf. “outeiro de Amá”, 2 Sm 2.24*), mas o contexto requer um lugar importante. A LXX traz “tributo”, mas parece que essa é uma conjectura que acompanha o texto do versículo 2.

2. Aos moabitas foi confiado o cuidado dos pais de Davi, que residiram em Moabe sob a proteção do rei enquanto havia perigo por parte de Saul (1 Sm 22.3, 4), e Davi era aparentado com Moabe por causa da moabita Rute (Rt 4.17). Aqui, porém, Davi trata impiedosamente seu inimigo derrotado, matando dois terços daqueles dispostos em fileiras no chão, reduzindo bastante o poder do exército moabita e subjugando Moabe como um estado vassalo. O pagamento regular de *tributo* indicava subserviência contínua. Não se sabe o que levou Davi a tratar Moabe com tanta severidade.

3. A menção de *Zobá* leva as campanhas de Davi para longe, no norte do território que até então havia pertencido a Israel. Saul tivera motivos para lutar contra Zobá (1 Sm 14.47); Davi saiu em ofensiva para atacar esse reino montanhoso ao norte de Damasco. Ele escolheu um momento quando o rei, *Hadadezer*, estava em campanha militar para recapturar o território que lhe pertencera no norte, incluindo parte do rio Eufrates, abrindo assim uma segunda frente de batalha.

4-5. A estratégia de Davi funcionou, permitindo-lhe levar cativo um número considerável de homens e cavalos. Talvez a decisão que Davi tomou de aleijar os cavalos dos carros cortando-lhes os tendões das pernas, tornando-os inúteis para a guerra, tenha sido uma atitude realista no meio de uma campanha militar. Existiam limites para o número de cavalos que ele podia manter alimentados e tratados, e num terreno montanhoso os carros tinham valor restrito. Os carros não tinham ajudado muito seus inimigos até então (*cf. Êx 15.19; Js 11.6-9; Jz 4.15, 16*); daí a cautela de Davi com relação ao avançado veículo militar, embora tenha ficado com cem deles. Quando os sírios de Damasco saíram para ajudar Hadadezer, Davi podia ter ficado preso

entre os dois exércitos, mas ele possuía uma capacidade de comando tão grande que seu exército venceu o inimigo e matou muitos homens.

6-8. *Davi pôs guarnições na Síria de Damasco:* a conquista de um território tão distante de Jerusalém fez surgir a questão do melhor meio de manter a população sob controle. As guarnições forneciam apoio armado aos governadores locais colocados por Davi, reforçando assim sua autoridade, mesmo que Hadadezer tenha permanecido em seu trono como vassalo, como parece provável.

E o Senhor dava vitórias a Davi por onde quer que ia: a expansão da influência de Israel impressionou os contemporâneos de Davi como algo no mínimo milagroso, mesmo levando em conta seus grandes dotes de líder e estrategista. O espólio dessas guerras também foi notável: *escudos de ouro*, que tinham pertencido a oficiais sírios, constituíram o início de uma coleção que seria muito aumentada por Salomão (1 Rs 10.17) e reduzida por Sisaque, rei do Egito, durante o reinado de Roboão (1 Rs 14.26; mas cf. 2 Rs 11.10).¹ Entretanto, na época de Davi, uma coleção dessas seria uma nova fonte de orgulho e prestígio, e o rei, de modo característico, consagrou para a casa do Senhor os despojos que havia tomado (2 Rs 11.10). Dos dois lugares de onde se tomou *mui grande quantidade de bronze* para ser acrescentada ao tesouro, só *Berotai* está suficientemente identificada para ser assinalada no mapa. Acredita-se que seja a moderna Bereitan, situada cerca de 11 quilômetros ao sul de Baalbek.² (1 Crônicas 18.8 traz Cum, talvez um nome posterior do mesmo local.)

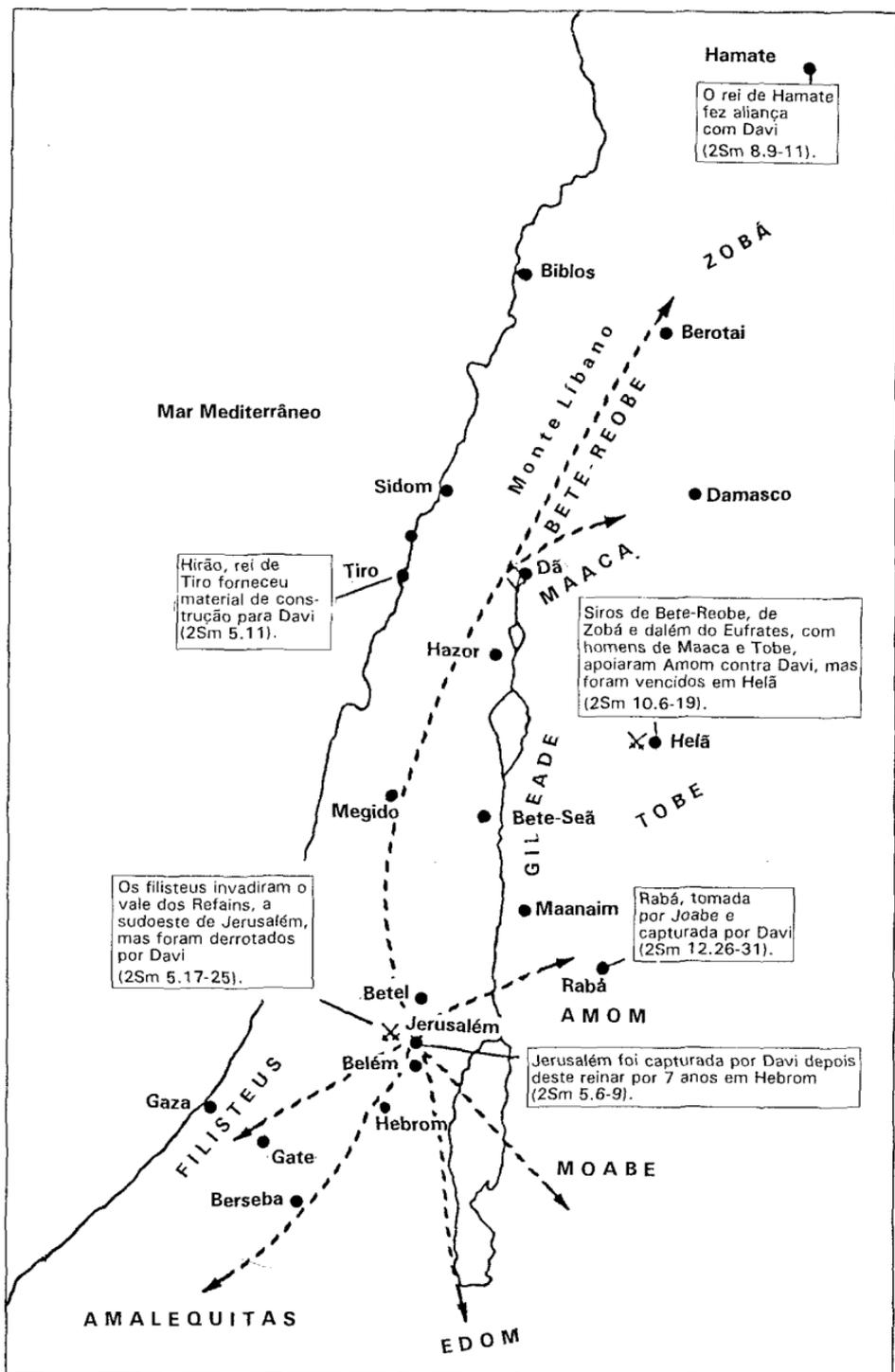
1. Yadin, *The Art of Warfare*, p. 360, traz a fotografia de uma peça em basalto encontrada no noroeste da Mesopotâmia e na qual há o desenho de um cavaleiro carregando nas costas um escudo redondo com uma saliência. Pertence ao décimo século a.C., aproximadamente a época de Davi, e veio da região onde Davi estava combatendo. Parece provável que o escudo fosse feito de madeira ou couro, endurecido com metal, nesse caso com uma saliência de metal. Os “escudos de ouro” talvez fossem parecidos com aquele desenhado e o ouro da saliência os tornaria especialmente desejáveis. O hebraico *šelet*, traduzido como “escudos” na ARA (também ARC, IBB, BJ, BLH), é “placas” na PIB; a NEB traduz por “aljavas”; BDB sugere “armas”, “equipamento”, mas “escudos” faz sentido nos contextos onde ocorre a palavra (2 Rs 11.10; Ct 4.4; Ez 27.11).

2. IDB I, p. 386.

9-12. Como consequência de sua vitória sobre Zobá, o prestígio de Davi aumentou a tal ponto que o *rei de Hamate*, junto ao rio Orontes, mais de 160 quilômetros ao norte de Damasco, tomou a precaução de se antecipar a algum ataque contra seu território, enviando seu filho como embaixador até Davi. O rei *Toí*, ou Toú (1 Cr 18.9), forma em geral preferida, ao apresentar voluntariamente tributo, estava empenhando seu apoio ao rei israelita recém-vitorioso. Dessa maneira, ainda mais riquezas foram acrescidas ao tesouro, e, enquanto trata do assunto, o escritor refere-se a inimigos mais próximos a quem Davi havia forçado a pagar tributo. Por ora eles são apenas alistados; a referência a Hadadezer (*cf.* v. 3) é como um parêntese literário em torno desses versículos, indicando que formam uma unidade e, outrora, fizeram parte de um relato independente.

13-14. A maioria dos textos hebraicos traz *siros* onde os textos da IBB, BJ, BLH e PIB, seguindo a LXX, Síriaca e alguns MSS hebraicos trazem “edomitas” (*cf.* 1 Cr 18.12). O *Vale do Sal*, ao sul do mar Morto, certamente subentende Edom e não a Síria (as palavras hebraicas Arã [isto é, Síria] e Edom eram facilmente confundidas). O grande número de edomitas mortos indica uma tentativa de invadir Israel a partir do sul e, desse modo, preservar o monopólio de rotas comerciais através do deserto, que iam até o porto de Eziom-Geber.¹ Nessa ocasião, foram afetados por pesadas baixas, sendo forçados a se submeter. Davi pôs guarnições em Edom, em todo o Edom... e todos os edomitas ficaram por servos de Davi, estabelecendo ali seu monopólio comercial e abrindo rotas para a comunicação com a Arábia e a África, as quais teriam um desenvolvimento significativo durante o reinado de Salomão (*cf.* 1 Rs 9.26-28)

1. I. Finkelstein, “The Iron Age Sites in the Negev Highlands — Military Fortresses or Nomads Settling Down?”, *BAR* 12/4 (1986), p. 53, assinala: “Os reis de Israel não tinham necessidade alguma de subjugar militarmente os moradores do deserto. O colapso do comércio no Negueve, que era seu principal sustentáculo econômico, provocou a ruína da infra-estrutura especial que tornava possível sua fixação no local”.



As guerras durante o reinado de Davi

E o Senhor dava vitórias a Davi por onde quer que ia: a repetição do versículo 6c conclui uma parte que, na história atual de um reinado, teria recebido bem mais espaço, pois é comum considerar as vitórias militares de um líder como suas principais realizações. Essas operações militares também devem ter consumido bastante tempo, ocupando boa parte dos melhores anos de Davi e exibindo seu talento como líder militar. Contudo, o escritor bíblico, longe de estimular o culto dos heróis, atribui o sucesso de Davi ao Senhor, que o chamou e o capacitou a sair-se bem, e enfatiza outros aspectos do caráter de Davi nos capítulos seguintes.

vii. Davi delega responsabilidades (8.15-18). A expansão do império de Davi exigiu uma organização adequada e uma equipe eficiente no núcleo do reino, em Jerusalém; por isso, este resumo, provavelmente extraído de arquivos oficiais, é oportuno aqui.

15. Reinou... Davi sobre todo o Israel: à luz de tudo o que acabou de ser registrado, sentimos a necessidade de acrescentar “e além”, mas essa discrepância é uma das indicações de que tais versículos constituem uma citação. Davi não apenas era rei, mas também tinha o poder judiciário em suas próprias mãos. Ele era a última instância de apelação, de modo que garantiu que “a justiça (*mišpāt*) e a equidade (*šēdāqā*)” (IBB) estivessem ao alcance de *todo o seu povo*, sem preconceito nem discriminação. O modelo para o juiz era a bondade e a confiabilidade do próprio Deus (cf. Dt 32.4; Sl 37.27-29) e pressupunha piedade naquele que ministrava a justiça. Durante a época de Samuel, e antes dela, a liderança na terra estava nas mãos de “juizes” (*šōpētim*, cognato de *mišpāt*) e, portanto, era de esperar que Davi assumisse o cargo de juiz supremo, que o próprio Samuel havia ocupado, com suas nuanças de libertador e “salvador” (cf. Jz 2.16). Nessa área seu filho Absalão iria questionar sua capacidade (2 Sm 15.1-6) e se levantar como rival.

16-18. Joabe, filho de Zeruia, sobrinho de Davi (1 Cr 2.16), tendo matado Abner (2 Sm 3.27), que podia ter sido um concorrente ao posto, tornou-se o general-comandante do exército, embora os “quereus e peleteus” (IBB, ARC, BJ, PIB, BLH), soldados mercenários incumbidos da guarda pessoal do rei, estivessem sob o comando em

separado de *Benaia, filho de Joiada*, um soldado valente (2 Sm 23.20-23). Ao empregar soldados estrangeiros para garantir a segurança do rei, Davi minimizava a possibilidade de se tornar vítima de rivalidades entre as tribos; esses homens oriundos de Creta podiam lhe prestar lealdade irrestrita (cf. 2 Sm 15.18; 20.7).¹

O *cronista (mazkir)*, palavra derivada do verbo hebraico “lembrar”, tinha um papel importantíssimo na corte, com as responsabilidades de manter o rei informado, de aconselhá-lo e de comunicar as ordens do soberano.² Curiosamente, o Senhor também é descrito, à semelhança do rei humano, como tendo “cronistas”, embora a palavra seja traduzida pela expressão “vós os que fareis lembrado o Senhor”; sua responsabilidade era continuar lembrando-O das intenções que manifestara até que elas se cumprissem (Is 62.6). Esse aspecto da oração é facilmente ignorado, embora esteja implícito na oração do Senhor: “... venha o teu reino, faça-se a tua vontade...”.

Dois sacerdotes principais foram nomeados para trabalhar lado a lado (cf. Zc 4.14): *Aimeleque*, cujo pai era Abiatar e que mais tarde é ele próprio chamado de Abiatar, tinha estado com Davi desde que escapara da morte nas mãos de Saul (1 Sm 22.20), de forma que sua nomeação não causou nenhuma surpresa; *Zadoque, filho de Aitube*, porém, responsável pela arca (2 Sm 15.24-29), aparece aqui pela primeira vez. Sua genealogia em 1 Crônicas 6.50-53 remonta a Arão por intermédio de Eleazar e inclui o nome de seu pai, Aitube, como em nosso texto. Mas o avô de Aimeleque também se chamava Aitube (1 Sm 22.20), e desde 1871, quando J. Wellhausen levantou a questão da genealogia de Zadoque apresentada neste versículo, têm sido apresentadas várias outras maneiras de explicar a origem desse sacerdote.³ Há

1. A provável origem dos patronímicos “quereteus” e “peleteus” pode ser encontrada em *IBD* 1, verbete “Cherethites”: “... a distinção entre eles era que, embora ambos os grupos tivessem vindo de Creta, os quereteus eram cretenses nativos, ao passo que os peleteus haviam apenas passado pela ilha em suas viagens, sendo originários de alguma outra região” (p. 263-264).

2. Bright, p. 201, refere-se ao *mazkir* como o arauto real (cf. BJ).

3. Não há, claro, razão alguma para não terem existido dois homens com o mesmo nome, e F. M. Cross, *Canaanite Myth and Hebrew Epic*, p. 195-215, expôs

grande importância na genealogia de Zadoque, porque, depois que Abiatar apoiou Adonias e foi banido para Anatote (1 Rs 2.26, 27), Zadoque tornou-se o sacerdote principal de Salomão e o primeiro de uma linhagem que controlou a adoração no templo até o exílio e depois dele.

O “secretário” (BJ) do rei, cuja função obviamente era muito relevante, é citado nominalmente aqui; por fim, descrevem-se os filhos de Davi como “sacerdotes” (IBB, PIB, BLH, BJ; *kōhⁿnîm*), designação que o cronista não emprega; antes, ele diz que “os filhos de Davi tinham as mais altas posições no seu serviço” (BLH; 1 Cr 18.17). Tem-se sugerido que, em certos contextos, *kōhēn* talvez tenha um sentido mais amplo do que “sacerdote”. A NIV, por exemplo, traz “os filhos de Davi eram conselheiros reais”, e a BJ, embora mantendo “sacerdotes” no texto, explica na margem que o provável sentido seria que os filhos de Davi eram “sem dúvida assistentes ou substitutos do pai nas funções sacerdotais legitimamente exercidas pelo rei (cf. 6.13-20)”. Em apoio a isso, deve-se lembrar que Moisés havia desempenhado funções sacerdotais (e.g., Êx 19.22, 24), como também Samuel (1 Sm 10.8); Saul fora censurado por ir além das instruções expressas de Samuel (1 Sm 13.8-14), e seu erro é geralmente interpretado como uma intromissão no papel sacerdotal. Davi e Salomão, porém, sem dúvida possuíam uma dimensão cúltica em seu conceito de monarquia e não foram repreendidos por exercer um papel de liderança nos sacrifícios e na adoração. John Mauchline comenta que “tal serviço feito por leigos era comum nessa época, embora, pelo menos em alguns casos, o serviço de um sacerdote regular fosse considerado preferível”.¹ É possível que ele esteja certo. A divisão de papéis, conforme funcio-

argumentos afirmando que Zadoque realmente era descendente de Arão. Ele resume: “A escolha incomum, feita por Davi, de dois sacerdotes principais, à semelhança de muitas de suas decisões relacionadas com o novo santuário central de Israel em Jerusalém, baseou-se em fatores diplomáticos relevantes; ele escolheu um sacerdote de cada uma das grandes famílias sacerdotais rivais: Abiatar, da casa sionita de Eli, que alegava descender de Moisés, e Zadoque, do clã hebronita, que remontava sua linhagem a Arão” (p. 215). Para um resumo das várias hipóteses, veja *IDBS*, p. 976.

1. Mauchline, p. 238. Ele se refere a Juízes 17.5, 13; 1 Samuel 10.8; 13.8-15.

naria na prática, ainda estava se processando, embora já se tivessem estabelecido diretrizes.

viii. Davi honra um possível rival (9.1-13). Depois de tudo o que havia sofrido nas mãos de Saul, teria sido compreensível se Davi tivesse, por conveniência, se esquecido da promessa feita a Jônatas (1 Sm 20.14, 15, 16, 42), especialmente em vista do fato de que Jônatas havia tomado a iniciativa do acordo entre ambos. Mas um dos pontos fortes de Davi era que ele não se esquecia daquilo que havia assumido, ainda que muitos anos tivessem passado desde que a aliança fora feita. O capítulo dá uma indicação da passagem do tempo: Mefibosete, que agora tem um filho pequeno (v. 12), tinha cinco anos de idade quando seu pai morreu (2 Sm 4.4). Davi testemunhou a derrota de seus inimigos, a consolidação de seu trono e o estabelecimento de seu império. Portanto, estava em condições de cumprir as obrigações assumidas de demonstrar lealdade aos descendentes de Jônatas.

1. *Resta ainda, porventura, alguém da casa de Saul...?* Davi lança a rede mais longe do que suas promessas exigiam, estendendo sua generosidade a qualquer filho ou neto de Saul que tivesse sobrevivido, embora seja clara sua motivação: ele não é indulgente nem fraco, mas quer mostrar *bondade (hesed)* por amor de Jônatas, pois recordava-se de quão grande era sua dívida para com Jônatas. Os membros da casa real anterior tinham praticamente desaparecido; daí Davi precisar de informações.

2-5. Uma pessoa que pode dar a informação necessária é um homem chamado *Ziba*, que havia servido no palácio de Saul e agora se intitula *servo* de Davi. Ele era de certas posses, tendo 20 servos particulares (v. 10). A única pessoa que ele menciona como descendente de Saul, a quem Davi poderia mostrar a *bondade de Deus* (cf. Ef 4.32), vem a ser o filho de Jônatas, aleijado devido a uma queda (2 Sm 4.4), embora mais tarde se descubra que havia outros que poderiam ter tido algum direito (2 Sm 21.8). Mefibosete, chamado Meribe-Baal em 1 Crônicas 8.34 e 9.40 (a palavra “baal” é evitada em Samuel por causa de suas associações idólatras), estivera vivendo em relativa obscuridade em *Lo-Debar*, localidade geralmente identificada com Debir, no território de Gade (Js 13.26), a leste do Jordão, mas próxima da margem

sul do mar de Quinerete (Js 13.27). Amós referiu-se a ela de modo depreciativo (Am 6.13). *Maquir, filho de Amiel*, que havia dado um lar para o príncipe da casa deposta de Saul, voltaria a aparecer num papel hospitaleiro quando Davi estivesse em necessidade (2 Sm 17.27)

6-8. Apesar da amizade íntima entre seu pai e Davi, Mefibosete provavelmente nunca estivera na corte do rei, e não é de surpreender que ele sentisse ao mesmo tempo medo e ressentimento diante da convocação; daí as palavras de ânimo que Davi lhe dirigiu: *Não temas, porque... te restituirei todas as terras de Saul*. As propriedades do regime anterior devem ter passado para as mãos de Davi, e devolver aqueles bens para um membro da família de seu antecessor era correr o risco de estimular idéias de usurpação do trono. O que tinha o propósito de ser um gesto de generosidade, sem nenhuma motivação oculta, poderia assim ter o efeito oposto (cf. 2 Sm 16.3).¹

Mefibosete, que aparentemente havia dependido da hospitalidade de um indivíduo generoso, de repente tornou-se um homem rico, dono de propriedades que geravam riqueza (cf. 1 Cr 27.25-31, onde estão relacionadas as propriedades de Davi; as de Saul talvez não fossem tantas, mas assim mesmo seu número não era pequeno). *Tu comerás pão sempre à minha mesa* garantia não apenas uma posição de honra na corte, mas também acesso àqueles que estavam conduzindo os negócios públicos. Agora ele podia estar “em evidência”. Sua referência a si próprio como *um cão morto* é desnecessariamente depreciativa, e reflete o que hoje chamaríamos de uma auto-imagem mórbida, talvez provocada por sua deficiência física.

9-10. Fora fácil outorgar propriedades a Mefibosete, mas elas precisavam ser administradas; daí o envolvimento de Ziba como mordomo-chefe, um homem de boa posição que perceberia o que era necessário. “Para que o filho de teu senhor tenha pão para comer” (IBB)

1. Parece-me injustificada a sugestão de que Davi agiu movido por uma “prudência calculista”, tendo como objetivo manter sob estreita vigilância as pessoas que lhe pudessem ser uma ameaça em potencial (Mauchline, p. 241), parece-me injustificada. Em minha opinião, teria sido mais prudente não fazer nada, mas Davi não tinha medo de assumir riscos e esforçou-se por demonstrar uma generosidade fora do comum.

é uma atenuação dos fatos: ele terá outras fontes de lucro. Os *quinze filhos e vinte servos* de Ziba asseguram que haverá pessoas com o treinamento e a habilidade necessários para administrar com eficiência os imóveis.

11-13. Ziba assumiu a responsabilidade conforme lhe foi solicitado, e Mefibosete morava na corte como um dos príncipes reais, para quem tal situação pode ter se revelado incômoda. Com uma simples repetição, o relato enfatiza a deficiência física de Mefibosete, seu lugar à mesa do rei e os servos de que precisava. A bondade de Davi tinha seu custo, tanto para os outros como para si mesmo. Havia ainda outro fator relevante: Mefibosete tinha *um filho pequeno, cujo nome era Mica*. Na verdade, não se ouve falar novamente do menino, mas à época ele podia ter dado a impressão de ser uma possível ameaça ao trono de Davi, especialmente se Mefibosete estava acalentando idéias de reafirmar os direitos da casa de Saul, conforme Ziba relatou (2 Sm 16.3). A bondade de Deus (v. 3), com base na qual Davi modelou a sua própria piedade, não era limitada, mas, como um ato espontâneo da graça, era livremente oferecida àqueles que não a mereciam. Jônatas tinha prestado uma ajuda graciosa a Davi quando este foi expulso da mesa do rei, e agora Davi podia retribuir com bondade ao dar segurança e honra ao filho de Jônatas. “Desse modo, o amor entre Davi e Jônatas atinge uma nova estatura.”¹

c. A crise pessoal de Davi (10.1-12.31)

i. Guerra com Amom (10.1-19). A diplomacia bem-intencionada de Davi junto ao novo rei de Amom deu início a nova série de acontecimentos, os quais lhe foram desfavoráveis e devem ter suscitado a questão de ser prudente ou não “demonstrar bondade”. Esse tema propicia uma ligação óbvia com os acontecimentos de 2 Samuel 9, incluindo o uso da qualidade característica de bondade (*hesed*).

1. Fokkelman 1981, p. 30. Essas palavras concluem uma análise do capítulo e de seu paralelo com 1 Samuel 20. “Davi, outrora fugitivo, agora rei, espelha e ao mesmo tempo inverte essa situação”.

Os amonitas entraram na história no início do reinado de Saul, quando fizeram ameaças cruéis à cidade de Jabes-Gileade (1 Sm 11), mas Davi conseguira estabelecer boas relações com seu rei Naás e pretendia fazer tudo o que pudesse para manter a aliança. A capital de Amom, Rabá dos amonitas (2 Sm 12.26), é a atual Amã, capital da Jordânia.

Já se observou o fato de que 2 Samuel não traz nenhum detalhe sobre as brilhantes conquistas de Davi, nem é explorada sua capacidade como perito em táticas militares. Pergunta-se, portanto, por que se deveria destacar esse feito em particular, que pertence ao período do sucesso de Davi, se ele poderia desfrutar suas conquistas e descansar um pouco depois da longa e cansativa campanha.

1-2. Uma troca de soberano ainda é ocasião para visitas diplomáticas, e Davi não estava agindo de forma incomum ao enviar seus embaixadores para prestarem condolências e afirmar que a boa vontade de Davi permanecia inalterada. A expressão *usarei de bondade* (*hesed*) é a mesma encontrada em 2 Samuel 9.1, 3; nos dois casos, há uma aliança subentendida nas palavras. De Jerusalém a Amã, a viagem era de aproximadamente 80 quilômetros.

3-5. Em reação às suspeitas levantadas por seus conselheiros, Hanum alterou a política de seu pai e, insultando os embaixadores de Davi, declarou sua independência em relação ao reino de Israel. A acusação de espionagem já era um stratagema bem antigo (Gn 42.9), mas foi um bom pretexto para humilhar os ministros de Davi, mandando-os embora com metade da barba e seminus. O insulto era praticamente uma declaração de guerra; a provocação desse gesto exigia uma resposta à altura.

6-8. Os amonitas, esperando represálias, prepararam-se para a guerra e contrataram mercenários entre os “sírios” (IBB, BLH), isto é, o mesmo povo que, segundo se relata, Davi derrotara (2 Sm 8.3-12). Provavelmente, o resumo de suas vitórias considera várias incursões e seu resultado final, caso em que os acontecimentos deste capítulo pertenceriam a uma época anterior nas relações entre Israel e Síria/Arã, embora contribuísse para a derradeira vitória de Davi. *Zobá* era um importante reino no sul da Síria governado pela casa de Reobe (2 Sm 8.3), palavra que presumivelmente se origina do topônimo *Bete-Reobe*,

chamado apenas *Reobe* no versículo 8. *Maaca* e *Tobe* eram vizinhos mais próximos de Amom, na Transjordânia.¹ As forças reunidas provenientes desses países representavam um exército terrível para atacar pelo flanco, enquanto os amonitas estavam em posição frontal, defendendo sua cidade, provavelmente Rabá.

9-12. Joabe é visto aqui favoravelmente em seu papel de comandante do exército de Israel. Ele não entrou em pânico diante da tremenda desigualdade, mas dispôs estrategicamente suas forças, de modo que possibilitasse um pouco de flexibilidade à medida que o combate avançava. Além disso, ele assumiu a tarefa mais difícil, comandando a pequena força especial contra os arameus, enquanto permitia que seu irmão *Abisai* lutasse contra os amonitas, e eles concordaram que cada um reforçaria o exército do outro em caso de necessidade. Finalmente, Joabe revelou-se um homem de fé, lutando *pelas cidades de nosso Deus* e orando não expressamente pela vitória, mas para que o Senhor realizasse Sua vontade. “Joabe irá utilizar ao máximo suas forças e sua capacidade estratégica, mas, pelo fato de crer, permanece ao mesmo tempo consciente de que a decisão repousa nas mãos de Deus, e está aberto a isso.”² É um tanto quanto surpreendente encontrar o duro Joabe demonstrando fé dessa maneira; agora nós o conhecemos um pouco melhor e o vemos como um general de grande valor para o exército de Davi.

13-14. Joabe conseguiu derrotar os arameus, e os amonitas, semelhantemente, abandonaram a luta. Por enquanto, o combate havia se encerrado.

15-19. A federação de estados arameus era demasiadamente forte para aceitar a derrota como decisiva; assim, tendo o reforço de aliados *da outra banda do rio*, isto é, do Eufrates (BLH), o comandante do exército de Hadadezer, *Soboque*, fez suas forças marcharem para *Helã*,

1. Damasco e seu reino circunvizinho da Síria (conhecido antes de cerca de 1000 a.C. como Arã), entre Zobá e Maaca, “era um dos distritos arameus da confederação liderada por Arã-Zobá, enquanto o reino de Maaca e a terra de Tobe... até então não eram araméias” (B. Mazar, “The Aramean Empire and its relations with Israel”, em D. N. Freedman e E. F. Campbell, Jr., *The Biblical Archaeologist Reader 2* [Garden City, NY: Doubleday, 1964], p. 131).

2. Fokkelman 1981, p. 48.

provavelmente a atual ‘Alma, cerca de 56 quilômetros a leste do mar da Galiléia.¹ O resultado dessa batalha foi tão significativo que Davi comandou pessoalmente o exército, com uma vitória retumbante contra os carros e a cavalaria inimigos, a ponto de ferir mortalmente seu comandante. Não apenas os arameus, mas também todos os seus aliados sujeitaram-se a Davi. Isso significava que as tribos israelitas consolidadas tinham subjogado os poderosos estados arameus a leste e ao norte, garantindo o controle das principais rotas comerciais que ligavam o Egito e a Arábia com a Síria e outras regiões. Como resultado, Israel obteve domínio político e vantagens econômicas, ao mesmo tempo em que privava Amom de aliados militares. Os amonitas, que haviam ficado observando os desdobramentos à distância, tiveram oportunidade de recuperar seu poder.

ii. O adultério de Davi (11.1-27). 1. Durante o clima impiedoso dos meses de inverno, as hostilidades geralmente cessavam, sendo retomadas “na primavera seguinte” (BLH), quando as viagens tornavam-se suportáveis. Talvez Davi tivesse enviado seus emissários para transmitir suas condolências a Hanum.² Joabe liderou o total das forças israelitas contra Rabá, tendo derrotado os amonitas no campo. *Porém Davi ficou em Jerusalém é a circunstância primordial, antecipando o que segue, incluindo o resultado final da guerra (2 Sm 12.26-31).* Enquanto outros se destacavam e arriscavam suas vidas, ele estava “matando o tempo”, agindo como um dos reis das nações vizinhas e exercendo uma espécie de *droit du seigneur*.³

-
1. O nome “Helã” possivelmente ocorre numa inscrição egípcia de cerca de 1800 a.C., reproduzida em *IBD* 2, p. 633, mas não se conhece nenhuma outra menção desse nome.
 2. Fokkelman 1981, p. 50-51, destaca que, retirando-se um *‘āleḇ* do TM, geralmente tem-se lido aqui a palavra “reis”, ao passo que, mantendo-se o texto consonantal e lendo-se “mensageiros”, a passagem faz melhor sentido: “E aconteceu com a vinda (lit., ‘volta’) do ano novo, ao (mesmo) tempo em que os enviados (isto é, diplomatas, conselheiros) tinham partido, que Davi enviou Joabe etc.” (p. 50).
 3. O pretensão direito do senhor feudal de ter relações sexuais com a noiva de um vassalo na noite de núpcias desta.

Esse incidente está intimamente ligado ao relato da guerra amonita. No passado, costumava-se dizer que o autor inseriu com muita habilidade o caso de Bate-Seba nos relatos da guerra amonita; contudo, mais recentemente, uma abordagem literária do texto estimulou uma reavaliação das pressuposições quanto à história do texto. É verdade que o incidente envolvendo Bate-Seba é omitido totalmente do relato paralelo de Crônicas, mas uma omissão ali não é prova de um acréscimo aqui. De fato, longe de ser um acréscimo, poderia até ser o motivo da inclusão dessas guerras específicas e da narração com tantos detalhes. O escritor bíblico está interessado no caráter do homem que Deus escolheu para dar origem à dinastia em Jerusalém e com a maneira como Deus lidou com ele, mais do que com suas esplêndidas conquistas militares ou com sua riqueza.

2-4. O relato do que aconteceu é breve e objetivo. O rei faz sua sesta da tarde, seguida de uma “caminhada” pelo *terraço*, o que necessariamente requer andar de um lado para o outro, sem ir a lugar nenhum, um sentido transmitido pela forma verbal do hebraico.¹ A partir desse ponto de observação, localizado acima das residências de seus cidadãos (observe a dupla menção do terraço; IBB, ARC, BJ), o rei tem controle de tudo o que contempla. Nessa ocasião, ele vê uma mulher, e ela é *mui formosa*; o hebraico acrescenta uma expressão idiomática: “de se ver”. O vislumbre transforma-se em olhar fixo. Algumas indagações identificam sua família e seu marido. Ignorando o fato de que ela é mulher de um elemento que serve em suas tropas, e consciente apenas de seu próprio desejo (que ele ainda não identifica como concupiscência), Davi despreza os sentimentos pessoais dela e manda mensageiros para apanhá-la. A pura verdade é apresentada, incluindo o detalhe de que ela não estava grávida quando foi até Davi. De fato, ela havia *se purificado* quando ele a tomou: “Defronte do homem que está obcecado por uma paixão cega está Bate-Seba, e, como contraste, sua pureza recebe significado simbólico”.²

1. O *hithpa'el*, em que um dos sentidos é o de expressar uma ação feita por vontade própria, por interesse próprio (E. Kautzsch, *Gesenius' Hebrew Grammar* [Oxford University Press, TI, 2^a1910], seção 54, 3c, p. 150).

2. Fokkelman 1981, p. 52-53. Esta narrativa está repleta de insinuações sutis que o enfoque de Fokkelman destaca, do qual faço uso nesta seção.

5. *A mulher concebeu*: segundo o ponto de vista do narrador, que tem em mente Davi o tempo todo, Bate-Seba não é citada pelo nome. Para Davi, ela fora apenas “a mulher”, em vez de uma pessoa; além disso, não se menciona em momento algum a agonia da incerteza que ela passou, principalmente porque estava envolvido um filho do rei. Agora, era a vez de Davi ficar perturbado.

6-8. Para Davi, uma dissimulação parece ser o caminho óbvio, de modo que ele manda chamar *Urias, o heteu*; o leitor observa que ele não é membro da comunidade da aliança de Israel. Que espécie de pessoa irá se revelar? Ele é recebido na corte, perguntam-lhe sobre o bem-estar (*šālôm*) de Joabe e a respeito do exército e da guerra; contudo, como observa Fokkelman, “a resposta de Urias não é incluída na narrativa — uma omissão importante, simbolizando que Davi simplesmente o deixa falar, sem prestar nenhuma atenção ao relato que ele apresenta”.¹ Como contraste, o narrador emprega o discurso direto para aquilo que realmente interessa a Davi (v. 8). Um presente real destina-se a incentivar Urias a se considerar especialmente favorecido e, então, descontrair-se e aproveitar a oportunidade para ir para casa e ficar com a esposa.

9-11. *Porém Urias se deitou à porta da casa real... e não desceu para sua casa*, decidindo, em lugar disso, permanecer *com todos os servos do seu senhor*. Por três vezes destaca-se que Urias não foi para casa, pois, a despeito do que o rei dissera, ele sabia qual era seu dever, o qual não incluía licença. Davi esperava que Urias demonstrasse ser como ele; ao contrário, porém, ele se revelou um homem de integridade, cuja lealdade era antes de mais nada para com os interesses do rei e não para com sua própria satisfação. Arriscando-se a levantar suspeita em Urias, Davi pergunta por que ele não tinha ido para casa, e ele responde: *A arca, Israel e Judá ficam em tendas...* Surpreendentemente, antes de qualquer outra coisa, esse heteu menciona o símbolo da aliança como tendo influenciado seu comportamento. Ele também tem consciência de sua solidariedade com os soldados na frente de batalha, sobre os quais não deseja levar vantagem. Essas duas consi-

1. Fokkelman 1981, p. 53.

derações aplicavam-se ainda mais ao rei, que tinha a responsabilidade final pela guerra e dera tanta ênfase à lealdade da aliança; agora, porém, um estrangeiro está lhe mostrando que ele é de uma negligência desprezível.

12-13. Davi permanece demasiadamente ocupado com seu problema para se preocupar com as questões morais. Ele tem mais um estratagema em mente: irá divertir Urias, e existe uma boa chance de que, quando Urias tiver se banquetado e bebido à mesa do rei, seu firme propósito enfraqueça e ele vá para casa ter relações com sua mulher. Mas não; outra vez ele passa a noite *com os servos de seu senhor*, ainda fiel a seu soberano (*ʿādôn*) e a seu sublime propósito. O preço de tal lealdade demonstrará ser muito alto: ele insiste no que é certo e perde a vida.

14-17. *Davi escreveu uma carta a Joabe* e fez Urias levar sua própria sentença de morte. Tudo era parte da tentativa de Davi de se proteger da revelação da verdade; no entanto, ironicamente, o incidente tornou-se um dos mais conhecidos nas Escrituras. Cita-se apenas a informação essencial da carta: Davi passa para as mãos de Joabe o assassinato de um homem inocente. Isso coloca Joabe na posição nada invejável de conflito entre a lealdade ao rei e a lealdade à sua própria consciência. Mesmo sua competência profissional como general é colocada em risco pela necessidade de ir contra seu próprio julgamento devido ao que o rei ordena. No incidente, houve considerável perda de vidas, incluindo *alguns do povo, dos servos de Davi*, e Urias.

18-21. O *mensageiro* enviado até o rei leva um registro oral do combate, e o cumprimento de sua tarefa é registrado nos versículos 22-24, mas “as preocupações de Joabe acerca do relato (vv. 19-21) recebem muito mais atenção, chegando até a ocupar lugar central”.¹ Fundamental para seu argumento era algo que o mensageiro não precisava dizer, mas que Joabe considerava de grande importância: *Quem feriu a Abimeleque, filho de Jerubesete?* A referência é a Juízes 9.50-57, segundo o qual, no cerco de Tebes, Abimeleque chegou tão perto

1. Fokkelman 1981, p. 61, onde uma apresentação em forma de diagrama dos versículos de 14 a 25 mostra o hábil emprego de uma estrutura quiástica, um padrão concêntrico.

do muro que uma mulher pôde matá-lo atirando uma pedra superior de moinho sobre ele. Joabe, o comandante militar, sabia muito bem que não devia se aproximar do muro, mas teve de fazê-lo para atender à ordem do rei; agora, o rei devia levar a culpa. O fato de que uma mulher estava envolvida é sutilmente insinuado por Joabe, que havia tirado suas próprias conclusões sobre as atividades de Davi em Jerusalém. Ele não se enganou.

As notícias [de] ... tudo o que se dera na batalha, que seriam da maior importância para Davi, são concluídas com o único nome que realmente lhe interessa: Urias, o heteu.

22-24. O mensageiro relatou *tudo o que Joabe lhe havia mandado dizer*, o que não havia sido incluído nos versículos 19-21. Ali estava a informação que tinha assustado Joabe enquanto ele se debatia com tudo o que lhe fora exigido: a derrota que se avizinhava e, então, o avanço em direção à porta, que significava mais perigo, por causa dos soldados inimigos em cima do muro, que provocaram as baixas. Joabe ficou tão preocupado com todo esse desnecessário derramamento de sangue que a morte de Urias chegou a ocupar o segundo lugar em seu pensamento; contudo, por ter sido imposta pelo rei, na prática Joabe culpa Davi pelas pesadas baixas ao dar seu relatório da morte. Joabe está descontente com todo esse fato.

25. Em sua resposta, Davi deixa de registrar qualquer indignação que Joabe esperava da parte do rei. Antes, sem maiores dificuldades, aceita as baixas como parte do preço de uma guerra, recusando-se a prestar atenção à inferência de que havia dado início à situação devido às suas ordens quanto a Urias. “Davi coloca-se diante de Joabe como um superior manso e compreensivo. Contudo, [em 14, 15] já fomos informados sobre o homem existente por trás da máscara e, por isso, o versículo 25 soa ainda mais cínico e cruel.”¹ Ao dizer a Joabe *não pareça isto mal aos teus olhos* (“Não te preocupes com isso”, IBB; “Não te aborreças por tal fato”, PIB), Davi está ao mesmo tempo falando para si e aplacando sua própria consciência.

1. Fokkelman 1981, p. 63.

Intensifica a tua peleja contra a cidade: Davi espera uma vitória completa sobre Rabá e, condescendente, dá ordens ao mensageiro: *anima* (lit., “fortalece”) a Joabe.

26-27. *A mulher de Urias:* ela é mencionada não pelo nome, mas por sua condição nesta passagem. Assim, o escritor distancia-se do novo caso e presta tributo a *Urias... seu marido, que era morto*. Em momento algum se permite que o leitor conclua que a morte de Urias foi considerada com indiferença. Terminado o período de luto, Davi mandou buscá-la, como fizera anteriormente (2 Sm 11.4), e trazê-la *para o palácio*, mas desta vez *tornou-se ela sua mulher*. O filho deles nasceu; o tempo passou e, pelo menos aparentemente, tudo seguia como antes. Os ministros próximos do rei sabiam da injustiça cometida e, mesmo assim, aparentemente não houve nenhuma punição, embora não por muito tempo, porque *isto que Davi fizera foi mal aos olhos do Senhor* (cf a própria palavra de Davi a Joabe no v. 25). O Senhor, em Sua graça infinita, tinha deixado que caísse por terra a tentativa de dissimulação empreendida por Davi e estava a ponto de confrontá-lo. O escritor pode fazer tal afirmação com toda segurança, por causa do fato que irá registrar.

iii. O profeta confronta o rei (12.1-15a). Enquanto em países como o Egito o rei era considerado divino, em Israel ele tinha de se submeter ao Senhor Deus, que o escolhera, e observar todos os mandamentos dados a Israel (Dt 17.15, 20). Era tarefa do profeta do Senhor encorajar o rei a cumprir essas obrigações e repreendê-lo em nome de Deus caso deixasse de cumpri-las. O profeta Samuel havia encontrado no rei Saul uma oposição obstinada em aceitar censura (1 Sm 13.12; 15.13, 20); agora, Natã iria descobrir como Davi reagiria ao ouvir a verdade sobre seu comportamento. Muito dependeria do método do profeta, que neste caso fornece um modelo e revela um discernimento excepcional da reação humana em face da culpa individual e das falhas de outras pessoas.

1. *O Senhor enviou Natã*, que, portanto, viu-se com autoridade divina total, por mais que tenha receado a delicada tarefa de repreender o rei. “Natã foi” (BLH) não é uma frase redundante, porque serve, juntamente com o versículo 15, como moldura da narrativa. Natã começa

sua audiência com o rei, esboçando um caso hipotético que poderia muito bem ter ocorrido num dos tribunais locais. Não há nada que indique tratar-se de uma parábola, e Davi, o juiz supremo, que poderia se manifestar em casos difíceis, prestou atenção aos detalhes esboçados pelo profeta em 61 palavras cuidadosamente escolhidas.

O caso diz respeito a *dois homens*, um rico, outro pobre. Mesmo tão poucas informações despertam o interesse; as desigualdades da vida sempre estão conosco.

2-3. Os bens do rico colocam-se em contraste gritante com a *cousa nenhuma* do pobre; suas *ovelhas e gado em grande número*, com *uma cordeirinha*; o crescimento natural do rebanho, com a necessidade que o pobre teve de comprar seu único e precioso bem. Agora, vemos o pobre de maneira tal que podemos conhecê-lo. Ele cria com todo cuidado a cordeira que comprou, tratando-a como se fosse um membro da família, mimando-a como a uma filha querida. Os dois se tornam inseparáveis.

4. Um visitante chega para ver o rico, mas este, em vez de usar seu próprio rebanho para recepcionar o hóspede; toma a ovelha de estimação do pobre e passa a prepará-la como o prato principal de seu banquete. Agora também conhecemos o rico em toda sua avareza e insensibilidade.

5-6. Davi envolve-se com os dois homens de Natã; ele consegue perceber exatamente como são, reagindo com justa ira e com uma veemência que talvez tenha surpreendido a si mesmo: *Tão certo como vive o Senhor, o homem... deve ser morto*. O juramento era desnecessário, mas é sinal de um intenso envolvimento. Davi sentencia o rico à morte. Mas por quê? Ele não cometeu assassinato.

Davi procura se ocupar com a realidade externa, o rico e sua má ação, mas, na realidade, está envolvido consigo mesmo e procura dessa maneira restabelecer seus sentimentos de bem-estar... Com este objetivo, Natã oferece a Davi uma tela de projeção, e este, de fato, projeta-se veementemente. Ele pretende dar o veredicto acerca de outro, mas o que acontece é que dá o veredicto sobre si mesmo.¹

1. Fokkelman 1981, p. 77.

Davi tenta se livrar de sua consciência culpada ao sentenciar outra pessoa, enquanto inconscientemente sentencia a si próprio. Só depois ele menciona a restituição quadruplicada para compensar a perda do pobre, explicando a lógica por trás de seu veredicto: o rico *fez tal cousa* e, portanto, deve ser considerado responsável; sua disposição mental também foi repreensível: ele *não se compadeceu*. Aqui, na reação de Davi, encontramos uma prova, se houvesse necessidade de alguma, de que a humanidade é dotada de um aguçado senso de justiça que opera com eficiência, contanto que o indivíduo que profere a sentença não esteja pessoalmente envolvido. Ao mesmo tempo, a consciência do indivíduo que profere a sentença revela sua culpa (ou inocência) ao observador atento.

7-12. Com habilidade, Natã apresentou seu caso e conseguiu uma abertura que lhe permite transmitir tudo o que deve dizer sem perda de tempo ou de palavras: *Tu és o homem*. Davi condenou a si mesmo e, de repente, tem de encarar seu próprio veredicto, dado acerca de outro, mas agora aplicado infalivelmente a si mesmo. Não poderia haver exemplo mais instrutivo do poder da parábola como ferramenta no aconselhamento. Todas as defesas de Davi foram destruídas com um só golpe, e ali está ele, despido perante seu juiz.

Natã veio apresentar o juízo de Deus e, por isso, não ousa suavizar o impacto de suas palavras. Na verdade, ele fala na primeira pessoa as exatas palavras do próprio Deus. É um momento terrível tanto para o profeta quanto para o rei. Mas o caminho foi aberto pelo apelo da parábola à consciência do rei, a qual demonstrou estar em ordem, dando sentença de morte ao rei. Agora, Davi tem de deixar que a palavra do Senhor faça-lhe um exame profundo para trazer à luz o lado oculto e obscuro de sua personalidade, de forma que Davi o admita.

Primeiramente, Davi tem de considerar tudo o que recebeu das mãos de Deus: *Eu te ungi... e eu te livre... dei-te*. Ele teve a riqueza de experimentar o favor do Senhor desde a juventude, quando foi ungido por Samuel, quando foi livrado da morte nas mãos de Saul e quando herdou o reino *e as mulheres de teu senhor*. Evidentemente, o costume era de que o harém do monarca morto seria herdado pelo sucessor, e, de acordo com essa regra, Davi já havia ampliado sua família. De maneira alguma ele poderia reclamar, dizendo que saíra perdendo; ele

era o rico. Além disso, caso tivesse pedido mais, teria obtido mais, tal a extensão da generosidade do Senhor para com ele.

Apesar de tudo isso, Davi fez *o que era mal perante ele*, desprezando assim a palavra do Senhor e Sua autoridade. Davi sabia o que tinha acontecido com Saul quando este rejeitou a palavra do Senhor (1 Sm 15.23); agora, ele próprio estava sob julgamento.

A Urias, o heteu, feriste à espada: embora Davi tivesse planejado essa morte à distância, ele era tão culpado de assassinato quanto se tivesse atravessado o homem com sua própria espada. Como poderia escapar da pena de morte? Embora, pela lei da terra, talvez não fosse julgado culpado, ele não tinha base alguma para apelar diante do juiz divino, que passou a revelar o adultério que motivou o assassinato.

O castigo que o Senhor aplicará está exatamente à altura dos crimes cometidos. *Não se apartará a espada jamais da tua casa* indica que a dinastia de Davi, ao contrário daquela de Saul, vai permanecer, mas essa boa notícia é modificada pelo castigo contínuo de guerras prolongadas e de derramamento de sangue. Nisso, a nação toda está envolvida, e gerações vindouras se recordarão do pecado de Davi, enquanto lutam em guerras sem fim. Além disso, *da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti*; no que diz respeito a suas esposas, ele as perderá para outro homem. O Senhor diz: ... *tomarei tuas mulheres*, assim como Davi tomou Bate-Seba (2 Sm 11.14); contudo, enquanto Davi tinha agido secretamente, desta vez *todo o Israel* testemunhará a retribuição do Senhor, pois é necessário que se veja que a justiça foi feita e a lei do Senhor foi mantida. “Da perspectiva de Natã, a questão é clara. Foi Javé quem deu o reino. Javé, por sua vez, não deixará que o ato de violenta espoliação praticado pelo rei não traga conseqüências para seu reino.”¹ A narrativa que segue mostrará como essas conseqüências ocorreram durante a vida de Davi, fazendo com que tragédia e perdas assinalassem os últimos anos de seu reinado, atingindo não somente a ele. A repreensão de Natã, falada em nome do Senhor, dá a impressão de que o próprio Senhor agirá diretamente para castigar Davi; a operação desse castigo inclui as tramas interligadas de

1. Gunn 1982, p. 97.

diferentes membros da família de Davi, motivadas pelos mesmos pecados que desgraçaram seu pai e pelo desejo de prestígio e poder. A ação da providência divina, declarada ao longo das Escrituras, é vista em todo seu mistério, porque se realiza por meio de atos voluntários dos participantes humanos nesse drama.

13-15a. O rei responde pela segunda vez ao profeta, agora com um veredicto sobre si mesmo, intimamente ligado ao veredicto que deu sobre o rico (vv. 5, 6), mas esta segunda sentença é muito mais difícil de expressar do que a outra. Agora, Davi assume plena responsabilidade e encara o fato de que não há desculpa, tendo incorrido em pena de morte. Embora seja rei, confessa a culpa diante do profeta que, a despeito de ser porta-voz de Deus, é de qualquer maneira um dos súditos de Davi. Tal humilhação é incrivelmente difícil de suportar e poderia ter sido considerada um suicídio político, mas o rei, convencido da integridade de Natã como profeta, rebaixou-se em confissão. Imediatamente, veio a surpreendente resposta: ... *o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás*. Esse foi o momento decisivo na vida de Davi e a indicação mais clara de que ele era diferente de Saul no relacionamento mais essencial de todos, o de submissão ao Senhor Deus. Por isso, encontrou perdão, ao passo que Saul jamais aceitou a culpa e a rejeição que a acompanhava. O salmo 32, tradicionalmente aceito como expressão dos pensamentos de Davi nesta ocasião, transborda a alegria de conhecer o perdão em lugar da culpa, a restauração da comunhão após a dor da convicção do pecado. Em vez de morte, ele tem nova vida, por participar tão livremente da graça de Deus.

Essa experiência transformadora não significa, contudo, que as sentenças que o Senhor anunciou mediante o profeta tenham sido anuladas. As conseqüências do “desprezo” (BLH) de Davi pelo Senhor ainda têm de ser enfrentadas; assim, há ainda outra conseqüência como sinal: ...*o filho que te nasceu morrerá*. Com isso, o profeta cumpriu sua missão; ele parte e a audiência termina.

iv. A morte da criança (12.15b-23). Davi é uma pessoa surpreendente, tanto que os mais íntimos a ele na corte não compreendiam a maneira como sua mente funcionava. Ele sabia, pelo que Natã havia-lhe dito, que a criança que Bate-Seba tivera iria morrer, e nesse aconte-

tecimento a justiça ficaria clara para todos. Dessa maneira, Israel e os observadores fora de Israel iriam notar o fato de que o Senhor realmente era um Deus de justiça, que avaliava as ações. Davi, porém, de volta à comunhão com o Senhor, estava extremamente consciente da bondade amorosa do Senhor em lhe conceder perdão e restabelecê-lo, apesar de seu passado de culpa, como o rei da aliança de Israel. Isso lhe permitiu buscar o Senhor novamente em oração, e, assim, quis explorar ao máximo a possibilidade de, em resposta à sua súplica, o Senhor lhe conceder a vida da criança.

15b. Este é um caso em que as Escrituras associam uma enfermidade com o pecado de um dos pais (*cf.* Jo 9.2), mas, como aconteceu no caso do homem que nasceu cego, o propósito era a glória de Deus. O escritor bíblico não hesita em atribuir diretamente ao Senhor a doença da criança, de conformidade com a palavra do profeta.

16-18. Não há nada de superficial nesta oração de Davi. Seu amor pela criança, cujo nome nem mesmo é mencionado, é tão grande que ele jejua por uma semana e fica sem dormir para se dedicar à oração. Esse homem emotivo compreendia o significado da palavra “amor” à luz do amor de Deus para com ele, e desejava ardentemente que a criança fosse poupada. Quando ela morre, pois sua oração recebe uma resposta negativa, ninguém tem coragem de lhe dar a notícia, por recear sua reação, mas eles tinham interpretado mal a mente do rei.

19-20. Assim que descobriu que a criança havia morrido, Davi, em vez de ficar pranteando, retomou sua vida rotineira, à qual seus servos haviam inutilmente tentado levá-lo durante a semana anterior. Ele até mesmo *entrou na casa do Senhor, e adorou* na tenda onde a arca de Deus fora instalada (2 Sm 6.17). Isso prova que Davi havia aceitado o julgamento da parte do Senhor, apesar da semana passada em agonia, quando, por assim dizer, havia antecipadamente dado vazão à sua grande dor. Agora que ocorreu a morte, ele é capaz de romper as convenções, chegando ao ponto de adorar o Deus que levou a criança. Feito isso, ele interrompe o jejum e pede comida.

21-23. Os servos precisavam de uma explicação para um comportamento tão confuso. A resposta de Davi tem permitido que cada nova geração de leitores aprecie a lógica de seu raciocínio. *Quem sabe se o Senhor se compadecerá de mim...?* mostra a convicção de Davi de que

ele estava em contato com o Deus que trata Seus filhos como indivíduos e corresponde-lhes à fé. Assim, enquanto ouve a palavra do Senhor por intermédio de Natã (v. 14), não a aceita com fatalismo, mas, sim, da maneira como uma criança recebe a declaração feita por um dos pais, o qual às vezes muda de idéia sobre um castigo, caso a criança se comporte de forma aceitável. Davi compreendeu um elemento importante em profecias de julgamento, um aspecto expresso por nosso Senhor enquanto contemplava o julgamento que se aproximava de Jerusalém: “...quantas vezes quis eu reunir teus filhos... e vós não o quisestes!” (Lc 13.34). O Senhor tem em mente bênçãos para aqueles que pedem, e Davi não as perderá por não ter pedido (Tg 4.2).

Entretanto, agora que a criança morreu, a resposta é definitiva: *Eu irei a ela, porém ela não voltará a mim*. Davi se defronta com sua própria mortalidade e mesmo aí encontra esperança, pois antevê o momento em que voltará a se unir com seu filho. O Senhor que enviara Natã até Davi tinha dado a palavra final, e Davi, embora de luto, estava satisfeito.

v. *O nascimento de Salomão (12.24-25)*. O nascimento de um segundo filho de Bate-Seba e Davi certamente faria lembrar a doença e a morte do primeiro. Este filho sobreviveria? O nome que seus pais lhe deram, *Salomão*, deriva da palavra hebraica *šālôm*, “paz”, “prosperidade”, refletindo desse modo suas esperanças com esta nova vida. Natã vem trazer uma mensagem de ânimo, nitidamente expressa num segundo nome, *Jedidias*, “amado pelo Senhor”; essa criancinha não iria morrer.¹ Agora Davi sabia que de fato havia sido restaurado à comunhão com o Senhor, e, entre todos os seus muitos filhos, este se tornou especial.

1. O nome pode ser um título de legitimação real, indicando proteção divina e o amor duradouro de Javé. N. Wyatt, “‘Jedidiah’ and Cognate Forms as a Title of Royal Legitimation”, *Biblica* 66 (1985), p. 112-125.

Nota adicional: O incidente com Bate-Seba

Por trás do relato de 2 Samuel 11 e 12, existe algo que não é visto, mas ainda assim é fundamental: a lei da aliança de Israel, os dez mandamentos do Senhor seu Deus, que incluíam as palavras: “Não adulterarás” (Êx 20.14). De fato, as nações ao redor, bem como Israel, cercavam o casamento com salvaguardas, tais como pagamentos em dinheiro que tinham de ser devolvidos em caso de divórcio, com a intenção de assegurar a estabilidade do casamento. Um homem podia ter mais de uma esposa, mas não podia unir-se impunemente a uma mulher casada, que pertencia exclusivamente a seu marido, com quem ela se tornara uma só carne. Essa era parte da estrutura social de Israel e, por isso, pôde ser aceita com naturalidade pelo narrador. Todo Israel sabia que o adultério era errado; a questão, tanto naquela época quanto agora, era como lidar corretamente com as circunstâncias complexas originadas pelo adultério.

No caso do rei Davi, a palavra do Senhor, proclamada diretamente pelo profeta, expõe a sórdida realidade de tal modo que acaba com toda idéia de fascinação. A parábola de Natã ressalta tanto a crueldade de violar um relacionamento de amor quanto a insensibilidade de desconsiderar os sentimentos de outra pessoa, sem mencionar o roubo do objeto de sua afeição, um ato mesquinho e desprezível. De tudo o que o leitor viu em Davi até agora, ele não era um homem insensível; contudo, era capaz de cair em inimagináveis profundidades de maldade devido a um capricho, de forma que dentro da mesma pessoa dois seres lutavam pela supremacia. Naquela tarde, quando Davi viu Bate-Seba, o mal levou a melhor, e tudo o que ele entendia acerca dos mandamentos da aliança ruiu. O rei Davi sabia que era culpado, e de igual modo o mundo de seus dias. Foi por isso que ele teve de idealizar uma maneira de encobrir a culpa, envolvendo-se em assassinato.

O aspecto preocupante é que, a longo prazo, Davi aparentemente se beneficia com seu erro. É verdade que ele fica com a consciência culpada por algum tempo, mas recebe o perdão divino e, com isso, vê restabelecida a comunhão com Deus, voltando a ter paz consigo mesmo. É verdade que a criança concebida em adultério morre, e sua

morte de alguma forma mostra ao mundo o juízo divino sobre o pecado de Davi. No entanto, permanece o fato de que a mulher que ele desejou, mas não devia ter possuído, tornou-se sua esposa, e hoje muitos cristãos acham isso inadmissível, especialmente para um crente, o que sem dúvida Davi era. Será que o fato de o Senhor ter concedido a Davi o restabelecimento à comunhão não é um incentivo ao erro?

De acordo com a letra da lei, depois da morte de Urias, Davi estava livre para se casar com Bate-Seba. O Senhor, contudo, não julga pela letra, mas pelo espírito da lei, e por esse padrão Davi era culpado; de fato, Natã havia explicado as repercussões que, nos anos seguintes, trariam perturbações à sua família. Mas um fator libertou Davi da culpa de seu pecado: ele se arrependeu. Ele realmente sentiu bastante por ter resolvido a questão pessoalmente, e, desse modo, desprezara o Senhor a quem professava servir. É bem possível que ele soubesse que, na qualidade de rei, tudo o que fizesse se tornaria conhecido, e seu exemplo seria imitado. Em especial, seus próprios filhos tenderiam a se comportar como o pai. No entanto, seu pecado tinha sido primordialmente contra o Senhor, conforme ele haveria de escrever:

Compadece-te de mim, ó Deus,
segundo a tua benignidade;
e, segundo a multidão das tuas misericórdias,
apaga as minhas transgressões...
Pequei contra ti, contra ti somente,
e fiz o que é mal perante os teus olhos,
de maneira que serás tido por justo no teu falar
e puro no teu julgar.

Salmo 51.1, 4

O fato é que a oração de Davi foi aceitável a Deus por causa de seu coração despedaçado e contrito. À medida que ele passa a contar sua experiência no salmo, o texto revela que Davi encontrou livramento da culpa de sangue e — limpo de coração e de consciência — voltou a experimentar a alegria da salvação de Deus.

A sociedade, porém, não está pronta a perdoar, e frequentemente as pessoas que cometeram pecados graves são incapazes de se perdoar; assim, elas rompem com Deus e com a igreja, porque acham que terão de enfrentar a condenação. E, de fato, essa pode ser a experiência das

peçoas, caso os líderes eclesiásticos se esqueçam de que a igreja é constituída de pecadores arrependidos, cuja tarefa é recuperar outros pecadores em nome de Cristo. Se a igreja for fiel nessa missão, estará cumprindo a tarefa que lhe foi entregue pelo Cristo ressurreto (Mt 28.18-20; Mc 16.15; Lc 24.46, 47; At 1.8; Jo 21.15-19, que frisam o cuidado pastoral dos cristãos). Aqueles que foram muito perdoados amam imensamente e têm boas condições de restaurar outros que precisam de perdão. Não que alguém não precise de perdão, mas há algo chamado arrependimento superficial, que é uma questão de palavras, em vez de convicção, que estimula uma atitude farisaica. Nesse estado mental, é fácil condenar os escândalos do comportamento de outras pessoas, porque tais críticas ajudam a afagar o próprio ego, conforme Davi descobriu quando reagiu à parábola de Natã e emitiu sua sentença. O reconhecimento de que ele era o homem em questão, que estava condenado, eliminou toda sua hipocrisia e permitiu-lhe confessar tudo na presença de seu Deus. Sem sua profunda convicção de pecado e sua certeza de perdão, purificação e renovação, Davi jamais teria se tornado o salmista tão apreciado por todos. Seus escritos são pertinentes para cada geração e para cada situação humana.

Todo leitor mais atento também deve ficar imaginando como o episódio inteiro foi considerado do ponto de vista de Bate-Seba. Ela foi vítima da cobiça de Davi, mas o narrador deliberadamente omite os sentimentos dela, a fim de se concentrar em Davi. Ela, entretanto, sofreu muito, perdeu a integridade, ficou grávida de um filho ilegítimo, perdeu o marido, casou-se com o amante e, então, perdeu o filho. Temos aqui todos os ingredientes de um drama, os quais convidam a um exame, mas o narrador bíblico resistiu a todo convite que o levasse a se desviar de seu objetivo. Ao tratar Bate-Seba com uma objetividade clínica, o escritor transmite com sagacidade o egoísmo da cobiça de Davi. Ela é a esposa de outro, e, assim mesmo, ele a toma. Tal ato não pode ser descrito como “amor”, e a Bíblia não emprega esse termo, nem qualquer outra palavra afetuosa. Encarado do ponto de vista divino, o gesto de Davi não tem nenhum aspecto atenuante. Apesar disso, esse não foi o fim de tudo; Davi não precisou pensar em suicídio, pois se arrependeu. Bate-Seba, depois de todo seu sofrimento, deu a Davi outro filho, “amado do Senhor”. Embora achemos difícil

compreender por que esse filho, dentre todos os que Davi teve, foi a escolha divina para suceder Davi, o fato de ele ter sido o escolhido confirma a mensagem desse episódio: existe um caminho de volta para a comunhão com Deus, mesmo que seja um retorno das profundezas do mal. A palavra do Senhor tem o poder de tocar as raízes da consciência, bem no fundo da personalidade humana, trazendo à luz as coisas ocultas nas trevas. Assim que este processo tiver permitido que uma confissão completa expresse o arrependimento, o Senhor “é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1.9). A escolha de Salomão como rei e, acima de tudo, o nascimento de Jesus dentro da linhagem de Davi revelam na prática a realidade da aceitação de pecadores por parte de Deus (Mt 1.17; Lc 3.23, 31). É o cumprimento dessa aceitação na vida real que demonstra a verdade: Deus perdoa pecadores arrependidos.

vi. O fim da guerra amonita (12.26-31). Com quase toda certeza, o cerco de Rabá, capital amonita, terminou durante o período em que começou (2 Sm 11.1), mas a bem-sucedida conquista da cidade encaixa-se neste ponto, suplementando com esta vitória, que traz a paz militar, a paz que Davi conseguiu com seu Deus. Desse modo, 2 Samuel 10-12 é emoldurado pelas hostilidades amonitas e pode ser visto como uma unidade. Outro efeito de se considerar o caso de Bate-Seba como uma seqüência ininterrupta é dar prioridade à conseqüência importante do crime de Davi em termos de castigo e perdão. “Não há pressa em resolver o caso com os amonitas, mas há considerável pressa em resolver o caso dos crimes de Davi, pois não podem continuar sem refutação, nem mesmo por um só instante.”¹

26-28. Sob a estratégia das tropas comandadas por Joabe, a cidade de Rabá estava para capitular. Ele enviou relatório a Davi, *tomei a cidade das águas*, e o emprego do discurso direto transmite com muita vividez a animação e a expectativa de vitória. A Rabá dos amonitas ficava perto da nascente do rio Jaboque, que corria para o sul da antiga cidade. Era comum o suprimento de água de uma cidade ser

1. Fokkelman 1981, p. 95.

guardado por fortificações, e estas, Joabe já as havia capturado.¹ Escavações na área da cidadela revelaram uma fortificação sólida num período mais antigo (c. 1750-1550 a.C.) e restos estratificados da cidade pertencentes à Idade do Ferro (c. 1200-580 a.C.), incluindo trechos do muro de defesa construído entre o décimo e o nono séculos, podendo remontar à reconstrução de Rabá por Davi, depois de sua captura por volta de 980 a.C.² A cidadela, que seria a última área a cair, incluiria o palácio, e Joabe, por lealdade, queria que fosse de Davi a honra de capturar a cidade e seu rei.

29-31. Tendo recebido reforços, o exército de Davi completou o que Joabe já havia quase terminado; tendo Davi como sujeito, o versículo 29 repete aquilo que o versículo 26 havia atribuído a Joabe. Foi uma conquista marcante, avaliada aqui em termos da riqueza que Davi obteve com os despojos. O ato de a coroa ser transferida da cabeça do rei amonita (cujo nome não é mencionado agora, a despeito de sua repetição em 2 Sm 10.1-5) para a de Davi simbolizava a transferência do poder sobre Amom para o rei israelita. O peso do ouro (o *talento* pesava aproximadamente 30 kg) e as pedras preciosas da coroa indicam o esplendor do trono de Amom.³ A população foi submetida a trabalhos forçados, não à tortura, como se costumava imaginar (cf. “o pôs às serras, e às talhadeiras de ferro, e aos machados de ferro, e os fez passar por fornos de tijolos”, ARC, TB). Há um século, a interpretação tradicional foi questionada.⁴ Atualmente, o ponto de vista em

-
1. Obras hidráulicas na cidade alta foram descobertas pela expedição arqueológica italiana (1930-1941), mas “os resultados foram publicados de modo bastante fragmentado”, M. Avi-Yonah e E. Stern (eds.), *Encyclopaedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* (Oxford: Oxford University Press, 1978), vol. 4, p. 987.
 2. G. M. Landes, *IDBS*, p. 724.
 3. As palavras “seu rei” (*malkām*) podem ser lidas como o nome do deus amonita (cf. Jr 49.1, 3; Sf 1.5), mas geralmente tem-se rejeitado essa possibilidade, porque acredita-se que seria improvável que Davi tivesse tomado e usado a coroa de um ídolo. No entanto, isso não é tão improvável, caso o uso da coroa demonstrasse a superioridade de Javé sobre Milcom.
 4. G. Hoffmann, *ZAW* (1882), p. 53-72, citado em Driver 1913, p. 227-229, argumentou: i. em favor do significado “molde de tijolos”, não “forno de tijolos” (*malkēn*); ii. que a expressão *fê-lo passar a* (isto é, fez o povo passar por) deve ser

geral aceito é que o texto fala de trabalhos forçados, não de tortura; as várias ferramentas e ocupações sugerem que Davi iniciou projetos de construção em todo o território amonita. Isso seria necessário a fim de consertar as fortificações danificadas na guerra recém-encerrada e, provavelmente, também para alojar suas próprias guarnições, cuja tarefa seria manter subserviente o povo conquistado.

A volta do rei e do povo para Jerusalém assinala a conclusão do episódio.

d. Tal pai, tais filhos (13.1-19.40)

O estupro de Tamar dá início a uma série de acontecimentos que dominam o final do reinado de Davi e ameaçam desonrá-lo completamente, de modo que ele quase perde seu trono, junto com o direito de indicar qual filho deveria sucedê-lo. O relato é detalhado e bem estruturado, com muitas marcas de observações diretas e de vívidas reminiscências.

i. Amnom violenta sua meia-irmã Tamar (13.1-22). O narrador apresenta dois filhos adultos do rei, que se revelam “farinha do mesmo saco”.¹ *Absalão* é mencionado primeiro porque é sua irmã *Tamar* quem está no centro do drama, mas *Amnom* era o mais velho na família e, por isso, o herdeiro presuntivo (2 Sm 3.2-3). O rei já estava distanciado de tudo o que se passava entre os filhos de suas diferentes mulheres, e, por trás do próprio acontecimento, existe outra preocupação; a sucessão, pois Quileabe, o segundo filho de Davi (2 Sm 3.3), sai da história (não sabemos como ou por quê) e *Absalão* é o segundo na linha de sucessão ao trono.

1-2. *Absalão*, cujo nome recebe destaque no início do capítulo, irá dominar as cenas seguintes. Sua *formosa irmã*, trágica em sua

corrigida para “fê-los trabalhar com”, mediante a ligeira alteração de *r* para *d* no verbo hebraico. A preposição “a” não é uma tradução comum do hebraico *b*, para o qual deve-se preferir “com” ou “em”. A BLH (veja também BJ, PIB) incorpora esses pontos: “... fez o povo da cidade trabalhar com serras, enxadas e machados e fabricar tijolos”.

1. Título do capítulo 5 de Fokkelman 1981, seção que trata de 2 Samuel 13.

beleza, é uma princesa real. *Amnom*, o príncipe herdeiro, a ama, mas, apesar de sua posição privilegiada, vê-se incapaz de possuí-la. A razão apresentada, *sendo ela virgem*, poderia ter significado, em outras circunstâncias, que ele estava livre para se casar com ela (*cf.* v. 13), mas ela era sua meia-irmã e, por isso, foi rejeitada tal possibilidade (Lv 18.9). Ou era isso, ou ele estava pretendendo ter apenas um relacionamento casual com ela; de qualquer maneira, Amnom não cogitou quebrar as convenções que, nesse assunto, regiam a sociedade em Israel. Em vez disso, *angustiou-se... a ponto de adoecer*, tanto que outras pessoas perceberam a mudança em sua aparência.

3. *Tinha, porém, Amnom um amigo*, sem dúvida alguma um conselheiro importante e influente, e um membro da família real: seu próprio primo, *Jonadabe*. Este é descrito como *homem mui sagaz* (*ḥākām*, “sábio”, “astuto”); o contexto determina a exata nuança da palavra, e aqui está faltando visivelmente seu sentido ético costumeiro. Ele era “sábio” no sentido de que sabia o que queria e como obtê-lo.

4-6. Jonadabe é suficientemente observador e percebe que algo está errado com o príncipe Amnom; ao descobrir que ele está perdido de amor, propõe um estratagema que não somente levará Tamar até ele, mas também tornará o pai deles responsável por isso.

Quando teu pai vier visitar-te: evidentemente, ele tinha o hábito de visitar qualquer um dos filhos que estivesse doente e tendia a ser indulgente para com eles. Era um ato infantil por parte de um homem crescido fingir que só comeria o que aquele determinado membro da família fizesse especialmente para ele; a maioria das mães não teria tido paciência alguma com um pedido desses, mas parecia que não havia mal algum nisso, e Jonadabe contava com a complacência de Davi em relação aos filhos.

7-9. Tamar consentiu com o recado do pai e foi à casa de Amnom (sem dúvida levando consigo pelo menos uma dama de companhia), pronta para convencer o inválido a comer o delicioso alimento que ela lhe preparava. A cena é vívida; Amnom está na cama num quarto ao lado, mas é capaz de ver Tamar, e nós observamos (como se através dos olhos dele) a cozinheira trabalhando.

Tomou ela a massa... fez bolos... e os cozeu: a palavra traduzida por “bolos” (*ḥībôt*) ocorre só neste capítulo, e o termo traduzido por

“cozeu” seria mais correto como “cozinhou em água”. Está implícito algum prato especial para doentes, *porém ele recusou comer*. Seu pedido original (v. 6) tinha sido de dois *l^ehibôt*; a palavra é derivada do hebraico *lēbāb*, “coração”, o que deixa implícito algo como “fôrmãs de coração”, sinal que Davi não captou. Amnom não consegue pegá-los, pois está fraco demais. Tudo faz parte da encenação. Tão doente, ele não consegue suportar todas as pessoas em volta e, desse modo, faz com que seja deixado a sós com Tamar.

10-11. Amnom continua a fazer o papel de doente, que não tem forças nem mesmo para se alimentar. Sua irmã obsequiosa, aparentemente sem suspeitar de nada, aproxima-se da cama dele, e é agarrada: *pegou dela* (*yah^azeq*) é um verbo hebraico forte, com o sentido de “apoderou-se” (*cf.* 1 Sm 17.50, “prevaleceu”). Ainda assim, ele fala de maneira amorosa, chamando Tamar de *minha irmã*, termo que era empregado de modo figurado para designar a “amada” (Ct 5.1), embora aqui isso ocorra com ambigüidade, visto que Tamar era meia-irmã.

12-14. Tamar, pega na armadilha, tenta arrazoar com o irmão. Ela recusa a sugestão dele com base em três pontos: a opinião pública de Israel era contrária ao estupro, descrito como *hann^ebālā hazzô^t*, “tal loucura” (*cf.* Gn 34.7); ela não teria nenhum futuro; e nem ele, porque seria considerado *um dos loucos* (*hann^ebālīm*; *cf.* o nome “Nabal” em 1 Sm 25). Acaso era esse o tipo de pessoa que Israel queria como rei, um homem sem princípios, que tomava a lei em suas próprias mãos e ofendia os padrões habituais de moralidade do país? Finalmente, ela faz sua sugestão: Amnom devia, da maneira correta, pedir sua mão ao pai e casar-se com ela; o rei não o recusaria. Embora a lei de Levítico 18.9 proibisse uma união assim, sem dúvida seria preferível ao estupro; se Sara era meia-irmã de Abraão, havia um precedente, e Tamar estava se apegando a qualquer saída para sua difícil situação. Todos os argumentos mostram-se inúteis diante da intensa paixão de Amnom, que era uma imitação grotesca de amor (v. 1), e ele a violentou.

15. A repentina mudança de amor para ódio e rejeição, *Levanta-te, vai embora*, é cruel, acima de tudo para Tamar, mas também em sua revelação da pessoa desajustada que era Amnom:

O ato de violência perpetrado por Amnom revela-o como alguém incapaz de se relacionar e um egoísta grosseiro. O pior para ele é que há uma testemunha presente, e Tamar é justamente essa testemunha. A partir daí, ele não conseguirá mais olhar para ela, pois isso seria um encontro repetido, extremamente vergonhoso, revelador e intolerável, seria um confronto com suas próprias fraquezas como pessoa.¹

16-17. Uma vez mais Tamar tenta persuadir o irmão a raciocinar: ele está aumentando a maldade de seu ato ao rejeitá-la depois de todo seu amor fingido. Embora sendo princesa, ela é sumariamente lançada para fora da presença de Amnom e, de maneira vergonhosa chamada de *esta*. *Fecha a porta após ela* era a tentativa de Amnom de se livrar até mesmo da lembrança de Tamar, a quem ele tanto desejara anteriormente. O relacionamento, se é que houve algum, acabara.

18. Tamar está vestida como uma filha solteira do rei, o que se percebe por sua *túnica talar de mangas compridas*. Isso faz lembrar a “túnica de várias cores” (Gn 37.3, ARC, IBB) ou “túnica talar de mangas compridas” (ARA, IBB mg.) que José ganhou; embora os detalhes sejam obscuros, o vestido era sem dúvida esplêndido, mas tudo o que ele representava havia desaparecido para sempre. Quando o servo de Amnom *fechou a porta após ela*, Tamar sabia, em seu íntimo, que a porta do casamento estaria para sempre fechada para ela.

19. O sentimento de abandono experimentado por Tamar era, em todos os aspectos, tão grande quanto o de luto; daí as manifestações de tristeza que todos que a encontravam podiam ver e ouvir. Pelo menos, não houve para ela qualquer repressão doentia de mágoas, embora seu futuro fosse triste. Seu rosto marcado por sinais de sujeira (*cf.* 1 Sm 4.12), suas vestes rasgadas (*cf.* 2 Sm 1.2) e seus gritos descreviam eloqüentemente a terrível perda; *pôs as mãos sobre a cabeça* é um gesto mencionado em Jeremias 2.37, mas em esculturas em relevo e pinturas de túmulos isso parece simbolizar o cativeiro.²

1. Assim pensa Fokkelman 1981, p. 107-108, que num trecho onde revela profunda intuição, explica o comportamento irracional de Amnom.

2. ANEP, ilustrações 634 e 640.

20-22. Ao vê-la, Absalão logo presumiu acertadamente o que havia acontecido e fez o melhor que pôde para consolá-la, não dando muita importância à experiência da irmã. Ele empregou uma forma diminutiva do nome de Amnom (^a*mînôm*), talvez utilizada em família¹ e, ao lembrar que era seu irmão, deixou implícito que ela não devia clamar por justiça, mas deixar a questão com ele. Tamar refugiou-se na casa de Absalão, *desolada* (*šōmēmâ*), afastada da sociedade, desqualificada para o casamento, embora não por culpa sua. Davi reagiu irado à ofensa, “mas não quis castigar o seu filho Amnom, porque o amava por ser o seu primogênito” (a BJ acrescenta essas palavras, existentes no texto da LXX). À semelhança de Eli e Samuel, Davi de fato perdeu o controle sobre os filhos, e seu próprio mau exemplo inibiria qualquer protesto contra Amnom. Absalão, contudo, mostrou sua desaprovação, recusando-se a ter qualquer relacionamento com Amnom e, alimentando uma raiva secreta, esperou uma oportunidade de vingar o mal cometido contra a irmã.

ii. A vingança de Absalão (13.23-39). **23.** “Decorridos dois anos inteiros” (IBB): com todas as diversas atividades que exigiam a atenção do rei, Davi e os demais teriam esquecido a terrível situação de Tamar, mas não Absalão, que agora tinha prontos seus planos. Há muito tempo a tosquia de ovelhas era considerada uma época própria para comemorações (Gn 38.12, 13; cf. 1 Sm 25.2, 36). As ovelhas de Absalão estavam sendo tosquiadas num lugarejo *junto a Efraim*, freqüentemente identificado com Ofra, uma localidade mais conhecida, a nordeste de Betel. A NEB traz Efrom, outro nome do mesmo lugar (2 Cr 13.19), mas a NIV traduz Efraim como a tribo, “perto da fronteira de Efraim”, o que indicaria um local um pouco mais ao sul.

24-29. Embora pareça que Absalão insiste para que o rei esteja presente com seus empregados nas festividades, ele deve ter esperado que seu convite não seria aceito. Se o rei não for, então Amnom, o príncipe herdeiro, deve ir para representar o pai. Davi parece relutante, mas finalmente cede, permitindo que todos os seus filhos participem

1. Hertzberg, p. 321, sugere que talvez essa forma signifique um diminutivo irônico.

do banquete, que em alguns manuscritos é descrito com uma frase adicional: "... e Absalão fez um banquete como o banquete de um rei".¹ O comentário é importante devido à sua possível insinuação de que Absalão estava dissimuladamente pedindo que fosse reconhecido como o seguinte, logo após Amnom, na linha de sucessão ao trono (cf. 1 Sm 25.36, onde se emprega a mesma expressão com referência a Nabal). Desse modo, a morte de Amnom atenderia a um duplo objetivo de Absalão, que, com sua autoridade, ordenou a seus empregados que assassinassem Amnom, embora este fosse o príncipe herdeiro representante do rei, meio-irmão de Absalão e convidado. Uma traição dessas merecia o mais extremado castigo. É compreensível, portanto, que os assassinos precisassem de palavras extras de ânimo, *não temais...* e os outros príncipes foram embora em seus mulos reais, fugindo de Absalão.

30-31. No meio do pânico e do terror, um mensageiro levou ao palácio um relato confuso dos acontecimentos: *Absalão feriu a todos os filhos do rei* e, com ainda mais ênfase, *nenhum deles ficou*, como se para compensar certo grau de incerteza. O rei, contudo, interpreta o comunicado literalmente e fica tomado de tristeza. Acaso não havia ele contribuído para este terrível acontecimento, ao permitir que todos os seus filhos, e em especial Amnom, deixassem a capital? Os cortesãos de Davi prantearam junto com o rei prostrado.

32-33. Mas um deles afirmou que percebera o que estava acontecendo. Jonadabe, que dois anos antes tinha aconselhado Amnom, podia afirmar com segurança que só Amnom fora morto. Ele estava convencido de que essa era a vingança de Absalão por causa do estupro de Tamar, ato do qual ele se distancia.² Baseado nisso, ele procurou se afastar dos pranteadores e, um tanto quanto em vão, animar o rei. A

1. LXX e 4QSam^a. Os tradutores da BLH e da BJ incorporaram o acréscimo ao texto. Cf. Gordon, "David's Rise and Saul's Demise", p. 46, nota 32.

2. Fokkelman 1981, p. 109, assinala que Jonadabe não poderia ter predito como Tamar reagiria, nem como Amnom escolheria a opção mais drástica: "Considero improvável que o Jonadabe de 13.4-6 tivesse premeditado cinicamente o estupro". O engano que ele propôs, "algo que se reconhece não ser moralmente muito aceitável", tinha o propósito de conseguir um encontro a sós entre Amnom e Tamar.

morte de Amnom já era motivo suficiente para a tristeza de seu pai.

34. Absalão fugiu: enquanto mensageiros aproximavam-se de Jerusalém, ele fugia na direção oposta. Nesse ínterim, a sentinela informa sobre a aproximação de uma grande multidão pela “estrada de Horonaim” (BLH). O nome baseia-se na LXX, referindo-se à Bete-Horom Inferior e à Bete-Horom Superior, a noroeste de Jerusalém. A LXX acrescenta: “Ele foi até o lugar onde o rei estava e disse: Alguns homens estão descendo o monte, na estrada de Horonaim” (BLH, que incorpora este acréscimo no texto). Os detalhes permitem que o leitor também participe do suspense provocado pela falta de informações mais concretas.

35-36. Jonadabe reconheceu os príncipes e observou que estava certo. Todos os demais na corte prantearam o príncipe morto.

37. Absalão, porém, fugiu, e se foi a Talmai, seu avô por parte de mãe, que era *rei de Gesur*, um estado-tampão entre Israel e a Síria, ao norte de Gileade (2 Sm 3.3). Lá, ele escapou de ser julgado, mas ao mesmo tempo teve de abrir mão de toda probabilidade de herdar o trono de Israel. Enquanto isso, seu pai continuou prateando *seu filho*: presumivelmente Amnom, embora haja ambigüidade aqui.

38. Assim Absalão fugiu: a repetição, muitas vezes vista pela mente ocidental como redundância, deve ser interpretada como um recurso que permite enxergar a mente do narrador: a situação chegou a um impasse. O rei Davi é incapaz de castigar o ofensor; Absalão é incapaz de voltar. O leitor fica curioso em saber como o problema é resolvido depois de *três anos*, pois a menção do período de permanência de Absalão no exílio implica sua volta.

39. Este versículo constitui uma transição entre os acontecimentos que acabaram de ser relatados e os novos desdobramentos do capítulo seguinte. O hebraico aqui tem sido descrito como “intraduzível”,¹ sendo inevitável alguma emenda, mas o sentido é que o passar do tempo atenuou os sentimentos de amargura. Davi teve de se conformar com a perda de Amnom, porque ele estava morto. Absalão,

1. Driver 1913, p. 235. O verbo está na forma feminina, o que implica um substantivo feminino como sujeito; daí a emenda de “Davi” para a palavra *rúah*, “espírito” (BJ), que não é muito diferente no texto consonantal.

todavia, no que diz respeito a seu pai, podia ter morrido também; Davi ansiava vê-lo, mas não o chamava. Seu amor e seu senso de justiça não se conciliavam, de forma que, dividido entre um e outro, nada fez. Talvez seja significativo que Davi, que acertadamente se conteve e não agiu contra Saul quando era mais moço, tornou-se culpado como rei por deixar de executar justiça dentro de sua própria família. Um motivo estava relacionado com seus próprios erros, que ele podia ver reproduzidos em seus filhos; outro era fruto de seu amor pelos filhos, os quais, mesmo assim, não tinham nenhum escrúpulo em enganá-lo e levá-lo a fazer o que desejavam, envolvendo-o em seus planos malignos. A profecia de Natã, de que a espada jamais se afastaria da casa de Davi, já estava se cumprindo na experiência do rei.¹

iii. A ousada iniciativa de Joabe (14.1-33). Não se podia permitir que o impasse que mantinha Absalão no exílio, agora o herdeiro do trono, continuasse indefinidamente, mas, mesmo assim, o rei nada fazia. Entre os seus conselheiros, ninguém, mais do que Joabe, estava em melhores condições de influenciar o rei, mas até ele hesitou em apelar diretamente a Davi e, preferindo utilizar uma parábola jurídica, como aquela que Natã havia usado (2 Sm 12.1-6), pô-la na boca de uma mulher que buscava proteção especial por parte do rei. Desse modo, ele podia pegar o rei desprevenido, tendo maior probabilidade de atingir seu objetivo.

1. A ambigüidade observada em 2 Samuel 13.39 surge de novo neste versículo, porque *o coração do rei começava a inclinar-se para ('al)* é mais naturalmente traduzido por “contra” Absalão (*cf.* Dn 11.28, “contra [*al*] a santa aliança”). O juiz supremo sentia-se obrigado a castigar o assassino. A obrigação pesava ainda mais tendo em

1. 2 Samuel 13.39 permite outra tradução, que inverte o sentido: “Davi ansiava ardentemente marchar contra Absalão, pois estava triste por causa de Amnom, que estava morto” (K. Jongeling, citado em Fokkelman 1981, p. 126). Embora essa tradução seja possível, é difícil entender por que, se Davi estava para marchar contra Absalão, ele já não o tinha feito, ao invés de esperar dois anos inteiros. O passar do tempo tornava a empreitada bem mais difícil, ao invés de mais fácil. Além disso, o estratagema de Joabe não faria sentido, se a interpretação de Jongeling estivesse correta.

vista que Absalão era o herdeiro do trono. Nesse caso, mais do que em qualquer outro, precisava-se ver que a justiça fora feita. Todavia, em meio a tudo isso, Davi relutava em pegar em armas e capturar seu filho. Ironicamente, estava chegando o momento em que esse filho pegaria em armas contra o pai.

2-3. O estratagema de Joabe permitiu que o rei visse objetivamente a situação e, assim, com um novo enfoque do assunto, chegasse a uma decisão. *Tecoa* ficava a somente oito quilômetros de Belém, sendo a terra natal de um dos homens valorosos de Davi (2 Sm 23.26). Evidentemente, Joabe conhecia tanto a cidade quanto esta *mulher sábia*, que tinha a habilidade de desempenhar um papel e insistir, mesmo com o próprio rei, até que tivesse concordado com ela. Embora Joabe tivesse determinado como ela deveria se vestir e que palavras diria, ela precisava de toda sua sagacidade e tato para se defender frente à reação do rei, que não se podia prever. Por fingir que vinha *há já muitos dias... de luto por algum morto*, ela pôde contar com a solidariedade do rei, que não se esquecia da morte de Amnom.

4-5. A mulher chega para apresentar seu caso diretamente ao rei, acessível aos cidadãos cuja queixa não foi resolvida de maneira satisfatória pelos juízes locais. *Salva-me, ó rei (Hôši ā)* é a súplica da viúva que, não tendo quem a defendesse, se vê desamparada e clama por proteção.

6-7. *Dois filhos... um feriu ao outro, e o matou:* sem dúvida, o caso paralelo em sua própria família só podia fazer Davi se lembrar de suas próprias tristezas. *Toda a parentela se levantou contra a tua serva*, exigindo justiça de acordo com a lei pela qual a vítima de um assassinato devia ser vingada: "... será morto aquele que o feriu" (Nm 35.21). Aqueles que clamavam pela pena de morte tinham a justiça a seu lado, mas a mãe amava o filho, de quem dependiam todo o futuro dela e também o de seu falecido marido. Ele era a *brasa* que restava numa fogueira que se apagava. Joabe tinha descrito com muita habilidade o conflito que imobilizava o rei. Como Davi reagiria?

8-11. O juiz-monarca deseja solucionar o caso o mais rápido possível, assegurando à mulher: *eu darei ordens a teu respeito*; contudo, não será tão fácil dispensar a mulher. *A culpa... caía sobre mim:* ao as-

sumir a culpa, a mulher deixa implícito que ela continua vulnerável em face das exigências da família, as quais o rei ainda não levou suficientemente a sério. Embora o rei se comprometa a tomar providências contra qualquer um que se torne agressivo com a mulher, ela pede isso em juramento: ... *que os vingadores de sangue não se multipliquem a matar*. O vingador (*gō'ēl*) ficará intimidado com a menção do *Senhor teu Deus* e levará a sério a palavra do rei, que declara: *Tão certo como vive o Senhor...* e assim protege a vida do filho. Deste ponto em diante, embora sem perceber, Davi está comprometido a proteger a vida de Absalão, a despeito da pena de morte por causa do fratricídio.

12. Mesmo agora, a mulher continua tendo diante de si a parte mais delicada de sua missão: aplicar o caso ao rei e ao filho deste. Para isso, ela solicita outra permissão para falar.

13. O franco ataque ao rei, *por que pensas tu doutro modo...*, causa um choque no leitor, como também deve ter acontecido com Davi. O que será que ele fez contra o povo de Deus, seus súditos? A mulher o acusa do exílio de *seu desterrado*, o filho que lhe tinha causado sofrimentos, e assim toca a ferida do rei.

14. *Temos de morrer*, e mesmo assim, em sua história, a mulher estivera relutante em deixar que seu último filho morresse. O rei havia decretado misericórdia; de igual modo, “Deus não tira a vida daquele [Davi] que cogita meios para não manter desterrado o seu banido” (RSV). Essa mulher corajosa ousa falar da misericórdia de Deus e contrastá-la com a falta de misericórdia do rei para com seu filho, que equivale a “apagar sua brasa” (v. 7) e a *águas derramadas na terra*, ou seja, provocar sua morte prematura. Ela alega falar em nome de todo o povo, que está na expectativa de que o rei encontre algum meio de trazer o exilado de volta.

15-17. A essa altura, a mulher muda sua abordagem, retoma sua própria história e torna-se respeitosa em sua fala ao rei, a quem ela descreve como libertador, homem esclarecido *como um anjo de Deus*. Sua oração, onde pede a presença de Deus junto ao rei, torna improvável que Davi se oponha ao que ela disse e, ao mesmo tempo, aponta para as difíceis decisões em que o rei precisará da ajuda do Senhor seu Deus. Com astúcia, ela mais uma vez deixa de lado seus próprios interesses e focaliza os do rei, mas num contexto de apoio.

18-20. A essa altura, o rei começava a imaginar o que estava por trás da longa entrevista. Por intuição, ele sentiu que ainda não havia ido a fundo no caso e suspeitou da interferência de seu sobrinho Joabe. Há um momento tenso quando o rei pergunta a respeito disso, e a mulher reconhece a astúcia de Davi antes de admitir que Joabe de fato havia sido o autor do papel que ela representara. Mas a motivação dele havia sido a de *mudar o aspecto deste caso*, livrando o rei de um im-passe; dessa maneira, ele estava agindo como *teu servo*, e a mulher é *tua serva*. Com uma menção adulatora da sabedoria do rei, a mulher conclui sua audiência. Sua história fictícia funcionou, e a mulher atingiu seu objetivo.

21-24. Joabe, que evidentemente vinha acompanhando bem de perto todo o episódio, tomou o lugar da mulher e ouviu o pronunciamento real: *Atendi ao teu pedido*. O rei sabe que foi astuciosamente conduzido em um curso de ação que agora é incapaz de evitar, porquanto isso se baseia em seu juramento, mas ele não protesta contra a audácia de Joabe; em vez disso, dá a Joabe a responsabilidade de trazer de volta a Jerusalém *o jovem Absalão*. Davi insiste em pensar no filho como um jovem (*na'ar*; cf. 2 Sm 18.5, 12) e, desse modo, deixa de lhe conceder a posição a que já tinha direito devido à idade; ao mesmo tempo, é demasiadamente tolerante em sua atitude frente ao crime cometido por Amnom. Por essa razão, ele é incapaz de aceitar Absalão de volta à sua presença, mas continua a mostrar seu desfavor, banindo-o *para sua casa*. Embora, quando reage à história da viúva, Davi tenha permitido que a compaixão triunfe sobre a justiça cega, ao aplicar o princípio às suas próprias circunstâncias ele não consegue chegar a tal ponto. Conforme se vê depois, isso foi contra os melhores interesses de Davi, pois o filho ressentiu-se da aceitação limitada e reservada que o pai lhe dera, reagindo com hostilidade.

25-27. A situação não melhorou por causa da aparência atraente de Absalão, que o colocava numa categoria à parte. Ele era tão belo que ofuscava todas as outras pessoas. A descrição extravagante dá a impressão de que aquele homem era totalmente obcecado pela aparência, especialmente por seu cabelo, que cortava todos os anos e cuidadosamente pesava, registrando as estatísticas de acordo com os pesos oficiais do rei (aproximadamente 2,5 kg). Ironicamente, seria seu ca-

belo que, numa ocasião futura, provocaria sua morte. A menção de seus filhos e de sua adorável filha sugere a popularidade dessa família orgulhosa e vistosa, mas o nome *Tamar* serve como lembrete de advertência sobre a irmã violentada de Absalão, em cuja homenagem ele deu o nome à filha.

28-31. A introversão da personalidade de Absalão aumenta nossa sensação de incômodo diante do fato de que, durante dois anos inteiros, Davi, por não se relacionar com Absalão, deu ao filho ampla oportunidade de minar a autoridade real e estimular o apoio para si próprio. Seu egoísmo seria alimentado pela sensação de ultraje, por ter sido trazido de volta à capital só para ser ignorado pelo pai, enquanto o público o tinha em alta estima. A dupla recusa de Joabe em atender às suas convocações foi a gota d'água, e o campo de cevada em chamas simbolizou a raiva de Absalão e ao mesmo tempo levou Joabe às pressas até o filho do rei, exigindo uma explicação.

32-33. Absalão sabe como abrir caminho em meio à oposição. Joabe, que só tivera sucesso parcial em sua primeira tentativa de reconciliar Absalão com o pai, relutava em se envolver ainda mais, porém Absalão vê nele sua única esperança. Afinal, fora ele quem o trouxera de Gesur, mas na verdade sua volta não havia resultado em nada. Agora, depois de cinco anos, ele quer que Joabe leve uma mensagem para solicitar uma audiência com o rei: ... *se há em mim alguma culpa, que me mate*. Parece que Absalão alega estar livre de culpa (cf. 1 Sm 20.8); ele pode ter convencido a si mesmo de que estava vingando um erro ao matar Amnom e de que não precisaria castigar o irmão caso seu pai tivesse cumprido seu dever e pronunciado sentença contra Amnom. O fato de que Davi não havia feito isso dava-lhe motivos para pensar que o rei também não determinaria sua morte.

O rei concedeu uma audiência a Absalão. A descrição curta e formal é em si mesma significativa. Embora termine com *o rei beijou Absalão*, não há tentativa alguma de vencer o abismo entre pai e filho. Cada um vê a culpa do outro, sendo frio e não estando disposto a perdoar, mas pelo menos foi dado um pequeno passo na direção da reconciliação: Absalão veio à presença do rei e prostrou-se perante ele. A pergunta é: no futuro, ele permanecerá leal ao rei? O rei beijou o filho perdido havia muito tempo, mas, na ausência de uma conversa entre os

dois, o que isso indica? Quando José se revelou a seus irmãos, houve muito pranto e troca de notícias; José havia se preparado para o encontro ao meditar sobre sua própria experiência da bondade de Deus, a qual lhe permitiu que, sinceramente, oferecesse seu perdão aos irmãos (Gn 45.1-15). No caso de Absalão e do rei, o relacionamento permaneceu praticamente num impasse, e nenhum dos dois lados teve a iniciativa espiritual de rompê-lo.

iv. A revolta de Absalão (15.1-37). 1. Depois disto Absalão fez aparelhar para si um carro...: embora tivesse manipulado seu caminho para chegar à presença do rei, ainda assim Absalão não estava satisfeito e lançou-se deliberadamente a minar a autoridade do pai, aumentando seu próprio prestígio. Nisso, sua habilidade teatral e sua perspicácia para chamar a atenção, junto com sua já marcante imagem pública, asseguraram um elevado grau de sucesso. A topografia de Jerusalém era muito inadequada para carros e cavalos. A decisão de Absalão de usá-los o distinguia como inovador, mas os 50 batedores à frente de seu carro impediam uma velocidade maior e, por outro lado, conseguiam um esplendor sem precedentes para um príncipe ambicioso.

2-5. O político Absalão tinha um plano predeterminado que perseguia sem quaisquer escrúpulos. Ele se levantava “cedo” (IBB), um sinal de perspicácia e diligência. (Será que começar tarde era característica da corte de justiça de Davi?) Colocando-se num ponto estratégico próximo de uma porta da cidade, Absalão atraía a atenção mostrando profundo interesse pelos forasteiros que entravam na cidade. A conversa resume sua abordagem costumeira, feita para impressionar o israelita que viesse à capital com alguma queixa. Aqui está alguém pronto a ouvir e ávido por corrigir os erros do país. Desse modo, ele conquista o apoio popular.

Contudo, Absalão vai muito além. A informação que ele dá, *não tens quem te ouça da parte do rei*, desorienta e é até mesmo enganosa em sua intenção, porque essas pessoas vieram apresentar seu caso perante o rei e fica claro, com base na maneira como a mulher de Tecoa foi recebida (2 Sm 14.4-7), que o rei atendia pessoalmente aqueles que pediam seu julgamento. Pelo que sabemos, talvez houvesse demora,

mas nunca se havia discutido a existência de um representante do rei. A audácia de Absalão, ao dizer a esses forasteiros *ah! quem me dera ser juiz na terra!*, mostra seu elevado conceito de suas habilidades. Aquilo em que ele mais pensava, claro, era sua própria importância, e não a responsabilidade de fazer julgamentos justos em casos difíceis. Atendia a seu propósito o ato de fazer as pessoas crerem que estavam com a razão. Finalmente, descreve-se Absalão sendo tratado respeitosamente como se fosse rei, mas que rei! Ele recebe seus súditos com um aperto de mãos e honra com um beijo cada pessoa que trazia um pedido. “Contudo, isso faz lembrar a situação em que seu pai se reconciliou com ele!... Agora, ele está desfrutando a situação inversa centenas de vezes e, ao fazê-lo, já está experimentando secretamente seu próprio reinado.”¹ Em seu próprio pensamento, ele já é rei.

A julgar pelas aparências, parece estranho que Davi tivesse deixado ocorrer toda essa subversão. Com toda aquela inconfundível movimentação na corte, é inconcebível que Davi não soubesse o que Absalão estava fazendo. Contudo, será que ele se sentia seguro quanto ao lugar que ocupava no coração do povo e julgava que poderia, com toda certeza, tolerar o comportamento fingido de seu filho presunçoso?

6. O “comportamento teatral” de Absalão era uma expressão de seu profundo ressentimento contra o pai, e Davi devia levar isso muito a sério, pois *ele furtava o coração dos homens de Israel*, que não conseguiam enxergar a divulgação pretensiosa que Absalão fazia de si mesmo. Para o povo, o interesse pessoal não permitia suspeitar dos motivos de Absalão. Acaso ele não favorecia “o pobre na terra” e pretendia fazer justiça para todos?

7-8. *Ao cabo de quatro anos*,² Absalão executou todos os seus bem elaborados planos de rebelião. Ele era muito perseverante e podia ficar à espera. As últimas palavras com seu pai foram uma encenação de piedade, mas eram superficiais. Por que Absalão esperou quatro anos antes de render graças por seu retorno? *Hebrom* podia ser expli-

1. Fokkelman 1981, p. 166-167.

2. Os tradutores e comentaristas são praticamente unânimes em preferir a evidência de alguns manuscritos da LXX, da Siríaca e de Josefo, que trazem “quatro”, ao hebraico, que lê “quarenta”.

cada como um local importante para ele, pois havia nascido ali (2 Sm 3.2, 3). Também era o lugar onde Davi havia iniciado seu reinado, mas isso não vem à tona enquanto Davi escuta a fala de seu filho, cuidadosamente planejada e na qual o *Senhor* aparece três vezes. Anteriormente, Absalão havia pedido licença para levar a maior parte da corte a um banquete (2 Sm 13.23-27); desta vez, ele nem mesmo convida o rei, mas, tal como antes, pretende privá-lo da maioria dos que o apóiam. Ainda assim, parece que Davi de nada suspeita.

9. *Vai-te em paz* é a palavra derradeira de Davi a seu filho, que ironicamente sai a fim de se preparar para a guerra contra o pai.¹ Visto que ele havia partido com a aprovação real, abafar-se-iam as suspeitas quanto às suas atividades, e ele ganharia tempo para ajuntar em todo o país pessoas que o apoiassem.

10-11. Deste ponto em diante, Absalão assume o controle; seus *emissários secretos* são dispostos de tal maneira que *as trombetas* (*šōpār*, “chifre de carneiro”) ressoem por todo o país à medida que cada um atende ao chamado com as palavras *Absalão é rei em Hebron*. O golpe de estado, anunciado quase simultaneamente a todas as tribos, faz com que toda oposição pareça inútil. Enquanto isso, os *duzentos homens convidados*, provenientes de *Jerusalém*, não suspeitavam de nada e, por isso, davam aos fatos um ar genuíno de normalidade. Quando perceberam o que acontecia, foram pegos no redemoinho dos acontecimentos, sem condições de intervir.

12. *Aitofel, o gilonita, do conselho de Davi*, era avô de Bate-Seba (cf. 2 Sm 11.3 com 23.34). Ele não estava em *Jerusalém*, mas em *Giló*, um vilarejo nas proximidades, nas colinas ao norte de Hebron, e se tornara traidor do rei. Para aflição do rei, toda a capacidade e a experiência de Aitofel estavam nas mãos de Absalão (v. 31). Enquanto isso, Absalão *oferecia os seus sacrifícios* e, nas aparências, adorava o Senhor seu Deus, mas sua mente estava fixada em seu futuro imediato e no número cada vez maior de pessoas que lhe davam apoio. En-

1. Wiseman, “Is it peace?”, p. 323, assinala que “‘vai-te em paz’ podia ter, pelo menos em sua origem, uma gama de significados dentro dos procedimentos de estabelecimento da aliança... Parece que o uso predominante era o de conclusão de negociações bem-sucedidas”.

quanto os convidados desfrutavam o banquete, eles gradualmente eram cercados de todos os lados por recém-chegados. A estratégia de Absalão fora impecável, assegurando o sucesso da conspiração contra seu pai, de quem muitos dos melhores homens estavam em Hebrom, envolvidos com Absalão (quer gostassem disso, quer não).

13. O rei soube da rebelião do filho não devido a um sinal de chifre de carneiro, mas mediante um mensageiro leal, que havia observado a amplitude do apoio a Absalão.

14-16. Davi ordenou a evacuação imediata da cidade, pois não estava em condições de defendê-la. Tranqüilizado quanto à lealdade de seus servos, o rei e toda a sua casa, com exceção de dez concubinas, que deveriam cuidar de tudo, fugiram do palácio real que Davi construíra com cedro. Nestes versículos e nos seguintes, o narrador refere-se a Davi como *o rei* repetida e deliberadamente.

17-18. Uma vez fora da cidade, o rei pára, a fim de fazer uma avaliação e assegurar-se de quem o está acompanhando. É um verdadeiro desfile militar, uma revista de servos e tropas de grande valor, cujos anos de lealdade faziam-nos duplamente preciosos numa emergência como essa. O fato de que as tropas estrangeiras (*cf.* o comentário sobre 2 Sm 8.16-18) são postas à parte para receber menção especial é esclarecedor. Elas são leais, mesmo quando o próprio filho de Davi o abandona.

19-23. Davi se recusa a crer de imediato na disposição de um recém-chegado de suportar a vida dura e os perigos que aguardam o rei fugitivo. *Itai, o geteu*, indivíduo proveniente de Gate e, portanto, filisteu, é um exilado que escolheu vir com um grupo para se unir a Davi, que percebe que eles não previram a reviravolta. O rei oferece a Itai, portanto, a chance de voltar e servir de maneira mais normal na cidade. Tal ponderação numa hora de tensão revela Davi em seu auge. As palavras *misericórdia* (*hesed*) e *fidelidade* (*'emet*), tão reminiscentes da aliança divina e opostas à experiência que Davi atravessava, são, assim mesmo, o que ele deseja para esse soldado filisteu. Em sua resposta, Itai revela-se uma pessoa que crê, para quem o amor e a fidelidade eram bens supremos. Seu tocante juramento de lealdade, *seja para morte seja para vida*, ajuda muito a compensar a traição dos conspiradores e a estimular Davi quando este se encontra no fundo do poço.

A menção de *todas as crianças* serve como lembrete de que famílias inteiras estavam fugindo da cidade. A procissão já havia alcançado um marco conhecido, a “última casa” (v. 17) antes do *ribeiro Cedrom*, a leste da cidade.¹ Davi estava se dirigindo para a margem leste do Jordão, uma viagem que fez os refugiados passarem pelo monte das Oliveiras e entrar no *deserto*, região inóspita que ficou famosa com a parábola de Jesus sobre o bom samaritano.

24. Por fim, Davi toma uma decisão quanto ao papel a ser desempenhado pela arca de Deus e por aqueles que a ela servem, os sacerdotes *Abiatar* e *Zadoque* e os *levitas* que os acompanhavam. Abiatar havia se revelado confiável ao longo de muitos anos (1 Sm 22.20-23); Zadoque é mencionado pela primeira vez em 2 Samuel 8.17, onde ele e o filho de Abiatar são registrados como sacerdotes. O texto hebraico começa o versículo com Zadoque, como se ele estivesse encarregado da arca; o nome de Abiatar é mencionado depois (*cf.* ARC, TB, BLH), quase como um acréscimo: “Abiatar também estava ali” (BLH). “Abiatar oferecia sacrifícios” (PIB) faz sentido.² Um altar improvisado, um pequeno fogo e ofertas de cereais seriam possíveis na emergência, como acompanhamento da oração em que se pediam a proteção e a vitória do rei.

25-26. *Torna a levar a arca de Deus à cidade* indica que Davi não tinha idéias supersticiosas da necessidade de ter a presença da arca junto de si. No momento de crise, Davi crê firmemente que seu futuro está nas mãos de Deus, que o fará voltar a Jerusalém ou provocará sua queda, conforme Sua vontade. Comparativamente, Absalão não será ajudado pela presença da arca em Jerusalém; “a salvação vem de Javé” (BJ, Sl 3.8, que, de acordo com o título, é um salmo relacionado com este incidente), não sendo resultado direto ou indireto da presença de um santuário. Por outro lado, a arca de Deus era um símbolo preciosíssimo e insubstituível; entronizada em seu santo lugar, ela repre-

1. No versículo 17, a NIV (*cf.* ARC), em lugar de “na última casa”, traz “num local a certa distância”, com base no Targum, versão aramaica do Antigo Testamento. A expressão hebraica é incomum; daí a incerteza. *Cf.* BDB, p. 112.

2. *Cf.* Fokkelman 1981, p. 455, para uma justificativa de sua tradução “Abiatar fez uma oferta de fogo”.

sentava a presença do Deus de Israel no meio de Seu povo. A esperança de Davi era *ver assim a arca como a sua habitação*, pois então saberia que havia achado *graça aos olhos do Senhor*. Para Davi, enviar a arca de volta era um ato de fé e, ao mesmo tempo, um gesto de submissão àquilo que o Senhor achasse apropriado fazer.

27-29. Davi envia Zadoque com a missão: “Olhe” (BLH), que pode ser mais do que uma interjeição (*cf.* margem). A TB traz “Não és tu vidente?” (*cf.* ARC, IBB), enquanto a NEB diz: “Acaso não podes fazer bom uso de seus olhos?” Esta última faz melhor sentido, mas pode ter havido uma ambigüidade deliberada, porque essa conversa não era particular. Davi precisava de informantes e enviou, *em paz* (*cf.* v. 9), o grupo de sacerdotes para atuar como espões na cidade. Eles verificariam a situação e enviariam uma mensagem a Davi *nos vaus do deserto*, um dos pontos costumeiros de travessia do Jordão.

30-31. Não havia tempo a perder, mas não era possível apressar a subida íngreme do monte das Oliveiras, ainda tendo Jerusalém ao alcance da vista. De fato, essa ocasião se tornou de extravasar de emoções, primeiro por parte do rei, e então por parte do povo que estava com ele, em solidariedade com sua humilhação. Outro golpe foi a notícia da sublevação de Aitofel, evidentemente considerada um triunfo de Absalão, a julgar pela oração fervorosa de Davi, que ele passou a suplementar com as providências que estava em condições de tomar.

32. Do topo do monte das Oliveiras, tinha-se uma vista panorâmica de Jerusalém. Compreensivelmente, aquele era um local *onde se costumava adorar a Deus* (talvez indicando que havia um “alto” no topo); ali, a resposta de Deus à oração apareceu na pessoa de *Husai, o arquita* (*cf.* Js 16.2), que se revelou amigo e servo leal, aflito e lastimoso com a sorte do rei.

33-37. Sua vinda nesse exato momento leva Davi a enviá-lo em missão especial. Entre os refugiados, ele seria *pesado*, talvez por causa de sua idade ou fraqueza, mas, na corte de Absalão, ele seria um embaixador inigualável, indo contra as sugestões de Aitofel. Em conspiração com os principais sacerdotes e seus filhos, ele poderia manter o rei informado de tudo o que era planejado nos mais altos escalões. Sua chegada a Jerusalém, “quando Absalão entrava” (PIB) na cidade pelo

lado sul, pareceu providencial: o amigo e confidente de Davi logo estaria em atividade.

v. *Os confrontos de Davi e as tramas de Absalão (16.1-17.29)*. A evacuação da cidade fora tão urgente que não houve tempo para planejar as provisões para a longa viagem que teriam pela frente. A visão de comida era um alento e dificilmente poderia deixar de alegrar o rei e de predispor-lo a ser generoso em retribuição.

1. *Ziba, servo de Mefibosete*, representava a família de Saul, da qual se poderia esperar uma tentativa de se apoderar do trono após a partida de Davi. Em vez disso, aqui estava um presente muito aceitável, destinado a atender uma necessidade premente, que bastava para o grande número de pessoas envolvidas. Visto que Ziba fora nomeado para trabalhar a terra de Mefibosete, os produtos da terra possivelmente eram parte da colheita do proprietário, e não é provável que competisse a Ziba dá-los (2 Sm 9.10).

2-4. No ardor do momento, Davi aceita ao pé da letra as respostas de Ziba às suas perguntas, ficando profundamente ressentido com a aparente traição do filho de Jônatas, a quem havia demonstrado especial bondade (2 Sm 9.1-13). Se Ziba estava tentando obter o favor do rei, ele conseguiu. A terra que havia pertencido a Mefibosete tornou-se sua, mas a doação foi revista após o retorno de Davi (2 Sm 19.24-30).

5-8. Um pouco mais adiante, no vilarejo de *Baurim*, em território benjamita (cf. 2 Sm 3.16), Davi foi alvo de ataques verbais por parte de outro dos parentes de Saul. *Simei* estava num caminho paralelo ao que Davi percorria, no lado oposto de uma ravina (v. 13), de sorte que podia lançar tanto insultos quanto pedras em Davi, através do vale. Ele deseja que Davi vá embora, chamando-o de *homem de sangue*, isto é, assassino, e de *homem de Belial*, ou seja, pessoa sem valor, que não serve para nada (cf. 1 Sm 1.16), que merecia tudo o que estava recebendo porque havia tomado o lugar de Saul como rei. Agora, o filho de Davi ocupará seu lugar como rei: *o reino... o Senhor... já o entregou nas mãos de... Absalão*. Esse irado adversário do rei, que se colocou sozinho contra todo o séquito real, era sensato em se manter à distância; sua afirmação de que conhecia a mente do Senhor era negada pelo seu linguajar ofensivo. Só o tempo e os acontecimentos poderiam

comprovar a validade de tal alegação, a qual, enquanto isso, deve ter-lhe servido de salvo-conduto. Entretanto, como ele não podia estar seguro disso, mantinha distância!

9. Contudo, era de esperar que um dos soldados de Davi quisesse defender o rei e cortar pela raiz tal subversão. O irmão de Joabe, *Abisai*, já observado por suas reações impetuosas (1 Sm 26.8), era inteiramente a favor de decapitar o ofensor de imediato.

10-12. A autoridade e o controle tranqüilos do rei revelam verdadeira grandeza. Ele não irá retaliar, mas, em vez disso, aceitará construtivamente a possibilidade de que o Senhor esteja falando por meio de Simei e receberá os insultos à luz disso. O raciocínio do versículo 11, que todos os seus homens certamente observam, reduz a tensão de um incidente lamentável. Pelo menos dessa vez os filhos de Zeruia não levaram a melhor em relação ao rei (*cf.* 2 Sm 3.39), que salvou a vida daquele que o estava amaldiçoando e entregou seu próprio caso nas mãos do Senhor para que Ele o julgasse.

13-14. Não que os ataques tenham cessado. O bombardeio de pedras e de torrões de terra prosseguiu, causando ferimentos, principalmente na cabeça dos atingidos, mas não era possível parar para descanso, senão ao fim do dia de viagem. A expressão *ao Jordão* não está no texto hebraico (*cf.* ARC, PIB), mas é tirada da LXX. O Jordão representava uma fronteira segura para Davi (2 Sm 17.22), sendo que a única pergunta é se eles chegaram até aquele ponto antes do cair da noite.

15. A cena agora muda para Jerusalém, onde Absalão se encontra em processo de estabelecimento como rei com a ajuda de Aitofel, que já havia se unido a ele (*cf.* 2 Sm 15.12). *E com ele Aitofel* equivalia a dizer que Absalão estava certo de atingir seus objetivos, porque seu conselheiro jamais dava um passo em falso (v. 23).

16-19. A intervenção de *Husai, o arquita, amigo de Davi*, surpreendeu Absalão, pois ele não havia chegado ao ponto de convidar o conselheiro pessoal de seu pai a desertar. O repetido *viva o rei!* de Husai, que soa como música aos ouvidos do ambicioso Absalão, não despertou indagações em sua mente, a despeito da ambigüidade quanto a quem era o rei (*cf.* 1 Rs 1.25, 31, 34, 39). A pergunta dupla de Absalão revela suas incertezas, mas ele não percebe que existem duas

maneiras de interpretar a resposta de Husai, que de novo evita mencionar nomes. Husai de fato permanece leal a seu senhor Davi, escolhido pelo Senhor e pelo povo, mas, em sua vaidade, Absalão deixa de notar essa inferência; será que ele realmente acredita ser aquele a quem o Senhor escolheu, ou será que ele usa o nome do Senhor como mera conversa piedosa? Ao afirmar que servirá ao filho de seu senhor, Husai frisa o próprio relacionamento que Absalão rompeu.

Porventura não seria diante de seu filho?: de fato seria, se ele fosse leal ao pai. Nessas circunstâncias, Husai servirá Absalão ao mesmo tempo em que será leal ao pai de Absalão. Husai manteve sua integridade, Absalão ficou cego devido a seu próprio egoísmo, e ao leitor é concedido um exemplo da atuação da providência divina.

20-22. Por ora, Absalão pede conselho só a Aitofel, que é direto, decidido e impiedoso: *Coabita com as concubinas de teu pai...* Enquanto Husai havia falado de modo positivo acerca do relacionamento entre pai e filho, Aitofel aconselha uma ação que demonstrará de modo muito claro o abismo entre Absalão e Davi. Conquanto possa ter sido comum no antigo Oriente Próximo que o rei de uma nova dinastia tomasse o harém do monarca anterior, certamente não era aceitável que um filho desrespeitasse a proibição existente contra as relações sexuais com as esposas e concubinas de seu pai (Lv 18.7, 8). Aitofel pode ter sido astuto, cativante e influente, mas revelou sua verdadeira personalidade no conselho dado nesta ocasião. É verdade que o profeta Natã dissera “[eu, o Senhor,] tomarei tuas mulheres... e as darei a teu próximo” (2 Sm 12.11) e que Aitofel talvez conhecesse a profecia, mas era preciso um pouco de sangue-frio para colocar em prática aquelas palavras. O vínculo com o adultério de Davi fica claramente estabelecido; Davi estava colhendo o que semeara. Ele havia deixado de castigar o pecado de Amnom, e agora Absalão estava levando ao extremo sua inimizade contra o pai. Ao invadir a vida mais íntima e particular de seu pai de forma tão ostensiva e pública, ele de fato se tornaria odioso a seu pai e a todas as pessoas direitas em Israel.

23. Existe ironia nesse comentário acerca da posição de Aitofel junto a Davi e a Absalão. Seu conselho era aceito com toda a autoridade normalmente reservada para a palavra do próprio Deus! Uma vez que tanto Davi quanto Absalão agiam baseados em seus conselhos,

praticamente era ele quem dirigia o país. Como Husai seria bem-sucedido na disputa com Aitofel?

O resultado da revolta de Absalão dependia da estratégia adotada na etapa de planejamento, e, agora que tinha dois conselheiros, Absalão devia escolher entre dois caminhos diferentes para obter a vitória desejada.

17.1-4. Aitofel apresentou espontaneamente seu segundo conselho. Com seus doze batalhões escolhidos, que talvez representassem as doze tribos unidas contra seu rei, ele não estava em inferioridade numérica. Partiria de imediato, a fim de capturar Davi enquanto este estava fraco e desorganizado, provavelmente em via de ser abandonado por seus homens. *Matarei apenas o rei* foi certamente força de expressão, referindo-se a Davi como “o rei”; mesmo assim, Aitofel vê seu objetivo com clareza. Uma vez morto Davi, poder-se-ia permitir que retornassem com segurança aqueles que estavam com ele, e Israel estaria *em paz*. O símile “como vem a noiva ao seu esposo” (BJ, BLH) não está no hebraico, mas foi introduzido com base na LXX; provavelmente, deve ser omitido, pois não é compatível com o estilo direto de Aitofel (cf. ARA, IBB, ARC, PIB). O plano de Aitofel convenceu o gabinete de guerra e foi aceito.

5-6. Absalão, porém, ficou em dúvida, e quis saber o que seu outro e inesperado conselheiro diria, embora não tivesse sido incluído entre os colaboradores mais íntimos. Há alguma demora até trazerem Husai e até Absalão pô-lo a par da discussão travada até aquele momento, a fim de que dê sua opinião ponderada.

7-10. Husai, que tem de analisar de imediato, faz a avaliação genérica de que o conselho de Aitofel *não é bom* e, então, passa a apresentar suas razões, baseado nos hábitos conhecidos de Davi. Começando com a frase *bem conheces a teu pai e a seus homens*, Husai explora o fato de que, como filho de uma casa real, Absalão não podia negar a imensa capacidade de seu pai, que já se tornara proverbial. Husai passa, então, a tecer uma série de conjecturas, faz algumas comparações emotivas com uma urso raivosa, diante da qual até mesmo quem tem um coração como o de leão fica assustado, e sugere o terrível efeito que um boato pode causar ao aumentar um pequeno revés, transformando-o em derrota: “... morticínio entre o povo que se-

gue a Absalão” (IBB). Dessa maneira, ficou minada a confiança de Absalão na estratégia de Aitofel, e foi-lhe inculcado o medo da força e da coragem de seu pai.

11-14. Husai passa agora a elaborar sua proposta, que depende de uma total mobilização *desde Dã até Berseba* e envolve a presença de Absalão em pessoa. Além disso, o objetivo é a destruição total do grupo de Davi, o que se torna possível, caso nada impeça Husai, mediante o número enorme de homens sob seu comando. Eles impregnarão a área *como o orvalho cai sobre a terra*, não permitindo que ninguém escape. Com o apoio de *todo o Israel*, mesmo uma cidade onde Davi porventura se escondesse poderia ser demolida, tendo suas pedras arrastadas para outro lugar. O discurso de Husai é um golpe de mestre, conquistando Absalão e os que o apoiavam mediante uma pressão sutil nos temores de Absalão, dando ao mesmo tempo importância ao impacto que causaria a presença do rei com seu exército. Aitofel veria imediatamente a fragilidade de tudo o que Husai propusera, mas todos os outros foram convencidos por seus argumentos, que triunfaram.

A essa altura, o narrador se permite um comentário em que revela sua opinião de que, do ponto de vista de Absalão, Aitofel havia dado um *bom conselho*. O fato de que Absalão desconsiderou esse conselho em favor daquele de Husai, que tinha o propósito de proteger Davi, foi visto como exemplo da intervenção do Senhor a fim de derrubar Absalão, pois, seguindo o conselho de Husai, Absalão foi para a guerra e perdeu a vida. Ele foi convencido por um discurso que vendou seus olhos, repleto de referências vagas: “em qualquer outro lugar” (v. 9), *em qualquer lugar em que ele se achar* (v. 12), uma *cidade* de nome não mencionado (v. 13), pelo menos uma ambigüidade (“caindo alguns no primeiro ataque” [v. 9; IBB]: de quem são os seguidores que caem?) e uma contradição óbvia entre a descrição inicial de Davi como homem poderoso (v. 8) e sua derrota no fim, pego por tropas em maior número. Alguma vez Davi se preocupou com o número absoluto das forças que o combatiam? No entanto, a retórica de Husai conquistou o conselho de guerra; Absalão se viu no comando de um exército imenso e vitorioso, e a demora provocada pelo recrutamento de ainda mais reforços deu a Davi oportunidade de organizar suas tropas, re-

cuperar as forças e decidir qual o terreno que lhe seria vantajoso no combate que se avizinhava. Todavia, antes de tudo, ele precisava de notícias sobre as intenções de Absalão.

15-16. A rede de espionagem entrou em operação. Husai transmitiu sabiamente tanto o conselho de Aitofel quanto o seu, e recomendou a Davi que se preparasse para o pior e cruzasse o Jordão antes do anoitecer. Absalão poderia mudar de idéia!

17-20. Os sacerdotes estavam sob a suspeita de apoiar Davi; daí o estratagema de colocar os dois corredores, *Jônatas e Aimaás*, em *En-Rogel*, “a fonte dos lavadeiros”, “perambulantes” ou “espiões”, situada fora da cidade e, possivelmente, freqüentada todos os dias pela criada que apanhava água¹ (assim, sua ida não levantaria suspeitas). Mas os homens foram notados, e deu-se notícia disso a Absalão. O *homem em Baurim*, local por onde Davi passara (2 Sm 16.5), deve ter sido um conhecido simpatizante em território benjamita, alguém leal ao rei; seu poço, coberto e camuflado, deu segurança aos espiões (cf. o estratagema semelhante, igualmente bem-sucedido, descrito em Js 2.6).

Nada se soube: esta afirmação merece destaque. A comunidade de um vilarejo normalmente sabia de tudo o que acontecia, mesmo que fosse apenas pelas crianças brincando nas ruas. Ao orientar os enviados a procurar além do vilarejo, a esposa do homem mandou-os numa procura vã. O *vau* (*mīkāl*) é uma tradução incerta, pois a palavra ocorre só aqui na Bíblia hebraica; daí a possibilidade: “Passaram pelo aprisco de ovelhas na direção das águas” (NIV mg.).

21-22. Embora tendo sido retardada sua ida a Davi, os espiões chegaram em segurança até o rei, que imediatamente aceitou o conselho de atravessar o Jordão, apesar da escuridão da noite. Com aquela barreira entre ele e Absalão, o rei tinha espaço para manobra.

23. O fato de Davi ter cruzado o Jordão acabou com o plano de Aitofel de realizar uma campanha para capturar o rei antes que este al-

1. O elemento comum entre todos esses significados possíveis é o verbo *rāgal*, “ir a pé”, “perambular como maledicente ou espião”. O lavadeiro pisoteia a roupa na água para limpá-la. O fato de o nome da fonte ser apropriado não escaparia ao leitor hebreu.

cançasse a Transjordânia. Com sua demora, Absalão pôs a perder a vantagem que tinha, e o experiente estrategista Aitofel sabia que, como Davi iria agora reassumir o controle, já não havia nenhum futuro para ele. Aitofel enfrentaria a morte por trair o rei. Ele aceitou tranquilamente a situação e decidiu o que faria. Os passos que ele tomou contribuem em tudo para formar a imagem de um estadista bastante calculista, que tem plena consciência de tudo o que está em jogo, levando às últimas conseqüências o caminho da lógica e da razão. Esse homem impiedoso volta calmamente a Giló, cuida para que todos seus negócios estejam em ordem e, só depois disso, comete suicídio por enforcamento. Foi um fim trágico para um homem indubitavelmente capaz, outrora conselheiro valiosíssimo para Davi (2 Sm 16.23), mas que se tornou traidor.

24-26. *Davi chegou a Maanaim*, lugar de certa importância a leste do Jordão, onde Is-Bosete fora coroado rei (2 Sm 2.8, 9). Ali, enquanto Absalão passava por uma cerimônia de coroação (2 Sm 19.10) e ajuntava apoio dentre *todos os homens de Israel*, Davi teve oportunidade de se organizar para o combate. O comandante do exército de Absalão era *Amasa*, primo de Joabe (cf. 1 Cr 2.16, 17), filho de *Itra* ou *Jetra* (BJ), variante do mesmo nome, um *ismaelita*. A ARA traz essa leitura, encontrada em alguns manuscritos da LXX e em 1 Crônicas 2.17, preferindo-a à do texto hebraico, “israelita”, que nada esclarece. Parece que *Abigail* e *Zeruia* eram meias-irmãs de Davi, visto que o pai delas era *Naás* e não *Jessé*. A razão de se apresentarem detalhes da família é permitir que o leitor aprecie a hostilidade entre *Amasa* e *Joabe*, enquanto eles comandavam forças adversárias. A menção de *Gileade*, onde Absalão e seu exército acamparam, levanta a questão do apoio de seus moradores.

27-29. Em uma única e longa oração, esses versículos revelam o interesse prático de três líderes da região para com Davi e seu grupo. *Sobi*, filho de *Naás*, de *Rabá*, dos filhos de *Amom* deve ter sido mais como seu pai leal do que como o impiedoso *Hanum*, que sucedeu ao genitor no trono amonita (2 Sm 10.1-4); *Maquir* foi mencionado como anfitrião de *Mefibosete* antes de Davi convidá-lo para se mudar para Jerusalém (2 Sm 9.4); *Barzilai* era uma pessoa idosa, o chefe de uma importante família em *Gileade*, e leal a Davi (cf. 2 Sm 19.31-40).

Esses três homens de posses trouxeram o fruto de suas terras, junto com *camas, bacias e vasilhas de barro*, dizendo: *Este povo no deserto está faminto, cansado e sedento*. Tais dádivas generosas e solícitas representavam uma preocupação tão profunda com o rei que tinha de se expressar através de ajuda prática e tangível.

vi. A derrota e a morte de Absalão (18.1-33). 1-4. Agora o combate é iminente, e Davi inspeciona suas tropas, distribuídas em três divisões, cada uma sob o comando de um general: Joabe tem de partilhar o comando com seu irmão Abisai e com o geteu Itai (*cf.* 2 Sm 15.19-21), mas, conforme se vê a seguir, Joabe mostra-se tão independente e impetuoso como sempre foi (vv. 9-16). A intenção que Davi tinha de liderar o exército em combate não encontra a aprovação das tropas, cujo argumento concorda com o de Aitofel (2 Sm 17.2-3); Davi é o alvo que o exército inimigo vai tentar atingir e, por isso, deve ficar na retaguarda e fornecer apoio a partir da cidade. De uma porta da cidade, então, o rei passou em revista às tropas enquanto elas marchavam para a luta, distribuídas em companhias e batalhões.

5. Dá-se grande ênfase à ordem final do rei. Ela foi ouvida não apenas pelos três comandantes, mas também *todo o povo ouviu quando o rei dava ordem*, a saber: *Tratai com brandura o jovem Absalão, por amor de mim*; ou, como diríamos: “Se vocês quiserem me ver contente, não sejam muito duros com o meu menino Absalão”. O rei esperava que seu exército saísse vitorioso, mas não conseguia suportar a idéia da morte de seu filho. Em vista de tudo o que Davi tinha atravessado, para o observador é fácil culpá-lo por ser tão pouco enérgico com o filho rebelde, mas o pai ainda anseia a reconciliação com um Absalão arrependido (SI 103.13).

6-8. Essa descrição sucinta do combate decorrente divide-se em duas partes: os versículos 6 e 7a descrevem o avanço dos homens de Davi em direção às tropas de Absalão e a derrota deste pelas tropas de Davi, mas no meio aparece o detalhe revelador: *deu-se a batalha no bosque de Efraim*. Desse versículo vem a informação de que, naquela época, boa parte de Gileade estava coberta de florestas. Davi havia se preparado para que o combate ocorresse nesse terreno, onde a experiência e a coragem de cada soldado em particular valia mais do que

números absolutos. Os versículos 7b e 8 ressaltam a grande perda de vidas, e a oração ao centro, *ai se estendeu a batalha por toda aquela região*, explica o efeito que o terreno coberto de árvores teve na batalha, acabando com todo senso de direção, de modo que os soldados vagueavam sem rumo e se perderam. “O terreno da Transjordânia oferece tudo o que tem a Davi e a seu povo na forma de alimento (17.28, 29) mediante a atuação dos moradores, os três amigos do rei, mas consome os que estão a favor de Absalão, vencendo a espada pela fome.”¹ De fato, a natureza toda conspira para fazer prosperar a causa do rei e derrotar o rebelde, embora este conte com o apoio de “todo o Israel”.

9. O papel desempenhado pela natureza ainda não foi totalmente contado. No combate de “esconde-esconde”, Absalão defronta-se com o perigo representado por alguns homens de Davi, que observam o mulo real sair debaixo dele, que havia ficado *preso... pela cabeça* num carvalho (cf. Is 2.13; Zc 11.2). O traidor fica ali pendurado, à mercê dos soldados; assim estes não precisam lutar contra o filho do rei, mas também não o salvam. A grande árvore, embora imóvel, revelou-se mais do que páreo para o orgulho de Absalão.

10-11. Alguém que assistiu à cena correu para contar a notícia a Joabe, *vi a Absalão*, ao que Joabe sarcasticamente responde, empregando as mesmas palavras: *viste-o*; mas por que ele não havia matado o inimigo? A recompensa em dinheiro e o *cinto* que Joabe pretendia dar implicavam promoção (cf. 1 Sm 18.4).

12-15. Esse homem do exército é admirável em sua resistência ao suborno. Nem mesmo *mil moedas de prata* o teriam induzido a matar o filho do rei depois que Davi dera ordens explícitas, escutadas por Joabe e por todos os outros. Esse soldado raso também é admirável por respeitar e obedecer à ordem do rei; em contraste, seu general toma as leis em suas próprias mãos e atravessa com dardos o coração de Absalão. De acordo com os padrões militares, isso era traição (v. 13a). Os dez escudeiros de Joabe *cercaram... e feriram... e... mataram* Absalão, completando assim aquele feito traiçoeiro; contudo, o soldado assinala

1. Fokkelman 1981, p. 240.

que, caso tivesse feito o mesmo, teria sido considerado culpado de traição, e Joabe não o teria defendido. Aquele homem não tinha medo de dizer o que pensava.

O papel aqui desempenhado por Joabe requer uma explicação em vista da iniciativa que ele tomou em favor de Absalão alguns anos antes (2 Sm 14.1-3, 21, 22). Naquela época, parece que Joabe considerava a volta de Absalão uma necessidade política: seu exílio era motivo de desassossego, e Joabe desejava “mudar o aspecto deste caso” (2 Sm 14.20). Em conclusão, o resultado foi decepcionante, pois quase nada mudou. Absalão e seu pai nunca se reconciliaram de verdade; daí a trama que culminou com a rebelião. O que se poderia ganhar agora poupando-se a vida de Absalão? Será que o rei reagiria a ele de maneira um pouco diferente depois de tal insurreição? Parece provável que Joabe, impaciente com a indulgência de Davi perante o filho, pensou que o mais sensato era acabar com a vida do jovem e insolente príncipe enquanto tinha oportunidade. Em última instância, isso também servia aos interesses principais do país, até onde Joabe era capaz de julgar. A providência certamente colaborou com ele, e a morte de Absalão pôs fim à batalha, evitando assim mais derramamento de sangue.

16-17. Joabe tem agora firme controle sobre os homens de Davi, aos quais chama de volta, impedindo-os de continuar perseguindo seus irmãos que haviam apoiado Absalão. Tudo o que resta a fazer é sepultar em algum lugar da floresta o corpo do rebelde, ficando sua sepultura marcada só por um grande monte de pedras, que, em relativamente pouco tempo, deixaria de ser identificável. Foi um fim vergonhoso.

18. Durante sua vida de certa forma curta, Absalão havia demonstrado um interesse peculiar em que sua fama continuasse depois da morte, ao construir *uma coluna* em sua própria homenagem. Sua escolha do *vale do Rei* está bem de acordo com suas aspirações ao governo, mas, ao erguer seu próprio monumento, Absalão declarou recuar que, de outro modo, não teria um memorial. *Filho nenhum tenho* contradiz 2 Samuel 14.27; presume-se que ele tenha perdido seus três filhos, enquanto eram bem pequenos. O versículo revela a tristeza sentida por um homem que tem um início tão promissor, mas que deixa de

alcançar aquilo que mesmo as pessoas mais comuns dentre o povo consideram certo: a importância ininterrupta por meio de sua posteridade. Uma pedra é tudo o que leva o nome de Absalão.¹

Quatro parágrafos repletos de suspense cobrem a distância entre as linhas de combate e o rei, que ansiosamente espera notícias junto à porta da cidade de Maanaim.

19-20. *Aimaás, filho de Zadoque*, um dos dois corredores que vieram de Jerusalém até o Jordão (2 Sm 17.17), estava impaciente para continuar seu papel de mensageiro e levar ao rei o que considerava ser uma boa notícia. Joabe, que conhecia melhor a Davi, tinha plena consciência de que o rei estaria interessado apenas no que havia ocorrido com Absalão e de que para ele a notícia não seria nada boa.

21-23. Por essa razão, Joabe escolheu um estrangeiro para levar a mensagem. Para ele, isso seria apenas um dever, e suas palavras não estariam carregadas de emoção. Mas não era tão fácil deter Aimaás. Em seu entusiasmo por atender aos interesses do rei e crendo que Davi veria a mão do Senhor no resultado da batalha, ele insistiu em ir até o rei e, em seu ímpeto, revelou-se o corredor mais veloz.

24-27. A cena muda para o rei, que ansiosamente espera notícias. Ele está sentado *entre as duas portas*, a interna e a externa, entre as quais havia assentos para as reuniões dos anciãos, à sombra dos muros elevados. A sentinela no torreão do alto informou ao rei tudo o que podia discernir: um corredor que vinha sozinho trará notícia (está implícita uma boa notícia), mas por que outro? O rei, tenso e preocupado reanima a si mesmo ao reconhecer que *Aimaás é de bem e trará boas novas (tôb; o “bom” está enfatizado)*. Joabe queria poupar o rei de uma desilusão dessas.

28-30. *Paz (šālôm)* resume a mensagem de Aimaás, enquanto se prostra perante o rei e bendiz a Deus pela derrota dos inimigos do rei. Diante da pergunta do rei acerca de Absalão, ele finge não saber a resposta; suas palavras vagas só aumentam a ansiedade de Davi.

1. O marco apontado para os turistas como o túmulo de Absalão no vale de Cedrom remonta só ao primeiro século A.D. Não se deve confundí-lo com o monumento de Absalão.

31-33. O etíope traz a notícia oficial ao rei, transmitindo-a com objetividade e, ao mesmo tempo, com candura. Ele se refere a Absalão juntamente com todos os inimigos do rei, omitindo seu nome e evitando a palavra “morto”. Contudo, o significado de sua mensagem é claro, e Davi, tomado de tristeza, sobe a uma das salas da guarda a fim de chorar pelo filho. Se Davi tivesse liderado os soldados em combate, conforme pretendia (v. 2), em vez de ficar absorto em seus próprios pensamentos, ele poderia ter evitado o impasse emocional que o impediu de apreciar tudo o que seu exército havia suportado a fim de alcançar a vitória. Davi estava fora da realidade, caso imaginasse que poderia ter salvo tanto o trono quanto a vida do filho. Talvez não tenha tido essa ilusão, mas estava arrasado devido ao amor que continuava a brotar de seu interior, ao pensar no grande potencial de seu filho. Daí sua explosão emocionada: *Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!* Havia algo mais a considerar: por causa de seu adultério, sua contribuição para os problemas da família. Ele próprio não estava isento de culpa, e a consciência desse fato deve ter aumentado seu tormento.

Fokkelman chama a atenção para uma profunda mudança em Davi, ao contrastar o rei na época em que se retirou de Jerusalém com o Davi que ouve a notícia da batalha que lhe salvou o trono. No monte das Oliveiras (2 Sm 15.30-37), embora esteja sob ataque, “política e emocionalmente ele é realista e age de forma adequada. É ele mesmo em sua plenitude”. Mas o pai que nunca havia tomado providências para corrigir o filho ambicioso e mimado está se entregando ao tormento de si mesmo, quando, em 2 Samuel 18.33, expressa o desejo de ter morrido no lugar de Absalão. “Isso revela um imenso e terrível vazio naquela parte da alma de Davi onde devia existir autoconfiança, onde o correto é um sentimento saudável de auto-estima.”¹ Em outras palavras, depois de descontar tudo o que um pai amoroso passa devido à morte de um filho, ainda existe um aspecto do comportamento de Davi que não é sadio. Ele já não consegue suportar a visão da realidade e se refugia num desejo que era incapaz de realizar; isso o deixa com sentimentos negativos que bloqueiam todo caminho adiante. É essa barreira que Joabe tem de ajudar o rei a superar.

1. Fokkelman 1981, p. 262-263.

vii. *Rompendo o impasse (19.1-40)*. Enquanto o rei ainda se encontrava longe da capital, imerso em sua tristeza, o exército estava sem recompensa, e o país, sem líder. Era uma situação perigosa, e algum presunçoso podia tentar tomar o poder; assim, na ausência de palavra profética, Joabe desempenhou o papel-chave na difícil tarefa de trazer o rei de volta à realidade.

1-4. Joabe não deve ter ficado totalmente surpreso com a notícia de que o rei estava em prantos por causa do filho (2 Sm 18.20), mas, para o exército vitorioso, era difícil aceitar que Davi não tivesse qualquer palavra de apreciação pela bravura deles em combate. *Em face das circunstâncias, também não houve nenhuma recompensa tangível na forma de despojos*. O isolamento do rei era tal que, mesmo em caso de derrota, ele não podia ter ignorado tanto o exército. Tendo *coberto o rosto*, ele não podia ver os outros; enquanto *exclamava em alta voz*, não conseguia ouvir o que alguma outra pessoa queria lhe dizer. Ele desejava ficar totalmente sozinho.

5-6. *Então Joabe entrou na casa do rei*: ele sabia que precisava penetrar no estado de abandono e isolamento em que Davi se encontrava para que este tivesse alguma credibilidade como rei. Ele estava testando até o limite a lealdade de seus seguidores. Joabe é adequadamente rude, a fim de abalar Davi e levá-lo a reconhecer a situação; ele encontra quatro maneiras de apontar para o fato de que o comportamento do rei é anormal e desconsidera todos os padrões aceitos: i. as pessoas que salvaram a vida do rei e de suas esposas e filhos foram recompensadas com desonra; ii. a razão é que Davi transformou o mandamento de amar o próximo em odiar o próximo (cf. Lv 19.18); iii. *nada valem para contigo príncipes e servos*: o próprio Joabe está incluído entre aqueles que viram ignorado seu esforço para conseguir a vitória; iv. *levando a atitude do rei à sua conclusão lógica*, Davi seria capaz de sacrificar todos os seus seguidores se Absalão pudesse viver. Esta contundente linha de raciocínio foi premeditada para fazer o rei reconhecer o fato de que não pode trazer Absalão de volta (cf. o realismo do próprio Davi quando morreu a criança de Bate-Seba, 2 Sm 12.22, 23).

7. Tendo revelado o ultraje, Joabe passa a apresentar o caminho a seguir: *Levanta-te agora, sai, e fala segundo o coração de teus servos*. Requer-se ação imediata, tanto para acordar o rei de sua letargia como

para manter a lealdade do exército, que é mais importante. Joabe repetidamente chamou atenção para “hoje”, “agora” (cinco vezes); tão grande é a crise que o rei deve agir de imediato ou então perderá todo apoio *esta noite*. O juramento que Joabe faz, *pelo Senhor*, dá um toque solene à sua insistência urgente com o rei.

8a-c. *Então o rei se levantou, e se assentou à porta*, mas desta vez não havia circunstâncias para saudá-lo. A voz passiva, “todo o povo foi informado” (PIB; cf. v. 1, “foi noticiado a Joabe...”, PIB), faz continuar a sensação de anticlímax, e, embora o rei tenha tomado assento junto à porta, pronto para receber as honras de seu povo, tem-se a forte impressão de que ele conseguiu isso com muita dificuldade. Não se diz que falou bondosamente, nem mesmo que tenha falado. Mas *veio... todo o povo apresentar-se diante do rei* e viu seu rosto (contraste com o v. 4) com sinais de sofrimento e tristeza, e sentimos que a crise foi evitada. Os que o apóiam permanecerão leais.

O rei cedeu à orientação de Joabe, mas o que está se passando em seu íntimo? Como Davi está assimilando esse ataque em que seu general, abusando da autoridade, ainda que indubitavelmente tenha salvado a situação, teve a presunção de orientar o rei não de maneira cortês, mas com palavras ásperas que certamente iriam ferir? Esse companheiro de armas de longa data, que havia desempenhado o papel central em diversas batalhas e que obedecera à ordem do rei para pôr o heteu Urias na área de luta mais violenta (2 Sm 11.14, 15), agora havia desobedecido às ordens e matado o filho do rei. Até onde iria ele em seu desafio ao rei? Até onde teria permissão de ir?

8d-10. Enquanto isso, de modo geral, a situação é confusa no país. As pessoas estão divididas quanto a quem é seu líder; existe um consenso de que todos querem o retorno do rei, mas ninguém toma a iniciativa de chamá-lo de volta. Parece que há uma atitude política ingênua na inferência de que um novo rei pode ser ungido e seguido experimentalmente; se não der certo, pode-se voltar à situação anterior! *O rei* é agora uma referência a Davi. Não há outro, e o povo que foi ludibriado pelo usurpador sabe que não poderá progredir sem ele. No espaço de uma ou duas semanas, houve um dano terrível, e é preciso grande habilidade para restabelecer a confiança entre o rei e seus súditos.

11-15. *Aquilo que todo o Israel dizia*, que eles estavam pedindo sua volta, chegou aos ouvidos do rei, o qual, em vez de aceitar com gratidão a mudança de lealdade apertando as mãos estendidas, voltou-se para seus sacerdotes aliados, na capital, a fim de que obtivessem o apoio de sua própria tribo. Ao insultar Judá, apontando para a prontidão das outras onze tribos em recebê-lo, Davi cria um abismo entre Judá e as tribos restantes, enquanto teria sido sábio unificar o reino pondo-se acima de facções e lealdades tribais. A autoconfiança do rei Davi sofreu tantos golpes sucessivos que ele sente necessidade desesperada de ter aqueles a quem conhece e ama para que restaurem seu equilíbrio. Joabe desapontou-o nesse aspecto, e, sozinho, Davi não consegue sair do estado de choque em que se encontra. No entanto, ele ainda é capaz de tomar a iniciativa de rebaixar Joabe de posto e de substituí-lo por outra pessoa da família, seu primo Amasa (veja 2 Sm 17.25), que havia comandado o exército de Absalão. Desse modo, Davi manteve, à custa de Joabe, o oficial nomeado por Absalão e, ao mesmo tempo, ofereceu um ramo de oliveira àqueles que haviam apoiado Absalão havia bem pouco tempo.

O apelo de Davi à tribo de Judá resultou em sua reconvocação unânime ao trono e numa cerimônia formal junto ao Jordão. *Judá foi a Gilgal*, entre Jericó e o Jordão, onde Josué fez seu primeiro acampamento em Canaã (Js 4.19-24), onde Samuel ministrava habitualmente (1 Sm 7.16) e onde foi confirmado o reinado de Saul (1 Sm 11.15). No passado, Gilgal tivera ligações com todas as tribos, mas nessa oportunidade só Judá foi oficialmente convidado para *encontrar-se com o rei, a fim de fazê-lo passar o Jordão*. O efeito de tal parcialidade só poderia ser divisor. Todavia, certos indivíduos, que tinham bons motivos pessoais para se comunicar com o rei, certificaram-se de obter uma audiência na primeira oportunidade.

16-17. Mudanças políticas levaram *Simei* a mudar de lado; o mesmo Simei insultara Davi poucos dias antes, quando este ia embora (2 Sm 16.5-8). Desta vez, o relato não faz nenhuma referência ao relacionamento de Simei com o rei Saul. Ao contrário, a ênfase repousa em sua pressa e no grupo do qual se cerca. Ele não apenas se faz acompanhar por mil pessoas da tribo de Benjamim, através de cujo território o rei ia viajar, mas consegue que sua chegada ocorra junto com

a dos homens da tribo de Judá. Davi é também acompanhado por Ziba e seus homens, o qual conseguiu convencer o rei de sua lealdade mediante os presentes que lhe ofereceu no período de necessidades (2 Sm 16.1-4). A intensa competição entre todos esses grupos a fim de demonstrar sua lealdade põe em dúvida sua sinceridade. Por que cada um acha necessário se apressar para ser o primeiro a chegar?

18-20. No caso de Simei, a resposta é óbvia: ele temia por sua vida e esperava estar mais seguro no meio de um grupo, de modo que se apressou a atravessar o rio nos vaus para oferecer seus préstimos ao rei; este será carregado junto com a família para o outro lado do rio. Mas primeiro ele apresenta sua petição: *Não me imputes, senhor, a minha culpa*, embora Simei admita que agiu *perversamente*. O fundamento da súplica é sua confissão, *pequei*, e seu apelo baseia-se na mudança que o levou, *o primeiro... de toda a casa de José*, até Davi. Com isso, ele se refere às outras tribos que não a de Judá, as quais, ele deixa implícito, virão atrás dele e descerão (*desci*), literal mas também figuradamente, ao mudar de lado e voltar para seu rei legítimo.

21-23. Abisai, certo de que seu impulso anterior estava correto (2 Sm 16.9), quer que Simei seja executado imediatamente, pois tinha *amaldiçoado ao ungido do Senhor (m^cšîah)*. De repente, Davi volta a si. Ele identifica Abisai como um de seus *adversários* e se distancia dos *filhos de Zeruaia*, declarando sua autoridade: *... hoje novamente sou rei sobre Israel*. Davi assume o risco de conceder a Simei um juramento de perdão incondicional, embora este tenha se comportado de modo absolutamente desprezível e Davi jamais tenha confiado nele (1 Rs 2.8). Salomão ficou com a responsabilidade de eliminar qualquer possibilidade de Simei tramar contra o trono (1 Rs 2.36-46).

24-25. Outra pessoa que estava ansiosa por acertar sua situação era *Mefibosete*, filho de Jônatas, a quem Davi havia feito membro permanente de sua casa (2 Sm 9.13). Como tal, ele devia ter acompanhado o rei em seu exílio de Jerusalém, mas seu mordomo Ziba havia se tornado traidor e o caluniara (2 Sm 16.1-4). Davi, contudo, encontrava-se em dificuldades, sem saber em quem acreditar. A aparência do homem, especialmente a barba por fazer, era um claro indício da sinceridade de sua afirmação de que estava entristecido, aguardando a volta do rei.

26-28. Mefibosete, que estivera em situação difícil devido à sua deficiência física, presta um tributo sincero àquele a quem chama de *rei meu senhor* (cinco vezes, vv. 26-30). Ele reconhece sua total dependência do rei, nada pede senão o que Davi achar apropriado e coloca-se nas mãos do rei.

29-30. Davi se vê numa situação embaraçosa. Ele havia ficado tão grato pela dádiva de provisões que Ziba lhe dera em sua viagem para fora de Jerusalém que tinha acreditado na história sobre as pretensões de Mefibosete ao trono, dando todas as terras de Saul a Ziba, num gesto repentino de gratidão (2 Sm 16.4). Ziba já havia chegado para declarar sua lealdade (v. 17), mas agora Davi, confrontado com o filho de Jônatas, de quem havia suspeitado indevidamente de subversão e confiscado as terras que eram suas por direito, fica num dilema quanto ao que deve fazer. *Impacientemente, ele decreta: Resolvo que repartas com Ziba as terras.* A decisão parece justa, mas na verdade favorece injustamente a Ziba, que obteve a propriedade mediante engano; além disso, priva Mefibosete de metade de suas terras, e ele, devido à sua deficiência, merecia ser defendido daqueles que quisessem se aproveitar da situação. Quem sai incólume do incidente é o aleijado Mefibosete, que se coloca acima das questões financeiras e sente um prazer sincero no retorno, em segurança, do rei seu senhor (*b^ešālôm*, isto é, com a paz e a segurança plenamente restauradas). É triste ver a reação hesitante de Davi diante da atitude sincera e calorosa do filho de Jônatas, que também sofreu e compreende o que o rei teve de suportar.

31-33. O terceiro indivíduo selecionado para menção especial, *Barzilai, o gileadita*, é totalmente dedicado ao rei, tendo usado de suas riquezas para atender às necessidades materiais de toda a casa e exército de Davi durante sua estada em Maanaim (cf. 2 Sm 17.27-29). A despeito de sua idade, ele empreende viagem até o Jordão a fim de escoltar o rei em seu caminho, e Davi, desejando retribuir sua hospitalidade, convida-o a tomar lugar consigo na corte em Jerusalém. A localização de *Rogelim* é desconhecida.

34-37. Esse fazendeiro leal, mas independente, quer terminar seus dias em sua própria casa e alega que suas crescentes enfermidades importunarão demasiadamente o rei. Além disso, ele nada fez para mere-

cer tal recompensa. Baseado nisso, ele educadamente abre mão da honra que o rei queria lhe conceder, pedindo permissão para voltar à sua cidade e ficar perto do túmulo da família. Mas aproveita a oportunidade para apresentar *Quimã*, que, de acordo com alguns manuscritos da LXX, é seu filho (cf. BJ mg.). Isso está de acordo com 1 Reis 2.7; também havia um local denominado Gerute-Quimã, perto de Belém, que significa, “a estalagem de Quimã” (Jr 41.17). Barzilai pede ao rei que faça em favor de Quimã *o que bem te parecer*.

38. O rei prazerosamente recebe Quimã, mas convida Barzilai a sugerir para si o que *for do teu agrado*; Davi lhe oferece “um cheque em branco”.

39-40. A despedida ocorreu nesse clima amistoso, e Barzilai voltou para casa com a bênção do rei, enquanto Davi obteve a confirmação de que tinha um aliado firme e leal em Gileade, vendo seu próprio bem-estar restaurado no gesto generoso que pôde fazer para Quimã. Mas o apoio tribal estava dividido.

e. O descontentamento em Israel (19.41-20.26)

41-43. As tribos do norte ressentiram-se profundamente do fato de ter sido excluídas da cerimônia em que o rei foi escoltado na travessia do Jordão, em sua viagem para Jerusalém. Embora tenham vindo *ter com o rei*, o diálogo ocorre entre os dois principais grupos tribais, e o rei, cuja responsabilidade era convocar a todos, fica fora.

Aqueles que foram acusados, os da tribo de Judá, defenderam sua ação, desse modo admitindo que haviam “furtado deles o rei”. À medida que o clima foi ficando tenso, eles repudiaram a idéia de que houvera qualquer favoritismo ou vantagem material nisso. A contra-argumentação de Israel era sua força numérica maior e o fato de que a primeira sugestão de trazer o rei de volta partira deles (2 Sm 19.10). A discriminação de Davi em favor de sua própria tribo pôs um abismo entre Judá e os demais, o que voltou a colocar o país em guerra.

20.1-2. Seba, filho de Bicri, o líder das tribos descontentes, que se automegara, tirou vantagem da insatisfação e declarou independência para Israel, sob sua própria liderança. *Todos os homens de Israel se separaram de Davi*, mas só temporariamente, conforme se verificaria nessa oportunidade (cf. 1 Rs 12.16, quando a frágil unidade rompeu-se definitivamente).

3. A volta de Davi à capital é descrita apenas no que diz respeito às suas infelizes concubinas, que permaneceram praticamente em estado de viuvez, um lembrete, até o final da vida de Davi, dos horrores perpetrados por Absalão (2 Sm 16.20-23).

4-6. A primeira incumbência que Amasa recebeu como comandante do exército (2 Sm 19.13) revelou seu despreparo. Seu fracasso em aparecer no *tempo... aprazado* com o exército pronto para as operações deixou Davi alarmado, temendo que ele também houvesse se tornado um traidor, e Seba teve tempo de avançar um pouco, rumo ao norte, capturando *idades fortificadas*.

7-10. Abisai, no comando do exército regular, e Joabe foram enviados para o campo a fim de perseguir Seba, e na *pedra grande* em Gibeom é Joabe quem se destaca. Embora Joabe tivesse sido demitido, ele não era posto fora de ação tão facilmente, e tinha seus motivos pessoais para querer eliminar Amasa, o primo promovido em seu lugar. Colocando-se na condição de amigo, ele traiçoeiramente matou seu concorrente (*cf.* 2 Sm 3.27). Estando assim tão perto, não é de surpreender que tenha atingido seu objetivo sem desferir um golpe pela *segunda vez*; esse soldado experiente era hábil com suas armas e cruel em seu interesse pessoal. Ele não podia tolerar rival algum.

11-13. O exército em perseguição ficou chocado diante da visão repugnante do corpo do general Amasa. Todos paravam no local para ponderar sobre o que havia acontecido e sobre como agir, mas o soldado que Joabe pôs ali de serviço cuidou para que todo o povo recebesse o recado: Joabe estava no controle do exército do rei, embora totalmente fora do conhecimento deste! Assim que se removeu o corpo, já não havia obstáculo que impedisse que, em sua totalidade, o exército perseguisse Seba sob a liderança de Joabe. Abisai desaparece dos registros, incapaz de resistir, tão logo Joabe declarou sua autoridade.

14. O caminho era bem longo até o extremo norte do território de Israel, onde Seba finalmente foi achado em *Abel-Bete-Maaca*, a atual Tell Abil, junto a uma das nascentes do Jordão, situada 20 quilômetros ao norte do lago Hulé. O emprego do nome Abel no versículo 18 e nos textos de execração egípcios indicam que Bete-Maaca é um nome alternativo do local, possivelmente sírio.¹ Outra sugestão é que podem

1. *Cf.* IBD 1, p. 2, mapa; p. 3, sob o verbete “Abel of Beth-maachah”. NBA, p. 43, 45.

ter sido cidades gêmeas, localizada cada uma em um lado do ribeiro.¹ Nesse caso, só uma teria sido fortificada. O fugitivo se refugiou na cidade murada, apoiado apenas pelas “pessoas do grupo de famílias de Bicri” (BLH), isto é, pelos bicritas, tribo a que pertencia. A BLH adotou aqui uma emenda (cf. BLH mg., e ARA, ARC, IBB), porque a palavra *beritas* não aparece em nenhum outro lugar.

15. As táticas de cerco aqui descritas são típicas. O *montão... contra* [o muro d]a cidade permitiu aos atacantes que se aproximassem por uma rampa suave e, com aríetes improvisados, atingissem a vulnerável parte superior do muro, num esforço por rompê-lo.²

16-17. No meio do ataque, que era algo apavorante para os que estavam dentro da cidade, ocorreu uma intervenção inesperada. *Uma mulher sábia* chamou Joabe. A julgar pela resposta imediata de Joabe, que proporcionaria uma trégua no ataque, deve ter sido possível identificá-la de algum modo como uma representante da cidade, a líder de seu conselho. Tendo identificado Joabe, ela se certificou de que ele estava preparado para dar atenção ao que iria dizer. A longa introdução revela a importância de suas palavras.

18-22. Sua cidade, Abel, tinha uma honrosa reputação em Israel como centro ao qual as pessoas se dirigiam em busca de conselhos sábios, e a mulher cita o provérbio *peça-se conselho em Abel*. A mulher identifica-se com aquilo que é típico das melhores tradições em Israel: ela é *uma das pacíficas e das fiéis*. Em contraste, acusa Joabe de dois crimes: *procuras destruir uma cidade e uma mãe em Israel*, da qual ela é a representante-mãe e os vilarejos ao redor são os “filhos” (cf. Zc 9.9). Caso consiga o que quer, Joabe, cujo nome significa “Javé é pai”, cometerá o segundo crime de reduzir a herança do Senhor. Joabe fica ofendido e nega ter tal intenção. Ele procura apenas aquele homem que se levantou contra o rei. A mulher tem autoridade para falar em nome de toda a comunidade, quando afirma que Seba será decapitado e sua cabeça será *lançada... pelo muro* como prova irrefutável

1. E. C. B. MacLaurin, “Qrt-’ablm”, *PEQ* 110 (1978), p. 113-114.

2. Escavações em Laquis revelaram no canto sudoeste da cidade uma rampa de cerco como essa; cf. D. Ussishkin, *Excavations at Tel Lachish 1973-1977, Preliminary Report* (Telavive: University Institute of Archaeology, 1978, lâminas 1 e 21).

de que a execução foi realizada. Dessa maneira, a guerra termina satisfatoriamente com um mínimo de baixas, graças à intervenção de uma “mulher sábia”, que obteve do líder militar a resposta que desejava e, assim, salvou sua cidade. Num incidente anterior, outra “mulher sábia” havia cooperado com Joabe e assumira a delicada tarefa de conduzir o rei a um novo ponto de vista (2 Sm 14.1-20). Esses dois episódios ressaltam o papel diplomático desempenhado pelas mulheres no período inicial da monarquia.

Joabe voltou a Jerusalém a ter com o rei, agindo descaradamente em face do assassinato de Amasa e de sua autonegação para comandar o exército no lugar de Abisai, a quem o rei tinha nomeado. Esperava ficar impune a tudo isso, por ter conseguido acabar com a insurreição contra o rei Davi. A esta altura, omitem-se as reações de Davi, mas em seu leito de morte elas são reveladas a Salomão, que foi advertido a não permitir “que suas cãs [de Joabe] desçam à sepultura em paz” (1 Rs 2.6). Embora a rebelião de Seba tivesse sido dominada e Davi só pudesse estar agradecido por ter sido vencida essa segunda tentativa de lhe tomar o trono, ele estava levando nas costas o peso de um general que insistia em matar homens que o rei tinha posto em posição de autoridade e em tomar para si o comando do exército. O problema era que Joabe era capaz e autoconfiante, e voltou vitorioso, mas, do ponto de vista do rei, era um assassino que Davi não conseguia levar às barras da justiça. Joabe tinha matado Abner (2 Sm 3.27), Absalão (2 Sm 18.14) e, agora, Amasa (2 Sm 20.10). Dificilmente Davi deve tê-lo recebido de braços abertos, e, contudo, ele salvara o reino.

23-26. Uma lista de oficiais a serviço do rei, semelhante àquela de 8.15-18, mas relevante para o período final, conclui esta seção. Vale a pena observar as diferenças entre as duas listas: i. a omissão do nome de Davi em relação à administração legal pode ser significativa (cf. 2 Sm 15.3, 4); ii. um novo desdobramento é o ministério dos *trabalhos forçados*, algo sinistro em vista dos problemas a que iria levar (1 Rs 11.28; 12.12-16); iii. já não se mencionam os filhos de Davi como sacerdotes, o que é compreensível em vista de suas atividades, conforme registradas nas narrativas entre a primeira lista e esta; parece que *Abiatar* era filho de Aimeleque, tendo recebido o nome do avô. Mas o primeiro na lista era Joabe, *comandante de todo o exército de Israel*, figura proeminente, cuja habilidade e força não pareciam diminuir com o passar dos anos.

2 Samuel 11-20 cobre um período do reinado de Davi que ele pode muito bem ter desejado omitir dos registros. Por que isso teve de ser incluído?

Do ponto de vista do historiador, 2 Samuel 1-10 contém material mais relevante para seu propósito.¹ No entanto, 2 Samuel 11-20 avança num passo lento e deliberado, marcado pelo discurso direto; a narrativa cuidadosamente elaborada dá destaque à séria ofensa de Davi e a tudo o que decorreu dela. Apresentam-se os negócios de estado em íntima ligação com os relacionamentos pessoais; ligações pecaminosas têm repercussões que ressoam bem além da vida pessoal dos indivíduos envolvidos. Ao mesmo tempo, Davi, embora perdoado por Deus, viu-se em desvantagem devido a seu passado e por ser incapaz de disciplinar os outros; ademais, seus próprios filhos jamais concordaram com o que seu pai tinha feito.

Em outras palavras, o narrador convida o leitor a dar atenção especial às conseqüências sociais e psicológicas do adultério, bem como ao cumprimento óbvio do juízo divino, conforme pronunciado pelo profeta Natã (2 Sm 12.10-12). Embora seu reino tenha permanecido intato, Davi perdeu o controle que tinha sobre as pessoas e sobre os negócios. Para homens em posição de liderança, é provável que as implicações sejam especialmente significativas; ao mesmo tempo, são importantes para todos, pois, “como uma obra-prima artística de valor universal e transtemporal”, a figura de Davi ainda estabelece contato com o leitor. As mais elevadas qualidades de Davi “(manifestadas ou violadas por ele)... são as mesmas de nossa própria existência humana. Essa obra de arte da narração tem uma qualidade didática... Ela transmite sabedoria profunda”.² Portanto, concentrar-se no aspecto histórico do reinado de Davi e nele parar é perder de vista o propósito do livro, cujo objetivo é fornecer orientação para a vida, uma indicação acerca dos enganos que distorcem nosso entendimento do que é benéfico e do que deve ser feito. Em outras palavras, esses capítulos, à semelhança de muitos outros, têm o propósito de ser “lâmpada para os meus pés... e luz para os meus caminhos” (Sl 119.105).

-
1. Bright dedica 13 páginas a 2 Samuel 1-10 e apenas 4 a 2 Samuel 11-20; veja Bright, p. 190-202 e 203-206, respectivamente.
 2. Fokkelman 1981, p. 424.

IV. EPÍLOGO (2 Samuel 21.1-24.25)

Outra seleção de textos que representam diferentes períodos da vida de Davi leva nosso livro a uma conclusão. Aqui, os seis episódios formam um padrão concêntrico (A, B, C, C¹, B¹, A¹), com poemas escritos pelo rei no centro, em ambos os lados desses poemas um relato de grandes guerreiros que serviram ao rei, e no início e no fim calamidades naturais que ocorreram durante o reinado de Davi. De maneira habilidosa, esses capítulos resumem o que aconteceu antes, mas sem mera repetição. Num nível mais profundo, eles apresentam o maior rei de Israel como um homem que herdou problemas de seu predecessor e criou-os ele mesmo (A, A¹); que lutou e alcançou suas vitórias com a ajuda de muitos outros celebrados aqui (B, B¹); e cuja alegria e força estavam em seu Deus, a quem ele louvava com total espontaneidade, porque tudo o que ele era e conquistara devia ser atribuído ao fiel Senhor Deus de Israel (C, C¹).

A. Um legado do passado (21.1-14). Quando Israel padeceu fome durante três anos consecutivos, Davi supôs que o Senhor estava dizendo algo a Seu povo por meio daquela calamidade. Ele não estava enganado.

1. A causa que estava por trás da falta de chuva era uma aliança quebrada. Quando Josué estava invadindo Canaã e destruindo seus moradores, ele foi enganado pelos *gibeonitas*, que fingiram ter vindo de um local distante além da região reivindicada por Israel, enquanto sua cidade ficava a apenas alguns quilômetros ao norte de Jerusalém. O tratado de paz que Josué fez com eles era irrevogável apesar do engano que perpetraram: os gibeonitas deviam ter permissão para viver (Js 9.15). Num incidente não registrado na narrativa sobre Saul, evidentemente ele tinha sido cruel demais, a ponto de quebrar a aliança, por determinar a morte dos gibeonitas, tendo ficado sem punição. Portanto, ainda pairava *culpa de sangue* sobre Saul e sua família.

2. Gibeom ficava próximo de Gibeá, a cidade de Saul, e possuía um santuário famoso no qual Salomão ofereceu sacrifícios quando assumiu o trono (1 Rs 3.4). *No seu zelo*, Saul ressentiu-se da permissão

concedida a estrangeiros, os amorreus, para servirem, mesmo que fosse em trabalhos braçais, no santuário do Senhor (Js 9.27) e, por isso, determinou a morte de alguns gibeonitas. O nome *amorreus* é aplicado como termo genérico aos moradores de Canaã.

3-6. O rei está ansioso para fazer algo a fim de aliviar da fome o país, e pergunta aos gibeonitas: “Como hei de fazer expiação...?” A seriedade com que os gibeonitas consideravam a quebra de um juramento é indicada pela resposta deles. O dinheiro não serviria de compensação, mas somente a entrega de uma vida pela outra. A resposta dos gibeonitas ilustra o significado da palavra hebraica *kipper*, “fazer expiação”, num contexto secular, em contraste com seu uso no sacrifício ritual. Saul havia cometido o erro e, uma vez que havia morrido, sete pessoas de sua família deviam ser entregues nas mãos dos gibeonitas *para que os enforquemos ao Senhor*. Encarava-se a justiça não como algo abstrato, mas como exigência do Senhor, em cuja terra habitavam, e “nenhuma expiação se fará pela terra... senão com o sangue daquele que o derramou” (Nm 35.33). O derramamento de sangue trará a reconciliação entre os gibeonitas e Israel, *para que abençoeis a herança do Senhor*.

“Gabaom [isto é, Gibeom], na montanha de Javé” (BJ, PIB; v. 6) é uma correção do hebraico, que traz *Gibeá de Saul, o eleito do Senhor*. A LXX, na qual se fundamenta essa emenda, pode ter “corrigido” um sentido improvável mas original, com base no fato de que Gibeom e Gibeá são nomes facilmente confundidos.

7-9. Davi não se esquivou à dolorosa tarefa de escolher sete netos de Saul; *Rispa* era uma concubina (2 Sm 3.7) que tinha dois filhos; *Merabe* era filha de Saul. A ARA preferiu o nome alternativo ao hebraico “Mical”, de quem o texto bíblico diz que não teve filho algum (2 Sm 6.23); foi Merabe que se casou com Adriel (1 Sm 18.19). Evidentemente, lembrou-se por muito tempo a morte desses sete homens *nos primeiros dias... da ceifa de cevada* (uma referência à época do ano, não uma indicação de que havia alguma colheita para se fazer).¹

1. O chamado Calendário de Gezer, uma pedra com inscrições toscas feitas no décimo século a.C., divide o ano de acordo com as principais tarefas do lavrador e menciona a “colheita de cevada”, que ocorre em nossos meses de março/abril. Cf. *DOTT*, p. 201-203; *IBD* 1, verbete “Calendar”, p. 222-224.

10-14. A esperança de que a chuva viesse e interrompesse a longa estiagem, como resultado de seu sacrifício, levou Rispa a prantear ao lado dos corpos de seus filhos mortos. Davi, movido pelo exemplo dela, decidiu minorar o sofrimento provocado; determinou que fossem honrados os corpos de Saul e Jônatas, que haviam sido sepultados em Jabes-Gileade depois da batalha de Gilboa (1 Sm 31.8-13). O traslado de seus ossos, juntamente com os dos homens enforcados, até o túmulo de *Quis*, pai de Saul, foi um gesto pelo qual o rei deu testemunho público do respeito que tinha pela família de seu antecessor real. *Zela* é um dentre os 14 lugares alistados na região montanhosa a noroeste de Jerusalém (Js 18.28); é provável que tenha sido o local onde Saul nasceu. *Depois disto Deus se tornou favorável*, pois a justiça fora feita e a honra, cumprida, um comentário que reaparece em 2 Samuel 24.25.

B. Davi e seus assassinos de gigantes (21.15-22). Esta seção acrescenta outros detalhes ao relato das guerras de Davi contra os filisteus, descritas nos importantes sumários de 2 Samuel 5.17-25 e 8.1. Registram-se aqui quatro incidentes, dos quais todos, com exceção do primeiro, tornam a aparecer, com diferenças de detalhes, em 1 Crônicas 20.4-8. Parece provável que se mantinha uma lista de honra, na qual atos destacados de bravura, alguns dos quais citados aqui, foram escritos e deixados para a posteridade. O estilo conciso de redação é próprio de uma lista oficial de honrarias.

15-17. *De novo fizeram os filisteus guerra* parece ser um texto tirado de uma dessas crônicas de façanhas. O rei Davi, esgotado pela guerra, corria perigo de vida. Seu adversário, que *descendia dos gigantes* (*rāpā*, singular; cf. “Rafa” na BJ e PIB, que desse modo interpretam a palavra como nome de família; a ARA pressupõe uma ligação com *rēpā’im*, plural; cf. Dt 2.11; Js 17.15), esperava matar Davi.¹ Sua lança, embora pesada (aproximadamente 3,5 kg), tinha apenas metade do peso da lança de Golias (1 Sm 17.7). No entanto, Abisai atacou o

1. Existem diferenças consideráveis entre algumas traduções (por exemplo, JB, PIB, NEB) e a ARA nos vv. 15, 16. As mudanças adotadas por alguns tradutores atuais remontam a J. Wellhausen, *The Text of the Books of Samuel* (1871), citado em Driver 1913, p. 270-271.

imenso soldado e o matou, salvando a vida do rei. Davi escapou por pouco; daí a determinação consensual do povo de que essa seria sua última aparição como líder das tropas em combate, *para que não apagues a lâmpada de Israel*. O rei era o foco da nação, a fonte de suas diretrizes, o responsável por guardar a aliança do Senhor (cf. 1 Rs 11.36; 15.4). A metáfora é sugerida pela lâmpada do santuário, sempre acesa, que em si é um símbolo da dependência que Israel tinha do favor do Senhor, mas também significa a luz revelada pelo Senhor para a bênção do povo de Israel e das nações (cf. 2 Sm 22.29; mas veja também a visão que Zacarias tem do candelabro e seu significado, Zc 4, especialmente os vv. 6, 14). *Abisai*, irmão de Joabe, tivera seu momento de glória, apesar de ter sido ofuscado pelo irmão obstinado.

18. *Gobe* é desconhecida fora desta passagem; a LXX e a Siríaca trazem “Gate”, ao passo que 1 Crônicas 20.4 traz “Gezer”. Outro *husatita*, ou morador de Husá, local próximo de Belém e identificado com a atual Husã, é citado em 2 Samuel 23.27.

19. Este versículo é difícil porque, pelo que diz, nega-se a Davi a honra de ter matado Golias. Em 1 Crônicas 20.5 afirma-se que “Elanã, filho de Jair, feriu a Lami, irmão de Golias, o geteu”; mas, uma vez que “Lami” é parte da palavra hebraica “belemita”, provavelmente isso é uma tentativa bastante antiga de lidar com o problema. No entanto, o versículo de Crônicas sugere que *Jaaré-Oregim* deve ser traduzido por “Jair, o tecelão” (cf. NIV mg.). A mesma palavra ocorre no final do versículo, traduzida por *eixo do tecelão*. Quem é, então, esse *Elanã*? A sugestão mais provável diz que é Davi sob outro nome, aquele com que sua família o tratava em oposição a seu nome de rei; nesse caso, Jair deve ser o equivalente de Jessé.¹

20-22. O quarto dos imensos líderes filisteus *injuriava a Israel*, da mesma forma como Golias de Gate havia feito (1 Sm 17 usa o mesmo verbo nos vv. 10, 25, 26, 36, 45, onde é traduzido por “afrontar”). O sobrinho de Davi, filho de seu irmão *Siméia*, ou “Samá” (1 Sm

1. Para uma apresentação bastante clara dos problemas e possível solução, veja D. F. Payne, “The Elhanan Problem”, *NBC*, p. 318-319. Ele destaca que, em vista dos problemas textuais, é um argumento precário insistir que 2 Samuel 21.19 contradiz 1 Samuel 17.

16.9), seguiu o exemplo de bravura dado por seu tio, matando o gigante. *Cairam pela mão de Davi* faz melhor sentido, se pelo menos um dos quatro foi morto por Davi, embora alguns dentre sua tropa de elite fossem responsáveis pelas outras façanhas.

C. Um dos grandes salmos de Davi (22.1-51). Este cântico de ação de graças aparece de forma um pouco diferente como o salmo 18. As duas versões hebraicas permitem que os eruditos façam um estudo comparativo dos dois textos, que fornecem dados sobre as antigas construções gramaticais e sobre a grafia.¹ Com “antigas” quer-se dizer pré-exílicas, provavelmente não mais recentes do que o nono ou o oitavo século a.C., e talvez até davídicas:

As associações literárias... apontam para uma data relativamente antiga para a composição do salmo. Finalmente, a inclusão do poema em 2 Samuel, junto com as “últimas palavras de Davi” (sendo elas próprias um poema bastante antigo), mostra que uma antiga tradição associava o salmo com os primórdios da monarquia. Uma data no décimo século não é de todo impossível.²

É improvável que qualquer outro rei de Israel ou Judá tenha sido o autor.

Este poema cheio de vida e espontâneo leva até o fim seu sentimento de exultação diante de tudo que o Senhor fez. Aqui vemos Davi em seu auge, antes que sua queda em adultério diminuísse sua acuidade espiritual (vv. 18-25). Pode-se dividir o salmo de modo que mostre a seguinte estrutura: proclamação (vv. 2-4); sumário (vv. 5-7); retrospecto (vv. 8-31); relato (vv. 32-46); voto (vv. 47-50); louvor (v. 51).³

-
1. Uma comparação detalhada encontra-se em F. M. Cross Jr. e D. N. Freedman, “A Royal Song of Thanksgiving: II Samuel 22 = Psalm 18”, *JBL* 72 (1953), p. 15-34.
 2. *Ibid.*, p. 20. Cf. D. Kidner, *Salmos 1-72, introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980), p. 107-108; Gordon 1986, p. 304; Watson, p. 40.
 3. Watson, p. 167, afirma que essa estrutura é comum nos salmos individuais de louvor, dos quais outros exemplos são SI 30; 40; 66.13-20.

1. Este versículo corresponde ao título do salmo 18. A menção ao livramento *das mãos de Saul* indica que o salmo deve ter sido composto logo depois da batalha de Gilboa, enquanto ainda estava bem claro na mente o reconhecimento de que o Senhor havia cumprido maravilhosamente a promessa implícita durante a unção de Davi (1 Sm 16.1-13).

2-4. Uma torrente de metáforas proclama ao mundo que Davi descobriu que seu Deus é uma rocha eterna, em quem se pode confiar completamente em todos os tipos de situações perigosas, inesgotável em Sua capacidade de livrar da morte Seu servo. Por meio das palavras escolhidas, algumas metáforas fazem lembrar incidentes específicos: *minha rocha* (v. 2, *sela'*) é a palavra empregada em 1 Samuel 23.25-28; *minha cidadela* (*m^ešûdâ*, cf. Masada, nome da conhecida fortaleza de Herodes junto ao mar Morto) faz lembrar 1 Samuel 22.4; 24.22 e a própria Jerusalém (2 Sm 5.7); *Deus, o meu rochedo* (v. 3, *šûr*), é a expressão usada em 1 Samuel 24.2. Os louvores de Davi celebram livramentos reais que ele e os homens que o acompanhavam podiam confirmar. O fato de ter vivido até se tornar rei é prova do poder do Senhor em salvar aquele que nEle se refugia.

5-7. Em resumo, Davi dá testemunho da eficácia da oração em tempos de *angústia* (*šar*, “passagem estreita”), quando estava sendo assaltado pelas forças conjuntas dos poderes tenebrosos da morte, personificados em seus inimigos humanos. De forma maravilhosa, Deus *ouviu a minha voz... o meu clamor*, distinguindo a necessidade do indivíduo no meio de todos os clamores que chegam a Seus ouvidos.

8-16. Em resposta ao clamor de uma única pessoa, Ele, o Senhor, o Deus da aliança de Israel, Javé, controlou toda a natureza para preparar Sua entrada triunfal na cena da terrível condição de Seu servo. A descrição vívida, que faz lembrar o cântico de Moisés depois do êxodo (Êx 15.1-18) bem como as manifestações da temível presença do Senhor no Sinai (Êx 19.9, 16-20), sem dúvida alguma deve algo à poesia existente em Canaã, especialmente no aspecto da técnica poética.¹ Mas o conceito de Deus e natureza andando juntos para res-

1. Watson, p. 6. Os tabletes de Ugarite, cujo idioma é bem aparentado do hebraico, foram escritos “em aproximadamente 1400-1350 a.C.”, embora as composições “provavelmente sejam de data bem anterior”. “Como a poesia ugarítica é de

ponder à oração em favor de um homem seria quase inacreditável, se não estivesse declarado nas Escrituras. O Senhor *está* no controle do mundo da natureza, e leva-o a fazer o que Ele ordena.

17-20. Davi, que experimenta essa intervenção divina, descobriu que uma mão forte, estendida do *alto*, livrou-o daqueles que eram poderosos demais para ele. *O Senhor me serviu de amparo*, isto é, foi aquele em quem ele pôde se apoiar com segurança. O *lugar espaçoso* (v. 20) contrasta com a “passagem estreita”, os “cantos apertados”, do versículo 7; a pressão foi suspensa, e Davi está livre para levar uma vida mais normal.

21-25. Uma vez que o Senhor livrou-o repetidas vezes de modo maravilhoso, Davi conclui que seu comportamento em relação a Saul deve ter sido agradável ao Senhor, conforme ele próprio havia desejado. Ele havia *guardado os caminhos do Senhor*, recusando-se a matar seu perseguidor e esperando que o Senhor o vingasse. Agora chegara a vingança e, por isso, ele podia seguramente concluir que estava de bem com Deus (*cf.* Sl 66.18, 19). Existe uma justiça segundo a lei, que não cai em orgulho ou hipocrisia (e.g., Lc 1.6; Fp 3.6), e o Senhor a honra.

26-31. Esse é o tema dos versículos 26-28, à medida que Davi observa a operação da providência divina não apenas nos assuntos da nação, mas também em Suas relações com indivíduos. “Para com o perverso te mostras avesso” (IBB, ARC), ou “tortuoso” (BJ), é algo bem ilustrado pela maneira como o Senhor tratou a Jacó (Gn 29.23; 30.35, 36; 31.7), mas tudo com o propósito de torná-lo um homem mudado (Gn 32.28).

O povo humilde: o adjetivo (*ānî*) subentende “injustamente afligido”, “necessitado”, em oposição aos *altivos*, que são auto-suficientes e constituem sua própria autoridade final. Davi se delicia na luz que recebe do Senhor e reconhece que necessita dela (*cf.* 2 Sm 21.17). Com seu Deus, ele pode ir em frente com o ataque contra *exércitos* ou “romper uma barricada” (NIV mg.; *cf.* BJ); a palavra hebraica tem os dois sentidos.

natureza principalmente narrativa, não se pode compará-la diretamente com textos poéticos hebraicos. Assim mesmo... eles partilham uma técnica poética comum e, em muitos aspectos, parece que pertencem à mesma tradição de versificação.”

Salto muralhas (*šûr*): essa palavra incomum para designar “muralha” (cf. Gn 49.22; Jó 24.11, ambos textos poéticos) pode indicar uma muralha metafórica, não literal, embora Davi tenha vencido tanto uma como outra. O versículo 31 volta-se para as palavras iniciais do salmo. Depois de rever o modo completo como cada oração foi respondida, Davi declara ainda mais enfaticamente a perfeição do caminho, da promessa e da proteção do Senhor; *a palavra do Senhor é provada*: o verbo significa “suporta o teste do fogo”, à semelhança de metais preciosos. E, o que é mais importante, ela está disponível a *todos os que nele se refugiam*. Não existe aqui elitismo algum.

32-36. A seção de “relato” começa com uma pergunta que é praticamente uma profissão de fé. Conquanto outros possam afirmar que adoram o Deus único com outro nome, a prova repousa no caráter do Deus revelado a Seus servos. Davi está convencido de que não há ninguém como *o Senhor*, Javé, que demonstrou ser um *rochedo* (*šûr*) na longa e memorável vida de Moisés (Dt 32.4, 31) e que provou ser igualmente confiável para Davi, enquanto este subia a pé pelas elevações de Judá, tão seguro e ágil quanto uma corça. Essa bravura, junto com a força e a habilidade no arco, eram resultado de muita prática, mas Davi tinha consciência de quanto devia ao Senhor, que é o sujeito de todos os verbos aqui. “A tua ajuda me tem feito poderoso” (BLH) é a leitura confirmada por 4QSam^a.¹ O conhecido *tua clemência*, “tua brandura” (IBB), teria sido “tua humildade” em qualquer contexto humano e é um tanto quanto duvidoso. No entanto, há um elemento de condescendência da parte de Deus em responder à nossa oração (cf. IBB mg.), e a expressão “tu te inclinas para me tornar grande” (NIV), que se encaixa bem no pensamento expresso nos versículos 7-20, faz parte da verdade que Davi está transmitindo.

37-43. O papel desempenhado pelo Senhor é alternado com a atuação que o próprio Davi teve na derrota de seus inimigos. Eles haviam confiado em outros deuses e não estavam em harmonia com o plano do Senhor de livrar Davi; é por essa razão que *ele não respondeu*.

1. Ulrich, *The Qumran Text of Samuel and Josephus* (Missoula: Scholars Press, 1978), p. 140.

44-46. A investidura de Davi como rei faz parte do contexto. Isso também é obra do Senhor: *Das contendas do meu povo* (cf. BJ mg.), ou “dos povos” (BJ), *me livraste*. Houve inúmeras ocasiões para contendas, conforme iriam mostrar os acontecimentos no final do reinado de Davi, mas já no início foi preciso lidar com inimigos externos, e essa preocupação evitou que Israel experimentasse dissensões internas (2 Sm 8.1-14).

Os estrangeiros se me sujeitaram: o verbo é o de Deuteronômio 33.29: “Assim os teus inimigos te serão sujeitos”; tendo visto o Deus de Israel em ação, eles sabem que têm de capitular.

47-50. *Vive o Senhor* pulsa com uma convicção baseada em tudo o que Davi esteve relatando em seu poema. Uma só resposta específica à oração pode deixar claro o fato de que o Senhor vive (cf. o cântico de Ana, 1 Sm 2.1-10); Davi teve incontáveis ocasiões que ele pôde indicar, as quais ele agora resume. Por isso, promete fazer tudo o que está a seu alcance para exaltar o Senhor *entre as nações*. Mal sabia ele que chegaria a hora em que as nações traduziriam suas palavras para todas as línguas do mundo, usando seus poemas para adorar o mesmo Deus vivo (cf. o uso que Paulo faz do voto de Davi em Rm 15.8, 9).

51. O clímax do poema celebra o vínculo entre o Senhor Deus vivo, em cujas mãos está toda autoridade e poder, e *seu rei* (cf. 2 Sm 7.16). Davi recebera, por intermédio de Natã, a promessa de uma dinastia duradoura, mas, uma vez que não viveria para sempre, ela passaria para *sua posteridade* — um substantivo coletivo singular (cf. Gl 3.16) — e aponta para a frente, para o Cristo que viria. As bênçãos de que Davi tomara conhecimento em sua experiência se tornariam ainda mais específicas e inconfundíveis em Cristo (cf. v. 29 com Jo 8.12; v. 30 com Fp 4.13; v. 31 com Jo 16.23, 24).

C¹. As últimas palavras de Davi (23.1-7). “Oráculo de Davi” (BJ, PIB; *n^o um Dāwid*) indica que Davi está falando como profeta e pronunciando uma palavra divina. Isso é claramente dito nos versículos 2 e 3. O poema foi estudado em certa profundidade por H. Neil Richardson, que chama a atenção para sua estrutura e suas figuras de linguagem, sua posição “dentro do arcabouço da teologia da aliança de Davi, tal como a conhecemos desde suas mais antigas expressões”, e

para “um número limitado de formas... o que é coerente com o que sabemos da poesia antiga de Israel”.¹ O tema do oráculo é o governo do rei justo e a aliança do Senhor com Davi (2 Sm 7.4-16).

1. A introdução do poema é uma descrição quádrupla do escritor. Ele não se apresenta em termos de conquistas humanas, mas em relação com seu Deus, que fez com que ele se tornasse rei. O *ungido do Deus de Jacó* diz muito em poucas palavras: o “Deus de Jacó” é aquele que transforma material humano pervertido, de modo que Davi pensa em si mesmo como alguém que precisa de transformação (não, por exemplo, como os reis do Egito, que se consideravam divinos); no entanto, ele é “ungido” (*mēšīah*) como governante nomeado pelo Senhor, cujos atributos devem se equiparar aos de seu Deus: o *mavioso salmista de Israel*, ou melhor, “o cantor querido de Israel” (NIV mg.).²

2-3b. Antes de ser citada a palavra divina, um título quádruplo assegura que todos saibam que o Senhor é sua fonte. Na LXX, a terceira linha traz “Deus de Jacó”, e a quarta, “Rocha de Israel”, um possível e atraente paralelo com o final do versículo 1 (cf. BJ).

3c-4. O Senhor exalta *aquele que domina com justiça sobre os homens*, que é “justo” (*šaddīq*) como o próprio Deus (SI 11.7), que *domina no temor de Deus*, defendendo com todo seu poder tudo o que Deus defende. Tal governante, diz o Senhor, deve ser comparado a três sublimes experiências comuns à humanidade em todo lugar: o amanhecer, ou alvorada, o calor do sol numa manhã de céu limpo e a chuva que permite que o capim brote depois de uma longa estiagem (cf. SI 72.6). Esses três elementos são necessários para o crescimento saudável das plantas, sem as quais toda vida cessaria; para a sociedade, o governante justo tem um papel igualmente vital: “Domine ele de mar a mar”, diz o salmista, e “viva, pois, ele” (IBB SI 72.8, 15). Paz e segurança duradouras, bem como a conservação dos recursos naturais,

1. H. N. Richardson, “The Last Words of David: Some Notes on II Samuel 23:1-7”, *JBL* 40 (1971), p. 257-266. Citações feitas das p. 265-266.

2. Richardson, “Last Words of David”, p. 261, refere-se a estudos sobre termos paralelos em ugarítico e sugere a tradução “o amado do Guardião de Israel”, que continua a apontar para seu Deus e evita qualquer insinuação de auto-engrandecimento.

dependem de justiça e misericórdia a longo prazo, exercidas por líderes piedosos. Eles encontram a fonte de seus recursos em Deus e em seu Cristo, que de fato “reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15).

5-7. Davi, meditando na palavra divina, enxerga-a à luz da profecia de Natã (2 Sm 7.12-16). A casa, o reino e o trono de Davi foram declarados como algo para sempre certo e seguro, em *aliança eterna, em tudo bem definida e segura*, tal como um documento legal, porque depende da palavra do Senhor, a qual não pode absolutamente ser falsa. Então, visto que Davi procura governar com justiça, toda sua *salvação* (*yiš 'î*, proveniente de *yeša'*, “bem-estar”, “salvação”) e *esperança* (*hē pēs*, “os mais profundos” anseios) se cumprirão de acordo com a promessa do Senhor. Quando Jesus saiu proclamando “o reino de Deus está próximo” (Mc 1.15), as aspirações de Davi estavam finalmente para se cumprir; o próprio nome “Jesus” falava de salvação (Mc 1.21).

“Porém os ímpios todos serão como os espinhos, que se lançam fora” (IBB): assim como o lavrador tinha de manter as mãos afastadas dos espinheiros e, sem se machucar, fazer uma fogueira com eles, de igual forma Davi contemplava as implicações do juízo para aqueles que se opunham à causa de Deus. À semelhança de espinhos, eles eram não apenas inúteis, mas perigosos, e atrapalhavam o crescimento de tudo o que era bom (Mt 13.7, 22; cf. Is 33.12; Hb 6.8). À luz da palavra de Deus a ele proclamada, em sua velhice Davi percebeu claramente como o destino das pessoas fica polarizado ou a favor de Deus ou contra Ele. Esse poema constitui “as últimas palavras” de Davi, seu derradeiro legado.

B¹. Mais menções de bravura (23.8-39). Era bastante justo que os nomes daqueles que se distinguiram na defesa de Israel e do rei Davi fossem registrados no relato sobre seu reinado. O rei jamais teria conseguido tantas realizações sem a participação de seus homens leais e valorosos. A passagem correspondente de Crônicas (1 Cr 11.10-47) às vezes elucida o texto de Samuel.¹

1. Para maiores detalhes, veja B. Mazar, “The Military Elite of King David”, *VT* 13 (1963), p. 310-320.

8-12. Os três foram honrados mais do que os outros, sendo citados em ordem de precedência. O nome do primeiro aparece numa forma variante em 1 Crônicas 11.11 e também é diferente na LXX; o restante do versículo 8 é igualmente problemático (cf BJ mg.). *Josebe-Bassebete, Eleazar e Samá* resistiram firmes lutando sozinhos, quando o restante do exército havia fugido. Sua firmeza corajosa foi o momento decisivo rumo à vitória, mas o fato de terem sobrevivido sozinhos diante da carnificina do inimigo só pode ter uma explicação: *o Senhor efetuou grande livramento*. No caso de Samá, os suprimentos de comida estavam ameaçados; *Leí*, um dos locais na fronteira de Israel com os filisteus, tinha sido cenário de uma das façanhas de Sansão contra eles, lugar onde o Senhor o livrou de morrer de sede (Jz 15.14-20). As façanhas comemoradas são muito parecidas com os ataques fronteiriços da época dos juizes.

13-17. Este incidente refere-se ao período da vida de Davi transcorrido no deserto, quando seu quartel-general ficava na *caverna de Adulão*, a *fortaleza* nas colinas a oeste de Belém, sua cidade natal. Uma tropa de *filisteus se acampara no vale de Refaim*, a sudoeste de Jerusalém (2 Sm 5.17-25), e, visto que era o *tempo da sega*, provavelmente a intenção deles era roubar comida dos campos. O fato de os filisteus serem capazes de penetrar tanto para o leste, a ponto de instalar sua guarnição em Belém, assinala a fraqueza de Israel e explica o desânimo de Davi. Ao expressar o desejo de beber água do poço em Belém, Davi estava ansiando por normalidade, paz e volta ao lar, mas três de seus 30 oficiais interpretaram suas palavras ao pé da letra e arriscaram a vida para lhe trazer água do poço de Belém. A história de tal devoção a um líder tornou-se parte da herança literária de Israel, especialmente quando esse líder era humilde o bastante para admitir que só o Senhor era digno de um sacrifício desses. É por isso que *ele a derramou como libação ao Senhor*: aquela água representava o sangue, a vida, de três homens corajosos.

18-19. Não se faz menção alguma a Joabe, exceto como irmão de *Abisai*, provavelmente porque, na qualidade de comandante do exército (2 Sm 8.16; 20.23), estava numa classe à parte. Embora Abisai tenha comandado o exército por um breve período, ele não estava à altura de Joabe (2 Sm 20.6, 10b-22). Apesar disso, teve o renome de ser *cabeça dos trinta*, ou “três” (heb.). Caso se leia “três” aqui, temos de supor que havia um segundo grupo além daquele dos versículos 8-12.

20-23. *Benaia* se distinguira em três grandes feitos. É desconhecido o significado da palavra hebraica *'ari`el*, traduzida por *heróis* (cf. Is 29.1-3). Essa tradução baseia-se num suposto uso paralelo da palavra num papiro egípcio, onde parece que significa “líder armado”.¹ O *leão* pego numa cova no meio da neve teria sido particularmente perigoso, por causa da fome. Tendo desarmado o *egípcio*, *homem de grande estatura*, Benaia matou-o com sua própria lança. Sua bravura lhe valeu a superintendência dos guarda-costas do rei (2 Sm 8.18; 20.23).

24-39. Essa lista dos “trinta” ilustra a habilidade de Davi em manter a lealdade de homens de origens bem diferentes. Como seria de esperar, vários de seus mais íntimos defensores vinham da região montanhosa de Judá, onde Davi travou muitas de suas primeiras batalhas. Lugares como *Belém*, Tecoá (v. 26; 2 Sm 14.2) e o Carmelo ao sul de Hebrom (v. 35; 1 Sm 25) são bem conhecidos; mas *paltita* (v. 26) indica o natural de Bete-Pelete, perto de Berseba (Js 15.27); *husatita* (v. 27), o natural de Husa, a sudoeste de Belém; Netofa (*netofatita*, v. 28) e Giló (*gilonita*, v. 34) também ficavam em Judá. Anatote (*anatotita*, v. 27), contudo, ficava no território de Benjamim, e *Gibeá* era a cidade de Saul, ao passo que Piratom (*piratonita*, v. 29) e o *ribeiro de Gaás* (v. 30) provavelmente ficavam em território efraimita (Js 24.30), e os *itritas* (v. 38) estavam ligados a Quiriate-Jearim, a oeste de Jerusalém (1 Cr 2.53). Ademais, vários dos “trinta” eram estrangeiros: Maaca (*maacatita*, v. 34) e Amom (*amonita*, v. 37) eram aliados contra inimigos de Davi (2 Sm 10.6), e *Urias* era *heteu* (v. 39), apesar de seu nome significar “Javé é minha luz”.

Ao todo trinta e sete: trinta e seis nomes são mencionados nos versículos 8-39, de maneira que talvez Joabe fosse o trigésimo sétimo. *Trinta* era mais um título do que um número exato, embora seja provável que aqueles que caíram em combate tenham sido substituídos, e sabemos que Asael e Urias morreram precocemente (2 Sm 2.23; 11.17). Todos esses homens foram pessoas famosas enquanto viveram, honrados pelo rei a quem serviram.

1. A. Zeron, “Der Platz Benajahus in der Heldenliste Davids (II Sam 23:20-23)”, *ZAW* 90 (1978), p. 20-27.

A¹. O juízo divino cai novamente sobre Israel (24.1-25). Este episódio final de 2 Samuel mostra Davi num momento de fraqueza, e Israel, em necessidade de castigo. Estão em jogo questões mais importantes do que a reputação de Davi, embora seu arrependimento e seu interesse pelo bem do povo resultem em ganho tanto para Davi quanto para Israel.

1. O verbo *tornou* traz de volta 2 Samuel 21.1-14, trecho com o qual tem semelhanças (cf. 2 Sm 21.14 com 2 Sm 24.25). O relato paralelo de 1 Crônicas 21 mostra como o pensamento teológico se desenvolveu ao longo dos anos, atribuindo a “Satanás” ou a “um adversário” o que anteriormente era atribuído ao *Senhor*. Talvez Paulo tivesse esses dois relatos em mente em 2 Coríntios 12.7; o “mensageiro de Satanás” atua com permissão divina. Davi aceitou a responsabilidade por seu ato (v. 10), reconhecendo que tinha sido pecaminoso, mas, se a idéia de fazer a contagem dos israelitas tivesse sido colocada ali pelo Senhor, pareceria que Ele estava trabalhando contra Si mesmo. Seria possível traduzir “alguém incitou Davi”; contudo, as traduções em geral rejeitam essa opção devido à dificuldade. Para o leitor de hoje, não é imediatamente óbvio o que havia de errado em fazer a contagem do povo. Aceita-se o censo periódico como necessário por muitos motivos; no caso de Davi, provavelmente a intenção fosse criar um exército regular, algo contrário às tradições do período da anfictionia. Ele precisava, portanto, conhecer o potencial das forças combatentes disponíveis (v. 9), como em Números 1.2, 3, onde chega a ser ordenada a realização de um censo. Talvez houvesse temores supersticiosos ligados à contagem de pessoas, como se isso atraísse uma calamidade que reduzisse o número;¹ mas, no caso de Davi, parece que o pecado consiste em orgulho de auto-suficiência, exatamente o contrário da atitude que o caracterizou no salmo de 2 Samuel 22 e em suas “últimas palavras” de 2 Samuel 23. Aceitando que Davi tenha cometido um erro aqui e admitido sua falta, voltamos para o versículo 1 e indagamos o que o narrador desejava que seus leitores captassem com sua maneira provocativa de introduzir o incidente. Não estaria ele cha-

1. Cf. Êx 30.11-16. Gordon 1986, p. 317, refere-se a possíveis inferências de Mari, onde a palavra relativa a “censo” significava literalmente “purificação”.

mando a atenção para a maneira misteriosa como o plano de Deus para a história humana é levado a efeito mesmo nos erros de Seus servos?

2-3. A reação de Joabe às ordens de Davi implica uma relutância em realizar um censo, porque a força militar da população era uma espécie de termômetro que media o favor do Senhor (Gn 12.2; 2 Sm 7.9-11). Desse modo, não se devia fazer uma “leitura” tal que justificasse o orgulho do homem em suas realizações ou que ampliasse as pretensões reais.

4-9. Os comandantes do exército passaram a *levantar o censo do povo de Israel*, o que implicava “alistar os homens de Israel em condição de combate” (NIV). O caminho que eles tomaram começava a leste do Jordão, onde o rio Arnom formava a fronteira sul com Moabe. *Aroer* “está à borda do vale de Arnom” (Dt 2.36, onde também se menciona outra cidade no desfiladeiro). Rúben foi, portanto, a primeira tribo a ser alistada, seguida por *Gade*, cujo território incluía a cidade de *Jazer* (Js 13.25) e o distrito de *Gileade*. Seguindo rumo ao norte, os oficiais foram a *Dã-Jaã*, de onde viraram para outra direção (cf. v. 2), mas a referência a *Cades, na terra dos heteus*, teria duplicado a distância de sua viagem para o norte e, por isso, é uma emenda improvável do desconhecido topônimo hebraico *Tatim Hodichi* (cf. “*Tahtim Hodshi*”, NIV). *Cades de Naftali* é um local mais provável, mas o lugar em questão devia estar a leste e não a oeste de *Dã*. Conquanto *Sidom, Tiro* e as *idades dos heveus e dos cananeus* não fossem reconhecidas como parte de Israel, Davi as considerava parte de seu império (cf. 2 Sm 5.11, 12; 1 Rs 5.1, 6) e, portanto, esperava que fornecessem soldados para seu exército. O processo de alistamento, que terminou em *Berseba*, foi cronometrado com precisão, e o número das tropas foi registrado separadamente para Israel e Judá, indicando desse modo uma divisão administrativa que se tornaria importante (1 Rs 12.19, 20). A palavra *mil* provavelmente é empregada aqui em seu sentido militar, “contingente” (cf. o comentário sobre 1 Sm 4.2). Nesse caso, os números não podem servir de base exata para calcular a população de Israel à época de Davi.

10. Depois desse acontecimento, *sentiu Davi bater-lhe o coração* (cf. 1 Sm 24.5); ele tinha uma consciência sensível e orou imediatamente, primeiro confessando seu pecado e, então, pedindo a remoção da *iniquidade* (*āwon*), ou culpa, e de suas conseqüências.

11-14. O *profeta Gade*, que havia dado conselhos ponderados a Davi durante seu período como fugitivo (1 Sm 22.5), era reconhecido oficialmente na corte como *vidente de Davi*, conforme os profetas eram chamados naquele período (1 Sm 9.9). Ele era uma espécie de capelão do rei, comunicava-lhe a mensagem do Senhor e, nesse caso, apresentou-lhe três possíveis calamidades, das quais o rei devia escolher uma.¹ A escolha é entre “três anos” (BJ, PIB, BLH; embora o hebraico traga “sete”, o “três” de 1 Cr 21.12 e da LXX parece ser provavelmente o original), *três meses* ou *três dias* — quanto mais curto o período, mais intenso o sofrimento. Em seu dilema, Davi decidiu de acordo com um princípio: sua dependência na misericórdia do Senhor, em quem ele havia aprendido a confiar (e.g., Sl 40.11), em contraste com a desumanidade do homem, de quem ele tinha motivo para desconfiar.

15-16. A disseminação de uma doença inexplicável, incurável e fatal ainda é algo aterrorizante, e os detalhes do anjo da destruição trazendo a morte, mas parando em Jerusalém, propicia um quadro vívido de intenso medo repentinamente suspenso. A cidade de Davi havia de ser poupada, como tornou a acontecer nos dias de Ezequias (2 Rs 19.34, 35), dando origem assim à crença popular de que o templo e a cidade eram invioláveis (Jr 7.4-15).

Arrepêndeu-se o Senhor do mal: o verbo (*yinnaḥem*) significa “sofrer tristeza por causa de”, “[o Senhor] se compadeceu ante tão grande desgraça” (PIB). Davi não se equivocou em sua confiança, pois no juízo o Senhor Se lembrou da misericórdia. No relato de Crônicas, diz-se especificamente que Davi viu o anjo do Senhor com a espada na mão, ameaçando Jerusalém (1 Cr 21.16a); nosso relato deixa isso implícito. De seu posto de observação na cidade, Davi pôde ver que a visitação divina chegara até a *eira de Araúna, o jebuseu*, evidente-

1. Foram traçados paralelos entre os pronunciamentos proféticos na corte de Davi e os ditos proféticos em Mari, cidade junto ao Eufrates, na época do rei Zinrilim, contemporâneo de Hamurábi. Se os exemplos citados por W. Beyerlin, *Near Eastern Religious Texts relating to the Old Testament* (Londres: SCM, 1978), p. 122-128, forem típicos, as semelhanças são mínimas, embora seja instrutiva a importância dada por Zinrilim aos profetas.

mente um dos conhecidos proprietários de terra na vizinhança de Jerusalém depois que Davi capturou a cidade.¹ Presume-se que ele não tenha ouvido a palavra do Senhor ao anjo.

17. Essa oração de Davi é notável pelo fato de ele não apenas admitir pela segunda vez que errou (v. 10), mas por chegar ao ponto de chamar o juízo do Senhor sobre si e sua família (os pronomes pessoais são enfáticos), a fim de que sejam poupadas *estas ovelhas*. A descrição do rei como pastor de Seu povo alerta Davi para sua responsabilidade, em vez de privilégio, e também para o sacrifício pessoal em favor dos outros.

18-19. A resposta divina veio por meio do profeta Gade e não diretamente a Davi. A eira de Araúna devia ser o local de ofertas de sacrifício num altar que Davi levantaria. Araúna soube dos primeiros detalhes disso com a chegada do séquito real em obediência à ordem do Senhor.

20-21. *Olhou Araúna do alto*: geralmente as eiras ficavam numa elevação, para que fossem atingidas por todas as brisas; pressupõe-se alguma área ao norte da cidade de Davi, e o local do templo, de onde se avista o vale do Cedrom, certamente faria sentido, embora nesse relato não haja nenhuma menção ao templo (contraste com 1 Cr 22.1). A ameaça de morte causada pela peste tornava a negociação do preço da eira algo de urgência incomum, a fim de que os sacrifícios pudessem ser oferecidos.

22-23. A pressão das circunstâncias e o fato de que estava negociando com o rei puseram Araúna numa situação difícil; embora oferecesse gratuitamente até mais do que Davi pedia, ele não esperava ser interpretado de maneira literal (*cf.* Gn 23.11-16, onde Efrom acidentalmente deixa escapar o valor que espera como pagamento, apesar do v. 11). *Que o Senhor teu Deus te seja propício* é mais do que um desejo piedoso; é uma questão de vida ou morte.

24. Por essa razão, Davi está ansioso por cumprir suas obrigações tanto para com Araúna como para com Deus, e o princípio que ele de-

1. Aqui, o nome Araúna é precedido pelo artigo definido hebraico, como se fosse um título. G. W. Ahlström, "Der Prophet Nathan und der Tempelbau", *VT* 11 (1961), p. 113-127, afirmou que Araúna foi o último rei jebuseu de Jerusalém.

clara, *não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada*, é válido para todas as épocas.

Cinquenta siclos de prata: conquanto Abraão tenha pago 400 siclos de prata pelo campo de Efrom, não há qualquer indicação de que Davi tenha subestimado o valor da eira, que se tornaria o local do templo.

25. Tendo adquirido a eira, Davi pôde construir seu altar e oferecer seus holocaustos e suas ofertas pacíficas. Como ocorreu em 2 Samuel 21.1-14, a obediência resultou na retirada da ameaça a Israel, e a oração foi respondida. A população fora reduzida em 70 mil, mas o país inteiro recebeu um lembrete salutar das realidades espirituais: a verdadeira prosperidade haveria de ser encontrada na dependência que tivessem de seu fiel Senhor da aliança, e nEle somente.

A história de Davi ainda não terminou por completo. Os acontecimentos de seus últimos dias são relatados junto à sucessão por Salomão, sendo, por isso, incluídos em 1 Reis; ainda assim, porém, a narrativa da vida de Davi foi bem longa, cobrindo um total de 40 capítulos de 1 e 2 Samuel. Mesmo durante a vida de Saul, é Davi quem capta o interesse do leitor, de sorte que o espaço concedido a Saul em 1 Samuel 16-31 é em grande parte dominado por Davi. Bem no início deste livro, fizemos o comentário sobre o espaço dado a Saul e a Davi no Antigo Testamento. Em vista do fato de que só três capítulos (2 Sm 13-16) dizem respeito exclusivamente ao reinado de Saul, a questão restringe-se à pessoa de Davi: por que 40 capítulos dedicados a ele?

Em primeiro lugar, as pessoas devem ter desejado escrever sobre Davi. O início do décimo século a.C. tem sido reconhecido como um período de notável atividade literária; de fato, Leonhard Rost chama a narrativa da sucessão de “a mais bela obra da arte narrativa hebraica”,¹ julgamento com o qual não é difícil concordar. No entanto, a rigor, não temos meios de saber se outras obras de qualidade semelhante foram produzidas naquela época ou nos séculos seguintes. Só as narrativas bíblicas sobrevivem, e elas retratam o quadro de uma pessoa destacada, valente, generosa, cordial, amiga e que reconhecia as quali-

1. L. Rost, *The Succession to the Throne of David* (Sheffield: JSOT Press, 1982), p. 115.

dades dos outros. Ele era, além disso, um homem que inspirava lealdade e que, com a ajuda dos que o apoiavam, muito realizou: o estabelecimento de Jerusalém como capital de Israel e a união das 12 tribos num país capaz de sobreviver no cenário internacional. As cidades de Israel tiveram suas defesas reforçadas e, no final do reinado de Davi, estavam em andamento os preparativos para a construção do templo em Jerusalém. Tudo isso se deve em parte à grandeza de Davi.

Em que sentido, porém, ele foi “um homem segundo o... coração [do Senhor]” (IBB; 1 Sm 13.14)? Ele é apresentado nas Escrituras como inteiramente humano, limitado por fraquezas que contrabalançavam suas qualidades: em especial, ele foi indulgente com seus filhos e, de vez em quando, consigo mesmo. Ao contrário de Saul, Davi recebia a repreensão e admitia humildemente seus erros; quando Natã ou Gade entregavam uma mensagem de juízo, a condenação do profeta era aceita como palavra de Deus; ou seja, o Senhor era o rei; Davi era apenas o vice-regente do Senhor, exercendo um poder delegado. A seus sucessores, que em sua maioria deixaram de se ajustar a esse papel, foi apontada a pessoa de Davi, por amor de quem se permitiu que a dinastia prosseguisse, até o reino ser devastado pelos babilônios. Mesmo então, as esperanças se mantiveram acesas na promessa de Natã a Davi: “A tua casa e a tua realeza [isto é, o teu reino] subsistirão para sempre diante de mim, e o teu trono se estabelecerá para sempre” (BJ, 2 Sm 7.16). O Novo Testamento retoma o tema quando Jesus é apresentado como descendente de Davi; de fato, logo o primeiro versículo do evangelho de Mateus fala disso: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi...”.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos para dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso mas completo.

Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.

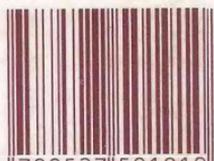
Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêem combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros, estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo, sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.

O objetivo principal é alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA

ISBN 85-275-0191-0



9 788527 501910